



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

*RODANDO A BOLSINHA:*  
DINHEIRO E RELAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO

Gláucia Helena Araújo Russo

NATAL-RN, 2006.

GLÁUCIA HELENA ARAÚJO RUSSO

***RODANDO A BOLSINHA:***  
**DINHEIRO E RELAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como exigência para obtenção do título de doutora em Ciências Sociais na área de concentração Cultura e Sociedade.

Prof. Orientador:

Dr. Orlando Pinto de Miranda

Natal-RN

2006

Ficha catalográfica preparada pelo setor de classificação e catalogação da Biblioteca  
"Orlando Teixeira" da UFERSA

R969r Russo, Gláucia Helena Araújo.

Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição /  
Gláucia Helena Araújo Russo - Natal: 2006.  
278f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação  
em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr Sc. Orlando Pinto de Miranda

1.Dinheiro. 2.Relações de Prostituição. 3.Sociabilidade  
4.Símbolo. 5.Troca 6.Amor. I. Título.

CDU: 392.65

Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa  
CRB/4 1254

GLÁUCIA HELENA ARAÚJO RUSSO

*RODANDO A BOLSINHA:*  
DINHEIRO E RELAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na área de concentração Cultura e Sociedade e aprovada no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/2006.

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Orlando Pinto de Miranda – PPGCS/UFRN – Orientador

---

Dr. Edmilson Lopes Júnior – PPGCS/UFRN

---

Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas – PPGCS/UFRN

---

Dra. Maria Lina Leão Teixeira – UFRJ

---

Dra. Simone Carneiro Maldonado – UFPB

---

Dra. Maria da Conceição Almeida – UFRN – Suplente

---

Dra. Gisela Black Taschner – FGV – Suplente

Ao meu avô, João Vicente da Silva.  
Exemplo de homem, pai e ser humano.  
Uma pessoa inesquecível que é e sempre será parte de mim.

In Memoriam.

***DEDICO***

## AGRADECIMENTOS

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – **UERN**; a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – **PROPEG**; a Faculdade de Serviço Social – **FASSO** e as **professoras do Departamento de Serviço Social**, em especial **Lúcia Helena de Góis** pelas correções das normas da ABNT.

Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN – **PPGCS**, em especial ao professor **Edmilson Lopes Júnior**, pelas sugestões, leituras e idéias que foram paulatinamente enriquecendo o trabalho.

A **Orlando Miranda**, orientador a quem minha admiração foi englobando não apenas o sábio, o professor, o pensador, o intelectual, mas o homem que aprendi a respeitar e a gostar como um amigo e cujo saber e competência foi fundamental para construção desse trabalho.

A **Bosco Araújo, Castelo, Cefas e Zé Espínola** que me ajudaram no processo de consolidação da pesquisa de campo.

As **prostitutas e clientes** que foram, sem dúvida, as peças mais importantes de toda a engrenagem que tive que fazer funcionar, pessoas com quem aprendi muito e, especialmente, me fizeram compreender um pouco mais o mundo ao meu redor, com seus conflitos e contradições.

Aos amigos **Sâmya, Wanderley e Vanderlan**, que me socorreram em alguns dos momentos mais difíceis que vivenciei e a **Geane e Lisieux**, que foram especialmente importantes durante todo o processo do doutorado.

A minha família de Natal, **tio Neto e Lucira**, e em Mossoró, ao meu outro núcleo familiar, minha mãe **Fátima Russo**, **tia Xanda**, **vovó Felismina**, minhas duas irmãs, **Suzana e Silvia** e meus sobrinhos **Jorge Júnior, Vinícius e Tathiane**. Sem dúvida, sempre fizeram a vida

parecer mais bonita. A família de João, que hoje também considero minha, em especial a **Aninha, Nazaré e Camila** que também me abriram as portas da sua casa e me ajudaram das mais diferentes formas.

A **João Liberalino**, meu companheiro e amor, uma pessoa que pela sua simples presença foi capaz de transformar pequenos instantes em grandes momentos. Alguém que escolhi para compartilhar a vida, os sorrisos, as lágrimas e que me ajudou das mais diversas formas, seja lendo os meus textos, me deixando a beira de um ataque de nervos por não fazer os desenhos da minha capa, me incentivando quando eu achava que não ia conseguir ou mesmo, me proporcionando momentos mágicos onde um simples abraço fazia parecer que o mundo era meu e que tudo iria se resolver.

A essas pessoas e instituições e a outras que, por ventura, tiveram o nome aqui omitido, eu devo muito, mas gostaria de dizer **MUITO OBRIGADA**, embora saiba o quanto isso significa pouco diante de tudo que fizeram por mim.

*Quem pensa por si mesmo é livre  
E ser livre é coisa muito séria,  
Não se pode fechar os olhos,  
Não se pode olhar pra trás,  
Sem se aprender alguma coisa pro futuro*

Renato Russo

## RESUMO

Neste trabalho realiza-se uma discussão sobre a relação entre dinheiro e prostituição de forma a superar seus aspectos meramente econômicos, percebendo a ambos como fenômenos sociais, culturais e históricos e tomando-os como símbolos, cujo estudo ajuda a desvendar a realidade. Como tal busca-se revelar suas formas e conteúdos de maneira que seja possível entendê-los para além da racionalidade, calculabilidade e elementos matemáticos neles presentes; para além do aparente, tomando-os em sua complexidade. A discussão contempla elementos teóricos, pautados especialmente nas análises teóricas de Georg Simmel, aliados a um quadro empírico específico, que toma a vivência das mulheres da Praia do Meio, *pedaço* da cidade de Natal-RN no qual foi realizada a coleta de dados. Fundamentalmente, a prostituição é percebida como uma troca, que não se esgota nos elementos econômicos, mas, ao contrário, parte deles e os supera em diversos aspectos. Trata-se de uma relação entre seres humanos mediada pelo dinheiro que possui em si toda uma complexidade, exigindo um olhar atento e perspicaz para sua compreensão. Ao longo do texto, diversas discussões são realizadas de forma a tentar cercar e compreender a relação entre dinheiro e prostituição. O dinheiro transformou o mundo e os homens e mulheres que o compõem. A prostituição, por sua vez, ajuda a compreender tal transformação à medida que é também um símbolo da nossa época e nos faz deparar com a verdadeira essência da nossa sociedade: a transformação do homem em mercadoria, em objeto comercializável. Na sociedade do dinheiro é possível perceber o fenômeno da dupla prostituição: a mercantilização do ser humano, através do trabalho, e a mercantilização do sexo, sendo este último fortemente estigmatizado e o primeiro intensamente incentivado. Isto pode estar demonstrando que o sexo pago é, na sociedade do dinheiro, um limite de comercialização, sendo largamente aceito, desde que camuflado e rodeado de uma aura de sensualidade e legitimidade.

**Palavras chaves:** Dinheiro. Sociabilidade. Relações de prostituição. Símbolo. Troca. Amor.

## ABSTRACT

In this work a series of discussions is made on the relationship between money and prostitution in a way of overcoming its merely economic aspects, in the perception of both being social, cultural and historical phenomena, and taking them as symbols, whose study aids to unveil the reality. In this context it is looked for revealing its forms and contents to make it possible to understand them beyond the rationality, calculability and mathematical elements presents in them; beyond apparentness, taking them in their complexity. The discussions encompass theoretical elements, based especially on Georg Simmel's theoretical analyses, allied to a specific empirical frame that regards the life experience of the women of Praia do Meio, *pedaço* of the city of Natal-RN-Brazil, where the data were collected from. Fundamentally, prostitution is perceived as an exchange activity, which is not depleted in the economic elements, but, contrarily, starts on them and surpasses them in diverse aspects. It deals about a money-mediated relationship between human beings that possesses in itself a full complexity, which demands an accurate and keen attention to be comprehended. Since money has transformed the world and the men and women in it, the discussions in the text are conducted in a direction to attempt to encircle and understand the relationship between money and prostitution. Prostitution, in turn, aids to understand such a transformation as it is also a symbol of our times and it makes us to face the true essence of our society: the transformation of human beings into merchandise, into negotiable objects. In the money-based society it is possible to picture the phenomenon of double prostitution: negotiation of the human being, through labor, and negotiation of sex, the last being dramatically stigmatized and the former strongly encouraged. This may be demonstrating that the paid sex is, in the money-ruled society, a limit of commercialization, widely accepted provided it is camouflaged and surrounded by an aura of sensuality and legitimacy.

**Keywords:** Money. Sociability. Prostitution Relations. Symbol. Exchange. Love.

## RESUMÉE

Ici on discute le rapport entre l'argent et prostitution au-delà de l'aspect économique. On essaye d'aborder tels actes sociaux en tant que phénomènes socioculturel et historique à travers desquels on peut comprendre la réalité sociale. On cherche à observer tels éléments en dépassant les contenus rationnels qui les constituent. C'est l'ensemble qui forme sa complexité. Dans le cadre de ce travail on a réalisé une recherche empirique auprès des femmes qui travaillent sur la Praia do Meio, dans la ville de Natal-RN, où on a recueilli les données qui ont été analysés à partir de la théorie de George Simmel. Fondamentalement, la prostitution est aperçue comme un échange, où les rapports ne se réduisent pas à leurs aspects économiques, mais tout au contraire, on part d'eux pour les dépasser. En vérité, il s'agit des rapports entre êtres humains qui ont la médiation de l'argent. Au fil du texte on essaye de comprendre les changements que le monde, les hommes et les femmes ont eu grâce à la force de l'argent. La prostitution à son tour, peut nous aider à comprendre des tels changements dans la mesure où elle représente aussi un symbole de notre époque et peut emmener le chercheur à découvrir la vraie essence de la société actuelle. C'est-à-dire la transformation de l'homme en marchandise ou pour dire autrement, objet à vendre. Dans la société de l'argent est possible percevoir la prostitution comme un double phénomène, soit grâce à commercialisation d'être humain toujours accepté et même stimulé au premier rond, soit grâce à commercialisation du sexe, aspect sur lequel reste toujours une l'ombre de stigma. Cela peut démontrer que quand l'activité sexuelle est payante, elle reste quand même comme quelque chose de limiter dans la société de l'argent, même que largement acceptée, mais il faut toujours essayer de la déguiser et de l'entourée d'une sensualité, pour qu'elle puisse avoir de légitimité.

**Mots clés :** L'argent. Sociabilité. Symbole. Prostitution. Échange. Amour.

## SUMÁRIO

<b>1 O PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	11
<b>2 RODANDO A BOLSINHA: O DINHEIRO E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS</b> .....	29
2.1 Dinheiro: para além dos aspectos quantitativos .....	44
2.2. Preço e valor: dois lados da mesma moeda .....	75
<b>3 TECENDO TEIAS: A PROSTITUIÇÃO COMO TROCA</b> .....	95
3.1 Para além do óbvio: a prostituição como troca .....	98
3.2 Prostitutas, dinheiro e clientes: uma equação impessoal? .....	121
3.3 Prostituição: <i>eus</i> que formam <i>nós</i> ? .....	142
<b>4 A CIDADE, A PRAIA DO MEIO, O ESTIGMA E A SOLIDÃO</b> .....	157
4.1 A cidade e a Praia do Meio: mosaico de mundos, cores e personagens.....	159
4.1.1 No interior da cidade grande: a Praia do Meio.....	163
4.2 Estigma e estereótipos: mitos e verdades sobre a prostituição.....	181
4.3 Cidade, prostituição, (in) visibilidade e solidão .....	203
<b>5 AFETIVIDADE E AMOR NAS RELAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO</b> .....	220
5.1 Mentiras sinceras: dinheiro, prostituição e afetividade .....	222
5.2 Prostituição, amor e afetividade sob o signo do dinheiro.....	236
<b>6 CONCLUSÕES, DÚVIDAS E INQUIETAÇÕES</b> .....	268
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	276



## 1 O PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

*Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz quem sabe  
Eu só levo a certeza de que muito pouco eu sei  
Eu nada sei.  
(Almir Sater e Renato Teixeira – Tocando em frente)*

Mesmo consciente dos problemas da relação sujeito-objeto, tenho em conta que o caminho a ser seguido é sempre uma possibilidade dentre um número infinito delas. Assim, tomo como base o pensamento de Georg Simmel, para quem o mais importante não são os conteúdos conhecidos, construídos, pensados, mas o que interessa primordialmente é a atitude mental, a forma como se chega a eles.

é necessário debruçar-se sobre as coisas e “apanhá-las”, agarrá-las de algum modo, pois elas não se entregam indefesas e espontâneas ao sujeito; e este, ao dominá-las – pois apanhar as coisas é um modo de dominá-las –, procede com elas de um modo determinado que também deriva de sua “atitude”. Esta é a palavra-chave: a *atitude*, uma espécie de “disposição espiritual”, que determina o procedimento de toda investigação, e desse modo seus resultados (WAIZBORT, 2000, p. 21).

Segundo Weber, no texto *A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política – 1904*, a primeira pergunta que se deve fazer a uma revista de ciências sociais e política social é quanto às suas *tendências*. Penso que o mesmo se aplica a qualquer trabalho científico. É preciso abandonar o discurso da neutralidade e assumir que toda pesquisa parte de perspectivas práticas e de repertórios pessoais, sociais e culturais dos sujeitos nela envolvidos. Isso, no entanto, não quer dizer que o conhecimento deva estar impregnado de juízos de valores, pois é preciso dividir claramente, como chama a atenção o autor, aquilo que *é*, daquilo que *deve ser*. Por outro lado, não se pode perder de vista que o investigador é o responsável pelo que Simmel chama de *atitude*, ou seja, por um questionamento constante quanto aos meios a utilizar para alcançar determinados fins.



A escolha dos meios passa, sem dúvida, pelo momento histórico, a sociedade onde os sujeitos se inserem, os repertórios culturais e uma tomada de posição teórico-metodológica por parte do pesquisador. A tomada de posição é sempre uma entre tantas possíveis. Contudo, é preciso exercitar a capacidade de distinguir entre conhecer e julgar, já que à ciência cabe o primeiro processo. A pesquisa científica deve ser um espaço de busca da verdade, em que é necessário ter clareza quanto aos critérios empregados para medir a realidade. Nas palavras de Weber é necessário distinguir *em que momento cessa a fala do pesquisador e começa a fala do homem que está sujeito a intenções e vontades, em que momento os argumentos se dirigem ao intelecto e em qual se dirigem ao sentimento* (1992, p. 115).

Além disso, ela não pode perder de vista que uma parte finita da realidade é dada ao conhecimento. Apenas um fragmento bem limitado pode ser objeto da pesquisa científica; somente através dele podemos conhecer a nossa sociedade e tempo. Somos seres culturais dotados de capacidade, constantemente assumimos uma posição diante do mundo e não é possível prescindir disso. Portanto, o conhecimento está sempre subordinado a pontos de vistas particulares. A ciência com suas afirmações e descobertas exprime personalidades; o elemento 'pessoal' está sempre presente e confere-lhe originalidade, mas para ser verdade científica, uma determinada afirmação ou descoberta tem que ser válida para todos aqueles que a buscam.

Cabe à ciência investigar, por detrás dos conceitos sólidos e fixos, a profundidade na qual se percebe sua mobilidade interior; buscar, naquilo que é distinto, a singularidade dos objetos. Um conceito é uma representação do real, fruto de um processo, de um caminho percorrido. A construção dos conceitos depende do modo como os problemas são propostos, o que, por sua vez, varia de acordo com o conteúdo da cultura. Eles são meios para se chegar ao conhecimento válido; ferramentas importantes e imprescindíveis para o trabalho científico.

A forma é tão ou mais valiosa do que o conteúdo, pois se qualquer um de nós optar por um outro caminho, possivelmente chegará a um conteúdo diferente. O processo afeta os resultados e o conteúdo só tem sentido se relacionado à forma. Essa separação entre processo e conteúdo permite considerar a atitude espiritual como um valor, algo em si mesmo, cujo sentido independe dos resultados que dela advêm, e possibilita também a compreensão de que há sempre alguém por trás de uma determinada análise.

O que está em discussão aqui é que o trabalho ora apresentado está ligado a um determinado modo de reflexão. A cada caminho percorrido e perspectiva adotada, o objeto é acrescido de sentido, num esforço para desvendar a pluralidade de possibilidades nele presentes. Se aceito a multiplicidade dos caminhos, é porque, assim como Georg Simmel, compreendo que a realidade é infinita e está em eterno movimento e que nenhum caminho é capaz de abarcá-la completamente, mas cada um deles se justifica na medida em que lança luz e põe em evidência um aspecto dela.

Tento, através da discussão do dinheiro em sua relação com a prostituição, dar conta dos dois momentos, enfatizando os processos e formas nas quais a existência se cristaliza. Ofereço uma explicação entre tantas possíveis, opto por caminhos e no meu percurso estabeleço relações, olho ao redor e me encontro com as prostitutas da Praia do Meio, de Ponta Negra, de casas de prostituição da cidade de Natal, e fora dela, e com seus clientes. Alguns encontros são rápidos, mas significativos, outros, no caso das mulheres entrevistadas, são eles mesmos mediados pelo dinheiro, que mesmo na pesquisa científica cumpriu o papel de construtor e possibilitador de relações.

Foi imbuída por tais idéias que em 2003 realizei os primeiros contatos com o universo da prostituição enquanto objeto de estudo, a partir de visitas aos locais de trabalhos das mulheres. Assim, fui algumas vezes à Praia do Meio e deparei-me com a prostituição de rua.

Estive também em casas de prostituição – uma no bairro Ponta Negra, a casa de dona Dira, e outra no bairro Dix-Sept Rosado, Maninha Bar. Visitei ainda um outro espaço na cidade de Governador Dix-Sept Rosado, interior do Estado, bem como observei grupos diversos que exerciam a prostituição nas avenidas e vias da cidade de Natal.

As visitas, num primeiro momento, mostravam-se frutíferas, pois nos locais conhecia pessoas, anotava telefones e marcava novos encontros, bem como coletava dados no meu diário de campo, registrava conversas, primeiras impressões e todos os aspectos que me chamavam a atenção. Paulatinamente, fui percebendo que a mobilidade das mulheres era muito grande, especialmente nas casas de prostituição, e eu dificilmente conseguia encontrar a mesma mulher com que havia entrado em contato em um dia diferente.

Os contatos por meio de telefones eram também muito frágeis, já que dois ou três dias depois o número contatado já pertencia a outro proprietário. Somado a isso, trabalhar com as mulheres das casas de prostituição exigia maiores recursos financeiros, já que para estar com elas, ao menos inicialmente, era preciso ir ao seu ambiente de trabalho, consumir, pagar-lhes bebidas e cigarros. Vale salientar que as despesas com tais produtos em casas de prostituição são muito mais altas do que em outros locais de consumo. Dessa forma, tais gastos oneravam em muito a pesquisa e poderiam vir a inviabilizá-la.

Tendo em vista a configuração acima descrita, optei, mesmo sem desconsiderar os dados obtidos em conversas informais registrados no meu diário de campo, entrevistar as mulheres da Praia do Meio. O acesso às mulheres da Praia do Meio era mais fácil e eu havia conseguido uma aproximação maior com pelo menos três delas. Assim, é que, após um período inicial de aproximação, observação, encontros e conversas informais, conhecimento da área e das mulheres, no início de 2004 estive no local por um período de quatro meses, durante quase todas as tardes, para realização de entrevistas. As visitas sistemáticas faziam-me deparar com mulheres

que se prostituíam na avenida 25 de dezembro<sup>1</sup> e no alto da Ladeira do Sol, à sombra de uma árvore no mirante próximo ao hospital Onofre Lopes.

Os encontros eram marcados por uma relação monetária: elas estavam trabalhando, eu precisava delas; era preciso oferecer algo em troca. Aos poucos fui compreendendo que as relações se pautavam em interesses. Minha presença precisava ser justificada. Era necessário dizer quem era e o que queria, fazer-me conhecer. Além disso, era preciso aceitá-las e gratificá-las. Em um dos contatos prévios que realizei, quando levei um grupo de três mulheres para almoçar em um restaurante nas imediações da Praia, fui interpelada em um diálogo que me fez repensar o meu papel como pesquisadora e o próprio sentido do outro, do *objeto* que é também sujeito no processo da pesquisa.

- Por que você quer entrevistar a gente?
- Explico que é um trabalho da Universidade e que no final do curso eu vou apresentar.
- Sempre aparece gente da Universidade com um monte de papel, mas a gente não gosta, não. Eles chegam pensando que a gente é bicho e a gente bota eles pra correr.
- Ela olha pra mim e diz:
- Pronto. Agora você já viu que a gente não é bicho-de-sete-cabeças. **(Eliane<sup>2</sup>, diário de campo)**

Confesso que fiquei surpresa com a forma de Eliane se expressar. Eu estava tentando conhecê-las melhor, mas era também objeto de um olhar curioso, investigativo: o que faria eu ali, já que não pertencia ao lugar? Era preciso explicitar as igualdades e diferenças. *Somos iguais, não somos bicho-de-sete-cabeças*, é o que me diz Eliane, acostumada ao olhar intruso, indiscreto, segregador e estigmatizante das pessoas em geral e particularmente daquelas que lhes procuram como objeto de estudo.

---

<sup>1</sup> A avenida 25 de dezembro é paralela à avenida da orla da Praia do Meio na cidade de Natal.

<sup>2</sup> Utilizo os nomes pelos quais conheci as mulheres, tendo em vista que na maioria são nomes fictícios. Algumas vezes elas dizem o seu nome verdadeiro, e quando o fazem deixam claro não ter motivos para não utilizá-los: *A gente usa o nome da gente. Eu não tenho nada a esconder* (Eliane).

O estrangeiro tem um olhar assustado, surpreso. Tudo é novo a sua volta. Um olhar perscrutador que, além de buscar conhecer, muitas vezes diferencia, separa e, em alguns casos, até mesmo as violenta. Elas precisam saber com quem falam; o que se quer, pois têm consciência do quão estigmatizadas são. É preciso mostrar-se humano, igual ou repelir aqueles que as consideram diferentes. À medida que iam me conhecendo mostravam-se dispostas a colaborar, desde que eu, do meu lado, lhes agradasse. E agradar, acima de tudo, significava dar-lhes algo em troca. Portanto, era comum que elas cercassem o meu carro e me pedissem dinheiro.

Ser conhecida não me tirava da posição de *estrangeira*. Segundo Simmel (1983), a posição do estrangeiro é determinada pelo seu não pertencimento ao grupo, ao menos desde a sua origem. O estrangeirismo é uma forma específica de interação que envolve distância e proximidade, pois, embora espacialmente próximo, o estrangeiro não faz parte, não conhece seus códigos, não é considerado um igual. Ele não está submetido às mesmas regras e tendências do grupo.

O estrangeiro está próximo na medida em que sentimos traços comuns de natureza social, nacional, ocupacional ou genericamente humana, entre ele e nós. Está distante na medida em que estes traços comuns se estendem para além dele ou para além de nós, e nos ligam apenas porque ligam muitíssimas pessoas (SIMMEL, 1983, p. 186).

Se o autor fala de proximidade e distância, é possível falar também de igualdade e diferença. O estrangeiro é o diferente, na medida em que os traços comuns entre ele e o grupo ligam inúmeras pessoas, embora os traços não sejam específicos. Ao mesmo tempo, e por mais paradoxal que possa parecer, o estrangeiro é também igual do ponto de vista genérico; há elementos unificantes entre os membros do grupo e ele e, embora não possa ser considerado *do* grupo, está *no* grupo, ou ao menos espacialmente próximo a ele.



Em mim as prostitutas viam a si mesmas e ao outro. Reconheciam-se como mulheres, trabalhadoras, seres humanos, mas, diferenciavam-se como prostitutas, na forma de viver expressa em seu comportamento, fala e gestos. O processo era recíproco, e a partir da distância e proximidade existente entre nós foi possível construir uma relação de identidade, uma sociabilidade específica.

Por ser estrangeira, a minha presença para elas era também uma forma de fugir, de negar a prostituição, de sair do seu universo por alguns instantes; era uma oportunidade para conversar, falar sobre suas trajetórias, suas vidas; mostrar-se, reafirmar a distância e a proximidade que nos uniam. Estar comigo podia significar ter atenção, ser ouvida, ser importante para alguém. Mesmo que a relação fosse mediada por interesses financeiros de um lado e, de outro, pela busca do conhecimento, outros elementos estavam presentes e, dentre eles, a aceitação e a possibilidade do convívio com o outro.

- Eu só dei a entrevista porque eu tava querendo conversar com alguém. **(Indiara, 19 anos. Logo após ter me concedido a entrevista)**

- (Falando com uma menina de 12 anos que ela estava *iniciando*. Referindo-se a mim e a um amigo que me levou até ela) Esses dois você pode confiar; são gente boa, não têm besteira, não têm preconceito; você não tá entendendo o que eu tô dizendo ainda porque você é muito nova, mas mesmo assim eu digo, porque é verdade. **(Betinha, diário de campo)**

A aproximação das mulheres foi um momento difícil. Foi preciso despir-me de preconceitos para percebê-las, não como prostitutas, mas como mulheres iguais e diferentes de mim, com alegrias, tristezas, angústias, fantasias. Mulheres com filhos, família, amores e dores, que lutam diariamente para sobreviver, que mentem e brigam. Mulheres de carne e osso, desrespeitadas e estigmatizadas, mas também fortes e poderosas. Um poder que somente o dinheiro e o sexo conferem.

Durante o período em que freqüentei a Praia do Meio, realizei 20 entrevistas, além de conversas informais com as mulheres que se prostituíam em uma das suas avenidas principais e no alto da Ladeira do Sol; além disso, mantive contatos e conversas informais que abrangeram também mulheres de outros espaços de prostituição da cidade e fora dela.

As entrevistas versaram sobre a vivência e o significado da prostituição para elas, sua relação com valores como o dinheiro e o amor, as diferenças entre afetividade e prostituição e a ligação entre dinheiro, amor e sexo. Recolhi histórias de vida e auto-avaliação das mulheres com quem conversei. Mulheres que se situam entre a necessidade da aceitação e a percepção de uma semidelinqüência tolerada e relacionada ao sexo, à violência, às drogas e aos furtos. Mulheres que se dividem entre a busca de um amor idealizado, a proteção à família, especialmente aos filhos, e as dificuldades enfrentadas no cotidiano do seu trabalho na prostituição.

A experiência, de ouvir e me relacionar com elas, me proporcionou a possibilidade de pensar prostituição para além de uma discussão ética ou econômica, como uma relação em que a troca é o elemento fundamental; uma interação social *sui generis* na qual estão presentes diversos elementos da sociabilidade.

Atualmente, a discussão sobre a prostituição se insere em muitas áreas, desde a moral até a econômica, passando pelo debate no campo do trabalho e do direito e mesmo da forma de nomear as mulheres inseridas em relações de prostituição. Discute-se hoje a prostituição como trabalho e as mulheres como profissionais do sexo. Os clientes são, quase sempre, negligenciados no debate. A reflexão que me proponho a fazer, embora se aproxime de vários campos do saber, insere-se na própria análise da sociedade, porém não pretendo adentrar no campo da moral, tampouco da discussão da profissionalização.

Refiro-me aqui às relações de prostituição, à forma como elas se erigem a partir da mediação do dinheiro. Acredito que as mulheres não são apenas trabalhadoras ou profissionais do

sexo, mas Seres inseridos em relações, cujo universo colabora para a construção de uma identidade, possivelmente marcada pelo estigma, pelo desejo do dinheiro e por sua inserção na sociedade como mulheres na vivência de diversos papéis, dentre eles, o de prostituta. Por esse motivo, opto por utilizar o termo prostituta, pois penso que nele estão contidos diversos significados. Não perco de vista que tal termo é estigmatizante, todavia é preciso não esquecer que uma das formas de lutar contra o estigma é utilizar os termos que estigmatizam, de maneira a preenchê-los com outros significados, a fazê-los remeter às relações nele inseridas, rompendo com estereótipos e imagens pré-estabelecidas.

Mas quem são essas mulheres? Como trabalham? Que signos utilizam? Quais códigos criam e se apropriam? Quais elementos as faz ao mesmo tempo semelhantes, enquanto grupo, e diferentes umas das outras?

A diversidade é a marca da prostituição, como é a marca do mundo. No meu encontro com as mulheres da Praia do Meio, foi possível deparar-me com algumas que estão na prostituição há vários anos, enquanto outras são novas ou relativamente novas no trabalho. Há loiras, morenas, negras e mulatas; baixas e altas; gordas e magras. Não é possível determinar um padrão com relação ao tipo físico ou mesmo à faixa etária.

Há códigos, linguagens que se expressam nos gestos e na fala. Se há tempos as roupas as diferenciavam enquanto grupo específico, atualmente isso dificilmente ocorre. Arrumar-se de forma extravagante e chamativa pode significar igualar-se a outros personagens dos quais querem se diferenciar. Se observarmos as adolescentes nos *shoppings*, com suas barrigas a mostra, saias curtas ou calças baixas, blusas coladas, saltos altos ou algumas vezes sandálias rasteiras, a semelhança com as mulheres da Praia do Meio poderá nos surpreender. Para a grande maioria, não há nada visível em suas roupas que as diferencie enquanto prostitutas.



- Ainda tem umas que usam, mas geralmente a gente se veste normal. Quem usa roupa pra chamar atenção é travesti. Eu não gosto de fazer programa com short curto. Prefiro saia, calça, mas short curto eu não gosto. (Anne, **diário de campo**)

Elas podem ser confundidas com a estudante universitária arrumada para ir a aula ou mesmo, com alguém que, desinteressadamente, passeia pela praia com roupas de banho. Diante disso, como é possível reconhecê-las enquanto grupo específico? Se as roupas não as diferenciam, o comportamento o faz de forma evidente. Seus corpos são a marca do trabalho que realizam e denunciam que elas não estão ali por acaso. Eles são objetos utilizados no jogo da conquista; se insinuam, comunicam, convidam.

Na vida real, não é possível encontrar o estereótipo universal e previsível, a prostituta que caiba em um vocábulo, ou mesmo em uma imagem (Gabriela, Tereza Batista, Hilda Furacão), mas um mundo complexo, matizado, habitado por mulheres de carne e osso que mostram no rosto, no corpo e na fala as marcas da vida que levam.

O estudo da prostituição é para mim um caminho que pode permitir entender as relações mediadas pelo dinheiro na sociedade em geral, percebendo como ele vem modificando os encontros entre os seres humanos, particularmente no que concerne à afetividade, ao estilo de vida e ao amor e também como ele vem sendo re-significado em tais encontros. Penso ser possível por esse caminho, mesmo a partir de um pequeno recorte da realidade, compreender como a sociedade se relaciona com o dinheiro, como o significa e se transforma através dele e, conseqüentemente, o transforma.

Dinheiro e prostituição são aqui tomados como símbolos que extrapolam a sua singularidade. Buscar o conhecimento através do símbolo é, partindo da manifestação do fenômeno, procurar decifrar aquilo que não se mostra imediatamente; é estabelecer relações,

buscar a totalidade no singular. Tudo são relações, logo tudo está em movimento, é processo; a fixação de um momento surge como a possibilidade de transformar o transitório em eterno.

O processo e a forma como as relações se estabeleceram são significativos, pois eles mesmos, no caso das mulheres, constituem-se como relações mercantis, mediadas pelo dinheiro. As interpretações que os discursos me possibilitarão não poderão ser pensadas separadamente dos procedimentos utilizados. Mas como fazê-lo? Como pensar a minha pesquisa, levando em consideração o caminho que foi percorrido? De que forma, o fato de a aproximação com as mulheres ter tido o dinheiro como mediador, influencia nos dados coletados? Como trabalhar esses dados sem perder de vista tais elementos?

Espero no âmbito do trabalho oferecer uma resposta para tais perguntas. A meu ver, elas irão se elucidando na medida em que o texto vai sendo construído. Acredito que o desafio está em ir do sujeito ao objeto e de volta para o sujeito e de, no percurso de idas e vindas, não perder o movimento de objetivar na escrita a dinâmica da realidade, que no texto ganha forma e existência próprias. Estou consciente da complexidade de tal tarefa.

Procurarei pensar alguns aspectos concernentes à relação entre prostituição e dinheiro, levando em consideração que o dinheiro se transformou em nossa sociedade no mediador por excelência de tais relações, permitindo a construção de uma troca e uma rede entre prostitutas e clientes que mesmo tendo a marca da mercantilização, a ultrapassa enquanto fenômeno econômico ao criar uma sociabilidade que, embora à primeira vista possa parecer desligada da sociedade em geral, até mesmo pela conotação moralmente negativa que o fenômeno apresenta em nosso tempo e sociedade, pode ser percebida como uma miniatura das relações travadas em seus mais diversos âmbitos.

O dinheiro está tão fortemente ligado à prostituição que há uma forma específica de se referir às prostitutas em nossa cultura que remete a sua presença. Diz-se que elas vão *rodar a*



*bolsinha*. Tal forma de representá-las não está distante da realidade: a bolsa é o local em que se guardam os valores, no caso das prostitutas refere-se ao sexo e ao dinheiro, os dois valores em jogo e que marcam as relações travadas em seu dia-a-dia.

Embora busque a relação entre dinheiro e prostituição, minha preocupação central não se limita aos aspectos econômicos do relacionamento, mas intenta encontrar uma maneira de alcançar os valores fundamentais e o significado do que é humano ou, em outras palavras, perceber como um elemento econômico tal qual o dinheiro pode se revelar como um símbolo das formas de movimento; como um mero meio, um objeto que não tem sentido senão como possibilitador da aquisição de outros objetos, torna-se o elemento fundamental nas relações; um fim em si mesmo. Para tanto, penso ser preciso avançar para além do discurso econômico.

É somente através da percepção dos usos reais do dinheiro, acredito, que é possível se aproximar da sua complexidade. Para essa discussão, tomo como parâmetro teórico as idéias de Georg Simmel<sup>3</sup>, para quem o dinheiro é um símbolo abstrato dos valores, alterando todo o estilo de vida dos indivíduos. Segundo Karl Jöel, na obra de Simmel<sup>4</sup>: ‘... *dinheiro significava mais do que dinheiro, porque o dinheiro se tornou um símbolo do mundo, uma imagem da troca como um todo, do infinito inter-relacionamento que, por fim, se estende ao princípio dominante de uma visão mundial*’<sup>5</sup> (apud SIMMEL, 1990, p. 03).

Considero ser importante descobrir o que o dinheiro faz da prostituição e, porque não dizer, da sociedade, de seus relacionamentos e negociações, já que ele aparece como se fosse o ponto focal, a chave e a meta do ato de se prostituir, no qual, ao trocar sexo por dinheiro, o

---

<sup>3</sup> Utilizarei também, dentre outros autores, Nigel Dodd, Ferdinand Tönnies, Karl Polanyi, Karl Marx, Werner Sombart e Anthony Giddens, mas a obra de Simmel é basilar para as reflexões aqui postas.

<sup>4</sup> Todas as traduções foram feitas livremente por mim, seguindo em nota de rodapé o texto original.

<sup>5</sup> No original: ‘money meant more to him than money, because it became for him a symbol of the world, an image of exchange as a whole, of the infinite interrelationship which ultimately extend itself into the dominant principle of a world view’.

macula e justifica ao mesmo tempo. A relação entre dinheiro e prostituição poderá me possibilitar pensar a sociedade mais geral, pois, como Simmel postulava, é possível procurar o universal no singular, *ver no individual o universal*. Um exercício complexo, mas rico em sua forma e processo.

Em Simmel (1990), os objetos verdadeiramente simbólicos são aqueles que estão como representantes de muitos outros; abarcam em si uma totalidade. Assim, o autor utiliza o símbolo e trabalha estabelecendo relações. *Estabelecer relações é pura e simplesmente o que Simmel faz. Na medida em que tudo é visto como símbolo, a cada instante a tarefa do investigador é estabelecer as relações entre o microcosmo e o macrocosmo* (WAIZBORT, 2000, p. 83. Grifo do autor).

Tudo está ligado a tudo. O mundo é um mundo de relações. De qualquer ponto podemos alcançar todos os outros. É possível pensar o mundo a partir do fragmento aparentemente mais insignificante. O cotidiano das relações sustenta os grandes sistemas humanos; não se pode entendê-los sem entender aquelas que lhes dão sustentação. Assim, pensar o papel, o comportamento, as relações sociais e a sociabilidade sustentada e criada pelo dinheiro no âmbito da prostituição – um terreno conturbado, estigmatizado e imerso em preconceitos – é pensar a vida moderna, o movimento da sociedade, suas relações e formas de sociação<sup>6</sup>.

Em minha reflexão sobre a relação entre prostituição e dinheiro, busco superar a análise econômica; penso-os como elementos sociais, procuro interconexões com fenômenos mais gerais. A prostituição é percebida como uma relação em que se desenvolve a troca social. Uma troca que a primeira vista poderia ser circunscrita ao campo do econômico na discussão

---

<sup>6</sup> Em Simmel (1983), a sociação ou socialificação (*Vergellschaftung*), é fundamental para a existência da sociedade e denota sempre dinamismo, o movimento, as múltiplas interações de *uns com os outros, contra e pelos outros*. Um permanente vir a ser da vida social.

sobre mercado, trabalho, preço e valor. Embora tais elementos possam estar presentes na minha reflexão, não me restrinjo a eles, tampouco a uma dimensão especificamente econômica.

Quando me refiro à prostituição como troca, não falo de um ponto de vista econômico, em que ocorre a permuta de dinheiro por prazer, uma negociação mercantil, mas em uma relação que a ultrapassa, no processo fundamental que liga fios e tece uma rede de socição e permite o próprio movimento da sociedade, através do encontro com o outro, da interação e da construção de relações específicas entre pessoas que se encontram por intermédio do dinheiro.

É bom lembrar que, como estou pensando a prostituição como troca, o cliente é um elemento fundamental na relação, já que a troca só existe quando há pessoas dispostas a dar e outras a receber, onde há mutualidade. O cliente é um elo e um possibilitador das relações de prostituição. Se as prostitutas, de um lado, buscam dinheiro, eles, por outro, estão dispostos a pagar o preço para adquirir o produto ou serviço oferecido. Se a mulher oferece serviços sexuais e não há ninguém para comprá-los, a troca não se consolida e a prostituição deixa de existir.

Por isso mesmo, considerei importante no meu percurso metodológico incluir entrevistas com os homens, tendo em vista serem eles também sujeitos das relações de prostituição. Realizei sete entrevistas, as quais, vale salientar, não pretenderam ser sistemáticas no que concerne à amostragem dos sujeitos abordados. Os clientes foram entrevistados aleatoriamente, sem que tivessem necessariamente uma ligação com o universo das mulheres pesquisadas, ou, em outras palavras, não tive a preocupação se eles mantinham ou não relações de prostituição exclusivamente na Praia do Meio<sup>7</sup>, mas, desde que fossem clientes de prostitutas ali ou em qualquer outro âmbito, e se propusessem a conversar comigo, seus depoimentos foram coletados. É preciso salientar que a maioria se referiu, em algum momento, a um contato com as

---

<sup>7</sup> Foram realizadas entrevistas com clientes das cidades de Natal e Mossoró. Constatei que da mesma forma que as mulheres se movimentam entre vários espaços os clientes também o fazem, por isso os entrevistados da cidade de Mossoró, na sua maioria, freqüentam ou já freqüentaram os espaços de prostituição da capital, inclusive, a Praia do Meio.



mulheres da Praia do Meio, mas essa não foi minha preocupação central. Isso porque a coleta junto aos clientes se configurou em um momento difícil da investigação.

De forma geral, os homens se mostraram reticentes quanto a concederem as entrevistas, o que ocorreu por motivos diferenciados: por serem casados, por terem relacionamentos fixos ou mesmo por, ao conceder a entrevista, ter sua imagem ligada à prostituição. Parece-me que a situação se complicou pelo fato de a pesquisadora ser mulher, e em se assumindo cliente, de alguma forma, criarem uma imagem diferenciada daquela que desejavam projetar para as mulheres em geral.

Tendo em vista tais problemas, as entrevistas foram realizadas a partir de uma rede de contatos; os homens entrevistados eram, em sua maioria, indicados por outros homens, quase sempre após um processo de convencimento entre eles. Os clientes não se constituem um grupo e não podem ser caracterizados como tal, nem mesmo para fins de análise. Enquanto grupo, eles são inabordáveis e inalcançáveis, só sendo possível capturá-los enquanto indivíduos isolados, conseqüentemente há um universo muito heterogêneo quanto aos clientes entrevistados, seja na faixa etária, profissão ou escolaridade.

A faixa etária dos entrevistados variou entre 20 e 60 anos. A escolaridade, do 2º grau incompleto até o nível de mestrado; quanto às profissões, eram jornalistas, professores universitários, estudantes ou desempregados. Homens de níveis sociais, econômicos e culturais diferentes, cuja semelhança está na utilização dos serviços sexuais prestados no campo da prostituição.

É verdade que, de qualquer ângulo, falar sobre os clientes das prostitutas implica em pensar em uma diversidade de tipos. Há homens casados e solteiros, baixos e altos, ricos e pobres, jovens e idosos.



- Ah, são juizes, advogados, empresários, só vem mais esses. Só quem tem (faz gesto relativo a dinheiro), né? Porque nem todos têm pra pagar. Só quem pode. Adeogado, delegado, esses... **(Keyla, 19 anos)**

- Quando o cara não tem dinheiro pro motel, a gente vai, vai pra um terreno ali atrás do L'Amore (motel), faz em pé. **(Betinha, 23 anos)**

- Mas vem muito boy, os boyzinho, velho, aleijado, cego de um olho. Mulher, vem todo tipo de gente, mulher. **(Kátia, 23 anos)**

Os clientes, ou homens de programa como dito pelas mulheres, negociam, barganham; são aqueles dispostos a pagar pelo produto oferecido, mas não qualquer preço e sim aquele que melhor lhes convier. A negociação faz parte do jogo da prostituição. Em geral, os clientes são os possuidores do dinheiro e desejam empregá-lo comprando o prazer prometido pelos corpos femininos. Talvez sejam esses os elementos que lhes concedem uma certa homogeneidade: a posse do dinheiro e o desejo sexual por um tipo específico de mulher, as prostitutas.

As entrevistas com os clientes, mesmo colhidas de forma não sistemática, podem oferecer um elemento a mais para a discussão, tendo em vista que estou falando de relações e, no caso, a prostituição não ocorreria sem a presença deles. Os depoimentos masculinos oferecem uma contrapartida à visão das mulheres no que concerne à prostituição e ao dinheiro em sua relação com o sexo e a afetividade.

O resultado de todo esse esforço de investigação foi aqui organizado ao longo de capítulos que procuram dar conta do objetivo traçado e encontram-se assim distribuídos: 1 Percurso teórico metodológico, no qual apresento o caminho trilhado para chegar ao quadro empírico e teórico do trabalho e em seguida a forma como fui dispendo as idéias e discussões. 2 Rodando a bolsinha: o dinheiro e seus aspectos simbólicos; 3 Tecendo teias: a prostituição como troca; 4 A cidade, a Praia do Meio, o estigma e a solidão, 5 Afetividade e amor nas relações de prostituição e 6 Conclusões, dúvidas e inquietações. Segue fechando as referências.



No capítulo 2 ao longo de dois itens, realizo uma discussão sobre dinheiro, valor e preço, tentando percebê-los não apenas em seus aspectos quantitativos, mas também qualitativos, e fazendo relação com o tempo e espaço em que se inserem, especialmente com as práticas de prostituição com que me deparei na Praia do Meio. Tomo o dinheiro em seu universo simbólico e como tal tento desvendar suas formas e conteúdos de maneira que seja possível entendê-lo para além da sua racionalidade, calculabilidade e elementos matemáticos. A discussão procura apresentar ao leitor elementos teóricos para a compreensão do dinheiro sem perder de vista o quadro empírico no qual me debrucei.

O capítulo 3 subdivide-se em três sub-capítulos e sua organização visa discutir a prostituição em seus aspectos teóricos, de forma a compreendê-la para além das idéias que são socialmente aceitas sobre ela. Fundamentalmente, aqui percebo a prostituição como uma troca, que não se esgota no econômico, mas, ao contrário, parte dele e supera-o em diversos aspectos. Os itens estão organizados de maneira a discutir a mercantilização e os aspectos simbólicos das práticas de prostituição, sem desconsiderar que, antes de tudo, se trata de uma relação entre seres humanos mediada pelo dinheiro, que não se encerra em uma atividade econômica, pois possui em si toda uma complexidade que precisa ser desvendada.

O capítulo 4 subdivide-se em três sub-capítulos e um sub-item e, através deles pretendo situar o leitor no universo empírico da pesquisa por mim realizada, convidando-o a um passeio na cidade de Natal e, mais especificamente na Praia do Meio. Aqui, tornam-se mais próximas as personagens ímpares encontradas ao longo do trabalho, a partir de um percurso que tenta percebê-las como pessoas de carne e osso. Para tanto, realizo uma discussão dos estereótipos mais comuns que lhes compõem a imagem, buscando resgatar sua dimensão de mulheres, prostitutas e seres humanos. Toda essa discussão toma por base os elementos teóricos que estão sendo discutidos ao longo das demais discussões empreendidas, ou seja, não perde de



vista o dinheiro e a prostituição como dois símbolos que me ajudam a compreender a sociedade.

O capítulo 5 organiza-se em dois sub-itens, nos quais pretendo discutir a afetividade e o amor nas relações de prostituição, percebendo-os como elementos vivenciados individualmente, de acordo com as possibilidades que tais relações permitem, mas também socialmente, pois remetem a repertórios sociais que dão o tom e indicam a forma como são significados no interior da relação. Aqui, levo em consideração que a afetividade e o amor são construções humanas e sociais e, portanto, não estão imunes à forma como a sociedade se organiza. Em outras palavras, a afetividade e o amor experimentados e vivenciados em nossa época são aqueles possíveis de existir na sociedade do dinheiro. Além disso, tento não esquecer que as prostitutas da Praia do Meio, por vivenciarem uma condição específica, também re-significam tais sentimentos de forma que eles caibam em suas próprias representações, anseios e necessidades.

Fechando o trabalho, apresento o capítulo seis em que me esforço no sentido de retomar as principais conclusões e discussões realizadas ao longo do trabalho e exponho ainda as inquietações e dúvidas que me acompanharam ao longo do processo de materializar na escrita minhas idéias e experiências.



**RODANDO A BOLSINHA:**

**O DINHEIRO E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS**

## 2 RODANDO A BOLSINHA: O DINHEIRO E SEUS ASPECTOS SIMBÓLICOS

*Você só pensa em grana meu amor  
Você só quer saber quando que eu vou  
Trocar meu carro novo  
Por um novo carro novo meu amor  
Você rasga os poemas que eu te dou  
Mas nunca vi você rasgar dinheiro  
Você vai me jurar eterno amo,  
Se eu comprar um dia o mundo inteiro  
(Zeca Baleiro – Você só pensa em grana)*

No capítulo em pauta, tratarei do dinheiro, bem como do valor e do preço, buscando as diferenças e analogias que os unem. Para tanto, tentarei me pautar nos aspectos simbólicos da construção do valor, especialmente o valor representado ou em estreita relação com o preço e o dinheiro, mais especificamente aquele engendrado nas relações de prostituição que, perpassados por uma série de elementos, ultrapassa a materialidade, passando a ter um significado simbólico.

Embora tais conceitos, à primeira vista, remetam para discussões econômicas, tentarei ultrapassá-las, tomando, para realizar tal intento, como pressuposto teórico, primordialmente as idéias de Simmel. Trabalharei ainda com outros autores, como Ferdinand Tönnies, Karl Marx, Karl Polanyi, Francisco José S. Teixeira e Nigel Dodd, que ora me fornecem um contraponto, ora complementam as reflexões daquele autor. As contribuições desses autores nem sempre estão explícitas, mas muitas delas funcionam como pano de fundo para a análise que pretendo fazer no corpo do texto.

Além das questões teóricas, as reflexões têm como base um quadro empírico definido: as relações de prostituição que têm lugar na Praia do Meio, ou seja, dinheiro, valor e preço são aqui conceitos chaves para o entendimento da prostituição como troca e para a percepção da sociabilidade subjacente as práticas que a permeiam, pois, se de outra forma, no trabalho em pauta, a discussão de tais conceitos não teria sentido.

Para realizar tal análise, buscarei não perder de vista que ao discuti-lo estarei tratando de um fato social com amplas dimensões e implicações, bem como que há inúmeros elementos colaborando para a constituição do valor e do preço e, principalmente, que tal análise permite o entendimento das relações que dão sustentação à sociedade. Assim, a reflexão aqui proposta centrar-se-á, especialmente, no papel do dinheiro enquanto representação do valor e do preço dentro das relações de prostituição, atentando para a forma como tais aspectos aparecem e são construídos no processo de negociação.

Os conceitos são, em geral, formatados em uma dada sociedade, mas re-formatados nas relações cotidianas. Portanto, cada sociedade tem uma noção de valor que permeia as relações humanas, e é nela construída, pois por meio delas ao conceito é acrescido um agregado simbólico. É precisamente isso que diferencia valor e preço.

O preço é uma medição quantitativa da importância relativa de um dado objeto, geralmente expresso em uma quantia específica de dinheiro. O valor, por sua vez, não apenas se expressa no preço, mas transcende-o, pois abarca elementos qualitativos que através do dinheiro e do preço são expressos quantitativamente, ou seja, o preço de um dado objeto, enquanto representação de um valor que pode ser pago em dinheiro, traz em si uma série de elementos simbólicos que não se esgotam no quantitativo.

É o mais profundo significado de um conceito que não é simplesmente um agregado de características, mas uma unidade ideal em que essas características encontram uma a outra e se fundem apesar de suas diferenças e é dessa maneira que o preço em dinheiro junta em uma unidade concentrada os numerosos e extensos significados dos objetos. (SIMMEL, 1990, p. 196)<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> No original: It is the deeper significance of a concept that it is not simply an aggregate of characteristics but an ideal unity in which these characteristics encounter each other and are fused together in spite of their differences; and it is in this fashion that the money price brings together in a concentrated unity the numerous and wide-ranging economic meanings of objects.

Assim, o dinheiro é uma representação econômica do valor, devendo no âmbito do presente texto ser compreendido enquanto símbolo. Entendê-lo a partir da idéia de símbolo significa dizer que o conteúdo subjacente à forma em que ele se expressa não se mostra imediatamente, ou seja, o dinheiro é representante de muitos elementos que não se esgotam no econômico, pois embora partam dele, superam-no.

Enquanto símbolo, o dinheiro contém elementos econômicos, sociais, culturais e históricos e traz em si uma infinidade de aspectos a serem desvendados, que são inerentes aos usos que se faz dele e, pela sua complexidade e multiplicidade, exige uma observação atenta e constante para que seja apreendido em sua complexidade.

No campo da prostituição, a busca do entendimento do dinheiro como representante do valor remete à compreensão do modo como se expressa e é utilizado na relação, atentando não apenas para o seu significado enquanto objeto econômico, mas também, e principalmente, simbólico.

Para tanto, considero que, nas relações de compra e venda de sexo por dinheiro, a negociação é o momento privilegiado para perceber suas nuances, já que nesse momento uma sociabilidade específica é construída; a partir dele a relação flui ou não e os aspectos simbólicos do dinheiro aparecem de maneira explícita ou implícita na forma que a relação toma. O dinheiro apresenta-se como uma linguagem, que se pronuncia, solicita, exige e se molda dentro da relação.

Assim, em meio ao labirinto de sensações e atitudes que o dinheiro pela sua presença ao mesmo tempo gritante e silenciosa impõe, pressuponho que ele valoriza a prostituição, não apenas no sentido de ser um mediador quantitativo e, como tal, representante de um preço específico, mas também qualitativamente, como representante do valor. As variações no preço dos serviços prestados pelas prostitutas não expressam apenas as leis econômicas da oferta e da

procura, mas aparecem, dentre outros elementos, como medida de um tipo específico de competência e feminilidade.

Em outras palavras, o dinheiro é também valorado pela prostituição; é um valor que remete a outros valores. Nela, ele assume um significado específico; em meio à relação que se quer puramente racional, os elementos quantitativos, que estariam na sua essência, são transmutados em qualitativos. Ele tem diferentes significados para as pessoas envolvidas com a prostituição. Como símbolo pode estar ligado à idéia da autonomia pessoal, da sobrevivência, da possibilidade de atender aos apelos da sociedade de consumo, mas parece-me que de qualquer ângulo, dentre muitos outros aspectos, ele está relacionado para o sujeito que o possui à idéia da liberdade, esteja ela ligada ao fazer algo ou ao ter um determinado objeto.

A liberdade relacionada à posse do dinheiro é facilmente reconhecida pelas prostitutas com as quais mantive contato e, mesmo que não apareça de maneira explícita, mostra-se na percepção de que através dele é possível possuir objetos e viver situações, de outra forma impossíveis de serem experimentadas. Sua presença no âmbito da prostituição faz com que as mulheres conheçam pessoas e lugares, tenham acesso a roupas, alimentação e outros objetos de melhor qualidade do que aqueles que conseguiriam por outra via.

Ele garante um certo poder àquele que o possui, que se expressa na liberdade de escolher o que se quer ter e, ainda que não se ganhe a quantidade suficiente para isso, tal aspecto é sempre percebido como uma possibilidade; está no cerne da idéia de ganhar dinheiro. Ele garante o essencial e o supérfluo; representa a liberdade de escolha, dá opções, pois através dele, ao menos idealmente, tudo pode ser comprado. É verdade que essa liberdade é relativa, pois ele é limitado por sua quantidade e pelas necessidades mais imediatas das pessoas que o possuem.

Como elemento econômico é o único capaz de garantir a troca e, por isso mesmo, a sobrevivência. Como elemento simbólico traz em si uma gama de significados. Por meio dele

identidades são construídas, as pessoas reconhecem-se como sujeitos e direitos são garantidos, dentre eles, o da própria vida.

No âmbito das relações de prostituição, não é diferente: sobressai-se em significado econômico para as mulheres, remete-se quase sempre a sua utilidade enquanto objeto capaz de permitir a compra de objetos e serviços, embora não signifique que apenas isso está em jogo. Há um discurso subjacente em que se percebe a dimensão de poder presente nele, assim como as convenções sociais que o validam enquanto equivalente universal.

- Mulher, o dinheiro pra mim é que eu sobrevivo com ele assim. Pago meu aluguel. Faço minha feira. Dinheiro pra mim é isso. **(Lúcia, 21 anos)**

- Você prefere o presente ou o dinheiro?

- Eu prefiro o dinheiro.

- Por quê?

- Porque a gente tem mais utilidade com o dinheiro, né? **(Cláudia, 29 anos)**

- Dinheiro, ah, dinheiro é uma coisa que você, pra comer tem que ter dinheiro, pra aluguel tem que ter dinheiro. Dinheiro é só isso, porque dinheiro é um papel inválido, que num serve pra nada, né. Só serve pra gente viver. **(Cláudia, 26 anos)**

As mulheres demonstram consciência do papel do dinheiro em suas vidas. O dinheiro aparece como uma necessidade cotidiana. Além da feira, do aluguel, das necessidades diárias, ele permite sobrevivência, cidadania e dignidade. Em nossa sociedade não é possível sobreviver sem ele, e seu valor ultrapassa o mero atendimento das necessidades de cada pessoa, ligando-se ao reconhecimento dos indivíduos enquanto seres humanos, condição que, nas configurações atuais da sociedade, só é possível pela posse do dinheiro.

No discurso das mulheres, a referência à utilidade do dinheiro é predominante, o que é algo interessante, pois, enquanto substância, ele não tem utilidade nenhuma, é, por assim dizer, inútil, na medida em que não serve para nada especificamente, mas ao mesmo tempo ganha uma utilidade imensurável na troca, só tendo sentido se inserido em tal processo.

As falas, porém, mesmo circunscritas ao seu campo, apontam para além de tal aspecto quando remetem à liberdade, relacionada ao poder de comprar e ao valor do dinheiro como construção social. A própria determinação do preço que deve ser pago em dinheiro dá a tônica a um tipo específico de liberdade que se expressa no poder de ter algo. Tal liberdade, dentro da prostituição, é facilmente percebida quando penso a partir da forma como as mulheres percebem o recebimento do dinheiro e do presente como pagamento para o serviço por elas prestado.

Em primeiro lugar é preciso afirmar que muitas mulheres pesquisadas recebem presentes dos clientes, mas todas preferem dinheiro. Ele lhes dá uma certa liberdade: – *com ele posso fazer o que quiser*. Ele representa a possibilidade de escolher; através dele elas tornam-se sujeitos da própria história. O presente representa uma escolha que não é delas e, mesmo que muitas vezes possa ter um alto valor monetário ou mesmo afetivo, do ponto de vista econômico se encerra nele mesmo, quando é possível transformar o elemento monetário em qualquer objeto de desejo, dentro de determinados limites quantitativos, é claro. O dinheiro representa libertação e independência em relação ao outro.

Somente uma transação monetária corresponde ao caráter de um relacionamento momentâneo inconseqüente como é o caso da prostituição. O relacionamento é mais completamente dissolvido e mais radicalmente terminado pelo pagamento em dinheiro do que pelo presente de um objeto específico, que sempre, através de seu conteúdo, sua escolha e seu uso, retém um elemento da pessoa que o deu. Somente o dinheiro, que não implica qualquer compromisso e que, em princípio, está sempre à mão e é bem vindo, é o equivalente apropriado para a efemeridade intensificada e, ao mesmo tempo, a efemeridade de apagar o apetite sexual que se serve da prostituição (SIMMEL, 1990, p. 376)<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> No original: Only a monetary transaction corresponds to the character of a completely fleeting inconsequential relationship as is the case with prostitution. The relationship is more completely dissolved and more radically terminated by payment of money than by the gift of a specific object, which always, through its content, its choice and its use, retains an element of the person who has given it. Only money, which does not imply any commitment, and which in principle is always at hand and welcomed, is the appropriated equivalent to the fleetingly intensified and just as fleetingly extinguished sexual appetite that is served by prostitution.

Tanto as prostitutas quanto os clientes sabem que o dinheiro mercantiliza a relação e é exatamente esse o motivo que faz com que as mulheres o prefiram ao invés do presente. Ele remete o afeto, as sensações ou os sentimentos para um outro plano, ao passo que o presente traz à tona tais elementos. Mesmo que saibamos que eles se encontram em inúmeras situações vivenciadas dentro da prostituição, é preciso negá-los e algumas vezes encobri-los, função para a qual o dinheiro é o mais indicado.

- É, porque o dinheiro a gente tá precisando do dinheiro e presente, é uma coisa assim, presente só final de ano, quando você tá precisando. Num é todo dia que você tá precisando de presente, né. Você não precisa de tanto presente. **(Cláudia, 26 anos)**

- Você costuma receber presentes?

- Eles dão. Fica um forjo<sup>10</sup>. Num é meu namorado, ele é um programa. Quando ele aparecer a gente sai, mas que ele num tem nada a ver com a minha vida, nem eu tenho nada a ver com a vida dele. Não, eu recebo o presente, mas eu quero o meu dinheiro. Mesmo que ele diga que gosta de mim, que tá apaixonado, coisa e tal. Só saio com ele se ele me pagar. **(Vanessa, 25 anos)**

- E você acha que é diferente dar o presente e dar o dinheiro?

- Não. Não vejo diferença. Eu acho que é a mesma coisa, só que no momento em que você dá tem um sentido diferente. Existe uma reação diferente quando você dá o presente e quando você dá dinheiro. Às vezes o dinheiro ele, ele, o presente ele tá mais, ele tá comprando, mais ele pode estar mais associado a uma ternura, a um, a um afago. Enquanto o dinheiro não ele é cru. Ele é uma realidade nua e crua como se diz. O dinheiro ele compra, ele tem aquele poder, é, de comprar, de dominar a relação. **(Jorge, 50 anos)**

- Existe alguma diferença entre dar um presente e pagar?

- Bom, pra ela deve ter grande diferença, embora pra mim também tenha. Você, você dá um presente, talvez você demonstre um pouco mais de respeito pela pessoa e que você tenha um pouco mais de carinho por ela e você dar um presente no qual ela goste e, talvez dinheiro não, talvez em dinheiro seja uma coisa mais fria, mas dependendo da situação algumas pessoas preferem o dinheiro porque elas conseguem usar de uma maneira melhor ou não. **(Nicolau, 24 anos)**

*O dinheiro é cru*, ou seja, não remete a nada a não ser a ele mesmo. O presente tem uma significação diferente: - *se ele não é meu namorado, por que me dá presente?* Na prostituição o oferecimento do presente aponta para uma transformação na relação. Ao dar o presente, o cliente assinala a construção do afeto, mas nem sempre tal ato é bem-vindo entre as

---

<sup>10</sup> Fica estranho, esquisito; uma bagunça.

mulheres. A mediação do dinheiro coloca-lhes um forte limite entre suas vidas pessoais e a prostituição considerada como um trabalho. O presente rompe com esse limite trazendo à tona novos conflitos. O dinheiro é considerado necessidade, ao passo que o presente é supérfluo, e se de um lado ele é bem-vindo, de outro limita as possibilidades das mulheres, pois representa uma escolha que não lhes pertence.

À primeira vista, qualquer um de nós consideraria que o recebimento do presente é algo positivo, mas, nos depoimentos acima, é possível vislumbrar um discurso negativo: ele é um produto que lhes retira a liberdade de escolher aquilo que querem ter, ao passo que o dinheiro lhes dá exatamente essa dimensão de liberdade. É preciso ter em mente que estamos diante de uma relação mercantilizada: as mulheres prestam um serviço pelo qual fixam o preço que querem receber.

De um lado, o presente só é bem-vindo quando é um complemento do dinheiro ou quando é muito valioso e facilmente comercializável. Por outro, ele também é bem-vindo quando há, também, por parte das mulheres interesse pelo homem por trás do cliente. Se isso ocorre, o presente funciona como um símbolo de conquista e é positivado na relação.

Diante disso, além do dinheiro permitir que as mulheres façam suas próprias escolhas quanto ao que comprar, a que objetos obter, ele ainda traça um limite entre as relações de prostituição e os outros campos da sua vida; permite-lhes falar em namorados e namoradas, em amores, em relacionamentos, etc. Em outras palavras, transforma a prostituição em uma negociação, cujo pagamento em dinheiro simboliza o término. Os clientes, por sua vez, consideram que ao darem presentes ao invés do dinheiro estão valorizando a mulher por trás da prostituta, quando para elas é o dinheiro que denota respeito, pois, além do pagamento pelo serviço prestado, representa uma fronteira explícita entre a prostituição e os demais âmbitos da vida.

Acima de todos os fatores ressaltados como positivos na prostituição, para o dinheiro; é por ele, ou melhor dizendo, por aquilo que ele representa, pelos conteúdos simbólicos a que ele remete, que as mulheres entram e se mantêm na prostituição. Em suas falas, indiscutivelmente, o dinheiro apresenta-se como o principal elemento, uma espécie de facilitador, possibilitador das relações, da vida e da sobrevivência.

No entanto, é bom não esquecer que o elemento monetário pode ter significados diferentes para as pessoas; pode relacionar-se a independência para alguns, para outros sobrevivência, conforto, luxo, dignidade pessoal, etc. Porém, de todos os ângulos, traz sempre implícita a dimensão do poder, expresso na liberdade de quem o possui fazer ou ter algo através dele, talvez, exatamente por isso, seja ressaltado como o principal elemento positivo na prostituição, pois é encarado como uma compensação.

Um elemento a se levar em conta, quando estamos diante da presença do dinheiro, é que ele, de certa forma, embota a dimensão pessoal da relação e por isso mesmo facilita a negociação. Tudo ocorre como se o pessoal, o individual, estivesse no pólo oposto a ele. Pela presença do dinheiro, o pessoal é atingido e torna-se cada vez mais impessoal. A partir de tal premissa, no caso da prostituição os valores éticos, religiosos e sociais não estariam em jogo ao se negociar o preço do programa. Somente a quantidade de dinheiro a ser recebida em troca do serviço prestado determinaria se a relação se concretizaria ou não.

Mas é assim mesmo que ocorre na prática? Sem dúvida, negociar com desconhecidos através do dinheiro facilita a relação, mas nem sempre é ele que a media, assim como nem sempre o cliente é, de fato, um desconhecido. Se há encontro, a sociabilidade também pode ser construída. Assim, estariam em jogo identidades e quebra de solidões. Além disso, toda relação existente entre seres humanos é pautada na existência de emoções e, isso não é diferente com a prostituição.

Após a negociação, que se dá depois de uma escolha mútua e da aproximação entre clientes e prostitutas, ocorre um certo mascaramento da dimensão econômica da relação. Alguns clientes, conforme seus próprios depoimentos, não entregam o dinheiro diretamente as mulheres, colocam-no na mesa de cabeceira ou em sua bolsa. Cria-se todo um ritual para camuflar o aspecto econômico, e a negociação, seu momento por excelência, aparece nos discursos muito mais contundentemente como a capacidade de atração dos homens pelos atributos físicos ou intelectuais de cada um deles.

- Porque você diz assim: - *Vamo que eu lhe dou tanto*. Isso aí é muito humilhante, né, pra uma mulher: - *Saia comigo que eu lhe dou tanto*. Isso é demais. Eu, por exemplo, nunca gostei desse tipo de coisa, eu sempre gostei de conquistar, de sair, bater um papo, pra depois de, a gente ir, chegar, a mulher já tá entendendo, já tá vendo quem eu sou, já tá sabendo; aí é diferente, certo? Na hora da, de usar o sexo é diferente. **(Sebastião, 61 anos)**

- Por que é uma grosseria perguntar qual é o preço?

- Porque eu acho uma grosseria. Todas as vezes que eu perguntei, eu noto um freio de mão puxado... Até porque, é uma opinião minha também. Tem aqueles que têm a tara de saber que é pago... O cara não pára... Eu já saí com um cara que tem que lembrar o tempo todo que é pago. É insuportável! – Olha, eu tô lhe pagando, tô lhe pagando... Têm outros que... Eu me incluo... Que a tara é achar que não tá pagando... Eu sou daqueles que, se possível, eu pego o dinheiro, boto aqui, assim (Mostra gesto de esconder o dinheiro). E já peguei mulheres que pegam o dinheiro assim também, tipo assim,... vamo fingir quer não foi pago... **(Caetano, 33 anos)**

- Você costuma aceitar presentes de clientes?

- Costumo.

- Você acha que é diferente presente e dinheiro?

- Com certeza.

- Por quê?

- Porque ele tá valorizando mais a pessoa, a figura humana. Ele está reconhecendo a necessidade, mas num tá estimulando, quando ele dá o presente. **(Paula, 30 anos)**

- Porque tem muitos que num gosta de pagar a mulher, entendeu? Ele gosta de agradecer. Ele num gosta de, ele diz que se sente mal dando dinheiro a mulher. Ele gosta mais, quer comprar um celular, quer comprar uma roupa, um perfume. Eles se agrada assim a mulher. Dinheiro de jeito nenhum eles num dão. Tem uns assim. Mas eu digo não, eu também num gosto não, assim não. Eu gosto que ele me pague. **(Lúcia, 21 anos)**

No discurso masculino, a explicitação do dinheiro como mediador da relação é sentida como uma grosseria para com a mulher, uma humilhação. Os homens falam como se as mulheres se sentissem constrangidas com o recebimento do dinheiro. Como se o dinheiro as

desrespeitasse, quando, na realidade, em seu discurso, o dinheiro parece apontar para uma desvalorização do próprio homem. O dinheiro, na verdade, parece simbolizar sua própria incapacidade de conquistar a mulher precisando, por isso ser escondido.

O poder de conquista pelo dinheiro está em oposição com aquele engendrado pelos atributos físicos e pessoais de cada um. Na prostituição, os clientes, ao esconderem o dinheiro ou camuflá-lo de alguma forma, estão na realidade disfarçando sua própria incapacidade ou talvez a impossibilidade momentânea de seduzir por seus próprios talentos e qualidades, sendo necessário a introdução de uma ferramenta específica como arma de sedução: o dinheiro.

No contexto acima citado, o pagamento liquida a idéia da sedução baseada nos atributos pessoais de cada um. O dinheiro passa a ser o elemento mais importante e um certo tipo de poder é exercido através dele. Para alguns, é importante reforçar sua presença, para outros, é preciso camuflá-la, e ao fazê-lo os clientes vivenciam a prostituição como uma situação de conquista pautada na atração e na simpatia mútua.

No geral, aquilo que os clientes esperam das mulheres não está em consonância com o que elas professam em seus discursos. Elas reforçam a preferência pelo dinheiro e não demonstram nenhum tipo de constrangimento em recebê-lo, quando o fazem isso ocorre mesmo como uma forma de corroborar aquilo que os clientes esperam delas, isto é, prestam um serviço pelo qual esperam o pagamento e não consideram haver nada demais nisso.

O recebimento do dinheiro é o reconhecimento do trabalho realizado. Além disso, através dele as mulheres dividem os territórios de suas vidas e diferenciam a prostituição das outras relações que constroem. O dinheiro aparece como um limite, ultrapassá-lo significa ferir o projeto da prostituição, pois expressa um certo tipo de envolvimento que nem sempre é bem-vindo, mas ao mesmo tempo camufla a objetificação da pessoa humana, pois denota a presença de sentimentos, a humanidade das pessoas envolvidas na relação.

Na prostituição, as mulheres estão oferecendo um determinado serviço. Nesse sentido, elas dizem aquilo que desejam receber em troca pelo que estão dispostas a dar. Elas determinam o que querem, impõem limites e fixam regras. O dinheiro aparece para elas como mais importante do que um presente, isto porque o presente as prende a um único objeto, enquanto o dinheiro lhes traz muitas possibilidades. Além disso, o presente vai de encontro a sua liberdade, pois simboliza uma escolha que não é delas.

A mediação do dinheiro, de uma certa forma, elimina a idéia de masculinidade para os homens, o que faz com que, mesmo para seus pares, a experiência com a prostituição seja descrita como uma conquista, ou seja, não obstante assumam a relação como mediada pelo dinheiro, o discurso reafirma a capacidade de atrair as mulheres, – é bom lembrar que o dinheiro, além da constituição física de cada um, é um instrumento de atração importante – bem como de lhes dar prazer, como superior àquela de efetuar o pagamento.

Assim, não são raros os relatos em que eles consideram uma grande vitória a diminuição do preço após o ato sexual ou, ainda, a demonstração do prazer por parte das mulheres ou o interesse delas por eles, independente da transação econômica presente na relação. As mulheres, por sua vez, sabem disso e jogam com sua capacidade de sedução, de envolver o outro. Tentam atrair, demonstram interesse, fazem promessas que se verbalizam em suas falas e em seus corpos, mas principalmente na afirmação da sua capacidade de lhes dar aquilo que almejam.

O dinheiro está presente, não há dúvidas, é o fim e o meio da prostituição, mas, para os clientes, é significado como uma arma de conquista; ele torna aquele que o possui mais atraente. Nesse sentido, o *ter* é incorporado ao *ser*. Ele permite a compra de signos que diferenciam quem o possui daqueles que não o tem: são carros, roupas, perfumes e outros

inúmeros elementos cuja função é marcar uma diferença, construir o eu e o outro, separá-los, mas, também, num certo sentido, uni-los.

Na prostituição, ocorre uma inversão: o dinheiro, um meio por excelência, é transformado em fim. Ele é, simultaneamente, meio e fim da prostituição. Mas, isso não ocorre na sociedade de forma mais ampla? O dinheiro não é o fim de tudo? Suborna-se, mata-se, rouba-se, trabalha-se, expõe-se à intimidade, casa-se, prostitui-se, dentre muitas outras coisas; tudo pelo dinheiro que, por sua vez, quando obtido, abre um leque de possibilidades para quem o possui que não existia anteriormente; além disso, ele cria novas necessidades, dentre elas a de multiplicá-lo ou mesmo acumulá-lo. Por outro lado, não se relaciona com nada diretamente, só tem valor porque há leis e convenções que assim determinam.

O dinheiro é simplesmente ‘aquilo que é valioso’ e o valor econômico significa ‘ser trocável por qualquer coisa’. Todos os outros objetos têm um conteúdo específico do qual eles derivam o seu valor. O dinheiro deriva seu conteúdo do seu valor; seu valor é transformado em uma substância, o valor das coisas sem as coisas elas mesmas (SIMMEL, 1990, p. 121)<sup>11</sup>.

O valor do dinheiro deriva de outros valores. Seu valor enquanto objeto possível de ser trocado substitui o valor enquanto substância. Como valor abstrato não expressa nada mais do que a relatividade das coisas que constituem o valor; e, ao mesmo tempo, como um pólo estável, contrasta com o eterno movimento, flutuações e equações dos objetos. O dinheiro comporta-se como um ponto fixo ao redor do qual os objetos se movimentam e, ao mesmo tempo, está sempre em movimento permitindo a concretização das relações de troca; ele funciona como um objeto específico coordenado com todos os outros.

---

<sup>11</sup> No original: Money is simply ‘that which is valuable’, and economic value means ‘to be exchangeable for something else’. All other objects have a specific content from which they derive their value. Money derives its content from its value; it is value turned into a substance, the value of things without the things themselves.

Mesmo que seja considerado frio e não tenha valor senão como convenção social ou em relação com outros objetos valiosos, as prostitutas reconhecem nele um elemento fundamental para que possam realizar os seus anseios e mesmo sobreviver. Reconhecem que o dinheiro serve para lhes garantir o acesso a determinados objetos, e só nessa relação tem sentido. A vida em sociedade gira em torno dele. Em nosso tempo e espaço, não é possível ignorá-lo ou mesmo sobreviver sem ele. Somos dependentes do dinheiro, porque necessitamos de inúmeros objetos e serviços que não conseguimos produzir, mas que são por ele comprados.

De uma certa forma, o dinheiro prostituiu as relações sociais. Em nossa sociedade, tudo se troca por dinheiro; tudo está à venda. Pagamos pelo ar, pela água, pela terra, pela vida e pela morte. As relações entre seres humanos, mesmo em última instância, têm sempre alguma ligação com o dinheiro. Até mesmo os sentimentos foram re-formatados na sociedade do dinheiro. Atualmente, nada ou quase nada é realizado sem ele. No entanto, por paradoxal que possa parecer, através do dinheiro as relações marcadas pelo individualismo próprio da sociedade ultrapassam a troca econômica. O dinheiro possibilita a vida em sociedade. Disso decorre que pensá-lo apenas como um objeto econômico é negar toda a riqueza nele contida.

Por tudo isso, e muito mais, o dinheiro não é apenas o símbolo das relações de prostituição, mas também da modernidade, do nosso tempo. Assim como, de certa forma, a prostituição também pode ser pensada como o símbolo da nossa época, pois até mesmo valores considerados socialmente positivos, importantes e sagrados são mercantilizados e envolvidos pela lógica do dinheiro, mas, ao mesmo tempo, ultrapassa-a no sentido de que nela está envolvida uma série de emoções e sentimentos que permeiam as relações humanas, sem as quais a sociabilidade moderna pautada nas relações monetárias não seria possível.

Por isso mesmo, embora esteja discutindo a troca do sexo pelo dinheiro, minha reflexão não se pauta em conceitos econômicos, mas sociológicos. Aqui tomo a reflexão sobre

valor, mesmo aquela engendrada no campo econômico, buscando inseri-la em uma relação social, ou seja, em uma relação que ultrapassa em muito o debate econômico e aponta para a própria compreensão da sociedade, do tecer de fios sociológicos que permitem sua existência.

Na reflexão que me propus a fazer pensar a prostituição implicou, desde o início, em me deparar com a idéia do dinheiro, do valor e do preço como formas fundamentais por meio das quais as relações de prostituição ganham contornos específicos.

## 2.1 DINHEIRO: PARA ALÉM DOS ASPECTOS QUANTITATIVOS

A prostituição ao ser mediada pelo dinheiro lança uma nova luz sobre o papel da moeda na relação entre os sexos e na forma como a própria sociedade se configura nos dias atuais. Ao desejo carnal, tão bem servido pela prostituição, só convém o equivalente monetário, pois ele não estabelece compromisso algum e permanece, em princípio, disponível e bem vindo a todo instante.

Tratando-se das relações inter-humanas, que buscam pela essência a duração, assim como a verdade interior das forças de ligação (...), o dinheiro nunca poderá ser um mediador adequado; mas, tratando-se do prazer venal, que recusa toda relação para lá do instante e da pulsão sexual, esse mesmo dinheiro, por se destacar inteiramente da personalidade, uma vez pago, e por romper radicalmente com toda outra espécie de consequência, é a prestação mais perfeita, tanto de um ponto de vista real como simbólico: pagar em dinheiro é terminar radicalmente com tudo, assim como a prostituta depois da satisfação (SIMMEL, 1993, p. 51).

Por paradoxal que possa parecer, o aviltamento da prostituição deve-se justamente ao fato de ela degradar o que é socialmente considerada a posse mais pessoal e *reservada* da mulher, a tal ponto que o valor mais neutro e anônimo, o dinheiro, é aceito como equivalente adequado para a troca que tem lugar na relação. De forma geral, na prostituição, o dinheiro aparece como um substituto do elemento pessoal; através dele, a relação sexual que, ao menos em tese, deveria

ser perpassada por elementos de afetividade e intimidade, se tornaria impessoal, racional, quantitativa.

Na prostituição, a moeda aparece como a condensação de um valor econômico, embora não seja apenas isso. Há muito mais em jogo, tanto para homens quanto para mulheres. Nenhum fenômeno é puramente econômico; todo evento econômico tem implicações sociais. A sociedade é uma rede de relações sociais, econômicas, culturais que se entrecruzam formando um tecido específico. Há multicausalidades por toda parte, e não poderia deixar de ser assim com o dinheiro, que não se esgota no econômico; além disso, tal dimensão não é a única presente quando ele se insere nas relações de prostituição.

O dinheiro é a coisa mais impessoal que existe na vida prática; como tal, é de todo inadequado a servir de meio de troca contra um valor tão pessoal quanto a entrega de uma mulher. Se, todavia, desempenha esse papel, rebaixa a seu nível essa realidade individual de valor específico, provando então à interessada que ela não põe sua propriedade mais pessoal acima desse meio de troca, que equivale igualmente a milhares de outras coisas de menor preço (SIMMEL, 1993, p. 05).

Na prostituição, o pessoal e o impessoal se encontram. Quanto mais impessoal o dinheiro é, ou seja, quanto mais plenamente desenvolvidas as condições para uma economia monetária, mais ele perde o conteúdo pessoal, pois ao se tornar medida de todas as coisas, uma infinidade de objetos extremamente diferentes são obtidos através dele. Ele perde a cor e as características que lhe individualizam e é a ausência de coloração e qualidade que, em certo sentido, desvaloriza tudo aquilo a que ele é equivalente.

O dinheiro é o símbolo do valor, um valor que se expressa econômica, mas também simbolicamente. Assim, a negociação vai além do preço; nela estão em jogo conteúdos simbólicos como o desejo, o sentir-se importante, a valorização do outro como ser humano, a capacidade de cada um tornar-se desejável e mais. No caso específico da prostituição, não se trata

apenas de pagar menos ou pedir mais, mas da significação que as conquistas realizadas tem para ambas as partes.

Na Praia do Meio, a negociação está repleta de conteúdos simbólicos que determinam os rumos da relação. Tais conteúdos expressam-se de forma clara em algumas falas de homens e mulheres que entrevistei, em outras, aparecem sub-repticiamente, exigem atenção para se mostrar, mas estão lá e demonstram que no processo o próprio dinheiro é também valorado, ganha um sentido dentro da prostituição, tanto para homens quanto para mulheres, que ultrapassa seu conteúdo meramente econômico.

O preço no discurso masculino está relacionado ao poder de atratividade de cada um. Na negociação, os homens também estão sendo valorados, por isso é preciso garantir um preço possível de expressar seus atributos pessoais. Para os clientes, baixar o preço tem um significado para além da mera poupança de dinheiro e é inversamente proporcional ao seu poder de sedução, ao desejo presente na relação, à capacidade sexual e também ao poder de convencimento, ligado a esperteza e a capacidade de dar rumo à relação. Assim, através de um elemento quantitativo como o dinheiro, expressam-se elementos de ordem qualitativa.

- O ego. Cada baixa de preço é, é, é, um ponto pro meu ego e pra qualquer homem. Nossa, se a mulher começa cobrando 100 e sai por 30, você pode pensar assim: - *ela tá desesperada por dinheiro*. Mas também pode pensar assim: pôxa, você despertou alguma coisa nela, ela lhe achou um cara bonito, um cara interessante. Você no mínimo, no mínimo, no mínimo, por baixo, ela não se importa de tá falando com você por R\$ 30,00, quando, a gente sabe, que têm algumas pessoas que ela deixa bem claro: *Não, esse daí, eu só vou por R\$ 100,00.* **(Caetano, 33 anos)**

- Geralmente eu negocio de... Você tá na Praia do Meio, eu tô sentado num bar, tomando uma cerveja, chamo pra sentar conversar; converso uma meia hora tomando uma cerveja, nessa conversa rolando, já rola a negociação. Ela pede um preço, tu tenta baixar. Se ela não baixar, tu negocia, é... Geralmente se baixa, geralmente, acho que em 1% só das ocasiões você sai com a menina, até mesmo pelo fato de eu não ligar, de eu não sair com meninas de jornal ou de, dessas casas assim de prostituição, que eu falei que eu nunca vou a essas casas de prostituição tipo senzala, ilha. Então sempre rola a negociação. A primeira abordagem sempre é, uma conversa, um, cê troca uma conversa, troca uma idéia de 15 minutos, meia hora, antes de ir direto ao assunto. **(Damião, 21 anos)**

A prostituição funciona como um tipo de mercado: escolhe-se e negocia-se. Nele, oferecem-se produtos por um determinado preço, mas há sempre uma possibilidade de conseguir uma baixa na quantia solicitada. Quando isso ocorre, tem um significado para além da capacidade de negociação do cliente, pois abarca outros elementos que acabam por dar sustentação a sua auto-estima, pois aparecem relacionados ao seu charme, poder de atratividade e capacidade de conquista; mesmo que o dinheiro apareça de forma nítida, ele também ganha novos sentidos durante a transação. É como afirma um dos entrevistados: *cada baixa de preço é um ponto no ego*.

A baixa do preço dá ao homem um sentido de competência tanto econômica quanto pessoal, indica que ele tem manha, jogo de cintura, que a mulher pela qual ele se interessa não o rejeita completamente, mas ao contrário é capaz de abrir mão de parte daquilo que mais lhe importa para estar em sua companhia.

Percebe-se ainda, no discurso dos clientes, a negociação como um momento em que ocorre uma maior aproximação do outro. É o período da conversa, da fixação das regras e do preço. Não é um processo meramente calculista. De ambos os lados, é preciso ter jogo de cintura, tratar bem, fazer o outro se sentir importante. Há uma série de elementos permeando e construindo o momento que vai além das questões puramente comerciais. Busca-se instaurar uma certa intimidade, um jogo de conquista, sem, contudo, perder de vista que por trás dele há interesses explícitos de ambos os lados.

Mesmo mediado pelo dinheiro o jogo da conquista está presente nas relações de prostituição e também expresso no elemento econômico. Para as mulheres, trata-se de subir o preço para aumentar o valor social conseguido; para os homens, de baixá-lo, de se sentir desejado para além das compensações financeiras. A queda ou crescimento do preço não remete somente a conseguir mais dinheiro ou a pagar menos, vai além, passando não só pelo lugar de cada um dos

envolvidos na relação, mas também na sociedade. O preço pago marca o valor social da mulher, que decresce na medida em que a quantidade de dinheiro diminui.

A prostituição configura-se como um jogo social, implicando assunção de regras. Cada ator nele envolvido tem um lugar estabelecido, *toma um lugar no tabuleiro*; quando as regras são seguidas, à troca se estabelece; nesse jogo cliente e prostituta ganham, seja prazer, seja dinheiro; trata-se de mostrar o potencial no jogo, diferenciar-se, tornar-se importante, conseguir um valor diferenciado daquele inicialmente implícito ou negociado. A diferença entre o que é pedido e o que é pago, por menor que seja, tem um significado para além das leis mercadológicas que definem preços.

Nas relações de prostituição, ocorre uma negociação em que as mulheres e os clientes chegam a uma quantia possível para ambos. Não há um preço único. Ele é variável, tendo em vista que as mulheres e os clientes também o são. Tudo depende da configuração que o jogo toma no momento do encontro entre cliente e prostituta. Há uma infinidade de elementos aí envolvidos que passam pela constituição do preço, um preço que, na realidade, expressa o valor econômico e social da mulher e do homem que participam da negociação.

O preço está diretamente relacionado ao valor e, além de expressar fortemente uma dimensão econômica, também remete a questões mais amplas e outras mais específicas. Dito de outra forma, a fixação do preço da prostituição depende de questões pessoais, das necessidades específicas de cada mulher ou cliente no momento da troca, da sua auto-estima, do tipo físico de cada um, das exigências postas no momento da negociação e também de questões relativas à própria forma de organização da sociedade, ao espaço tempo em que a prostituição se insere e a forma como o grupo se configura.

Embora a fixação do preço pareça ter uma dimensão estritamente individual, passando exclusivamente pelo âmbito pessoal de cada uma das mulheres que se prostituem, de fato, parece não ser exatamente isso o que ocorre.

- Antigamente a gente se reunia e dizia um preço, hoje com essa história de droga não tem mais isso não, cada uma faz como quer. **(Beth, diário de campo)**
- Entre vocês, vocês combinam o preço?
- Não, cada uma pede seu preço. **(Betinha, 23 anos)**
- Existe alguma combinação de preço entre vocês?
- Não, cada uma tem seu preço.
- E por que isso?
- É porque cada pessoa é cada pessoa, né. E cada uma tem seu preço e é assim aqui. **(Paula, 18 anos)**

Ainda que todas elas afirmem ser o preço fixado individualmente, não pude deixar de notar que, na Praia do Meio, por exemplo, os preços não têm grandes diferenciações entre si. Salta aos olhos a homogeneidade das quantias solicitadas, só havendo grandes diferenciações quando as mulheres são usuárias de drogas ou se encontram em situações extremas. Assim, mesmo indo de encontro à afirmação feita por elas, percebo que o preço não passa somente pelas questões particulares de cada uma. Pois, se entendo que a prostituição está inserida em um mercado, não posso deixar de levar em consideração que há leis invisíveis que perpassam sua constituição, tais como as da oferta e da procura, da concorrência, dentre outras.

Analisar de que forma o preço é fixado exige considerar também que as mulheres estão em constante contato umas com as outras, conversam, trocam experiências e, de alguma forma, sondam o preço cobrado pelas companheiras. Além disso, se há mais ou menos mulheres no local, a concorrência faz com que elas cobrem de acordo com as condições do momento. Há uma rede de informações que influencia nos limites dos preços que cada uma sabe ser possível cobrar. Não há grandes disparidades, até mesmo porque o próprio local caracteriza, do ponto de vista financeiro, um tipo específico de prostituição.

A aferição do preço passa também pelo nível de riqueza ou pobreza que o cliente demonstra possuir. Não se trata apenas do que ele consideraria justo pagar, mas de quanto é possível para ele dispor nas circunstâncias e no momento determinado. Se o objetivo é trocar, tem-se que levar em consideração as condições daqueles a quem o produto é oferecido. O preço é negociado também de acordo com o ponto<sup>12</sup> de prostituição onde a mulher está, com os serviços solicitados e mesmo com as condições financeiras do cliente.

Devo lembrar que além de muitos outros elementos, alguns dos quais acima referidos, há repertórios sociais que são utilizados na fixação do preço que não podem ser desconsiderados e passam tanto pela forma como a sociedade percebe a Praia do Meio, ou seja, com o tipo de ambiente criado pelo olhar social, quanto pela forma como percebe as mulheres que lá se prostituem e pelo lugar que o feminino ocupa em sociedade.

Por tudo isso, na Praia do Meio, o preço do programa, em média, varia de R\$ 20,00 a R\$ 60,00<sup>13</sup>, caracterizando uma prostituição que se poderia nomear como de porte médio<sup>14</sup>. O valor não é fixo, mas há um acordo implícito entre as mulheres que determina o mínimo a ser cobrado, bem como há elementos sociais por traz da fixação do preço; no entanto, há flexibilidade e, em geral, as regras são acertadas no momento da negociação.

As variações de preço estão ligadas tanto ao local onde as mulheres se encontram, pois, mesmo dentro da Praia do Meio, há uma hierarquização relacionada ao espaço (na Ladeira do Sol, os preços praticados são um pouco maiores do que aqueles da avenida 25 de dezembro, especialmente em relação às mulheres que se localizam nas imediações do motel L'Amore),

---

<sup>12</sup> O termo ponto relaciona-se ao local onde elas comumente se posicionam em busca de programas.

<sup>13</sup> No caso de crianças e adolescentes, no período pesquisado, o preço variava de R\$ 200,00 a R\$ 500,00. Tais valores não foram tomados como referência por não estarmos tratando especificamente com problemáticas relacionadas à infância e adolescência.

<sup>14</sup> Vale lembrar que, na época em que a pesquisa foi realizada, em alguns locais da cidade era possível encontrar programas de R\$ 5,00 e, muitas vezes, até por valores menores. Por outro lado, havia lugares em que o menor preço era R\$ 100,00, variando de acordo com o interesse e as condições do cliente.

quanto às necessidades individuais de cada uma, mas, no geral, em um mesmo local, as variações são bem pequenas, conforme é possível vislumbrar na fala das mulheres.

- Você cobra em torno de quanto, o programa?
- 40 reais. Aí, quando eles acham caro, dá 30, 35... **(Pâmela, 19 anos. Ladeira do Sol)**
- Quanto é que custa um programa?
- O meu programa é uns 70 reais, 60...
- O preço mais alto?
- Aí é 100.
- E o mais baixo?
- É 50. **(Cláudia, 29 anos. Ladeira do Sol)**
- Quanto é que custa o programa?
- 50.
- É o preço máximo?
- É. Aí se chegar assim, até 40 à gente vai. **(Lúcia, 21 anos. Ladeira do Sol)**
- Quanto é mais ou menos o preço do programa?
- 50 reais. Varia, entre 30 e 50. É o mínimo 30, o máximo 50. **(Kátia, 23 anos. Ladeira do Sol)**
- Quanto é mais ou menos o programa?
- O programa? 50 reais, 30 reais.
- Como é que se dá essa variação?
- 50 reais é porque é pra fazer tudo, né? E 30 não, só faz, assim, uma coisa só. **(Paula, 18 anos. Av. 25 de dezembro)**
- Qual é a média de preço que você cobra?
- De 30, 40 e 50 reais. Aí o menor preço é 20. **(Indiara, 19 anos. Av. 25 de dezembro).**
- Quanto é que custa o programa?
- 20, a partir de 20. **(Adriana, 28 anos. Av. 25 de dezembro)**

Ao responder a pergunta *quanto custa o programa?*, todas as mulheres tendem a citar um valor que não é de fato praticado. Elas puxam o preço para cima, mas isso não ocorre apenas ao serem questionadas por mim, fazem o mesmo com os clientes, pois é preciso ter uma margem para negociação. Ora, se a negociação é uma prática rotineira, certamente a quantia final a que se chega quase nunca é a mais alta, mas varia entre a menor e as intermediárias. Portanto, tendo em vista que o preço é uma representação do valor quanto maior a quantia que se afirma cobrar, mais elas parecem se sentir importantes e valorizadas.

As variações de preço estão ligadas também à negociação. Não ocorre um processo estanque, mas um movimento do qual homens e mulheres participam ativamente. A prostituta dá

seu preço, os clientes barganham, chega-se a um acordo e a negociação é concretizada. Quando o valor conseguido ultrapassa o solicitado, as mulheres sentem-se orgulhosas e reafirmam sua capacidade, competência sexual e sua idéia de feminilidade, não importando se o dinheiro obtido por meio da negociação as degrada socialmente ou não. No momento em pauta, o que interessa são suas necessidades imediatas, o que, de certa forma, dá o tom daquilo que é ou não considerado justo.

Não é possível afirmar o que seria um preço justo do ponto de vista do valor social da mulher, mas há necessidades reais ligadas à sobrevivência cotidiana, à educação dos filhos e às obrigações familiares. Além do que se poderia chamar de necessidades básicas diárias, há também aquelas criadas pela sociedade de consumo fortemente estabelecida no mundo capitalista.

- Porque é um dinheiro assim, né, que a pessoa tá cobrando aquele dinheiro. Aí eles num quer dá, quer dá menos. Tem uns que dá 100, 150, quando eles, uns que tem dinheiro mermo, né? Eles num... Eles num exige nada. Eles num cobra nada. É aqueles que têm dinheiro mermo. Esses empresário mermo que vêm procurar a gente. Eles dá assim, sem pena, que a pessoa vê que eles dá assim sem pena. Eles dá 100, 150, a pessoa, 200. Mas aí é raro. É difícil. Aparece mais esses de 50, de 40. **(Lúcia, 21 anos)**

- Um preço justo? Era, era 100 reais, né? 50 reais é muito pouco. Porque a mulher vale 100 reais, 50 reais é pouco. É ... acho que o preço era 100 reais. Mas devido às meninas que usam drogas, porque os preços dos programas antes eram melhores, principalmente aqui na praia. O programa aqui era 100 reais. Aí quando chegou o tal do crack em 1997, aí elas começaram a se prostituir por 10, por 15, né? Tem menina lá embaixo que cobra 5 reais, tá entendendo? Mas pra consumir o vício, as pedras. Aí acabou com a praia. Quando existia só, aquela maconha, né? Que as meninas fumavam só maconha era melhor, mas quando chegou as pedra, o crack, aí elas começaram a se prostituir por 5, por 10, por 15 reais. **(Kátia, 23 anos)**

No discurso das prostitutas, há quantias que parecem degradar sua condição de mulher, assim como há montantes que reforçam e mesmo reafirmam sua importância enquanto seres humanos e profissionais. As prostitutas, à medida que baixam o valor solicitado a quantias muito pequenas, prejudicam-nas umas as outras. A droga é um dos elementos que faz com que

isso ocorra, por retirar delas a idéia de pertencimento a um grupo e local específico com regras e limites fixados que, inclusive, colabora para formar a identidade e a auto-imagem das mulheres que se prostituem em seu interior.

Durante a fase de negociação, mulheres e homens tentam fixar o preço considerado justo ou, no extremo, aquele não percebido como injusto – tanto os homens como as mulheres entrevistadas foram unânimes em afirmar que não há preço justo na compra de serviços sexuais no campo da prostituição. No entanto, há sempre nuances que podem fazer subir ou baixar o preço.

Ora, se não há preço justo, como se chega a um valor específico? Mais uma vez aquilo que é professado não é exatamente o que se pensa. Afirmer que não existe preço justo é corroborar o discurso social de que o sexo é algo tão íntimo que não poderia ser vendido, que transformá-lo em mercadoria é igualá-lo ao mais execrável produto. Mas, de fato, não é isso que ocorre. O sexo é, em nosso tempo e espaço, amplamente comercializado. Algumas formas de comercialização são, inclusive, larga e abertamente aceitas e até mesmo incentivadas, enquanto outras são tomadas como contraponto do que seria socialmente admissível.

A prostituição aparece como um dos contrapontos e, aquela que tem lugar na rua encontra-se no último grau da escala. Em uma sociedade que transformou o homem em mercadoria e o compartimentalizou é sempre necessário resguardar, ao menos em nível de discurso, alguns terrenos *sagrados*. É isso que acontece quando o assunto é sexualidade ou, mais precisamente sexo; há uma série de proibições, de interditos, de limites que não devem ser ultrapassados, mas que a própria sociedade contribui para que sejam burlados.

Se em nível de ideal ou de discurso não existe preço justo, na vida real é sempre possível negociar e chegar a um preço que esteja de acordo com os anseios individuais de ambas as partes envolvidas na negociação que tem lugar no universo da prostituição. Nesse momento

existe, na maior parte das vezes, a possibilidade de outros elementos, além do valor monetário, serem levados em consideração como componentes do preço, daquilo que é considerado justo, tais como: a rapidez do programa, a forma como o homem trata a mulher, aquilo que é esperado do ato sexual, o local onde a mulher se encontra e o investimento pessoal de cada um dos participantes do jogo.

Na Praia do Meio, a justeza ou não do preço, em muitos casos, pode estar mais relacionada a questões subjetivas e menos à quantia em si. Dito de outra forma, um grande montante em dinheiro pode significar pouco se não é acompanhado de um tratamento digno e uma pequena soma pode ser suficiente quando a relação está dentro das expectativas dos envolvidos na troca.

- Nenhum preço pra se vender num é legal. **(Valéria, 19 anos)**

- Um preço justo é quando um home não lhe explora e lhe dá 100, 200 e ele é um cara legal, lhe tratou como uma mulher, não como uma máquina.

- E o que não é um preço justo?

- Aqueles que pára, cheio de dinheiro e diz: - *vou comer seu cu, sua buceta, vou gozar na sua cara*. Aí esses daí merece a gente levar é tudo dele. Porque esse daí vem só pra humilhar, tirar onda<sup>15</sup>. Você já tá rebaixada e ele ainda quer rebaixar mais, aí num dá.

**(Vanessa, 25 anos)**

- Ah, num é um preço justo 15 reais. 20, ainda diz algo dependendo do cliente, porque o ato pode ser rápido e bem mais, assim, quer dizer, bem menos, menos explorado, né?

**(Paula, 30 anos)**

- Porque eu não valo 20 reais. Aí a gente vai perder a nossa moral, entendeu? Desvaloriza muito... **(Cláudia, 29 anos)**

- Olhe, do jeito que tá hoje eu acho que não tem valor justo não. Hoje quem quiser arrumar mulher pra transar vai pra uma festinha, vai no interior aqui perto consegue, sem pagar nada. Eu acho que, um valor justo, vamos supor, ah, não tem não. Não existe, não existe. Cada uma dá seu valor. **(Raimundo, 22 anos)**

- Um valor justo hoje, eu já não digo que exista. Existe o nível social, tem umas que investe bem, vem de estados de fora e vem de um nível mais, um luxo muito alto, muito bonitas e até, que é cada miss, certo? Que eu conheço muitas mulheres bonitas. Essas aí sempre têm um determinado custo para a pessoa sair e tem aquela do nível da, do meretrício mais baixo, da, da, da baixa categoria que também tem outro valor. Eu acho que, eu acho que isso aí vai variar em função do nível social e do tipo de cabaré o qual você tá saindo com aquela menina pra usá-la. **(Sebastião, 61 anos)**

---

<sup>15</sup> Ridicularizar; agredir; não pagar.

- Realmente, preço justo, nenhum. Não existe um preço justo, mas, varia de cada uma, varia de... Varia da mulher também, do local que ela frequenta, acho que o preço, paga-se mais pela qualidade e pelo local que ela se encontra do que pela mulher em si.  
**(Damião, 21 anos)**

Apesar do discurso, há sempre a possibilidade de acordar um preço, pois se assim não o fosse a prostituição não se concretizaria e, além disso, nem sempre a quantia estabelecida é representada como a degeneração moral da mulher que se prostitui. O programa pode ocorrer de forma a não atingir negativamente o seu ser, mas reforçando sua função como válida socialmente e sua importância como ser humano.

Para que um determinado montante esteja dentro das expectativas do grupo e da prostituta, necessário é que venha acompanhado de um tipo de tratamento específico. Passa, como nos diz elas, por não tratá-las como *máquinas*, por ser um ato *menos explorado*, o que significa que a educação, a gentileza, a não agressão, a rapidez do programa, o tipo de sexo que se busca e faz, o reforço da positividade dos seus elementos físicos e intelectuais e sexuais por parte do cliente, tudo isso, aliado ao pagamento do programa, concorre para que ela se sinta valorizada e menos explorada e simbolicamente também configura a justeza ou não do valor acertado, o que demonstra não ser possível avaliá-lo apenas do ponto de vista matemático, mas englobando muitos outros elementos.

Para os homens entrevistados, o pagamento de um determinado preço está relacionado a fatores concretos: ao lugar onde a mulher se encontra, ao investimento feito por ela e também a sua aparência física. Para a mulher, a aceitação ou não de uma determinada quantia refere-se, na maioria das vezes, ao tratamento recebido e à importância que lhe é dada dentro da situação vivenciada.

De outro lado, a idéia de preço justo passa pela forma de perceber a sexualidade, o gênero e mesmo o dinheiro em nossa sociedade. O sexo não deveria, ao menos em princípio, ser

algo comercializável, pois não se configura como uma mercadoria real. Segundo Polanyi (2000), as mercadorias são empiricamente definidas como objetos produzidos para venda no mercado. Assim, o sexo, que se confunde com o próprio corpo do ser humano constituir-se-ia como uma mercadoria fictícia<sup>16</sup>.

A não existência de preço justo decorre da idéia do ser humano como uma pessoa total, não passível de ser separada em partes comercializáveis. A prostituição realiza o processo inverso: separa o ser total de uma parte dele; transforma um comportamento ou parte do corpo em uma mercadoria a ser negociada. Portanto, na nossa sociedade, o trabalho sexual configura-se como uma mercadoria inserida em um mercado específico, uma mercadoria fictícia na acepção Polanyi, mas, como todas as outras, sujeita as leis de regulamentação do mercado.

No universo da prostituição que tem lugar na Praia do Meio, mesmo que as prostitutas indiquem alguns montantes como referência a sinalizar suas necessidades diárias, de forma geral, tanto homens como mulheres, a partir de parâmetros diferenciados, têm em mente, de forma clara, o preço que não consideram justo e é também a partir dele que negociam e fixam limites que não devem ser ultrapassados.

Se a prostituição é uma realidade degradante, cercada de preconceitos e discriminação, as mulheres e os homens são conscientes de tais fatos e, por isso mesmo, fixam valores, os quais representam um limite que não é permitido ultrapassar e, abaixo do qual, ela se tornaria ofensiva. Tais valores também não são fixos e diferenciam-se de acordo com inúmeros fatores, dentre eles gostaria de destacar o nível social da prostituta.

Em outras palavras, quanto mais pobre o ambiente em que a mulher se encontra, mais o seu preço decresce. Em meio às inúmeras formas existentes de prostituição, a de rua é uma das

---

<sup>16</sup> Para discussão do dinheiro e do ser humano como mercadorias fictícias, ver Polanyi (2000).

menos valorizadas, podendo essa desvalorização ser ainda maior se a mulher se encontra em Ponta Negra, na Praia do Meio ou nas Rocas<sup>17</sup>. O cliente procura, de acordo com suas condições, aquilo que julga ser um produto melhor ou pior, considerando o ambiente onde as mulheres estão inseridas.

- É o que menino!?! Deixe de ser mentiroso. Eu num trepo por 5 reais, não... Cê é doido!
- Vai lá na Bernardo Vieira.
- Na Bernardo Vieira, viu. Você está na Praia do Meio. **(Eliane, 23 anos e Nicolau, 24 anos)**
- O que seria um preço justo?
- depende!!!! Eu não posso comparar uma vendedora de loja, de boutique, que faz programa, com uma menina das Rocas. **(Caetano, 33 anos)**
- Quanto é mais ou menos o programa?
- Geralmente nós cobra 50 reais. Se for brasileiro, se for daqui.
- E se for de fora?
- 80, 100. Se tiver nas boate eu cobro 100. **(Elisângela, 20 anos)**

As mulheres parecem cientes que o espaço físico onde fazem programa está diretamente ligado ao preço cobrado. Em uma sociedade em que as aparências parecem ser mais importantes do que as pessoas por traz delas e em que as funções substituem os indivíduos que as ocupam, o lugar onde a prostituição se desenrola representa um certo investimento pessoal e diferencia as mulheres umas das outras, o que faz com que em um outro local uma mesma mulher cobre um preço maior ou menor do que aquele que cobraria na Praia do Meio, por exemplo. Os valores cobrados estão relacionados com a identidade do lugar e com a imagem projetada por ele no universo mais amplo em que se insere.

As mulheres, por sua vez, são classificadas pelo olhar do outro de acordo com o local onde se encontram. Elas têm um *status* diferenciado que as classifica como mercadorias mais ou menos valiosas, embora prestem basicamente os mesmos serviços e, enquanto seres genéricos, não possam ser diferenciadas umas das outras.

---

<sup>17</sup> Diferentes bairros da cidade de Natal.

Para os clientes, o ambiente no qual a prostituição se desenrola parece ser um dos fatores mais relevantes para a determinação do preço, no entanto o que se perde de vista nessa equação é a mobilidade das mulheres. Em geral, as prostitutas que comumente fazem ponto na Praia do Meio, em algumas épocas do ano migram para outros lugares, seja para boates ou mesmo para Ponta Negra, e lá passam a cobrar preços semelhantes àqueles praticados pelas demais companheiras do lugar.

A diferenciação existente entre a prostituta da Praia do Meio, das Rocas, da Bernardo Vieira ou de qualquer outro local da cidade, no que concerne ao ambiente de prostituição, é muito tênue, pois é prática comum as mulheres circularem pelos diversos espaços da cidade. No entanto, através dessa diferenciação, clientes e prostitutas criam mais uma vez um *outro* dentro da prostituição e constroem uma identidade que se afirma positivamente em relação a contra-imagem projetada.

Dessarte, os repertórios estabelecidos para um preço ser considerado justo, ou não, passam por critérios fixados socialmente: o lugar onde se está, a aparência que se tem, as condições sócio-econômicas nas quais se vive; tais aspectos e muitos outros entram em cena na formação do preço e conseqüentemente do valor. Os homens consideram as mulheres mais ou menos valiosas levando em consideração tais critérios; as mulheres também compõem a sua auto-imagem e fixam um preço tendo como pano de fundo toda uma gama de elementos, inclusive a imagem que pensam projetar para o cliente.

Mesmo que não haja um acordo explícito entre homens e mulheres com relação à quantia a ser paga ou recebida, há regras implícitas que fixam limites e são seguidas pelos atores que constroem a relação. As diferenças de valor são fixadas pela capacidade de negociação e também pela subjetividade.

Em geral, as mulheres são conscientes de que o preço é sempre um acerto, e jogam com isso. Os homens, por sua vez, não o fazem diferentemente. O dinheiro é um símbolo de poder para ambos; os dois cedem no processo para garantir que a relação se estabeleça, mas isso é feito de forma a reforçar conteúdos simbólicos que compõem o preço acertado. Na Praia do Meio, para a mulher, é o momento de se mostrar capaz, sedutora, de despertar as fantasias e o desejo masculinos.

- Como ele negocia? Ele chega aí fala: - *o que é que você faz?* Geralmente, né. Aí a gente vai conversa o slogan, né? O marketing. Aí a gente faz é, sexo oral, menos sexo anal, eu não faço. Sexo anal eu não gosto. É, faço gostoso. Aí começa a falar aquele slogan, aquelas coisas pra ele ficar excitado pela gente e sair com uma de nós. **(Kátia, 23 anos)**

*O slogan, o marketing*, a que Kátia se refere, diz respeito a um conjunto de frases de efeito erótico, explicitamente ou não, que objetiva demonstrar o grau de competência pessoal da mulher e torná-la ainda mais desejável para o cliente, de forma a que na negociação ela seja valorizada, tanto no sentido da prestação do serviço, quanto do acerto do pagamento. Tais estratégias exigem da mulher um alto grau de observação em relação ao cliente, de forma a utilizar o tom de voz, a postura corporal, o conteúdo de cada frase como arma de conquista que venha a beneficiá-la no acerto final.

A troca, de forma geral, configura-se como um momento de relativa igualdade entre os indivíduos, aceitam-se ou não suas condições. Parece-me que em nenhum momento é apenas o preço conseguido que é levado em consideração, mas, dentre outras coisas, o nível de desejo e necessidade dos sujeitos nela envolvidos.

Se retomo a discussão empreendida por Simmel (1990), veremos que, para ele, o dinheiro não tem sentido senão na troca. A substância do dinheiro é indiferente. O dinheiro não tem cor, propicia o esquecimento, não tem a marca de nada especificamente, isto é, não remete a

tempos, pessoas ou acontecimentos. Como algo objetivo e indiferente, não conta histórias, mas apresenta-se como um resultado puramente quantitativo. O dinheiro deixa esquecidas origem e trajetória.

Como resultado, no processo de compra e venda pelo dinheiro, tudo é objetivado, até mesmo os seres humanos são percebidos como objetos. É precisamente tal fenômeno que facilita a prostituição, pois, se para o cliente não importa a mulher que se prostitui enquanto ser subjetivo, para ela, o mesmo acontece. Na maioria das vezes, o cliente é apenas aquele capaz de lhe oferecer o que deseja: o dinheiro. Ocorre uma dupla redução, em que ambos os atores são despojados do sentido de ser humano. Mesmo assim, a prostituição é repleta de emoções e sentimentos que passam pela reserva, aversão, estranheza, antipatia, simpatia, desejo, sensualidade, alegria, tristeza, etc.

Por outro lado, na prostituição, a objetividade do dinheiro permite às mulheres uma certa liberdade para agir e conseguir determinados benefícios em situações específicas, seja utilizando o seu poder de sedução, seja utilizando meios escusos para aumentar suas vantagens no processo. O dinheiro não deixa rastros, por isso pode ser facilmente tomado sem que isso venha a comprometer de fato sua função de prostituta.

- Rupinol<sup>18</sup> é o que a gente dá pros gringo pra roubar eles. A gente dá rupinol a eles e depois faz o serviço. A maioria vem pra ficar uma, duas semanas. Só os que têm muita verba passa mais de um mês, dois. E dinheiro não tem nome, nem documento. **(Eliane, diário de campo)**

As mulheres buscam conseguir vantagens adicionais no processo de prostituição. Para tanto, algumas fazem uso das suas habilidades sexuais, como é o caso de Kátia, outras utilizam meios menos honestos. Em qualquer um dos casos, elas precisam ser hábeis no sentido

---

<sup>18</sup> A grafia correta seria roupinol e trata-se de uma droga utilizada para aplicar golpes que deixa as pessoas inconscientes, sem noção daquilo que fazem ou do que é feito com elas.

de não comprometer sua função e espaço de trabalho. Estão inseridas em um mercado, no qual a ordem é levar vantagem, conseguir o máximo possível com um mínimo de esforço, não importando a lisura do processo, mas os resultados.

Quando se trata de infringir as regras, de roubar ou furtar os clientes, os gringos ou estrangeiros são os mais vulneráveis; já que eles estão de passagem, não é necessário que elas se preocupem com a volta deles; são presas fáceis para as prostitutas que desejam roubá-los, e, por não conhecerem o lugar ou suas regras, são facilmente enredados em situações desvantajosas para si mesmos.

O roubo é uma prática que pode dificultar o trabalho da prostituta, pois, embora não pareça de imediato, a relação de prostituição tem como base a confiança entre as partes. Ambos, cliente e prostituta, têm que, de certo modo, acreditar que o acordo estabelecido será respeitado, do contrário, dificilmente a prostituta conseguirá novos clientes, já que o roubo marca tanto a si mesma quanto o lugar como indesejáveis.

Portanto, só por não trazer à tona tipo algum de identificação, o dinheiro cria as condições objetivas e subjetivas para o desenrolar de práticas que vão de encontro às próprias bases necessárias para que a prostituição se firme, ao mesmo tempo que possibilita também a ocorrência das relações de prostituição, que, exatamente pela presença do elemento monetário, possuem limites claros no campo da intimidade e do amor, não significando dizer, no entanto, que os limites não sejam ultrapassados.

Se o dinheiro não tem valor em si mesmo e é, por assim dizer, neutro, ele adquire um valor simbólico no momento da troca. Isso é o que ocorre na negociação que antecede à troca sexual propriamente dita. Mas se ele se transformou em uma espécie de deus/demônio do nosso tempo, seu significado parece-me ultrapassar o mero momento do acerto dos serviços prestados e o montante em dinheiro a ser pago. Atualmente, ter ou não ter dinheiro significa muito mais do

que poder comprar, ou não, objetos; ele tornou-se o símbolo do valor, mas não apenas do ponto de vista econômico.

Segundo Simmel (1990), o dinheiro na modernidade tornou-se uma espécie de deus. A essência da noção de deus é aquela na qual todas as diversidades e contradições no mundo conseguem uma unidade. No elemento monetário, todas as estranhezas, incoerências, elementos e situações irreconciliáveis da existência encontram uma unidade e equalização. Ele seria uma espécie de centro congregador dos mais diferentes anseios e necessidades e, por isso mesmo, desejo e necessidade de todas as pessoas que vivem em sociedade.

Não há dúvida de que, nessa área, os sentimentos que o dinheiro excita possuem uma similaridade psicológica com isso. Na extensão em que o dinheiro torna-se uma expressão absolutamente proporcional e equivalente de todos os valores, ele cresce de maneira a ficar acima de toda uma larga diversidade de objetos; ele torna-se o centro em que as coisas mais opostas, mais estranhas e mais distantes encontram seu denominador comum e entram em contato mútuo (SIMMEL, 1990, p. 236)<sup>19</sup>.

Por outro lado, não posso deixar de levar em consideração que a idéia de deus aponta para uma certa garantia de valores morais, uma reafirmação de princípios éticos que colaboram para manter a coesão da sociedade e a relação entre as pessoas. Assim sendo, parece-me que a noção de demônio precisaria complementar aquela de deus, à qual o autor recorreu para representar o dinheiro. Ele seria, assim, ao mesmo tempo, deus e demônio do nosso tempo, pois rompe com os preceitos morais tão caros à imagem de deus.

Vale tudo para se conseguir dinheiro e, por isso mesmo, a percepção da sujeira ou dele como algo negativo, capaz de trazer à tona o lado mais perverso do ser humano, está sempre

---

<sup>19</sup> No original: There is no doubt that, in their realm, the feelings that money excite possess a psychological similarity with this. In so far as money becomes the absolutely commensurate expression and equivalent of all values, it rises to abstract heights way above the whole broad diversity of objects; it becomes the centre in which the most opposed, the most estranged and the most distant things find their common denominator and come into contact with one another.

presente. Ele possibilita e dificulta as relações, a vida em sociedade e mesmo a prostituição. As mulheres da Praia do Meio parecem introjetar o caráter contraditório do dinheiro.

Há uma corrida incessante por dinheiro, porque ele representa não apenas a sobrevivência, mas também confere uma certa dignidade à vida e, ao mesmo tempo, a negação de valores tidos como importantes para a sociedade. Por ele, valores são abandonados e os atos mais bizarros e controvertidos realizados, isso vindo a se configurar como parte da sua sujeira.

Como ferramenta da troca, o dinheiro, ao mesmo tempo, separa e une pessoas. Ele é um fator que se interpõe entre o sujeito e o objeto. Em nossa sociedade e nos dias atuais, a prostituição concretiza-se através dele. Nela ou em qualquer outro tipo de troca monetária, ele pode ser rejeitado. Mas, em geral, por que não o é? Qualquer pessoa tem liberdade de aceitar ou não a quantia que lhe é oferecida. No entanto, o dinheiro simboliza uma promessa, de uma vida melhor do ponto de vista material, também no campo da prostituição; com seu leque de possibilidades aponta um juramento que na maioria das vezes não é cumprido, já que nenhuma quantia é suficiente para atender os apelos sempre constantes da sociedade de consumo, pois esta dinâmica e constantemente apresenta novos produtos e aumenta o leque de escolhas a fazer.

O dinheiro é uma ferramenta que modifica a relação de troca e, embora possa não ter valor pela sua própria substância, adquire significado na relação. Para Simmel (1990), todas as transações econômicas repousam no fato de que eu quero alguma coisa que outra pessoa possui e que ela transferirá para mim se eu lhe der algo que possuo e lhe interesse. É óbvio que a segunda parte desse processo nem sempre está presente. Em muitas ocasiões, eu quero um objeto cujo proprietário não deseja trocar por aquilo que estou oferecendo, o que faz com que a introdução de um elo intermediário na cadeia seja de grande importância para a consolidação da troca. O dinheiro aparece exatamente como esse elo, uma ferramenta que facilita a permuta dos objetos.

O dinheiro é a síntese de muitos elementos. Ele é ao mesmo tempo valioso e sem valor, a contradição é a ele inerente. À medida que permite vários e extensivos usos, configura-se como uma ferramenta significativa e valiosa, mas, ao mesmo tempo, pode tornar-se neutra e sem cor; objetiva, em relação a interesses particulares, porém distante de qualquer objetivo específico.

O valor de uma dada quantidade de dinheiro excede o valor do objeto particular pelo qual ele é trocado, porque ele torna possível a troca de qualquer outro objeto em uma área ilimitada. Claro que o dinheiro pode ser usado basicamente apenas para um dos objetos, mas a escolha que ele oferece é um bônus que aumenta seu valor. Como o dinheiro não está realmente relacionado a um objetivo específico, ele adquire uma relação com a totalidade dos objetivos. O dinheiro é a ferramenta que tem o maior número possível de usos imprevisíveis e então possui o máximo valor possível a esse respeito (SIMMEL, 1990, p. 212)<sup>20</sup>.

Mesmo que na prática não cumpra a promessa implícita no seu projeto, a mera possibilidade de usos ilimitados que o dinheiro representa, manifesta-se de uma maneira positiva no movimento e agitação constantes que têm lugar com a sua presença, em outras palavras, na sua urgência em ser usado.

As mulheres da Praia do Meio possuem essa urgência em usá-lo. Percebem a movimentação incessante do dinheiro a partir da constatação de que ele não pára no bolso ou na bolsa, ao mesmo tempo em que ele é sempre necessário. Portanto, sempre se busca conseguir mais através da prostituição, que é um veículo para sua obtenção.

No entanto, as prostitutas diferenciam o dinheiro conseguido com a prostituição daquele obtido por meio de outros trabalhos. Para elas, a prostituição joga uma espécie de maldição no dinheiro, transformando o ato para consegui-lo em uma espécie de escravidão, de vício: é sempre preciso voltar à praia para se ter acesso a mais dinheiro.

---

<sup>20</sup> No original: The value of a given quantity of money exceeds the value of particular object for which it is exchanged, because it makes possible the choice of any other object in an unlimited area. Of course, the money can be used ultimately only for one of the objects, but the choice that it offers is a bonus which increases its value. Since money is not related at all to specific purpose, it acquires a relation to the totality of purposes. Money is the tool that has the greatest possible number of unpredictable uses and so possesses the maximum value attainable in this respect.

- acho, porque é um dinheiro fácil. Do jeito que você ganha fácil, vai fácil e o honesto não. Você tá ralando ali, todo dia, tá vendo que é com sacrifício... **(Cláudia, 29 anos)**

- Eu nunca, nunca contei não, sabe? Pra saber quanto ganho não, mas é muito, viu? É porque esse dinheiro que a gente ganha fácil vai embora muito fácil. **(Adriana, 28 anos)**

- É, porque tudo que vem fácil vai fácil.

- O dinheiro que você ganha aqui vem fácil?

- Num é... Eu falo assim fácil, porque você vai, né, faz o que tem que fazer e ganha aquele dinheiro naquela, é rapidinho e pronto, mas ao mesmo tempo não é fácil, porque às vezes a gente pega caras que quer bater, que quer tirar onda, aí é difícil. **(Paula, 18 anos)**

- Porque esse dinheiro é amaldiçoado, pra mim ele é... Mas é porque qualquer aperreio a pessoa diz: - *Ah, vou na praia. Vou na praia. Vixe, tá faltando isso aqui. Vou na praia.* Já é, eu acho que já é um vício. Já é um vício que dominou a pessoa assim, mas Deus é maior. **(Lúcia, 21 anos)**

- Eu acho que tem essa diferença sim. Porque, no caso, lá (no trabalho como garçonne) eu ganhava por mês muito pouco. Por dia, eu ganho o dobro de um mês, entendeu? Por isso que tem essa diferença. Mas é melhor ganhar por mês o pouco de que, por dia ganhar isso tudo e ser sujo. Porque esse dinheiro que a gente ganha aqui, 100, 200 reais... Tá aqui, minha bolsa tá cheia de dinheiro. Chega em casa e não dá pra nada. Só dá pra pagar conta, conta, conta, conta, conta... Chega a pessoa fica assim... achando que é mentira, é um absurdo, não sei o quê, mas não é não! É verdade.

- Porque você considera esse dinheiro sujo?

- Assim, porque esse não é um dinheiro... É dinheiro, normalmente, mas é aquele dinheiro que menos de você, por exemplo, falar em gastar, ele já tá se acabando. Entendeu? É um dinheiro que vai lhe servir, mas, num instante ele termina, acaba, quando você pensa que tem tanto, tá enganada, só tem a metade. **(Pâmela, 19 anos)**

As mulheres jogam um componente sobrenatural em algo extremamente objetivo: o dinheiro é amaldiçoado. Ele não descansa, corre sem parar, mas para elas, é como se isso ocorresse em decorrência da forma como ele é conseguido. O discurso reafirma o preconceito e o estigma externos que pairam sobre a prostituição, cuja sujeira não contamina apenas as mulheres, mas também o dinheiro ganho por elas.

Não há consciência por parte das prostitutas que aquilo que consideram *maldição* não é fruto da prostituição, mas uma característica inerente à forma como se configura o dinheiro em nossa sociedade. Para elas, trata-se de dinheiro fácil, dinheiro que não é conseguido honestamente, o que estaria ligado à necessidade de sempre buscar mais. Tudo diz respeito à forma como ele é conseguido: através da prostituição. Perde-se a dimensão de que o dinheiro é um objeto cuja significação está ligada aos seus usos e não a maneira como ele é obtido.

Um outro aspecto que gostaria de chamar à atenção é com relação ao difícil desligamento da prostituição, como nos diz Lúcia, ao *vício* por ela causado. Mais uma vez gostaria de remeter a discussão para um universo mais amplo, pois, embora as mulheres percebam tal fato como uma característica própria à prostituição, tal fenômeno pode ser encontrado nos mais diversos âmbitos da sociedade.

Atualmente, na sociedade onde vivemos, para sobreviver todo ser humano precisa de dinheiro. Por sua vez, para consegui-lo, o trabalho formal ou informal, socialmente honesto ou desonesto, aparece como meio por excelência. Ora, se o dinheiro é imprescindível para a sobrevivência, o mesmo acontece com o trabalho, seja ele motivo de orgulho, alegria e satisfação ou não. O trabalho, seja ele qual for, não pode ser abandonado sem que haja outras garantias, pois isso implicaria na impossibilidade de conseguir suprir as necessidades básicas cotidianas da vida, para as quais o dinheiro é não apenas necessário, mas imprescindível.

Como vimos, o dinheiro é o mais fugaz dos objetos, não significando nada em si mesmo. Além disso, não pára; está em constante movimento; é um meio para chegar aos fins. Ele corre sem parar, não deixa marcas, é passageiro como o prazer conseguido na relação de prostituição, que se dissipa rapidamente dando lugar a novos desejos. Mesmo assim o dinheiro é percebido como objeto de satisfação. Ele é o mediador da relação e, diferentemente, possibilita o prazer de ambos os lados envolvidos na troca.

A fugacidade do dinheiro é sentida também pelas mulheres. Elas são unânimes em afirmar que ele *vem e vai fácil*, ou seja, ele não pára, movimenta-se sem cessar. Assim, há na sociedade uma busca desenfreada por mais dinheiro ou pelas possibilidades infinitas representadas por sua posse. Se a prostituição representa uma satisfação momentânea, o dinheiro participa do contentamento propiciado por ela, tanto servindo de medida para a troca quanto

possibilitando à mulher um reconhecimento do trabalho por ela realizado, através do recebimento de uma quantia determinada.

A idéia do dinheiro fácil, apesar de presente de forma quase unânime no discurso das prostitutas, não se sustenta no decorrer das falas ou de uma análise mais acurada. Elas voltam atrás. *Ele vem fácil...* A idéia aparece como uma referência ao modo de nomeá-las como mulheres de vida fácil, mas a vida delas, segundo as mesmas, não é tão fácil assim.

Na prostituição ocorre uma degradação realizada precisamente pela presença do dinheiro como mediador do ato sexual. Ao trocar sexo por dinheiro, as mulheres passam a ter um valor social diretamente ligado à condição de prostitutas. Preço e valor coincidem; a degradação, no entanto, não está restrita apenas ao feminino, mas também aos usuários dos serviços prestados, os clientes, pois ocorre uma desproporção entre mercadoria e preço. Tampouco ela ocorre da mesma forma ou com a mesma intensidade entre mulheres e homens; um lado é sempre mais fortemente atingido.

As falas das mulheres entrevistadas apontam para o lado negativo do dinheiro conseguido com a prostituição que contamina tanto a ele quanto àquelas que o ganham e que se expressa na constante menção ao seu movimento incessante, sentido como uma maldição, uma espécie de praga. A maldição que ele porta está ligado ao seu movimento incessante, no não parar na bolsa, na incapacidade de realizar algo grandioso ou de conseguir efetivar sonhos e projetos através dele. O máximo que se consegue é pagar as contas, garantir a sobrevivência material do dia-a-dia e obter alguns objetos tidos como momentaneamente importantes. Na realidade a denominada maldição, é uma referência a autocondenação moral decorrente da condição de prostituta. O dinheiro, por estar ligado a tal prática, é considerado sujo, um demônio, uma tentação que amarra as mulheres à prostituição.

A promessa de liberdade que se encontra no projeto do dinheiro também não é cumprida. Embora, as mulheres muitas vezes consigam realizar sonhos e obter objetos tidos como essenciais em suas vidas, suas falas sugerem haver uma desconsideração disso, o que me parece estar ligado ao fato de o dinheiro prometer muito mais.

Os discursos das mulheres demonstram que elas não têm consciência da fluidez do dinheiro. Perde-se até mesmo a dimensão e a consciência dos objetos e experiências conseguidos e vivenciados através dela, da manutenção diária de si ou mesmo da família, da existência de um padrão de vida superior ao que seria conseguido sem a prática da prostituição.

O dinheiro nunca é suficiente; exige constantemente a obtenção de mais dinheiro. As mulheres da Praia do Meio encontram-se presas a este círculo vicioso: buscam sempre mais para conseguir outros objetos e realizar novos objetivos. Cada amanhecer, entardecer ou anoitecer inaugura uma nova luta por dinheiro, pois a vida em sociedade cria necessidades a todo instante, e para sobreviver, é preciso supri-las. Necessidades essas muito diversas, que vão desde a comida diária até a viabilização da diversão e, em alguns extremos, a consecução da droga.

- Eu tô nessa vida há dois anos. Eu preciso de dinheiro pra cuidar da minha filha. **(Anne, diário de campo)**

- Nessa época você deixou de fazer programa? (Referindo-me ao tempo em que um gringo mandava dinheiro pra ela).

- Que nada, eu acabava com o dinheiro. Aí o jeito era sair pra arranjar mais. Agora minha mãe, até hoje ela ainda tem esse dinheiro. Ela não mexe de jeito nenhum. Ela diz que é pra uma precisão. Eu mesmo num tenho um centavo e era muita verba. Antes de viajar eu comprei uma casa pra minha mãe. **(Eliane, 23 anos)**

- E 20 reais, 30 reais, num é dinheiro pra gente, porque acaba uma coisa, acaba outra, acaba aquilo outro, quando eu vou ver eu tô com menos de cinco reais. Eu vou corro, compro logo meia carteira de cigarro pra mim, aí já vou comprando suplemento, banana, esses negócio, doce, pipoca. Passo o dia dando bagana pros menino. Eles almoça e tudo. Aí, guardo já o dinheiro da sopa da janta, que eu vou junto mermo ali sopa (aponta). Aí às vezes eu fico pensando: *Será que os menino comeram?* Aí eu digo: - *Ah, menina, eu deixei tanto de comer dentro de casa, num é possível que o pai num tenha feito.* Aí eu fico sempre tranqüila quando eu ganho dinheiro e meus filho passa o dia bem alimentado, tá entendendo? Porque de noite eu já sei que o que eu fizer amanhã é pruma roupa deles, é pruma coisa pra mim, é prum xampu, prum creme. **(Indiara, 19 anos)**

- Porque no que a gente ganha muito dinheiro, então o custo de vida da gente fica mais caro ainda, porque no que a gente tá ganhando, a gente tá comprando. Tá sempre querendo o melhor, nunca, tá entendendo? - *Ah, isso é barato, num presta*, embora que, porque tem coisas barata, que é barata, mas presta, mas às vezes, a maioria das vezes...  
**(Elisângela, 20 anos)**

O dinheiro é uma ferramenta para que as mulheres consigam aquilo que querem ou precisam. Em seu discurso, ele aparece como uma justificativa. É preciso cuidar dos filhos, sobreviver, comprar o essencial e o supérfluo. Ele nunca é suficiente, pois o dia de amanhã é sempre uma incógnita e inaugura novas necessidades. Tais necessidades passam também pelo *status* de certos produtos na sociedade; ganhar mais significa ter acesso ao melhor. Os objetos baratos são vistos como ruins ou descartáveis, o que está diretamente ligado aos apelos da sociedade de consumo.

O dinheiro não tem qualidades específicas para um uso particular, mas funciona somente como um meio para adquirir valores concretos e, por isso, há sempre inúmeras oportunidades de usá-lo com qualquer objeto e em diferentes pontos do tempo. Por paradoxal que possa parecer, segundo Simmel (1990), a riqueza nele presente resulta da pobreza de seus conteúdos subjetivos, já que da ausência de qualquer significado íntimo do dinheiro decorre uma grande abundância dos usos práticos a ele inerentes, de tal forma que ele nunca é uma conclusão, mas somente um ponto de transição para outros conteúdos.

Se liberdade significa que o desejo pode ser realizado livremente, então quanto mais possuímos mais parecemos ser livres, desde que, aceitemos como o significado da propriedade que ‘podemos fazer o que quer que queiramos’ com seu conteúdo. Não temos ‘liberdade’ para fazer com a propriedade de outra pessoa ou com objetos que não podem ser possuídos como tal (SIMMEL, 1990, p. 324)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> No original: If freedom means that the will may be realized unhampered, then we seem to be freer the more we own, since we have accepted as the meaning of property that we ‘can do whatever we want’ with its content. We do not have ‘freedom’ to do so with other people’s property or with objects which cannot be possessed at all.

O objeto monetário ajusta-se a toda forma e finalidade que a vontade quiser lhe imprimir; ele funciona como uma extensão da vontade humana na transação. No entanto, é bom não esquecer que o alcance da intercambialidade está condicionado por circunstâncias institucionais e geopolíticas específicas. Empiricamente, há limites claros para a extensão no tempo e no espaço da circulação de qualquer instrumento monetário. Há sempre coisas que o dinheiro não pode comprar<sup>22</sup>.

A posse do dinheiro apresenta-se como uma espécie de superioridade sobre a propriedade dos produtos, pois o dinheiro possui a qualidade única de não ser relacionado com qualquer característica particular das coisas, de estar dissociado de objetivos específicos e de se configurar como um meio puramente abstrato. A liberdade de usá-lo para alcançar objetivos diversos dá ao consumidor uma vantagem. Segundo Simmel, aquele que dá dinheiro não está em igualdade com o outro, mas em vantagem; não porque possui dinheiro, mas porque está preparado para partilhá-lo.

O objeto é um limite para a liberdade. O dinheiro personifica a liberdade. Essa coisa inalcançável, que outros objetos preservam para eles mesmos, e que nega a propriedade ilimitada, desaparece completamente no caso do dinheiro, que se ajusta com igual facilidade a toda forma e todo propósito que nós desejemos imprimir a ele. Dessa maneira, garante ao eu a mais completa liberdade de se expressar em um objeto, embora somente dentro dos limites colocados por sua ausência de qualidades específicas.

Formalmente, o dinheiro é, ao mesmo tempo, o objeto mais receptivo e, por causa do seu vazio completo, o menos receptivo. Como o dinheiro que nós possuímos pertence a nós absolutamente e sem reserva, nós somos incapazes, em outras palavras, de extrair qualquer coisa mais dele. Em geral, é verdadeiro dizer que um objeto pode significar alguma coisa para nós somente por ser algo substancial em si mesmo; somente então, na

---

<sup>22</sup> No ato sexual que tem lugar na prostituição, por exemplo, nem tudo se vende. Há práticas que não são aceitas pelas mulheres. Há sempre limites, mas a idéia do ilimitado, do *pode tudo* dá a tônica das relações.

extensão que o objeto coloca limites para nossa liberdade, ele cede à nossa liberdade. Essa antítese lógica, em cuja tensão a unidade de nosso comportamento em direção ao objeto é realizada, alcança seu ponto máximo no dinheiro. O dinheiro significa mais para nós do que qualquer outro objeto possuído porque ele nos obedece sem reserva – e ele significa menos para nós porque ele perde qualquer conteúdo que poderia ser apropriado para além da mera forma da posse. Nós o possuímos mais do que qualquer outro objeto, mas temos menos dele do que de todos os outros objetos (SIMMEL, 1990, p. 325)<sup>23</sup>.

O dinheiro muda comportamentos; sua posse tem uma significação que vai além do que se espera dele. Ele é um símbolo da liberdade, à medida que os objetos, de forma geral, se caracterizam pela ausência ou limitação dela. Como regra, quaisquer objetos podem ser adquiridos através do dinheiro. Ele está ligado ao movimento, enquanto os outros objetos são pontos fixos, ao redor dos quais o dinheiro circula.

O elemento monetário ao mediar a troca cria uma rede de relações. Tal processo apenas ilustra a sua qualidade essencial: através da distância de toda determinação específica, ele é capaz de aproximar os fios da vida interna e externa que correm em direções completamente opostas e atuar como uma ferramenta de decisiva importância cultural e representacional para algum deles.

É essa ferramenta que media a prostituição. Sob seu signo ela é mercantilizada e passa a ter sentido como um serviço especializado, profissional<sup>24</sup>. Ocorre uma troca mercantil que vai muito além da mera transação econômica; ela remete a uma sociabilidade e uma rede de

---

<sup>23</sup> No original: Formally, money is both the most responsive and, because of its complete emptiness, the most irresponsible object. Since the money we own belongs to us absolutely and without reservation, we are unable, in the other words, to extract anything more from it. In general it is true to say that an object can mean something to us only by being substantially something in itself; only then, to the extent that the object sets limits to our freedom, does it give way to our freedom. This logical antithesis, in whose tension the unity of our behavior towards objects is realized, reaches its maximum in money. Money means more to us than any other object of possession because it obeys us without reservation – and it means less to us because it lacks any content that might be appropriated beyond the mere form of possession. We possess it more than anything else but we have less of it than all other objects.

<sup>24</sup> Aqui tomo como pressuposto que o dinheiro modifica a prostituição, transforma suas relações, a forma de pensá-la, seja do seu interior ou de fora dela. Assim, a meu ver, seria errônea a afirmação de que a prostituição é a profissão mais antiga da humanidade, tendo em vista que ela não foi sempre percebida como profissão e que a própria idéia vem se modificando no decorrer do tempo. Talvez fosse possível falar da prostituição como uma das práticas sexuais mais antigas da humanidade, mas a referência à profissão, no meu entendimento, falseia a assertiva.

relações; se sustenta na mutualidade e, enquanto tal, é determinada e determinante da própria base da sociedade.

No caso da prostituição, embora o cliente não compre um objeto comum, mas um serviço específico, é possível observar o mesmo processo. Troca-se sexo pelo objeto monetário que representa a liberdade de *ter* algo e com isso também a liberdade de *ser* alguém. A posse do dinheiro modifica comportamentos e traz contentamento. De um certo ângulo, está ligado também à idéia da força, do poder, aqui mais especificamente ao poder de possuir, de ser capaz de adquirir produtos ou de viver uma vida melhor.

Se no tempo de Simmel, o dinheiro já aparecia como o meio e o fim por excelência, em nossos dias os apelos da sociedade de consumo reforçam tais aspectos. Todos querem dinheiro. Ele dá um novo e diferenciado significado à vida. Para a prostituição, funciona como um tipo de atrativo; uma compensação que torna a prática mais aceitável; além de tornar as mulheres que utilizam a prostituição como veículo para consecução dos seus desejos materiais, mais fortes e capazes de enfrentar os percalços da vida.

Para a prostituta da Praia do Meio, por exemplo, o dinheiro permite um tipo específico de poder e felicidade, ligado a possibilidades no campo material, que torna sua vida mais confortável e lhe insere no universo do consumo e da satisfação imprimida por ele.

- Eu mudei, né? Meu comportamento. Eu era chata, estressada, brigava com todos vizinhos, sabe, ficava falando da minha vida, dizendo que eu fazia isso, que eu fazia... Eu estressava, por que a gente não faz uma coisa que fala, aí eu me estressava, né? Ficava com cara de briga. Agora eu num tô mais. Eu tô tranqüila.

- O que provocou essa mudança?

- Num sei! Também porque agora eu tenho (gesto de dinheiro), né? Antes eu não tinha. Digo vou comer amanhã e ter também, né? E não, agora eu tô tranqüila. Eu sei que eu sempre tenho dinheiro pra comer. Outro dia, pronto! Hoje, até agora eu não saí, mas eu sei que tenho dinheiro em casa guardado pra comer amanhã, depois... Aí eu fico calma.

**(Keyla, 19 anos)**

- Dinheiro? Dinheiro compra tudo. Só num compra outras coisas, né, doença, né?

**(Betinha, 23 anos)**

- Dinheiro pra mim é (rindo), é pagar minhas conta, resolver meus problemas, por isso que eu estou aqui e porque eu tenho uma filha pra criar. **(Paula, 18 anos)**

- O sentido do dinheiro na, na vida de qualquer um da gente é, às vezes, na maioria das vezes é desgraça, porque às vezes o dinheiro que faz a gente fazer isso. Num é porque, se não tivesse dinheiro, é, se a gente vivesse de outra maneira, se tivesse quem, porque o dinheiro não existia tanto, não é não, porque às vezes as pessoas num vendem droga, por conta de quê? Do dinheiro. Às vezes as pessoas num vão roubar, por conta de quê? Do dinheiro. Então pra mim, o dinheiro, o dinheiro muitas vezes só traz maldição, desgraça. Pessoas que perde vida; perde a vida por conta do dinheiro. Você acha isso também?

- É, mas de vez...

- (Me interrompendo) Mas o dinheiro é bom porque a gente sobrevive dele. Precisa dele pra sobreviver. **(Elisângela, 20 anos)**

- O que é dinheiro pra você?

- Tudo. Tudo, não tudo. Tudo entre parêntesis. Porque é tudo. Se você não tem dinheiro você não é nada. Você só vale o que você tem. **(Valéria, 19 anos)**

O dinheiro traz tranqüilidade. Se você tem dinheiro às preocupações, ao menos aquelas relacionadas às necessidades básicas do cotidiano, deixam de existir. A falta de dinheiro, segundo o discurso de Keyla, está ligada à intolerância e às privações de diversas naturezas. Com dinheiro se pode e consegue tudo; embora isto pareça subjacente ao discurso das mulheres, há também consciência de que há fronteiras que ele não consegue romper, pelo menos no momento atual da ciência e da tecnologia. Tais limitações, na maioria das vezes, estão ligadas aos próprios limites dos seres humanos, a sua mortalidade, ao inevitável envelhecimento e a algumas doenças que ainda não foram controladas pelo homem.

Assim, no discurso das mulheres da Praia do Meio, dinheiro é *tudo* ou, pelo menos, *quase tudo*. Ele está ligado à felicidade, à alegria, à satisfação, à resolução de problemas, mas também à desgraça e a um grande número de práticas negativas utilizadas para consegui-lo. Ele é, ao mesmo tempo, tudo e nada, mas as prostitutas têm a mais plena consciência de que não podem abrir mão dele e, conseqüentemente, vêem a prostituição como o caminho para sua obtenção.

As relações mediadas pelo dinheiro são dúbias e parecem conter a sua negação. O dinheiro está diretamente ligado à racionalidade, à calculabilidade, à ausência de sentimentos. Ele media, não apenas as relações entre pessoas e objetos, mas o encontro entre seres humanos.

Como tal é significado e re-significado em seu interior. Na prostituição, como é possível perceber nos depoimentos acima, parece ser isso o que ocorre; o dinheiro dá o tom das relações, mas não é imune ao ser humano e a sua subjetividade.

Além disso, tomando os depoimentos o elemento monetário salta aos olhos como um valor fundamental na prostituição. Mais do que a sobrevivência, permite a dignidade. Mais do que a aquisição de um serviço, possibilita a satisfação do desejo. Ele mede o valor da prostituta e também, diferentemente, do cliente. Na prostituição, é o fim e o meio e tem um significado que ultrapassa o econômico e o meramente quantitativo; está ligado à idéia de vitória e vencedor. É um símbolo e enquanto tal ultrapassa sua forma material.

Em uma sociedade em que o ter é mais importante do que o ser, o dinheiro justifica a prostituição, mas também a degrada. E esse, parece-me, um dos pontos ao mesmo tempo interessantes e intrigantes da relação entre dinheiro e prostituição. Nela, os dois lados do dinheiro, o *maldito* e o *bendito*, para utilizar termos que, à primeira vista, vão de encontro a sua racionalidade e objetividade, encontram-se e tocam-se.

Através do sexo a prostituta se transforma em mercadoria. Como mercadoria perde o valor social. O ser humano é reificado, torna-se objeto. Mas não é apenas na prostituição que isso ocorre. Nos diferentes âmbitos da sociedade, o mesmo processo acontece: homens e mulheres são transformados em força de trabalho, sujeita aos desígnios do mercado. No entanto, há, em diferentes setores do trabalho, uma naturalização do ser humano como mercadoria, que não existe no âmbito da prostituição.

O que parece dar normalidade à vida em sociedade, a transformação do homem em força de trabalho e sua conseqüente exploração, aparece como um elemento que impregna a prostituição de anormalidade, transformando-a em uma prática bizarra e estigmatizada. Nas relações de prostituição, os princípios e valores morais da sociedade relativos à sexualidade

valoram-na negativamente. Tal prática nega o caráter sagrado do sexo feito por amor e vai de encontro à identidade de gênero construída para a mulher ao longo de séculos.

Entender o caráter *maldito* que o dinheiro, através da sua presença, reforça nas práticas de prostituição, passa por entender também a forma como valor e preço se constituem em nosso tempo e sociedade, como se relacionam e os conteúdos simbólicos que lhes dão sustentação.

## **2.2. PREÇO E VALOR: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA**

A discussão sobre valor permeia vários campos das relações entre os seres humanos. Grosso modo, quando falamos em valor, estamos nos referindo à importância ou a uma dada qualidade de alguém ou alguma coisa. De todos os pontos de vista, discutir valor é uma tarefa árdua, pois, dificilmente, seja na economia, na ética ou na sociologia, conseguiu-se capturar o seu significado de forma a abarcar toda a sua complexidade. Ele é um conceito escorregadio, fugidio.

A definição de valor está no cerne das relações de prostituição, pois nela ocorre uma troca, que só é possível porque diferentes valores estão em jogo. No âmbito da mercantilização que tem lugar na prostituição trocam-se valores diferenciados: sexo por dinheiro, satisfação sexual por liberdade de ter o que se quer, dentre outros. O corpo e o prazer por ele prometido são transformados em mercadorias.

No jogo de compra e venda do sexo valoram-se diferentemente as mulheres e o produto por elas oferecido, pois uma gama de elementos entra na formação do valor e do preço. Uma mera troca de serviços por dinheiro, como, à primeira vista, poderia parecer, complexifica-se de modo a não ser possível dizer exatamente o que se troca. Há inúmeros valores compondo a relação. Se assim não fosse, identidades e relações não seriam construídas e a prostituição não teria sentido, senão unicamente como uma mercantilização do sexo.

Não se trata apenas de uma medição econômica, pois não é possível quantificar o sexo (ou o dispêndio de energia das mulheres dentro de uma relação sexual) transformando-o em um montante em dinheiro. Toma-se um instrumento quantitativo para medir elementos qualitativos. Mas como isso é possível? Como o dinheiro torna-se capaz de mediar as relações de prostituição? Como a quantidade é fixada? O que de fato ele representa? São inúmeras as questões que poderiam ser postas no que concerne ao valor da prostituição expresso em dinheiro. Para o entendimento de tal relação, levantarei aqui alguns elementos por mim considerados fundamentais.

Primeiramente, é preciso ressaltar que atualmente o dinheiro é o mediador das relações de prostituição, mas nem sempre foi assim<sup>25</sup>. Urge não esquecer que é apenas com o advento do capitalismo que prostituição e dinheiro se ligam de maneira fundamental. O dinheiro, com sua peculiar indiferença, torna-se medida de valor e preço para a prostituição. Mas quando dois elementos aparentemente tão diferentes, como dinheiro e sexo, se encontram, há a transformação das relações, as quais tomam novos contornos e formas. O dinheiro não modifica somente a prostituição, mas toda a realidade a sua volta. É ao mesmo tempo causa e consequência da sociedade moderna e da metrópole que se instauram sob o signo do capitalismo.

Diante do quadro acima esboçado, outros questionamentos afloram: de que forma dinheiro e prostituição se ligam? quanto vale o sexo que as mulheres oferecem? qual o seu preço? como se pode medir valor? qual a relação entre valor, preço e dinheiro? por que comumente desvalorizamos a mulher que troca sexo por dinheiro? a mercadoria determina o valor? Essas e as demais questões que estou expondo aqui são bastante complexas.

---

<sup>25</sup> Ver por exemplo Roberts, 1998.

O debate sobre valor é controverso e não pretendo, no âmbito desse texto, superá-lo. Destarte, para empreendê-lo, resgatarei algumas das idéias discutidas por Simmel, pois, a meu ver, a reflexão por ele realizada acerca do valor permite-me uma aproximação com a realidade da prostituição, tendo em vista que eu estou pensando a partir da idéia da troca<sup>26</sup>, ou, mais precisamente, de relação, interação ou sociação no contexto da idéia daquele autor.

Simmel (1990) acredita que a sociedade só é possível porque existem interações. Sem relações não é possível haver sociedade. Muitas relações, por sua vez, engendram-se a partir da troca de produtos por dinheiro. Assim, os objetos tornam-se valores somente através do processo de troca. Trocar algo significa relacionar-se com alguém, entrar em contato com o outro.

Na troca, mesmo naquela notadamente econômica, à medida que há algum tipo de relacionamento entre os seres humanos, o contato com o outro sempre ultrapassa a dimensão econômica. Nela, cria-se uma relação social e muitas vezes se engendra um determinado tipo de sociabilidade, que pode ou não tomar contornos mais duradouros ou pautados em sentimentos específicos de acordo com a forma como as pessoas envolvidas conduzem e vivenciam a relação.

Para aquele autor, só é possível existir vida social se há interações; são elas que tecem os fios da vida. A troca econômica, por sua vez, é uma dessas interações; ela envolve o desejo por um dado objeto. A posse é o objetivo do desejo e um valor tem que ser oferecido para se adquirir um outro mais desejado, o que não significa, de modo algum, que a troca seja baseada apenas no desejo ou no impulso de otimizar a utilidade.

Um objeto economicamente valioso significa que ele é de valor para mim, que eu estou desejando dar alguma coisa para tê-lo. O valor estaria ligado a duas noções básicas: a de desejo e a de troca.

---

<sup>26</sup> Tal idéia será aprofundada e discutida de forma mais detalhada no próximo capítulo.

O processo pelo qual os seres humanos atribuem valor às coisas faz parte de um processo mental mediante o qual eles compartimentalizam e ajuízam o mundo social e natural que os cerca. Empregamos naturalmente uma série de categorias formais segundo as quais o conteúdo do mundo pode ser organizado na mente. O valor é uma dessas categorias formais. Para Simmel, o valor está intimamente ligado ao desejo. Contudo, o valor que damos às coisas não é mera função do quanto as desejamos. As coisas que têm maior valor tendem a ser aquelas que são mais difíceis de obter. Em outras palavras, valorizamos coisas que parecem estar além do nosso alcance, que resistem ao nosso desejo de possuí-las. A análise de Simmel do valor deriva-se, nesse sentido, de uma visão particular da relação entre os seres humanos e o mundo em que habitam, ou, nas suas palavras, da relação entre sujeitos e objetos (DODD, 1997, p. 92).

Gradualmente, impõe-se uma distância entre sujeito e objeto, criando-se o potencial para atritos entre eles. De acordo com Simmel (1990), sem atrito o conceito de valor não teria sentido, pois nossas aspirações não encontrariam resistência e seria impossível distinguir uma coisa de outra, o que só é possível quando os desejos ficam insatisfeitos.

No entanto, ao fazer tais declarações, o autor não pretende afirmar o valor como subjetivo ou mero produto do desejo; tampouco, a partir da sua compreensão, a atribuição de valor seria determinada apenas pelo nível de desejo direcionado a um dado objeto. Ele não estaria nem no objeto em si, nem no sujeito, seria uma terceira categoria que incorpora tanto o desejo quanto a dificuldade de obtenção de um objeto, até mesmo as características materiais nele implícitas.

Em outras palavras, para Simmel (1990), valorar ou avaliar um produto não se refere apenas à realização de determinados processos mentais, mas está ligado à maneira pela qual os indivíduos interagem com o mundo ao redor. Sua análise do valor situa-se no contexto do exame da instituição social da troca. Dito de outro modo, o valor está fora do objeto, é uma representação humana.

Em particular, em termos dessa analogia, Mead afirma que desde que ‘o que determina a energia dos objetos físicos não é o impulso para erguer ou pesar ou olhar ou ouvir, mas as relações entre os objetos como “coisas”, então o que determina o valor dos objetos não é o impulso para comer, ou beber, ou amar, ou conseguir ganhar, mas as relações de

trocabilidade'. Disso segue que a trocabilidade não é pensada como valor, mas é a origem do objeto como valor (apud SIMMEL, 1990, p. xx)<sup>27</sup>.

A troca é a condição fundamental para a existência da sociedade, pois a partir dela ocorrem interações e a sociedade nada mais é do que uma rede de intercâmbios, um conjunto infinito de trocas que se dão entre diferentes indivíduos. Segundo Dodd (1997), a idéia de que os indivíduos têm volição e podem, de fato, fazer escolhas capazes de moldar suas ações, está no cerne da abordagem de Simmel. Essa idéia remete ao indivíduo como sujeito ativo, não somente como um joguete das forças econômicas, mas participante do processo de construção da vida em sociedade, da valoração de objetos e da troca.

Assim, embora a atribuição de valor ultrapasse o desejo humano, não prescinde do homem enquanto ser capaz de volição; não é algo construído completamente à parte do indivíduo. A troca e a valoração dos objetos pressuposta por ela é um fenômeno humano. O homem tem sido definido como animal político, criador de ferramentas, propositor, etc., mas para Simmel (1990) ele é também o animal da troca, é um animal *objetivo*. Além da sociedade humana, em nenhum outro lugar no mundo animal, são encontradas indicações de objetividade, ou seja, de uma forma de ver e tratar as coisas que se localiza além dos sentimentos subjetivos e da volição.

A valoração de objetos, comportamentos ou mesmo pessoas é típico das sociedades humanas. Homens e mulheres vivendo em coletividade atribuem graus diferenciados de importância a objetos e ações; criam uma hierarquia de valores, a partir da qual a própria

---

<sup>27</sup> No original: In particular, in terms of this analogy, Mead maintains that since 'what determines the energy of the physical object is not the impulse to lift or weigh or look or hear, but the relations between the objects as "things", so what determines the value of objects is not the impulse to eat or drink or love or get gain, but the relations of exchangeability'. From this it follows that the exchangeability is not based upon a like value, but is the source of that like value'.

possibilidade da vida conjunta é possível. Aceitam-se ou rejeitam-se comportamentos e objetos e dá-se a eles graus diferenciados de importância.

O valor tem uma dimensão coletiva e está ligado a uma forma social de perceber objetos e ações humanas. A coletividade julga o que é mais ou menos importante e atribui-lhe um determinado valor. O valor pressupõe um julgamento social e também individual. Ora, um se sobressai em relação ao outro. Em comunidade, prevalece o valor social e, em sociedade, o valor individual, mas eles não são excludentes, ao contrário, um contribui para a fixação do outro.

Para valorar, cada ser humano em particular se remete a idéias e concepções coletivas. Por outro lado, é através do indivíduo que os pressupostos coletivos se mantêm ou são ultrapassados. Indivíduo e sociedade são dependentes um do outro; se um não existe, o outro certamente é eliminado – ao menos na forma como nós os conhecemos. O mesmo ocorre com o valor: ele não é nem puramente individual, nem coletivo, mas só é possível pela junção dos elementos de ambas as dimensões da vida.

Dito de outro modo, um valor só pode ser construído através de interações, das relações que se dão entre os indivíduos; nele, estão presentes elementos pessoais e coletivos interagindo diferentemente de acordo com os fatores culturais, históricos, espaciais e sociais em jogo. O dinheiro, por sua vez, é um símbolo do valor que condensa variadas relações, não apenas as econômicas, como poderia supor uma análise superficial.

Através do dinheiro, o trabalho da prostituta é valorado, mas a mulher que o exerce também o é. Ser prostituta, de forma ampla, significa trocar o corpo ou o prazer por dinheiro, mas na realidade ultrapassa a mera troca de valores concretos, e é ainda mais do que isso, pois na troca à própria essência do indivíduo está em jogo, a mulher enquanto pessoa é substituída pela prostituta e ela, por trocar um bem considerado socialmente valioso por um montante em dinheiro

– um objeto sem cor, indiferente, equivalente tanto dos artefatos mais admiráveis quanto daqueles considerados completamente sem importância –, tem o seu valor enquanto ser humano rebaixado.

Aqui reside uma contradição: sem dinheiro não é possível sobreviver, então, por que não se usar aquilo que se tem como meio para consegui-lo? Algumas pessoas têm jóias, imóveis, habilidades para tarefas específicas, talento para arte, etc. As prostitutas têm seu corpo e utilizam-no como objeto de barganha. Trocam o prazer que ele pode proporcionar por uma quantia em dinheiro capaz de lhes garantir uma certa tranquilidade no que concerne à manutenção das necessidades do dia-a-dia. O corpo aparece como um veículo que lhes pode possibilitar a sobrevivência, mesmo que para utilizá-lo haja também um preço a pagar que, em geral, não é expresso em dinheiro.

Assim, como o dinheiro adquire valor na troca, os objetos ou serviços que ele mede também são valorados dentro dela e isso ocorre também com a prostituição. Um valor pode tornar-se efetivo na prática somente por ser equivalente de outros valores, isto é, por ser trocável. Equivalência e trocabilidade são noções recíprocas que expressam o mesmo estado de relacionamento de duas diferentes formas, uma em condição de repouso e outra em movimento.

Se assim o é, se a mercantilização torna o produto valioso, é na troca que tem lugar nas relações de prostituição que o serviço oferecido pelas mulheres torna-se um valor. É preciso ter em mente que, nesse âmbito, o valor ultrapassa o econômico; ele é simbólico.

Também no seio da prostituição, impõe-se o fato de que o dinheiro, além de certa quantidade, não é mais nem indigno, nem inapto para compensar os valores individuais. O desgosto da “boa” sociedade moderna para com a prostituta ficará melhor evidenciado se esta se mostrar mais lamentável e mais miserável; ele se atenua com o aumento do preço pedido à clientela... (SIMMEL, 1993, p. 64).

O preço em dinheiro, a quantidade conseguida na negociação, não representa apenas o valor monetário, mas está diretamente ligado ao valor social da mulher. A razão disso é que o

preço da venda, ao alcançar uma altura exorbitante, poupa ao objeto da transação o aviltamento que decorre da comercialização empreendida. A mulher que se vende a um alto preço ganha com isso um *valor de raridade*. Quanto maior o montante pago por ela, mais ela se afasta do estereótipo social ligado à figura da prostituta.

Algo é valioso se me disponho a pagar uma grande quantia de dinheiro por ele, se o desejo; mas, ao mesmo tempo, disponho-me a dar um grande montante em dinheiro porque o objeto aparece como sendo valioso por si mesmo, porque o quero para mim e porque ele é difícil de adquirir. Quando o desejo encontra resistência e frustração, os objetos ganham um significado que nunca teria sido atribuído a eles, se de outro modo.

Embora a equação acima possa parecer econômica, é preciso reafirmar, mais uma vez, que a ultrapassa. No caso da prostituição, por exemplo, o preço conseguido com a troca não é uma mera representação matemática de um valor quantitativo. Ele incorpora também elementos qualitativos. O preço configura-se como uma representação econômica de um valor que abarca os dois lados da mesma moeda - o qualitativo e o quantitativo -, de forma a remeter a uma série de elementos só possíveis de serem compreendidos nas relações sociais em que se inserem.

Tal afirmação é corroborada por um fenômeno que, segundo Simmel (1990), se pode reparar em toda parte: a diminuição e o aviltamento do valor humano são inversamente proporcionais às somas pagas. Porque, num nível muito elevado, o valor monetário possui uma raridade que lhe confere uma cor mais individual, menos intercambiável, e que, portanto, faz dele um melhor equivalente dos valores pessoais. O montante oferecido poderá criar uma compensação, mesmo que possa parecer humilhante, tendo em vista, em particular, a posição social do interessado<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> É possível observar esse fenômeno na prostituição, basta pensarmos na prostituição de luxo, ou mesmo, nas moças de médio ou alto poder aquisitivo que se prostituem.

Um exemplo pode ser observado nas situações primitivas nas quais reinava a compra de mulheres quando a divisão do trabalho ainda não estava muito avançada: as mulheres participavam de forma mais direta da produção, apresentando, portanto, para seu proprietário um valor mais tangível. Tudo muda quando a economia perde seu caráter familiar e o consumo não se limita ao que é produzido para si.

Embora em tais sociedades, a compra de mulheres exprima de imediato sua opressão, exploração, reificação, ainda assim elas adquiriam valor, primeiro para o grupo parental que recebia o preço da sua vida, depois para o marido, para quem ela era um sacrifício relativamente elevado, de modo que, em seu próprio interesse, ele devia tratá-las com deferência.

Embora pareça ao nosso olhar culturalmente determinado, um meio grosseiro e degradante, em algumas sociedades, a compra de mulheres faz sobressair o valor individual de cada mulher em particular e, portanto, das mulheres em geral. Nelas o estágio mais baixo é aquele em que a tradição fixa um preço uniforme para todas, pois aí se perde o elemento individual, a particularidade de cada uma delas enquanto mulheres singulares. A diferenciação do preço faz diferença também para as mulheres, pois faz com que elas se sintam e sejam socialmente percebidas como mais ou menos importantes.

Mesmo falando de sociedades que parecem distantes e que, inclusive, por nossos princípios morais, julgamos inadequadas, primitivas ou pouco desenvolvidas, a venda de mulheres faz parte do cotidiano de todos nós, evidenciando-se a partir de diversas modalidades, seja o tráfico de mulheres, a venda de meninas escravas<sup>29</sup> ou mesmo a prostituição de mulheres adultas.

---

<sup>29</sup> A esse respeito ver, por exemplo, Dimenstein, 1999.

No último caso, que aqui me interessa mais de perto, as mulheres, ao menos de forma geral, não são forçadas individual ou socialmente a vivenciar a prostituição<sup>30</sup> e através dela não passam a pertencer a um determinado senhor ou patrão, mas continuam sendo donas do seu corpo e, conseqüentemente, da sua força de trabalho.

O pagamento pelas mulheres ou pelos serviços por elas prestados, que, de certa forma, se confunde com elas mesmas, implica na noção de que elas valem alguma coisa e, na mesma proporção, elas valem alguma coisa porque há alguém disposto a pagar por elas. As mulheres, salvo em alguns casos, são tratadas com um certo grau de respeito; há homens dispostos a pagar por elas, o que, ao contrário do que está posto na sociedade abrangente, para a qual o recebimento do dinheiro desvaloriza a prostituta, significa que elas têm um certo valor para quem oferece o pagamento.

Se o cliente se dispõe a dar um montante em dinheiro pelos serviços oferecidos pelas prostitutas, está implícito na negociação que os serviços são desejados e reconhecidos por ele como necessários. Na troca, o valor é construído a partir de categorias situadas até mesmo além dos sujeitos envolvidos.

No campo da prostituição, o contraponto, ou seja, a desvalorização total da mulher estaria presente no estupro ou no não pagamento dos serviços prestados, pois implica na utilização do poder e da força para romper o acordo entre as partes. Ao não pagar pelo serviço, o cliente estaria quebrando as regras e remetendo a uma desvalorização quase total da mulher, cujo serviço não seria nem mesmo reconhecido como profissional, assim tornando-a igual ao mais inútil ou ignóbil objeto, pois até mesmo o dinheiro seria superior ao seu valor.

---

<sup>30</sup> Mesmo quando as mulheres entram na prostituição por necessidade, há um componente individual aí presente; elas continuam sendo sujeitos de suas ações, conforme indico no próximo capítulo.

- Eu saí com um cara e ele tava drogado e eu não sabia que ele tava drogado e eu fui pra casa dele, quando chegou lá, ele disse que não ia me pagar e que eu tinha que fazer o que ele queria. E eu disse que não ia fazer e ele me agrediu. **(Paula, 18 anos)**

- Foi num motel, o home me apertou, sabe? Botou dentro, em cima da cama. Aí começou a dar em mim e eu gritando: - *Socorro! Socorro! Socorro!* E ele dizia: - *Você tá ficando louca? Você tá ficando louca?* Pra pensar que eu tô doida e ele tá certo, entendeu? Pronto. Aí eu num tive nem ação pra nada. Aí vim embora.

- Mas ele pagou?

- Pagou nada. Eu vim embora a pé. **(Betinha, 23 anos)**

- É. Acontece. Muitas aqui quando sai... - *É, ele queria me passar um xexo<sup>31</sup>, não sei o que,...* Aí, acontece demais. **(Pâmela, 19 anos)**

O não pagamento é expresso em suas falas como uma violência. Ele quebra a relação, tendo em vista que o pagamento é o seu sustentáculo. Nos discursos em questão, o olhar atento irá perceber que, para elas, não é o fato de manterem relações sexuais que as desvaloriza, mas o de não receberem pelo serviço. As mulheres estão dispostas a dar prazer aos homens, mas não querem, tampouco se propõem a fazer isso a troco de nada. Prestam um serviço pelo qual desejam receber o pagamento. Se isso não ocorre à relação se configura como um estupro, uma violência, uma violação das regras do mercado em que se inserem.

Nas relações de prostituição, até mesmo a violência, em muitos dos seus aspectos, pode ser consentida em um certo grau, desde que haja uma negociação anterior, mas quando não há consentimento, seja por não se chegar a um acordo ou pelo não recebimento da quantia acertada, as prostitutas percebem-se como vítimas de violência física e simbólica, e, de fato, na maioria das vezes, o são.

O rompimento do contrato dá-se através do uso da força, que se expressa de diferentes formas, desde o não pagamento, a agressão física, a imposição do medo, até a humilhação. A despeito das ocasiões em que ocorrem tais tipos de situação, a prostituição pressupõe a fixação de um preço e a manutenção de um acordo entre as partes: presta-se um

---

<sup>31</sup> Calote; não pagar o que é devido.

serviço específico pelo qual se recebe uma compensação monetária. Conforme dizia anteriormente, não há um preço único, ele é variável, muda de acordo com as circunstâncias e personagens envolvidos.

As disparidades de preços, por sua vez – socialmente fixados e estabelecidos por negociação individual –, traduzem diferenças de valor entre as mulheres. Elas fixam preços diferenciados, avaliam as condições do cliente e as suas próprias, consideram a concorrência e determinam quantias a partir do valor possível no momento.

- Varia assim, na maneira de... Quando é 30 reais, a gente já é um cafuçú<sup>32</sup>. Chama logo de cafuçú. É, ele pára, aí depende do bolso dele, né? Se ele tiver condições de dar 50 ou ele vai me dá 150, 200. Já sai com home pra ele me dá 50 reais, ele me deu 200. Porque ele viu resultado, tudo. Aí a gente conversou e ele quer mesmo dá. Varia do bolso dele. Tem uns que paga bem. Tem uns que paga mal. **(Kátia, 23 anos)**

O preço pago ou recebido varia com o bolso do cliente e o grau de satisfação alcançado por ele ou do reconhecimento da habilidade feminina. Seja como for, é sempre uma conquista tanto para a mulher quanto para o homem. Ambos buscam fazer um bom negócio, não apenas do ponto de vista financeiro, mas que seja também capaz de reforçar uma imagem positiva de si mesmos. Na Praia do Meio, campo de pesquisa, valor e preço se entremeiam: as mulheres sentem-se importantes quando na negociação obtêm um preço alto; os homens, por sua vez, se conseguem baixá-lo, atribuem a sua capacidade de conquista, sentindo-se também valorizados.

Mas é preciso ir além. Na discussão feita por Simmel (1990), o valor é subordinado ao desejo, mas não apenas a ele. Igualmente, como nós representamos certas categorias como verdadeiras, reconhecendo sua verdade como independente de nossa representação, sentimos que determinados objetos, pessoas e eventos continuam sendo valiosos mesmo se nós não os

---

<sup>32</sup> Homem feio, desarrumado, mal cheiroso e, em geral, pobre.

apreciamos. Como exemplo aparecem a natureza, a terra e o ser humano que independentes do desejo, da necessidade ou da dificuldade de adquirir, são valiosos, não importando se isso é vivenciado conscientemente ou não.

Aqui uma capacidade muito básica da mente vem a ser aparente: aquela da separação das idéias que ela concebe e a representação dessas idéias como se elas fossem independentes de sua própria representação. É verdade que todo valor que nós vivenciamos é um sentimento, mas o significado que damos a esse sentimento é um conteúdo significativo que é percebido psicologicamente através desse sentimento, mas ainda não é nem idêntico a ele, nem exaurido por ele. Obviamente essa categoria vai além da controvérsia sobre a subjetividade ou objetividade do valor, porque ela nega a relação de um sujeito que é indispensável para a existência de um 'objeto' (SIMMEL, 1990, p. 67-68)<sup>33</sup>.

Na discussão da constituição do valor, encontramos ainda, segundo o autor, uma terceira categoria que pode ser descrita como afirmação ou demanda. O valor incorporado a qualquer objeto, pessoa, relacionamento ou acontecimento demanda reconhecimento. Essa terceira categoria não pode ser derivada nem do sujeito, nem do objeto, mas posiciona-se entre eles.

O referido autor afirma que o processo da formação de valor se desenvolve com o aumento da distância entre o consumidor e o objeto de desejo. As diferenças na valoração a serem distinguidas como subjetivas e objetivas originam-se das variações na distância, medidas não em termos de satisfação, na qual a distância desaparece, mas em termos de desejo, que é engendrado por ela e parece superá-la. Ao menos naqueles objetos cuja valoração forma a base da economia, o valor é o correlato da demanda.

---

<sup>33</sup> No original: Here too a basic capacity of the mind becomes apparent: that of separating itself from the ideas that it conceives and representing these ideas as if they were independent of its own representation. It is true that every value that we experienced is a sentiment; but what we mean by this sentiment is a significant content which is realized psychologically through the sentiment yet is neither identical with it nor exhausted by it. Obviously this category lies beyond the controversy about the subjectivity or objectivity of value, because it denies the relation to a subject that is indispensable for the existence of an 'object'.

Assim como o mundo do ser é minha representação, então o mundo do valor é minha demanda. Entretanto, apesar da necessidade lógico-física pela qual toda demanda espera ser satisfeita por um objeto, a estrutura psicológica da demanda é tal que em muitos casos ela se focaliza sobre a satisfação em si, e o objeto torna-se uma matéria de indiferença somente se satisfizer à necessidade (...) (SIMMEL, 1990, p. 69)<sup>34</sup>.

O que nos excita não é o objeto, mas a possível satisfação que ele nos oferece. O círculo de objetos que podem suprir as necessidades do sujeito diminui à medida que ele se torna mais refinado e os objetos desejados são colocados em um contraste mais agudo com outros que podem satisfazê-lo. Nesse estado, a necessidade parece ser determinada pelo objeto.

Ou seja, se levo tal idéia para a discussão da prostituição, poderei afirmar que é o reconhecimento e o desejo por um grupo específico de mulheres que as tornam valiosas do ponto de vista econômico. A busca pela prostituta é assim, a procura por um tipo específico de mulher, prazer ou fantasia sexual. Não se trata de um serviço que qualquer outra pessoa poderia exercer, mas a busca pela vivência de uma relação peculiar, inserida em um contexto particular que proporciona determinadas sensações e está ligada a um leque de possibilidades específicas.

Assim, para ter acesso ao objeto desejado, a prostituta, faz-se necessário negociar. Em tais negociações, o valor da prostituta é econômica e simbolicamente medido em dinheiro e o fato de o ser não é de modo algum indiferente. Dinheiro, valor e preço se confundem nas transações realizadas no universo da prostituição, mas seu conteúdo não é tangível, é simbólico. O preço pago em dinheiro representa um valor. Não apenas um valor monetário, mas, em um certo sentido, a importância relativa de cada um dos sujeitos envolvidos na troca.

Receber o dinheiro é valorizar-se, provar-se capaz. Para as mulheres, é ter competência para se prostituir e com isso reafirmar sua feminilidade, mas elas sabem que há

---

<sup>34</sup> No original: Just as the world of being is my representation, so the world of value is my demand. However, in spite of the logical-physical necessity that every demand expects to be satisfied by an object, the psychological structure of demand is such that in most cases it is focused upon the satisfaction itself, and the object becomes a matter of indifference so long as it satisfied the need (...).

outros elementos envolvidos e que há também por parte do homem necessidades similares. Assim, o preço muda de acordo com as situações, épocas e momentos específicos, e com ele o valor também se modifica.

- Antigamente a gente tinha valor. Tô ficando velha, mas nunca ganhei R\$ 50,00 ou R\$ 100,00 de um homem, principalmente nos cantos que eu batalho<sup>35</sup>... (**Marinalva, diário de campo**)

- Tem. Você se valoriza e pede adiantado. Quando o home quer, ele dá, dá depois, num tem problema. Quando ele num quer, ele num dá nem antes nem depois. (**Vanessa, 25 anos**)

Mesmo sem muita consciência, as prostitutas diferenciam preço e valor. A quantidade em dinheiro aparece como um elemento diferenciador do tipo de serviço que prestam e mesmo como medida da sua auto-estima. Como afirma Vanessa, trata-se de se valorizar. O recebimento do pagamento, em uma sociedade que supervaloriza o dinheiro, transforma-as em objetos úteis, necessários e por isso mesmo importantes.

O olhar para o interior da prostituição demonstra que o quantitativo aparece para as mulheres como medida de valor do serviço que prestam e, portanto, delas mesmas. Há diferenças de valores, pois cada mulher é única. Não poderia ser diferente. Elas, por sua vez, têm uma forma específica de significarem o preço recebido com o serviço, o que as torna melhores ou piores aos seus próprios olhos. Na prostituição, valor é transformado em preço, pois isso é necessário para que a transação se concretize. Mas é bom não esquecer que na quantia ofertada e recebida há mais elementos em jogo do que uma mera soma matemática.

É sempre preciso ter em mente que os seres humanos enquanto sujeitos ativos significam tudo aquilo com que mantêm contato. Eles impregnam as coisas de sentido. Dessa

---

<sup>35</sup> De forma geral, significa lutar pela vida; ir ao trabalho. No caso específico em que o termo foi utilizado refere-se ao ato de se prostituir.



forma, o próprio fato de alguém pagar pelos serviços que as mulheres oferecem já lhes dá, num certo sentido, uma conotação positiva.

A quantidade de dinheiro entregue ou recebida demonstra, entre outras coisas, o grau de competência e atratividade dos sujeitos envolvidos na troca. Logicamente, há limites claros e concretos para a negociação, mas eles mesmos se constituem em conteúdos simbólicos que significam diferentemente o preço conseguido.

Por outro lado, os atributos característicos do valor, que aparecem em contraste com a realidade, são usualmente chamados de subjetividade. Um mesmo objeto pode ter o mais alto grau de valor para uma pessoa e o mais baixo para outra, e as maiores e mais extremas diferenças entre objetos são compatíveis com a igualdade do valor. Nele, parece permanecer somente o sujeito com seus humores e reações, como o grau para valoração. Nesse caso, cada sujeito valoraria o objeto diferentemente, porque seria a subjetividade de cada um que determinaria o valor. Mas, mesmo que a subjetividade entre na formação do valor, ela não o determina; há outros elementos em jogo.

O valor não seria uma qualidade dos objetos, mas um julgamento sobre eles, em que os sujeitos envolvidos se remetem a uma série de repertórios pessoais e sociais com base na realidade. Ele é relacional. Só é possível valorar um determinado objeto ou, como no caso da prostituição, um serviço, a partir das informações possuídas sobre ele e a pessoa com quem se negocia.

Assim, o valor não é apenas uma construção subjetiva; ele é socialmente instituído e mobiliza uma série de fatores subjetivos e objetivos que vão desde o desejo pelo objeto até as condições e necessidades de quem compra e vende. O preço, por sua vez, é uma representação econômica do valor, mas, em sua dimensão quantitativa, não consegue significar completamente todos os elementos envolvidos no processo de troca.

Nesse sentido, é possível entender as variações de preço existentes no campo da prostituição. As mulheres não cobram um valor único; mesmo estando no mesmo espaço físico, os valores conseguidos ou mesmo solicitados por elas diferem, o que reflete também a competência masculina e o conhecimento do *modus operandi* da prostituição por parte do cliente. Nas relações de prostituição, constrói-se uma linguagem específica: quem a domina leva vantagem sobre os demais.

Na negociação, os clientes também demonstram sua competência e seu poder de atração. Algumas vezes, o que está em jogo de fato é o dinheiro, mas, na maioria das vezes, importa sentir-se desejado, ter os atributos físicos admirados ou reconhecida sua capacidade de proporcionar prazer. Assim, também para eles, o valor pago e a capacidade de negociar não se restringem somente à reafirmação do elemento monetário, mas da própria masculinidade.

- As meninas eram do cabaré, José, eu vou dizer o nome dele, mas nem era, José é muito direito, um homem da sociedade daqui, (...) e nós fomos sair com essas meninas, ele pegou na mão da dele, isso a gente em Campina Grande, aí eu dei R\$ 40,00, ele deu 150,00. Agora como? Eu já mais matreiro na coisa, eu disse: - *só tenho esse dinheiro*. - *Aí, num pode num sei o quê, vai lá pagar, num sei o quê*. - *Só tenho R\$ 40,00, se você quiser bem, se não quiser fica por isso mesmo*. - *Sacanagem!* - *Sacanagem não, eu só tenho isso aí*. Ele muito besta, não soube ter argumento. Lá fora ele quase dava em mim. - *Como foi que você fez?* (Rindo). - *Amigo eu só disse que só tinha isso*. - *Mas, sacanagem, eu dei R\$ 150,00*. Então tem essas coisas também, há negociação, há possibilidade de negociação, com umas não. Já sai cerrada: - *O preço é esse aqui, sem eu...*, mas a maioria há negociação, principalmente quando você gasta no local, num bar e você consegue crédito dela, às vezes até de graça sai, dependendo de você, da despesa que você gasta, de um presente que você dá, por exemplo, mais não é, o preço não é tabelado não. **(Sebastião, 60 anos)**

- Tem... Tem pra todos os bolsos (ri). É como carro, tem popular e tem importado, você, no meu caso específico eu já paguei de R\$ 10,00 a 15,00 na Praia do Meio. Como já vi prostituta de até R\$ 5,00 ali na Bernardo Vieira, essas eu não, não encarei. Como também já cheguei ao limite de pagar R\$ 250,00 pra uma menina que era, que ela é estudante de faculdade, é uma menina de família e tal. Ela tem carro, os pais dela trabalham, são pessoas ditas normais. Então, o preço tem de... Acho que até passando dos R\$ 250,00 deve se encontrar, mas eu particularmente, meu salário de estagiário, eu topo aí. **(Damião, 21 anos)**

- Evidentemente elas vêem no olhómetro, se a pessoa é nervosa, se é inexperiente, aí elas podem pedir mais dinheiro ou não. Se elas pegam um cara que elas vêem que não tem experiência lá, morrendo de nervoso, segurando o volante assim... (faz gesto de nervosismo) se o preço justo é 25 ou trinta... Agora você tenta... - *entra, entra!*... Até porque ela não vê... Por exemplo, eu sou daqueles que, se for preciso ficar parado uma

hora, eu fico parado uma hora. Mas tem cara que só quer parar vinte segundos, porque pode ser que a mulher passe e veja, pode ser que alguém veja. Então pra esse tipo de mulher que vê esse tipo de cara, aí elas tiram o dobro do que tirariam com... Com um cara... Aí é questão de juntar as evidências também, mas regra... Fixa, não tem não.  
**(Caetano, 33 anos)**

- Não, eu morei em São Paulo novo, depois passei muito tempo sem aparecer mais e sempre via muito as coisas de São Paulo, muita Playboy, muita Sexy, coisas de alto luxo, no dia que eu pude ir, - *Peraí, eu posso levar quanto? 5.000,00 vai ser pra isso.* Pronto, é umas férias vamos dizer assim, de luxo que eu tive. Mas que depende do dinheiro, naquela época eu tava com dinheiro, hoje eu num tô, num vou fazer isso.  
**(Moises, 33 anos)**

A disparidade de valores a que se refere Sebastião serve na realidade para ressaltar sua esperteza, seu conhecimento do mundo da prostituição; é uma forma de autovalorização, que parece estar presente também nas falas dos demais clientes acima expostas. Todos ressaltam sua capacidade de negociação, sua lábia, paciência, habilidade, experiência e *know how* no campo da prostituição, elementos essenciais para que consigam algumas vantagens na negociação. O que não aparece nas suas falas é que tais processos são esperados pelas mulheres que já lançam mão de preços e estratégias que não deixam de considerar o comportamento masculino.

Os homens propõem-se a gastar com a prostituição e as mulheres estão cônscias disso. Aí reside o que há de específico em tal relação. Na prostituição, não ocorre somente a busca do sexo, mas a procura pelo sexo pago. O ato sexual propriamente dito pode ser vivenciado em muitas outras relações: no casamento, no namoro, nos encontros ocasionais. Nas relações de prostituição, o encontro é mediado pelo dinheiro e pelas condições momentâneas de cada um dos envolvidos na troca.

Os clientes fixam seus próprios limites, mas, dentre outros elementos, vêem na prostituição a possibilidade de vivenciar sua sexualidade plenamente, sem as amarras e exigências que as relações convencionais apresentam. A prostituta pode representar o novo, o lúdico ou qualquer outro papel que faça parte do seu imaginário. Há na prostituição um conteúdo de diversão, que pode ou não estar diretamente ligado ao sexo ou ao prazer sexual, mas também

aos lugares freqüentados, à folia, à dança, à festa, ao jogo e à própria capacidade de sedução das mulheres.

Alguns homens utilizam o dinheiro como arma de conquista. Ele é sentido e representado como um dos seus próprios atributos, exercendo influência direta no nível de atração que são capazes de despertar. É um símbolo do seu próprio poder de sedução e da sua capacidade de conseguir aquilo que desejam. Através do elemento monetário, os clientes sentem-se desejados, bonitos, fortes, jovens, e reforçam uma auto-imagem positiva.

Assim, a pergunta quanto vale o sexo com uma prostituta se relativiza. Não é possível fixar um preço ou um valor. Há inúmeros elementos em jogo. Na prostituição, mais especificamente na Praia do Meio, a negociação é um processo de construção de valores simbólicos que, por sua vez, são expressos na forma como o processo é conduzido.

Os objetos são valorados na relação de uns com os outros. Se não há relação, não há valor. O valor, dessa forma, não está atrelado ao sujeito, no sentido que ele o determina a partir do desejo e da possibilidade de satisfação que representa, mas à forma como a relação se constitui. Em outras palavras, o desejo, em um certo sentido, valoriza os objetos, mas isso não ocorre apenas a partir da subjetividade de um sujeito individual, e sim pela gama de informações mobilizadas socialmente ao valorá-los e pela forma que toma a relação em que se inserem.

O que é eventualmente medido como valor não é o dinheiro, que é somente a expressão do valor, mas os objetos; e as mudanças no preço significam uma mudança em suas relações uns com os outros. Assim, o dinheiro, à medida que se localiza entre objetos individuais e em uma relação igual com cada um deles, tem que ser completamente neutro. Os objetos não são valiosos, mas tornam-se valiosos no relacionamento mútuo. Nosso senso de valor está conectado com os efeitos que os objetos produzem.



**TECENDO TEIAS:**

**A PROSTITUIÇÃO COMO TROCA**

### 3 TECENDO TEIAS: A PROSTITUIÇÃO COMO TROCA

*Há uma ligação íntima e tradicional na literatura entre o escritor, o professor, o intelectual, enfim, e a prostituta. Eles se amam porque compartilham o destino de sobreviver vendendo o que têm de mais íntimo.*  
Orlando Miranda

A prostituição é uma forma de troca econômica e sexual que ultrapassa a si mesma. Ela não pode ser compreendida apenas como a troca mercantil de sexo. Compõem-na outros inúmeros elementos. Nela uma sociabilidade específica é construída. Através da troca que tem lugar na prostituição, constroem-se relações perpassadas não apenas pelo sentido econômico, mas também pela afetividade, pelo encontro com o outro, pelo rompimento com a solidão corporal e ainda com a solidão da metrópole, ou seja, aquela na qual o contato físico, o estar rodeado de pessoas por todos os lados não é capaz de quebrar; nela mesmo com o outro se está só.

Segundo Simmel (1990) a troca é o mais puro e mais desenvolvido tipo de interação que influencia a vida humana; muitos relacionamentos entre pessoas podem ser interpretados como formas de troca.

Toda interação precisa ser considerada como uma troca: toda conversação, toda afeição (mesmo se ela é rejeitada), todo olhar para uma outra pessoa. A diferença que parece existir - que na interação uma pessoa oferece o que ela não possui, ao passo que na troca ela oferece somente o que ela possui - não pode ser sustentada (SIMMEL, 1990, p. 82)<sup>36</sup>.

A troca não é um fenômeno meramente econômico. Se o mundo é tecido por inter-relações, de um certo ângulo, isso significa que ele é tecido por trocas. A troca é uma relação desigual, combina justiça e injustiça como componentes. Ela contém um paradoxo.

---

<sup>36</sup> No original: Every interaction has to be regarded as an exchange: every conversation, every affection (even if it is rejected), every game, every glance at another person. The difference that seems to exist, that in interaction a person offers what he does not possess whereas in exchange he offers only what he does possess, cannot be sustained.

Historicamente, ela pode ser considerada como o primeiro meio social para combinar justiça com mudança na propriedade. Tal só pode ser entendido se levarmos em consideração que, em determinados momentos ao longo do tempo e, até mesmo nos dias de hoje, em sociedades e culturas específicas, o principal meio de mudança de propriedade era o roubo ou a doação de presentes. Tomava-se ou recebia-se do outro sem que nenhum objeto fosse repostos no lugar daquele que se teria perdido.

Com o advento da troca (de presentes, produtos por outros produtos ou objetos por dinheiro), alguém sempre recebe um valor ao entregar aquele que lhe pertencia. Em contraste com outras formas de adquirir objetos – como o roubo ou o oferecimento de presentes, em que o impulso mais puramente subjetivo é satisfeito –, ela pressupõe um julgamento objetivo, consideração, mútuo reconhecimento, uma contenção do desejo subjetivo direto. Implica um relacionamento, mesmo momentâneo, e uma negociação com o outro; por meio dela ocorrem encontros e relações são travadas.

Entretanto, a justiça ou a igualdade que parece estar nela implicada é apenas formal e relativa. Há sempre uma diferença entre o valor de uso e o valor de troca de um objeto ou mercadoria. Se a troca fosse realmente justa, nenhuma pessoa deveria ter mais ou menos que outra. Nela, as pessoas oferecem somente objetos relativamente sem utilidade e aceitam aqueles considerados mais necessários, em outras palavras, oferece-se o que tem um valor de uso inferior àquele pelo qual se troca. Só muito raramente, a troca possibilita, na mesma extensão, ao doador e ao receptor o objeto desejado. Assim, toda relação de troca está fundamentada na divergência dos valores de uso.

No caso da troca de serviços ou benefícios pelo dinheiro, como ocorre nas relações de prostituição, de um lado, uma parte recebe o objeto especialmente necessário ou desejado, o sexo ou o prazer sexual, enquanto a outra recebe algo, de forma geral, ambicionado pelos diversos

membros da sociedade, o dinheiro. Só por causa da ilimitada utilidade e permanente desejabilidade, toda troca torna-se, ao menos em princípio, igualmente vantajosa para ambas às partes, mesmo que um olhar mais cauteloso perceba a discrepância entre os valores trocados e a desigualdade aí presente.

Um outro elemento chama a atenção na reflexão a respeito da troca: a percepção de um processo, onde são tecidas redes de relações. Assim, para existir troca é preciso haver necessidade de partilhar esquemas, há de existir, mesmo em meio a posições diferentes, uma gramática em comum, em especial, se tomo as relações construídas em uma metrópole, onde coexistem diferentes estilos de vida e visões de mundo.

Assim, para que a troca tenha lugar, é imprescindível a produção de um interesse comum capaz de congrega indivíduos de outra forma não conectados. Ela não prescinde de uma linguagem, uma gramática, uma rede de significados comum aos participantes que dela compartilham.

### **3.1 PARA ALÉM DO ÓBVIO: A PROSTITUIÇÃO COMO TROCA**

A prostituição é um fenômeno que, pela sua aparente obviedade, traz consigo inúmeras armadilhas, pois é fortemente carregado de valores, opiniões, preconceitos e estereótipos. Uma prática social sobre a qual raramente as pessoas demonstram indiferença, mas ao contrário, sempre exibem idéias bem formadas, majoritariamente de condenação e reprovação moral.

Por essa razão a pergunta *o que é prostituição?* foi o ponto de partida para pensá-la buscando além do fenômeno aparente os processos que a compõem e esculpem-lhe a forma. A resposta para a pergunta inicial poderia vir de diversos campos.

De forma geral, entende-se prostituição como qualquer relação na qual ocorre a troca do sexo por dinheiro ou esteja presente alguma compensação material ou financeira. No campo do direito, por exemplo, quando se fala de prostituição, ela é associada à idéia de contravenção, de crime<sup>37</sup>. Inscrita na ordem médica, historicamente, vincula-se à idéia de doença<sup>38</sup>.

Entre as prostitutas organizadas, é vista como *um trabalho, uma profissão como todas as outras*, tal visão parte da premissa da prostituta como trabalhadora que utiliza o corpo como objeto de trabalho, não havendo, portanto, nada de condenável aí, pois a mulher sendo dona do próprio corpo pode usá-lo como melhor lhe convier<sup>39</sup>. Partindo dessa forma de entendimento, em 2002 foi elaborado por Fernando Gabeira um projeto de lei, conhecido como Lei Gabeira<sup>40</sup>, propondo a legalização da atividade de prostituta. A prostituição seria reconhecida como um trabalho, cujas profissionais teriam direito a carteira assinada, décimo terceiro salário, aposentadoria, fundo de garantia, etc. O projeto se justifica, segundo Gabeira (2004), pela inaceitável hipocrisia na forma de tratar a questão por parte da sociedade em geral.

A percepção da prostituição como profissão ou como um tipo específico de trabalho, a meu ver, traz a nu a mercantilização do ser humano em nosso tempo e espaço, pois, ao afirmar a prostituta como uma trabalhadora, alguém que vende sua força de trabalho no mercado, aponta como única diferença, em relação aos demais trabalhadores, a função realizada por ela, que por estar ligada ao sexo é percebida diferentemente pela sociedade. No entanto, do ponto de vista do mercado, tanto prostitutas quanto os demais trabalhadores, sejam eles operários de fábricas,

---

<sup>37</sup> No Brasil, a prostituição em si não é crime, mas, sua prática está diretamente ligada ao crime de lenocínio, caracterizado, sobretudo pelo fato de se prestar assistência à libidinagem alheia, ou dela se tirar proveito.

<sup>38</sup> Historicamente, a prostituição foi caracterizada como uma doença, uma patologia diretamente ligada às perversões femininas. Foram muitas as pesquisas que buscavam a sua causa. Atualmente, mesmo que a ciência e as pessoas em geral tenham superado tal visão, no senso comum ela, quase sempre, aparece ligada às doenças sexualmente transmissíveis e à AIDS.

<sup>39</sup> Essa corrente se refere às mulheres maiores de idade, quando o assunto está relacionado à infância e à adolescência o debate assume outras características.

<sup>40</sup> Disponível no site [www.gabeira.com.br](http://www.gabeira.com.br).

professores, jornalistas, intelectuais ou empregadas domésticas, nada são além de força de trabalho transformada em mercadoria e comercializada em mercados específicos. Nesse processo, o ser humano é substituído pelo mercado de trabalho.

Uma outra forma de perceber a prostituição liga-se a algumas alas do feminismo, para quem ela se configura como uma relação de exploração das mulheres (nesse caso específico, percebidas como seres frágeis e sem escolha) pelos homens (machos dominadores). A prostituta não é vista como sujeito da própria história; suas conquistas e força são esquecidas ou renegadas a um plano quase invisível. Elas não são percebidas como as mulheres independentes, fortes e ativas encontradas nos locais de prostituição. Fundamentalmente, esquece-se que o dinheiro e o sexo outorgam poder e, nesse sentido, as mulheres não são meros seres explorados e sem escolhas.

Na prostituição, o poder é exercido por ambos os lados – dos clientes e das prostitutas – diferentemente. A complexidade presente na relação só pode ser percebida quando ultrapassamos a percepção corrente que significa a prostituta como vítima potencial ou unicamente como ser passivo e explorado. Tais idéias, mesmo podendo, em alguns momentos, estar em consonância com a realidade, não devem ser entendidas como regra ou a única forma possível de explicação e vivência da prostituição, mas apenas como um dos entendimentos possíveis na multiplicidade de possibilidades existentes quando se está no campo de tais relações.

As próprias mulheres que sobrevivem da prostituição têm consciência do poder exercido. Elas utilizam o sexo como uma mercadoria e com isso garantem a sua sobrevivência e a possibilidade de viver experiências diferenciadas que o dinheiro conseguido com a prostituição permite.

Trata-se de empregar o sexo e o corpo em benefício próprio, o que representaria uma certa *esperteza* e mesmo inteligência, pois está implícita a idéia de que, ao invés de ser ludibriada

pelos homens através de promessas não cumpridas ou sonhos que nunca seriam realizados, elas utilizam o sexo, deixando de lado a atmosfera onírica que poderia cercá-lo e fazendo dele concretamente uma estratégia de sobrevivência.

- eu trouxe uma china<sup>41</sup> do interior, mas ela não dá nem pra puta! Voltou pro interior e lava roupas por R\$ 10,00. Aliás, entrega a roupa que a mãe lava. Ao entregar, dá pro patrão, pra descolar mais R\$ 10,00. Agora está grávida. Ela é muito burra, nem pra puta dá! Eu apresentei ela aos gringos. Eles pagam R\$ 100,00 a R\$ 150,00, às vezes, só pra desfilar com elas. Levam elas para fora do país, pra fingir pra família que são homens. A besta não quis nem isso! Ganhou R\$ 500,00, achou que tava rica e voltou pro interior. **(Beth, diário de campo)**

- Porque eu não me sinto, que eu não levo, eu não tenho jeito pra essa vida, como eu sinto que tem muitas aqui que tem. Sabe? É aquela vontade de fazer mesmo, num sei o que e tudo. E eu não, fico ali... Se vier e quiser sair, tudo bem! Mas eu não fico com aquela... aquele negócio, aquela vontade, aquilo tudo. **(Pâmela, 19 anos)**

- Eu dou por dinheiro, num dou por prazer, não. A puta dá por dinheiro. A rapariga dá porque o cara é bonitinho, é gostosinho e tá a fim de dar. Tem muito home que come e depois num olha mais nem pra cara dela. E às vezes o homem paga a gente e ainda trata você bem. É só você saber com quem vai sair. **(Vanessa, 25 anos)**

Ao afirmar *que algumas mulheres não dão nem pra puta*, Beth remete a um ponto de vista interessante, pois a idéia posta em nível de senso comum coloca a prostituição como algo, de certa forma, inerente a mulher: uma prática a que toda mulher poderia se dedicar, pois não dependeria de nenhuma aptidão específica, mas somente de uma escolha pessoal de cada uma. Esquece-se que a prostituta, assim como os demais trabalhadores e trabalhadoras, domina um universo de habilidades. Precisa separar sexo de amor, ter capacidade de negociar, ter desenvoltura no trato com o dinheiro, saber se relacionar com o outro, enfim, dominar uma série de competências que lhe garantirão sobreviver no mundo da prostituição. Tudo isso demonstra que ser prostituta é uma atividade muito mais complexa do que pareceria à primeira vista.

Ao declarar sua esperteza, as mulheres não apenas afirmam sua capacidade de transmutar uma situação outrora desvantajosa para elas em uma outra que lhes pode proporcionar

---

<sup>41</sup> Iniciante que recebe os ensinamentos de uma prostituta mais antiga para passar a exercer a atividade.

certas vantagens, quanto acompanham o movimento da sociedade capitalista que mercantiliza todas as áreas da vida, transformando seres humanos em objetos sujeitos às leis do mercado. Assim, passar a exercer a função de prostituta significa, antes de tudo, estar de acordo com o movimento da sociedade contemporânea, onde quase todas as formas de sensualidade ou foram ou estão em processo de mercantilização.

É verdade que as prostitutas, ao menos aquelas com as quais conversei, não estão totalmente conscientes disso. Pois, embora percebam que o *ser puta* lhes traz algumas vantagens na vivência do sexo, há também um forte componente de auto-condenação e preconceito, que perpassa a atividade de prostituta e lhes dificultam os passos. A sociedade age em relação a ela de forma a lhe transformar em uma aberração, como se no processo social o ser humano não fosse objetificado, como se fosse o fim e não o meio da vida social; como se tais processos ocorressem apenas na prostituição, quando, na realidade são o sustentáculo da sociedade capitalista. Assim, um olhar mais atento para as relações de prostituição pode percebê-las como um símbolo que desvenda a vida social na modernidade.

Além disso, pensar a prostituta como *esperta* implica em percebê-la como alguém que também exerce poder, o que tem implicações sérias para a prática, pois solicita o rompimento com a visão meramente negativa da prostituição. A partir de tal visão, não é possível pensá-la tão somente como perpassada por atitudes de dominação da mulher pelo homem, o que seria, na verdade, desconsiderar que, para as prostitutas, há formas de respeito expressas no recebimento do dinheiro, no *quantum* acertado, no tratamento a elas conferido, enfim, em uma série de fatores que trazem uma certa positividade ao ato de se prostituir, quando comparado ao sexo pelo sexo vivenciado por muitas mulheres.

Tanto Vanessa quanto Beth expressam, de forma clara, apesar de usarem termos diferentes, a fronteira entre *ser puta* e *ser rapariga*. No contexto acima expresso, a puta aparece

como esperta alguém capaz de utilizar os atributos físicos ou um *savoir faire* e, através deles, diferenciar-se da mulher que *é tão burra que nem pra puta dá*. A *puta* coloca-se como superior à *rapariga*, não *dá* apenas por prazer, leva vantagem, consegue tirar proveito de uma situação na qual a superioridade masculina aparece de forma evidente. Nos depoimentos em pauta, a prostituição aparece como uma forma de valorização da sexualidade feminina, uma espécie de proteção contra o poder masculino e também como uma utilização racional do sexo.

Ora, a sociedade moderna, com seu individualismo, suas metrópoles e relações fortemente marcadas por transações econômicas, exige racionalidade e intelectualidade até mesmo na vida cotidiana. Na modernidade é preciso saber usar o corpo de forma a tirar proveito daquilo que ele pode oferecer. Ele é significado como ferramenta de trabalho. No caso da prostituição, a sociedade alcançaria uma racionalização ainda mais forte, pois além de ser transformado em mercadoria ele pode ser ainda vivenciado como veículo de prazer, o que parece estar em desacordo com a forma de a sociedade hodierna vivenciar a própria idéia de trabalho.

A *puta* é aquela que sabe tirar proveito dos seus atributos físicos e, para tanto, vive o sexo de forma a transformá-lo em um modo de sobreviver, o que parece ir de encontro tanto à idéia de que o trabalho, especialmente aquele não especializado ou ligado diretamente à utilização de um maior esforço físico, que não deveria estar ligado diretamente ao prazer, quanto à dessacralização da sexualidade feminina envolta em tabus e modelos pré-estabelecidos que deveriam ser socialmente seguidos.

Além disso, através de tais imagens também estereotipadas como a da *puta* e a da *rapariga*, as mulheres que sobrevivem da prostituição criam uma imagem e uma contra-imagem delas mesmas. Constroem sua identidade a partir de elementos de valorização e desvalorização do próprio eu. No imaginário do grupo, elas auto-identificam-se como mais inteligentes, dotadas

de uma capacidade específica de ganhar dinheiro com o sexo. Elas burlam o lugar da mulher na sociedade: são donas da própria sexualidade.

O homem de programa<sup>42</sup> não é apenas servido, serve-as também, deixa-lhes dinheiro e, algumas vezes, proporciona-lhes prazer; não há ilusões quanto à volta, ao amor ou a qualquer tipo de compromisso na relação estabelecida e mesmo que na prática o ideal não seja cumprido e as relações sejam muito mais complexas do que se julga à primeira vista, ao menos em nível de discurso ele continua atuando como uma proteção.

Vivemos em uma sociedade que aprisiona a sexualidade feminina no casamento ou em modelos que justificam a vivência do sexo, como é o caso do amor. Para o homem, o sexo aparece como uma necessidade fisiológica; para a mulher, quase como uma necessidade espiritual, o coroamento de uma relação pautada nos sentimentos considerados mais dignos pela sociedade abrangente, como é o caso do amor, da abnegação, da generosidade, dentre outros. No campo do feminino, o sexo precisa de um motivo, uma justificação, enquanto, para o masculino, apenas o desejo e a necessidade física são levados em consideração e suficientes para justificá-lo.

O ato sexual em si é concebido pelo homem como uma forma de dominação, de apropriação, de “posse”. Daí a distância entre as expectativas prováveis dos homens e das mulheres em matéria de sexualidade – e os mal-entendidos que deles resultam, ligados a más interpretações de “sinais”, às vezes deliberadamente ambíguos ou enganadores. À diferença das mulheres, que estão socialmente preparadas para viver a sexualidade como uma experiência íntima e fortemente carregada de afetividade, que não inclui necessariamente a penetração, mas que pode incluir um amplo leque de atividades (falar, tocar, acariciar, abraçar, etc.), os rapazes tendem a “compartimentalizar” a sexualidade, concebida como um ato agressivo, e sobretudo físico, de conquista orientada para a penetração e o orgasmo (BOURDIEU, 1999, p. 29-30).

Em uma sociedade onde a sexualidade feminina é aprisionada, a prostituição não poderia deixar de aparecer como algum tipo de aberração, de contra-senso ou anomalia. As

---

<sup>42</sup> A expressão *homem de programa* é uma forma comum de elas designarem o cliente.

prostitutas ousam quebrar as regras gerais postas para as mulheres no campo da sexualidade. Tomam para si um lugar indevido. Estão nas ruas, nos bares, nas boates, em locais impregnados pela lógica masculina.

Além disso, pensam e agem como homens: diferenciam amor e sexo e se permitem vivê-los separadamente. Enquanto, para a maioria das mulheres, o sexo exige a justificativa do amor ou mesmo a idéia do relacionamento<sup>43</sup>, do estar vivenciando algum tipo de vínculo com o outro, na prostituição o sexo aparece como um negócio, um produto a ser trocado por um montante em dinheiro.

A meu ver, mesmo se a justiça implicada na troca é apenas formal, ela remete a uma situação de relativa igualdade: o homem sempre dá algo em troca pelo que recebe. Se o que ele tem para dar não parece justo, diante do produto que a mulher oferece, é sempre possível para ela rejeitar a troca.

Há necessidades concretas, materiais ou espirituais que determinam o recebimento ou não de um *quantum* em troca de serviços sexuais. A troca do sexo por dinheiro, em nosso tempo e espaço, está diretamente ligada à exacerbação do consumo e das inúmeras necessidades criadas cotidianamente pelo capitalismo.

Não é possível pensar as necessidades somente como aquelas atreladas à sobrevivência imediata do indivíduo (comida para matar a fome, roupa para proteger do frio, etc.), elas vão além, estão relacionadas ao bem estar, ao *status* e à aceitação social. Em uma sociedade onde *as pessoas valem aquilo que tem*, a consecução do dinheiro representa poder, e isso não é diferente para as prostitutas, tampouco para os clientes que por suas condições materiais compram o objeto ambicionado.

---

<sup>43</sup> Segundo Giddens (1993), o termo relacionamento significa um vínculo emocional próximo e continuado com uma outra pessoa, só sendo utilizado em uma época relativamente recente.

Assim, homens e mulheres exercem poder na relação de prostituição, mas não é possível deixar de se levar em conta a assimetria nela presente. Os níveis e expressões de poder existentes são distintos. Para o homem, o poder se expressa através da posse do dinheiro, instrumento capaz de lhe dar acesso ao corpo da mulher desejada, e também pela própria idéia da posse da fêmea<sup>44</sup>, impregnada por imagens de passividade e domínio. Para a mulher, expressa-se na imposição dos limites, na fixação das regras do jogo e na possibilidade de dar prazer através do trabalho por elas exercido.

O poder é por mim compreendido, no âmbito da presente discussão, nos termos de Foucault (1997, 2000), como uma multiplicidade de correlações de força. Ele não tem um lugar determinado ou opera em um único tipo de relação, é onipresente, está em toda parte, produz-se a cada instante e em todos os lugares, exerce-se a partir de inúmeros pontos; as relações de poder não são exteriores às econômicas ou sexuais, mas são-lhe imanentes; ele vem de baixo, é fruto de diversas clivagens que atravessam todo o corpo social; as correlações de poder têm um caráter relacional, ou seja, não podem existir senão em função de outras relações, as resistências.

Terceira precaução metodológica: não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre outros, de um grupo sobre outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem, e o detêm exclusivamente, e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão (FOUCAULT, 2000, p. 183).

Na concepção de poder trabalhada por Foucault, não existe um lado exercendo poder e um outro aliado dele. Ele configura-se não como um objeto, mas como uma relação. Para

---

<sup>44</sup> Ver Bourdieu, 1999.

aquele autor o que existe de fato são relações de poder, e onde há poder há resistência, ou seja, se forjam contra-poderes.

Tomo aqui a construção de Foucault sobre poder por considerá-la um suporte para o entendimento do poder presente nas relações de prostituição. Nelas, pelo menos a partir do ponto de vista que defendo, não há um homem dominador e uma mulher dominada, mas poderes e contra-poderes que em diferentes momentos pertencem a um ou outro ator.

Nas relações de prostituição, até certo ponto, as mulheres têm liberdade de escolha entre aceitar ou não as exigências masculinas. Juntos, homens e mulheres fixam os limites do próprio poder. Ao lado do poder exercido por cada personagem presente no cenário da prostituição, contra-poderes são gerados.

A possibilidade de mudar as regras do jogo, de desobedecer às normas fixadas, está sempre presente, tanto para os clientes, quanto para as prostitutas e, modifica o lugar do poder na relação. A negociação é o processo por excelência em que se fixam as regras e, a partir dela, cada um dos envolvidos discute os limites e possibilidades da troca a ser realizada. Ela faz parte das relações de prostituição, é o seu primeiro momento e é essencial para que o restante do processo se desenrole de forma a beneficiar ambas as partes envolvidas.

- Geralmente, quando a gente fala o preço, 50% reclama: - *Ah, 50 reais, tá muito caro. É de ouro?* Pergunta se vai por menos, 40, assim. Às vezes acaba aceitando, depende da pessoa. **(Elisângela, 20 anos)**

- Assim, ele chega vai pergunta: - *Quanto é o programa?* A gente diz: - *É 50 reais.* Aí: - *Mais rola tudo?* Eu digo: - *Não, só não rola a bundinha, o resto, faz tudo.* Aí tem uns: - *Não, ainda num rola, num sei quê.* Aí tem uns que só quer atrás mermo. Aí a pessoa num dá. Eu mermo num dou não, atrás não. Aí eles vão embora. Tem uns que fica e tem uns que dá 50, tem uns que dá 40, aí, assim vai. **(Lúcia, 21 anos)**

- Aí, ele pára, pergunta o preço. Aí se der pra mim ir eu vou. Eu num faço programa menos do que 30 reais. **(Paula, 18 anos)**

- Não, aí, tem muitos homens aqui que fala: - *Não, 50 eu não pago. Pago 40.* Eu digo: - *Eu não vou.* Eu sou assim, eu tô aqui, tô fazendo programa, mas eu tenho esse preço, se não quer me pagar eu não vou. Até algumas vezes eu já sai por 30 aqui, já sai por 20, já sai por 40, já sai por esses preços. Mas agora, hoje em dia não saio mais, porque não vale a pena. **(Valéria, 19 anos)**

Além de chamar a atenção para a existência de regras fixas a serem seguidas pelos envolvidos na prostituição, os depoimentos acima expostos ressaltam a existência de limites pessoais, de preferências e aversões que são explícitas durante as negociações. A fala de Valéria demonstra ainda que o tempo e a vivência dos percalços, dificuldades e também possibilidades inerentes à prostituição, mudam o nível de tolerância e fazem com que as mulheres tenham mais segurança não apenas em relação ao seu papel, mas também às fronteiras que são possíveis e preciso erguer na sua relação com o outro.

Os limites e exigências impostos por ambos os lados não significam a eliminação das relações de poder, mas ao contrário expressam o seu exercício. Homens e mulheres negociam, falam de suas preferências e aversões, aceitam ou não as exigências do outro lado; embora o fato de reivindicar e ter suas próprias exigências atendidas não pareçam, à primeira vista, uma forma de poder, de fato o são, pois impõem determinações reguladoras dos comportamentos dos atores envolvidos na prostituição, marcam as assimetrias, as diferenças e o campo de ação de cada um.

Na troca do sexo pelo dinheiro, que tem lugar na prostituição, o poder se difunde desde o primeiro até o último contato dos atores envolvidos. Ele está presente no processo de negociação, na barganha propriamente dita, no pagamento do serviço e até mesmo depois na percepção que se tem do ato realizado. Assim, a prostituição pensada como uma forma de troca não elimina o aspecto do poder, ou mais precisamente dos micro-poderes, mas incorpora-os como parte dos elementos que a compõem.

Assim como toda troca de mercadorias, a prostituição concretiza-se por meio de uma negociação. Do lado das mulheres, a negociação sempre começa pelo preço mais alto. Algumas vezes os clientes não aceitam o preço estipulado; as companheiras atrapalham, mas há um limite para cada uma delas que passa pela valorização do próprio ser e do corpo, pela sua auto-estima, pelas suas necessidades momentâneas ou de âmbito mais geral, enfim por uma série de

multicausalidades que nunca poderão ser resumidas a um único elemento; ultrapassar os limites significa ir além das possibilidades individuais e, na maioria das vezes, é significado como uma autoviolência, uma desvalorização do eu.

Como em todos os campos há interditos, normas e regras que, mesmo não estando explícitas, dão a tônica do encontro entre cliente e prostituta. Nenhuma troca prescinde de tais regras; há fronteiras que não podem ser ultrapassadas; há comportamentos aceitos e outros rejeitados.

Na troca ocorrida no âmbito da prostituição, mais especificamente na Praia do Meio, tem lugar uma complexidade de situações onde tanto o grupo e os indivíduos, quanto o próprio mercado fixam os limites. Há situações em que as regras implícitas são burladas por uma necessidade extrema, o que cria problemas para o grupo, mas passa por questões individuais que não podem ser desconsideradas. Cada uma das mulheres da Praia do Meio, dada a vivência de situações específicas, em determinados momentos, possivelmente já ultrapassou as fronteiras do pagamento tido como aceitável. No entanto, elas não assumem tal fato, o que se coloca também como uma forma de autovalorização.

As situações extremas são as mais diversas e estão presentes não apenas na prostituição que tem lugar na Praia do Meio, mas nos diferentes âmbitos da sociedade que lidam com a troca de produtos ou serviços. Em alguns casos, a prostituição torna-se um veículo para a manutenção de um vício, em outros, uma saída para uma necessidade limite. Tais situações são exceções e referem-se a momentos determinados e, como tais acontecem ocasionalmente; não são elas que dão a tônica e fixam os limites da negociação, embora influenciem na queda ou subida do preço do programa.

No geral, ambos, prostituta e cliente, procuram uma troca da qual possam tirar vantagens, beneficiarem-se de algum modo. O valor da mercantilização supõe uma satisfação mútua, especialmente se ele é expresso em termos de dinheiro.

Alguém que pega o objeto certamente o fará somente se ele necessita dele nesse momento; a pessoa que pega o dinheiro o aceitará porque ela pode usá-lo em qualquer tempo. A troca pelo dinheiro torna possível um aumento na satisfação de ambas as partes, enquanto que na troca de produtos por produtos, são freqüentes os casos em que somente uma parte terá um interesse específico em adquirir ou se descartar do objeto (SIMMEL, 1990, p. 293)<sup>45</sup>.

Mesmo ocorrendo, em um certo sentido, um nível de satisfação tanto do cliente quanto da prostituta, as trocas, de forma geral, envolvem um processo de perdas e ganhos. Os objetos trocados têm valores diferentes e o valor expresso em dinheiro nunca é capaz de abarcar todos os aspectos que circundam o valor de um determinado objeto.

Em algumas trocas específicas, como quando trocamos amor por amor ou dividimos recursos intelectuais em uma discussão, não perdemos nada nem somos reduzidos. Mas a troca que envolve o componente econômico sempre significa o sacrifício de um produto para conseguir um outro mais desejado ou mais necessário.

Na prostituição, que também pode ser considerada uma troca econômica, apesar de ultrapassá-la, o processo também está presente e ligado diretamente a perdas relacionadas ao campo da moral, especialmente no caso das mulheres. Ocorre aí uma redução, cujo componente essencial encontra-se na moralidade, nas regras sociais.

Voltando ao ponto inicial, em que perguntava o que é prostituição, torna-se cada vez mais claro que não estou diante de uma resposta tão óbvia. Quando me referi à prostituição, de

---

<sup>45</sup> No original: The one who takes the object will certainly do so only if he needs it at this point in time; the person who takes money will accept it because he can use it at any time. Exchange against money makes possible an increase in satisfaction for both parties, whereas with exchange in kind it is frequently the case that only one party will have a specific interest in the acquisition or disposal of the object.

forma geral, como a comercialização do sexo, inicialmente tal idéia parecia aceitável. Mas se tomo uma relação em que uma mulher se casa por dinheiro ou mesmo utiliza o sexo para conseguir determinadas vantagens materiais, ou financeiras, junto ao marido, posso considerá-la uma prostituta ou o casamento como uma prática de prostituição? A sociedade abrangente pensa essa mulher como prostituta? E quanto às mulheres que mantêm relações sexuais com os namorados e de forma sutil lhes solicitam presentes, elas podem ou não ser consideradas prostitutas? Afinal, o que nossa sociedade entende ou mesmo significa como prostituição?

Muitas outras perguntas poderiam ser aqui colocadas. Há inúmeros casos nos quais há um limite tênue entre o ser ou não prostituta. Tais casos são importantes no sentido de nos exigir uma reflexão sobre o quanto as classificações são frágeis quando submetidas à vida real. Os clientes entrevistados contam histórias e envolvimento, nos quais os limites são delicados e dificultam pensar a idéia de prostituta e prostituição.

- Comigo acontece muito, de sair com meninas que não se dizem prostitutas, mas que eu considero, de uma certa maneira, como prostituição, que tem muito, menina que eu sei é, não tem condições tão boas e dinheiro, como eu conheço uma mesmo mora em Parnamirim e, geralmente, na quinta-feira que eu vou em Parnamirim eu saio com ela, a gente termina na cama, eu não dou nada a ela, não boto um real na mão dela, mas em compensação, dois meses atrás ela reclamou que a conta do celular dela tava alta, ela não podia pagar, eu pedi e paguei. Então, de certa forma, é uma prostituição. Ela não cobra pra sair comigo, mas alguns favores ela aceita que sejam feitos em troca do, da saída que a gente faz. **(Damião, 21 anos)**

- Então, como eu estava falando, hoje você nem sabe quem é prostituta, então de repente você fica com uma prostituta sem saber que ficou com uma prostituta. (...) Então, ficou muito generalizado, de formas que você anda em vários ambientes e você às vezes sai com uma menina que quando você vai ver, vai saber ela era uma prostituta, realmente, quando ela começar a lhe cobrar dinheiro, a lhe pedir coisas, você começa a ver que ela na realidade é uma prostituta, mas dentro da própria sociedade tem mulheres que vive indiretamente, é, explorando o homem que não deixa de ser uma prostituição também. **(Jorge, 50 anos)**

- Um conhecido nosso saía com uma menina. Ela cobrava, num ocasional dele, sem muita relação, mas também a menina, era de programa, estudava. Eles saíam assim há meses, de vez em quando se encontravam, saíam, às vezes ligavam, ele ligava, é, ela como era, era, era mais humilde e ele com uma condição boa, classe média alta. E um dia ela chegou pra ele e disse: - *Fulano, eu tenho uma proposta pra lhe fazer.* Aí ele disse: - *Diga!* É o seguinte: *eu tô pretendendo fazer um cursinho no CDF. O cursinho é R\$ 110,00, eu não tenho esse dinheiro. Eu trouxe aqui, um carnê, você paga pra mim todo mês os 110,00 até o final do cursinho e aí você liga pra mim, a hora que você*

*quiser, se você quiser, a gente sai.* Ele pensou assim: - *110 pra mim, não é nada.* Eu já posso fazer, mas sempre tem aquela coisa assim, - *não hoje eu não posso, hoje eu vou sair com alguém.* Ai ele disse: - *Tá combinado!* Tão assim há três meses, tá tranquilo, perfeito. Ele diz: - *Ah, briguei com minha namorada, eu estou, quero sair com você.* Ela diz: - *Ah, tranquilo!* Ai ela ajeita: - *Me pegue depois do cursinho.* Passa a noite juntos no motel. Ai Moises me perguntou: - *Caetano, isso é prostituição ou não?* Eu fiquei, fiquei, digo: - *E agora?* Eu rodei, rodei, rodei. Eu não acho que seja. Perguntei pra Damião. Fiz a pegadinha pra Damião, Damião: - *É, é.* Perguntei pra Maria (esposa), Maria: - *Num sei, mas, eu acho que é.* Eu não consigo ver como. **(Caetano, 33 anos)**

Os depoimentos referem-se a relações que pouco diferem daquelas vivenciadas pelas mulheres da Praia do Meio. Mulheres que fazem sexo em troca de alguma compensação monetária, mas sobre as quais pairam dúvidas quanto a serem ou não prostitutas. Quem de nós ousaria perguntar se uma das mulheres que vai a Praia do Meio e aborda os passantes oferecendo sexo em troca de dinheiro é ou não prostituta? A resposta parece óbvia demais.

Mas há realmente diferenças tão gritantes em relação à estudante de cursinho que apresenta o carnê da escola ou a outra que solicita o pagamento da conta telefônica e as mulheres que ocupam a avenida 25 de dezembro? Por que há dúvidas quanto a essas mulheres serem ou não prostitutas? Caetano chega mesmo a afirmar, dentro da situação a que se refere, que não consegue ver como aquela mulher poderia ser classificada como prostituta.

Entretanto, tomando o que aqui venho discutindo sobre prostituição, considero não ser possível negar que elas estão inseridas em tais relações, à medida que estabelecem relações em que trocam sexo por objetos materiais, favores e até mesmo dinheiro. O que parece trazer dúvidas quanto à condição de tais mulheres é a provisoriedade e a não regularidade das relações de troca, tendo em vista elas se inserirem em outros espaços e assumirem outras funções em sua vida.

Quando, no entanto, me refiro especificamente à prostituta da Praia do Meio, sua condição parece mesmo estar entranhada em sua essência enquanto ser humano e mulher. Não se tem a dimensão da prostituição como um dos papéis vivenciados por tais mulheres. Elas são

prostitutas, não há escapatória. Quando, por outro lado, faço referência não à prostituição, mas às relações de prostituição, quero com isso retomar as outras dimensões da vida de tais mulheres que, assim como a estudante do cursinho, representam outros papéis e circulam em outros espaços sociais.

Além da dimensão de pertencimento à prostituição que aquela cuja visibilidade da função não permite dúvidas, um outro elemento entra em jogo no que condiz a percepção ou não daquelas mulheres que de forma mais disfarçada a vivenciam: trata-se da situação sócio-econômica das que se envolvem com a prostituição.

As mulheres que fazem programa na Praia do Meio são, quase exclusivamente, advindas de bairros e famílias pobres. A prostituição, na maioria das vezes, retira-as de uma situação de miséria absoluta, permitindo a entrada em um mundo de novas possibilidades de conforto e consumo. A estudante universitária, a vendedora de loja, a filha de famílias de classe média ou alta vivencia a prostituição diferentemente e, na maioria das vezes, de forma mais camuflada e por isso mesmo mais esporádica. Em geral, não assumem sua condição de prostituta e, quando o fazem, há outras nomenclaturas com que são conhecidas no mundo da prostituição, não são putas ou prostitutas, são garotas de programa.

E não é à toa que modalidades de prostituição diversas são nomeadas diferentemente; falar de garotas de programa não é o mesmo que falar de prostitutas: trata-se de condições sócio-econômicas diferentes e, indiscutivelmente, de valores sociais díspares. As mulheres da Praia do Meio sabem disso, são conscientes de que seu valor social está ligado à atividade que exercem.

Elas não são vistas como seres humanos comuns ou mulheres iguais às outras; são percebidas a partir da função social que exercem, como prostitutas, o que implica, quase invariavelmente, na negação da sua própria humanidade ou condição feminina e por isso mesmo, algumas vezes, embora construam uma identidade impregnada pelos elementos que as reafirmam

como prostitutas, negam o pertencimento a tal grupo ou encontram outras formas de se autoneomear.

Seus discursos oscilam entre o se assumir ou não como prostitutas. Elas realizam um trabalho que não deixa dúvidas e as classifica de imediato como tais personagens. Mas não se trata apenas de trocar sexo por dinheiro. Há aí uma infinidade de elementos incorporados. A figura da puta é ligada a uma série de estereótipos<sup>46</sup> que apontam para a sua condenação moral e também para o encarceramento do seu ser em uma imagem pré-estabelecida.

- Pra mim, a prostituição é aquelas mulher que veve de rua, se drogando... Um exemplo: pára um carro, aí se vende por menos do que o que ela vale, eu vou sair com você por quinze reais, entendeu? Você só acende uma maconha, um negócio, assim porque essas prostitutas são aquelas prostituta derrubada<sup>47</sup>, porque não sabe ser prostituta. Apesar de eu não ter muito tempo de convivência nessa vida, mas já dá pra ver, né?

- E você se considera prostituta?

- Eu não! Ainda não me considero uma prostituta não. Posso até chegar um dia a me considerar. Mas, por enquanto eu não quero ainda. Eu quero sair e pronto! **(Pâmela, 19 anos)**

- Eu me considero uma prostituta porque eu trepo com homens que eu não conheço, né? Prostituta. Trepo por dinheiro, né? **(Kátia, 23 anos)**

- Você se considera prostituta?

- Me considero.

- Por quê?

- Porque eu me considero. Tô aqui quase todos os dias. Não saio com home nenhum, se ele num me pagar eu num saio. **(Betinha, 23 anos)**

- Prostituição pra mim? Olha, eu acho que prostituição... Eu vou ser real. Eu não me considero uma prostituta. Eu me considero uma profissional porque o que a gente faz aqui é, no vocabulário dos outros é programa, né, mas pra gente é uma profissão. **(Paula, 18 anos)**

A negação ou afirmação não está relacionada somente ao fato de ser ou não prostituta, mas de ser nomeada ou não como tal, de se sentir ou não prostituta e, tudo isso, por sua vez, está relacionado a representações afirmadas e reafirmadas socialmente sobre o significado da mulher que se prostitui e da própria prostituição.

---

<sup>46</sup> Os estereótipos ligados à condição de prostituta serão citados e discutidos no terceiro capítulo desse trabalho.

<sup>47</sup> Que não se valoriza, não tem auto-estima ou respeito por si mesma. Pessoa decadente.

Quando, no senso comum, classificamos alguém como prostituta a encarceramos em um modelo pré-estabelecido do qual não parece haver escapatória. Perdemos a dimensão dos outros aspectos da vida da pessoa e a aprisionamos em uma classificação previamente fixada. Um estereótipo, um arquétipo estigmatizante construído e reforçado externamente, mas que, em quase todos os seus aspectos, está em desacordo com as personagens de carne e osso que estão inseridas em relações de prostituição, e também em relações familiares, de vizinhança, etc.

Por isso, é interessante lembrar que as mulheres não são prostitutas o tempo todo. Elas assumem diferentes papéis em sua vida e no curso dos dias. Dentre outros, são mães, esposas, filhas, consumidoras; são pessoas comuns. No entanto, todos os outros papéis que assumem são desconsiderados e elas são pensadas e valoradas apenas como prostitutas.

O resgate da dimensão de temporalidade, de não permanência presente, no discurso das mulheres, pretende relativizar o valor negativo incorporado e ratificado socialmente com relação à vivência da prostituição, pois o vocábulo prostituta é carregado de significados negativados individual e socialmente. O termo prostituta, para Pâmela e Paula, por exemplo, remete àquilo que há de mais decadente na profissão.

Não se trata apenas de trocar sexo por dinheiro, mas de todo um construto social que é antevisto por trás da palavra<sup>48</sup>. Portanto, batalha-se, faz-se programa, exerce-se uma atividade profissional, está-se temporariamente no universo da prostituição. Trocar sexo por dinheiro significa deixar de lado a dimensão de humanidade das mulheres que o fazem, por isso muitas vezes em suas falas se *está* no universo da prostituição, mas não se *é* prostituta.

Há uma ampla concordância na sociedade quanto à idéia do homem como provedor e da mulher como um ser que utiliza seu poder de sedução de forma a conseguir dele o que quer.

---

<sup>48</sup> Este foi um dos motivos pelo qual decidi utilizar o vocábulo prostituta: o fato de ele, ao contrário da idéia de profissionais do sexo, está ligado não somente à atividade de trabalho em si, mas a um estilo de vida e a idéias pré-concebidas e classificatórias que precisariam ser repensadas.

Qualquer um poderia considerar relações pautadas em trocas de favores econômicos como prostituição, mas estaríamos indo de encontro àquilo que, em sociedade, é percebido e institucionalizado como prostituição. O casamento, o relacionamento ou mesmo o namoro implica no enquadramento das sexualidades, ao passo que a prostituição sugere o contrário: a expansão, a possibilidade de relações com um número infinito de parceiros; a usurpação de um lugar indevido para a mulher na sociedade.

Ora, se o sexo é utilizado como forma de barganha no casamento, isso ocorre, ao menos teoricamente, apenas com o marido ou companheiro, o que, de alguma forma, no imaginário social, livra a mulher da condição de prostituta. Aqui encontro um outro elemento para pensar a prostituição: além de ser uma comercialização do sexo, não se limita a um único parceiro. Ela, como toda relação de compra e venda, implica na existência de uma infinidade de clientes, do contrário não se sustenta, tampouco é viável como estratégia de sobrevivência.

- Tinha noite de eu pegar até 30 homens, num pegava mais porque num agüentava, quando eu tinha 18 anos. (**Marinalva, diário de campo**)

- Por dia, assim, porque eu não venho todos os dias, mas durante os dias que eu venho, pronto assim, hoje eu fiz, peraí, (pensa) três. (**Elisângela, 20 anos**)

Você faz em média quantos programas por dia?

- Quando tá bom, três, cinco...Quando tá ruim, um, dois... Assim! (**Keyla, 19 anos**)

- Saio com seis, 10, depende do dia. (**Cláudia, 26 anos**)

As mulheres saem com diversos homens em uma mesma noite, dependendo da sua condição física, do movimento do dia e também, de certa forma, da sua capacidade de conquista. Como em toda relação mercadológica, o elemento da concorrência está presente e é um dos fatores que determina o número de parceiros que cada uma é capaz de conseguir.

Os homens escolhem as mulheres com quem vão sair. Eles passam, olham, vêem alguém que os interessam, dão a volta, passam novamente, para em seguida abordá-las. Nem

sempre a escolhida pelo olhar é aquela com que eles fazem o programa, pois não basta apenas agradar aos olhos, é preciso, como afirmou Kátia anteriormente, *conversar o slogan*, fazer o *marketing*, ou seja, é preciso demonstrar desembaraço, agradar ao cliente, excitá-lo, fazer-se desejada e demonstrar desejo.

Vale salientar que não é apenas o cliente que escolhe, as mulheres também o fazem, quando o homem não as agrada, salvo em situações em que o movimento esteja fraco ou elas tenham necessidades imediatas a serem supridas, elas utilizam mecanismos para dificultar o programa (aumentam o preço, não consentem determinadas práticas, dentre outros) ou mesmo negam-se a fazê-lo.

Um outro aspecto chama a atenção: a prostituta não apenas se envolve em relações sexuais com um grande número de parceiros, como também experimenta sua sexualidade como se fosse homem, toma um lugar que, aos olhos da sociedade abrangente, seria próprio do gênero masculino. Pois é ele que deve vivenciar o maior número de relações possíveis e separar a mulher de casa da mulher da rua, o amor do sexo, para afirmar sua masculinidade e ser compreendido como *verdadeiro homem*, como *macho*, pela sociedade.

Ainda hoje em nossa sociedade, o homem pode ter quantas aventuras sexuais deseje sem que maiores conseqüências lhe atinjam, mas a mulher não. Há uma série de interditos que incidem diretamente na construção do gênero feminino. A vivência de muitas experiências sexuais degrada-a, faz com que aos olhos da sociedade ela apareça como uma pessoa estragada. Mesmo em um momento em que a sexualidade e a intimidade se transformam à luz das conquistas femininas, e mesmo de uma redefinição dos papéis e identidades masculinas e femininas, a vivência da sexualidade da mulher ainda exige diversas justificativas, como o amor ou o engajamento em um relacionamento estável.

O homem faz questão de conquistar. Se a mulher se oferece em demasia, ele se afasta. *A mulher não pode portanto possuir senão fazendo-se presa: é preciso que se torne uma coisa passiva, uma promessa de submissão* (BEAUVOIR, 1980, p. 459). Ela não pode, como o homem, assumir os seus desejos, é o homem que a possui, ela é presa. Com tal forma de percebê-la, há uma recusa em pensar que ela seja simplesmente livre; a mulher livre é percebida como mulher fácil, o que está ligado à idéia de ausência da resistência e do controle. Assim, as mulheres *fáceis* são representadas negativamente.

E o que são as prostitutas, senão mulheres fáceis, aquelas que entram no jogo da conquista, assumindo um papel que estaria mais de acordo com aquilo que se espera do homem em sociedade? Ela é a antítese do papel feminino tradicional: vive o sexo como uma dimensão normal da sua vida; envolve-se com um grande número de parceiros sexuais; ocupa lugares impregnados pela lógica masculina, como a rua, os bares e os bordéis; não precisa de justificativas para comercializar o seu corpo, salvo a sua própria vontade.

É, evidentemente, porque a vagina continua sendo constituída como fetiche e tratada como sagrada, segredo e tabu, que o comércio do sexo continua a ser estigmatizado, tanto na consciência comum quanto no Direito, que literalmente exclui que as mulheres possam escolher dedicar-se à prostituição como a um trabalho. Ao fazer intervir o dinheiro, certo erotismo masculino associa a busca do gozo ao exercício brutal do poder sobre os corpos reduzidos ao estado de objetos e ao sacrilégio que consiste em transgredir a lei segundo a qual o corpo (como o sangue) não pode ser senão doado, em um ato de oferta inteiramente gratuito, que supõe a suspensão da violência (BOURDIEU, 1999, p. 26).

Um outro elemento que parece ir de encontro ao papel feminino socialmente incorporado é que, assim como a grande maioria dos homens, a prostituta se envolve em relações rápidas e passageiras que não teriam sentido se descoladas no contexto em que são vivenciadas. São amantes de ocasião que ao pagar o sexo terminam a relação naquele instante. A fugacidade, à primeira vista, parece ser mesmo a essência da prostituição.

Nela, trocam-se coisas efêmeras que, no entanto, têm uma significação para além de sua efemeridade. Ela, a exemplo das trocas realizadas tendo o elemento monetário como mediador, está diretamente ligada a tal idéia. O casamento, namoro ou relacionamento, independentemente do que ocorre na prática, estão relacionados ao ideal do compromisso, da permanência, do para sempre. A relação de prostituição, ao contrário, pressupõe uma troca momentânea de prazer por dinheiro, de fantasia por dinheiro, de sexo por dinheiro e quando a troca termina o envolvimento entre as partes também termina.

Mas será isso mesmo que ocorre na prática?

Embora a efemeridade esteja no projeto da prostituição, ela não é a regra geral. A grande maioria das prostitutas envolve-se em relações duradouras; algumas convivem durante anos com companheiros encontrados no universo da prostituição<sup>49</sup>, têm filhos e constituem famílias. No entanto, a grande maioria continua vivenciando a prostituição.

Assim, como é comum que os homens, mesmo assumindo um compromisso duradouro com a esposa ou companheira, mantenham relações fora do casamento, em geral pautadas na possibilidade de viver outras aventuras sexuais, a prostituta, mesmo casada, mantém suas atividades profissionais, seja para colaborar no custeio das necessidades cotidianas, seja como uma forma de manter sua autonomia dentro do relacionamento. Aqui, mais uma vez, a prostituta tem um comportamento que é socialmente aceito para os homens, mas vai de encontro àquilo que se espera da mulher em sociedade.

- Tenho dois filhos. Sou junta.
- E o seu companheiro sabe?
- Sabe.

---

<sup>49</sup> Há, em nossa sociedade, uma percepção geral de que qualquer homem que tenha um relacionamento com uma prostituta, se ele trabalha ou não na indústria do sexo, deva ser considerado um cafetão. Considero tal idéia redutível e inadequada, pois, a meu ver, tal forma de pensar serve para negar a dimensão do amor e da afetividade nos relacionamentos vivenciados pelas prostitutas.

- E como é que ele reage?

- Ah, ele me conheceu na praia. **(Indiara, 19 anos)**

- Mulher foi assim: ele, eu tava aqui, né? E eu trabalhava lá em baixo. Aí ele vinha chamava eu pra jantar, tudinho. Eu dizia: - *Não, meu negócio é dinheiro. você tem?* Aí ele dizia: - *Tenho, tudinho.* Aí eu digo: - *Não quer fazer um programa? A gente sai.* Aí ele também nunca fazia o programa não, sempre me levava pra jantar, aí pagava meu aluguel, tudinho e aí, ele era casado. Aí ele deixou a mulher dele e a gente foi morar junto. **(Lúcia, 21 anos)**

- Sempre acontece muitas que arranja uma pessoa, que gosta mesmo, que, finda gostando, vivendo e fazendo uma família. Sempre, é como a gente vai numa pracinha encontrar um namorado e acontece do mesmo jeito, né? **(Cláudia, 29 anos)**

- Eu tenho cinco irmãs, todas cinco na prostituição. A gente caiu daí. Foi através da praia que a gente aprendeu, né? O movimento, turista...

- E elas trabalham aqui?

- Não. Uma se deu bem, né? Uma anda com um gringo. Engravidou e se juntô. Outra vive em Ponta Negra. Uma tá com o marido. Ele não sabe. E a outra casou. Mas, de vez em quando ela vem. Porque ela precisa. Ela tá grávida agora. Mora no interior – Ceará Mirim – sabe? Ela mora com o marido. Ele cuida de uma granja, ganha um salário... **(Keyla, 19 anos)**

Ao contrário do que se poderia pensar, os relatos acima apontam para a possibilidade do rompimento com a efemeridade da prostituição, ou seja, remetem para a existência de relações que, mesmo se constituindo dentro do seu campo, a extrapolam e assinalam a constituição de ligações que se pautam em compromisso, afeto e durabilidade, demonstrando que a mercantilização é capaz de estabelecer laços que ultrapassam a negociação e o mercado. Não há segredos, os relacionamentos ocorrem como em outros âmbitos da vida: as pessoas se conhecem, se atraem, namoram, se casam, passam a viver juntas, têm filhos e constituem famílias.

Além disso, tais relações demonstram que, embora haja socialmente uma necessidade de encarcerar a sexualidade, especialmente a feminina, a prostituta vive a contradição de ser socialmente condenada, vivendo um ato de libertação dentro das contradições. Um ato que as marca negativamente, seja porque através da sua presença e atitudes elas questionam modelos estabelecidos, tanto com relação aos papéis e à identidade de gênero, quanto no que concerne à sexualidade feminina, seja porque elas demonstram que as classificações e modelos não são

definitivos ou impermeáveis às contradições, mas, ao contrário, são permeados por elas e podem ser transformadas em seu próprio campo.

### **3.2 PROSTITUTAS, DINHEIRO E CLIENTES: UMA EQUAÇÃO IMPESSOAL?**

A prostituição é, em nível de senso comum, vista como a troca do sexo pelo dinheiro, mas, na realidade, há uma relação sócio-afetiva complexa, na qual se constrói um tipo de sociabilidade específica, onde os envolvidos desenvolvem cumplicidade com os papéis desempenhados (o que não ocorre, necessariamente, quando falamos dos indivíduos por trás dos papéis). Nela, predomina a intensidade, em detrimento da extensividade, mas isso não a faz menos importante.

Por outro lado, quanto mais individualizada se torna a mulher, mais aflora o elemento pessoal, ou seja, quando ela se destaca do coletivo e passa a aparecer como indivíduo único, a aquisição do sexo pela moeda torna-se, para a sociedade abrangente, cada vez mais indigna. Como exemplo posso citar as prostitutas sagradas: inseridas em relações comunitárias, o seu *sacrifício* era de toda a coletividade e para o bem dela. Com o advento do individualismo, o ato de se prostituir torna-se extremamente pessoal.

Tais afirmações demonstram que a prostituição é um fenômeno histórico, o que significa que em diferentes épocas e sociedades tomou contornos os mais diversos. Assim, é bom lembrar que, na prostituição sagrada, as prostitutas-sacerdotisas tinham um *status* diferenciado, sendo reverenciadas como deusas e recebendo oferendas pelos serviços sexuais prestados, tendo em vistas serem percebidas não como indivíduos, mas como parte essencial da coletividade, cujas ações estavam ligadas a uma dimensão sagrada da vida.

Na Babilônia, a hierarquia das prostitutas do templo refletia uma ampla e variada extensão de funções e especialidades, nem todas claras nas evidências possíveis. As entu

e as naditu eram inquestionavelmente as sacerdotisas de posição mais elevada; abaixo delas estavam as qadishtu (literalmente, mulheres sagradas) e as ishtaritu, cujas vidas e trabalho eram especificamente dedicadas ao serviço da deusa Ishtar. Muitas destas mulheres especializaram-se como cantoras, instrumentistas e dançarinas. Além delas havia uma classe de mulheres chamada harimtu, descritas por alguns historiadores como prostitutas semi-seculares; o que presumivelmente significa que elas trabalhavam tanto no interior dos templos quanto fora, nas ruas. Muitas das harimtu dos templos eram aparentemente escravas, provavelmente mulheres que foram capturadas na guerra; para os homens comuns que as adoravam nos santuários elas também representavam a deusa, mas, ao contrário de suas irmãs da classe mais elevada, estavam sujeitas ao controle dos dirigentes e sacerdotes do templo. Entretanto, como todas as prostitutas sagradas, as harimtu enriqueceram os templos através das oferendas de comida, vinho, azeite e bens preciosos que os adoradores depositavam a seus pés antes de participar dos ritos sexuais (ROBERTS, 1998, p. 26).

Para mentes acostumadas a não pensar para além de sua própria época, o quadro acima parece difícil e mesmo impossível de ser vislumbrado. No entanto, ele é importante para não esquecermos que, assim como todos os acontecimentos humanos, a prostituição passou por diversas transformações no decorrer do tempo e das culturas, para só assim tomar a configuração que hoje apresenta.

Atualmente, não há um entendimento de que as mulheres são parte de uma comunidade e exercem um determinado papel como forma de manter a coesão do grupo; retirou-se delas qualquer ligação com o elemento sagrado e a prostituição passou a ser vista como um ato egoísta e degradante, no qual apenas o indivíduo particular, com suas necessidades e anseios, está em jogo.

Com a mudança na própria configuração da sociedade, muda também a forma de perceber a prostituição e as prostitutas. O dinheiro aparece como uma espécie de marco, também para a prostituição. Ele inaugura ou reforça o tempo do indivíduo, do movimento, da separação quase total do homem e da comunidade. Assim, é que, para Simmel, a entrega feminina deveria ocorrer apenas se quem a procurasse oferecesse também sua pessoa e seus valores mais íntimos, mas se basta dar dinheiro para consegui-la, ocorre desprezo e ignorância por parte dos



consumidores em relação àqueles que entregam algo muito valioso por tão pouco. Tal ocorre em razão de que o que é igual a muitos é igual ao mais inferior entre eles.

O dinheiro, como mediador da prostituição, realiza um nivelamento que impulsiona imediatamente para a posição do elemento mais baixo. O único sinal diferenciador permitido é a quantidade exigida; no processo de troca, o qualitativo transforma-se em quantitativo. Por outro lado, o valor em dinheiro aparece como o único válido, assim, perde-se e passa-se rapidamente pelo significado específico das coisas.

Na visão de Simmel (1993), a entrega é completa, pois não é possível compartimentalizar a mulher. Ela não venderia apenas sexo, ou uma parte específica do corpo, mas a si mesma, pois um serviço isolado exige do trabalhador o sacrifício de uma vida inteira. Para ele, num ponto, não há ilusão alguma a se ter: enquanto o casamento existir, a prostituição também existirá. Na sua concepção, só o amor plenamente livre, quando não houver mais oposição entre legitimidade e ilegitimidade, seria capaz de extinguir a necessidade social das prostitutas.

Na sociedade burguesa, ocorre uma inversão de atitudes: as prostitutas, por exemplo, são os bodes expiatórios punidos pelos pecados cometidos pelos homens da *boa sociedade*. A indignação moral que a chamada *boa sociedade* manifesta em relação à prostituição, para o autor, em muitos aspectos, é matéria de ceticismo. Pois, para ele, a prostituição seria resultado de um estado de coisas que imposto ao conjunto da população. A indignação moral seria resultante da percepção da prostituição como uma escolha completamente livre das mulheres ou como se fosse uma diversão para elas.

Nada mais falso do que chamar de “garotas de vida alegre” essas infelizes criaturas e entender por aí que elas vivem efetivamente para a alegria: talvez para a alegria alheia, mas não decerto para a delas. Ou acaso se estima que seja uma delícia, noite após noite, em qualquer tempo – calor, chuva ou frio -, bater pernas pelas ruas para oferecer uma

presa e servir de mecanismo ejaculatório ao primeiro indivíduo que aparecer, por mais repugnante que seja? Acaso se crê realmente que tal vida, ameaçada de um lado pelas doenças mais infectas, de outro pela miséria e pela fome, e em terceiro lugar pela polícia, acaso se crê que essa vida possa mesmo ser escolhida com esse livre-arbítrio que seria a única coisa a justificar, em contrapartida, a indignação moral? (SIMMEL, 1993, p. 02).

Atualmente, o *amor livre* a que o autor se refere, se o entendermos como a possibilidade de homens e mulheres se engajarem em diferentes experiências sexuais antes do casamento ou de um compromisso sério, ocorre mais ou menos de forma geral, no entanto, a prostituição continua a existir. No meu entendimento, isso ocorre porque ela, ao menos em nosso tempo, parece não estar ligada apenas ao sexo propriamente dito ou às necessidades masculinas como afirma o autor, mas à vivência de fantasias, à possibilidade de transgressão e ao universo do lúdico.

Simmel reduz a prostituição a uma necessidade fisiológica do homem por sexo que, à medida que seria suprida livremente, tornaria a existência da prostituta desnecessária. Embora tenha a intenção de criticar o que chama de *boa sociedade*, ele é limitado pelas idéias do próprio tempo. O mais interessante é perceber que seu pensamento, mesmo localizando-se no final do século XIX e início do XX, é fortemente reafirmado e possível mesmo de ser vislumbrado no discurso das mulheres da Praia do Meio.

- Por que você acha que um homem procura uma prostituta?
- Por que, a maioria das vezes, a mulher que ele tem em casa não faz o que ele quer. Aí ele procura elas pra fazer o que ela não faz. Só por isso. Como tem uns que procura a gente só pra chupar, porque como eles dizem: buceta eu tenho em casa. Entendeu? Aí, só procuram pra... Chupar e assim... Bunda... Tem outros que só quer a bunda, por que a mulher, eu acho que chupa, né? Aí ele só quer... É por isso! Homem procura mulher por isso! **(Keyla, 19 anos)**
- Porque ele gosta de aventura, eu acho. Tem sua mulher, tudo isso, mas sempre gosta de uma aventura. **(Pâmela, 19 anos)**
- Antes eu achava que era porque ele não, ele não gostava da mulher. A mulher dele não satisfazia. Mas é mentira. Eu descobri depois, na minha, que o homem procura prostituta porque ele é safado. Ele, alguns casados procuram mulheres, né? Faz porque é safado. Homem gosta de mulher. Eles adoram mulher. Quantas mais melhor. Quanto mais melhor. É, homem é safado. **(Kátia, 23 anos)**

- Hoje em dia o homem gosta muito de fantasia. Hoje não é só papai e mamãe.  
**Marinalva (Diário de campo)**

Apesar de todos os avanços que vêm ocorrendo em relação à sexualidade, especialmente a feminina, ainda se diferencia, ao menos nos discursos das prostitutas da Praia do Meio, a *mulher de casa* e a *mulher da rua*. A primeira estaria ligada a uma imagem positiva com uma série de interditos em relação ao sexo e ao comportamento de forma geral. A segunda funcionaria como uma espécie de complemento daquela: com ela não há pudores, mas apenas desejos, fantasias e satisfação.

A forma como o discurso se desenrola, de um lado, reforça ainda o homem como um ser sexuado e a mulher não. *Homem é safado*, como diz Kátia, significa que ele gosta de sexo e mais que isso de vivenciar situações diferentes nesse campo. O sexo para ele estaria ligado ao prazer, à diversão, ao aspecto lúdico da vida humana, uma dimensão da qual ele não abre mão e busca viver plenamente em casa ou na rua.

Por outro lado, os clientes buscam a prostituição como objeto de desejo. Não se deseja uma determinada mulher, mas a prostituta, o papel representado pela mulher e toda a simbologia a ela relacionada, ou seja, sua percepção para o universo masculino está ligada à reafirmação da virilidade e masculinidade, à realização de fantasias, à passividade do objeto que se deixa abater, à possibilidade de experimentar situações novas. O desejo pela prostituição determina o desejo pela prostituta, por uma forma específica de vivenciar a mulher dentre muitas outras.

Em geral, há uma certa clareza com relação a isso por parte das mulheres da Praia do Meio. Elas consideram que fazem ou proporcionam aos clientes algo que eles não têm em suas casas e em outros lugares. Mesmo que isso corrobore com uma visão estereotipada que reforça o par dual prostituta/mãe, está fortemente presente no imaginário das mulheres e aponta para a

vivência de fantasias e para a prostituta como uma personagem diferenciada, capaz de experimentar os inúmeros campos que compõem sua sexualidade.

- Porque você acha que eles procuram vocês?
- Eu acho que a mulher que eles tem em casa não faz o que a gente ah... (risos) Só pode!  
**(Cláudia, 29 anos)**
- É porque eu acho assim, já casado tanto tempo, né? Quer mudar, né? Variar. Já uns briga com a mulher. É separado tudinho e às vez eles vem mais pra conversar também, né nem pra ter relação não, sabe? Pra conversar. **(Lúcia, 21 anos)**
- Por que você acha que os homens procuram vocês?
- Por causa das mulheres, sempre feijão e arroz.
- Mas hoje em dia as mulheres são mais liberais, não é?
- Mas tem mulher que num faz boquete, num faz sexo anal. Eu num faço sexo anal, mas tem outras que fazem. **(Betinha, 23 anos)**
- Por que você acha que um homem procura vocês?
- Eu acho assim, porque eu acho que ele, muitos anos de casamento, sempre não é a mesma coisa de que pegar uma mulher (risos), né não? Sempre eles diz assim: - *não, eu gosto muito da minha esposa, tudo bem, mas sempre a gente gosta assim de dar uma escapadinha.* **(Cláudia, 26 anos)**
- Por que você acha que um homem procura?
- Ah, atração sexual mesmo, instinto, sexo, orgasmo. **(Paula, 30 anos)**

A diferença entre a prostituta e a esposa está no campo da sexualidade e da vivência plena dela. Representa-se a mulher, de forma geral, como alguém com muitas amarras, incapaz de viver certas práticas que inclusive lhe degradariam. A prostituta, ao contrário, seria o oposto de tal imagem, seria uma contra-imagem de mulher, a partir de um certo ângulo uma não-mulher. Por um determinado preço consegue-se tudo o que se quer dela. É claro que na prática as coisas não são tão unilaterais, mas os discursos das prostitutas, impregnados por uma lógica conservadora em relação à sexualidade feminina, são também uma forma de elas se reafirmarem como mulheres mais completas, sem medos ou pudores, capazes de experimentar plenamente o sexo e sua condição feminina.

De fato, são inúmeros os motivos que podem levar um homem a buscar uma prostituta, não sendo possível resumi-los a uma única causa, mas um elemento parece saltar aos

olhos: tanto os homens quanto as mulheres vêem a prostituta diferentemente das outras mulheres e, talvez, por essa razão a desejem.

Há um universo de fantasias que compõem o imaginário da sociedade sobre a prostituta. Ela é ao mesmo tempo pensada a partir de uma imagem negativa e outra positiva. Do ponto de vista positivo, é a mulher sexualizada, ela viveria o sexo sem pudores com todos os seus matizes e tonalidades. No que concerne ao aspecto negativo, é rebaixada a um objeto, e por viver livremente sua sexualidade é proscrita, não merecendo respeito, pois troca aquilo que é socialmente considerado mais sagrado por algo que não pode medi-lo plenamente. Além disso, ela não é de ninguém, pertence a muitos homens, mas não é propriedade de nenhum deles, o que a torna sem valor.

Aqui gostaria de chamar a atenção para o quanto o elemento quantitativo está diretamente relacionado ao qualitativo: a mulher que vive um grande número de experiências sexuais, ao contrário do homem, é desvalorizada socialmente. A quantidade é a medida da qualidade e, mais que isso, ao vivenciar intercursos sexuais com diferentes homens, ela continua livre, não se prende a nenhum deles, não lhes pertence, nem pelo sexo, tampouco pelo sentimento.

A mulher não estaria ligada a nenhum deles especificamente e, por isso mesmo, é condenada pela sua não adequação as regras sociais que, seja por meio do amor, do sexo, do casamento ou do relacionamento e até mesmo do trabalho, ata pessoas umas às outras de forma que exerçam controle unilateral ou mútuo. Mais uma vez a prostituta usurpa um lugar que não lhe pertence, nem como mulher, nem como trabalhadora, pois como mulher se recusa a pertencer a um único homem e como trabalhadora, transformada em mercadoria, se nega a ter um senhor exclusivo.

Mesmo diante de tudo isso, a prostituta adquire importância como objeto de desejo e não se pode perder de vista que há toda uma gama de conteúdos simbólicos presentes na escolha de uma prostituta, que passam principalmente pela sexualização da mulher e pelo controle absoluto que o homem teria sobre ela, que é, ao mesmo tempo, propriedade de todos e de nenhum deles.

Um outro elemento pode ainda ser percebido nos discursos femininos: a percepção de que para além do dinheiro, da necessidade de sobrevivência e do desejo sexual, há também um forte conteúdo de diversão na prática da prostituição. Ela quebra barreiras sociais e abre um novo campo de possibilidades. As mulheres conhecem pessoas e lugares, vivem situações que, para a grande maioria delas, estaria distante do seu campo de perspectivas e expectativas pessoais.

A maior parte das mulheres hoje, na Praia do Meio, começou a se prostituir na adolescência e, para muitas, a prostituição apareceu como uma diversão, uma brincadeira ou uma forma de ter acesso a objetos, locais e pessoas, de outra maneira improváveis de serem vivenciadas e encontradas.

A prostituição aparece como uma alavanca para a melhoria das condições de vida, um passaporte para novas experiências. Só com o passar do tempo, ao se transformarem em adultas, elas são capazes de perceber as verdadeiras implicações da atividade para o conjunto da sua existência. Segundo as mulheres entrevistadas, a entrada na prostituição dá-se quase de forma imperceptível. Vai-se à praia, a um bar ou se está em algum lugar específico, recebe-se um convite, aceita-se, faz-se um programa; os anos passam, repetem-se as situações e deixar a prostituição torna-se cada dia mais difícil, pois através dela laços são construídos, uma identidade é erigida e a sobrevivência é garantida tanto em nível material, quanto no sentido de que uma sociabilidade específica é vivenciada.

- Mas teve um caso que logo quando eu comecei tinha aquela boate ali, Sax e Sax. Aí eu me arrumei todinha, de bota e tudo. Parecia uma Paqueta, com o cabelo galego e tudo. Aí justamente ali, onde tinha aquela parada de ônibus, aí eu ficava ali com uma amiga minha. Aí passou meu primo e meu irmão. Aí disseram: - *Indiara, pra onde é que você vai?* Eu falei assim: - *Ah, eu vou pro show.* - *Show aonde?* Eu num quis nem entrar no carro. Talvez se eu tivesse entrado naquele carro, tivesse ido pra casa. **(Indiara, 19 anos)**

- Não. Eu vim de manhã pra praia, eu tava com muita raiva da minha mãe, porque eu não tinha ninguém, aí eu disse: - *Eu vou pra praia.* Aí quando eu vim pra praia, aí o cara, eu sentada na areia, ele pegou e encostô. Era de fora, ele. Aí perguntô meu nome, eu disse, e ele disse assim: - *Vamo almoçar comigo?* Aí eu já fui, né? Aí fui almoçar com ele, aí ele pegou e me deu,... - *Vamo pro shopping...* Não era nem shopping, não tinha nem shopping ainda, aí a gente foi pro calçadão no Alecrim, né? No tempo das antigas, ali. Ele comprou roupa, aí ele começou a me comprar. Aí, a partir disso eu peguei e comecei a me acostumar. Aí vinha pra praia todo dia, todo dia àquela hora. **(Cláudia, 29 anos)**

- Faz quanto tempo que você está aqui?

- Faz 10 anos.

- Como foi?

- Foi uma amiga minha que trouxe eu aqui na boate, na Máxima, aí eu gostei da boate, né? Das músicas, aí comecei a... aí fiz meu primeiro programa. Aí eu gostei bastante de dinheiro, né, no começo. Aí depois, ainda tô nessa. **(Betinha, 23 anos)**

À luz dos depoimentos acima, é possível ver o quanto as coisas parecem ocorrer espontaneamente. A prostituição vai acontecendo, não é possível precisar o momento específico em que se entra nela. A cada dia se vive algo que mais e mais as insere em seu universo. Não se pára para pensar, ela vai se tornando uma realidade cotidiana e como tal vai sendo incorporada à vida das mulheres, que, em sua maioria, são ainda crianças quando do seu ingresso no universo da prostituição. Logicamente, há casos em que as mulheres deliberadamente vão à praia com o intuito de se prostituir, mas ao menos com relação àquelas por mim entrevistadas, estes casos aparecem muito mais como exceção.

Também não é possível saber-se ao certo porque se está ali. Um belo dia tem-se a percepção que o cotidiano está recheado de experiências como prostitutas. Não há um único motivo e nem sempre ele está explícito. Entra-se na prostituição e *gosta-se ou acostuma-se com* ela. Ela permite acesso a objetos e situações que dão um certo colorido à vida de algumas mulheres.

Para algumas, inicialmente aparece como algo prazeroso, uma diversão e mesmo uma forma de rebeldia. Para outras, aparece como um caminho para a autonomia pessoal, o que ocorre pelo dinheiro, mas também pela experiência de fazer aquilo que se quer com a vida e o próprio corpo. A prostituição tem um conteúdo de *glamour* e joga também com o sentido de independência das mulheres. Através dela não apenas elas fazem o que querem, mas também são capazes de conseguir, a partir do próprio esforço, as coisas ou objetos que desejam.

- Você acha que eu ia pedir dinheiro a vocês, se não fosse porque eu tô precisando? Eu não preciso disso não, eu tenho meu corpo, se eu quiser eu vendo e consigo dinheiro pro que eu quiser. **(Betinha, diário de campo)**

Na fala de Betinha, a prostituição aparece como uma ponte, uma estratégia para se ter acesso e conseguir aquilo que se quer. Em uma sociedade onde o consumo é reiteradamente incentivado, ela se configura como um caminho ou mesmo uma possibilidade real para melhorar de vida. Simmel (1993), por sua vez, por estar fortemente impregnado por valores morais da sua época não percebe que a prostituição – não diferentemente de outras atividades –, tem um lado fortemente negativo, mas também aspectos positivos a serem levados em conta; dentre eles, destaca-se de forma contundente, no discurso das mulheres, a autonomia pessoal e a ascensão social. Assim sendo, a prostituição representa a possibilidade de uma vida mais livre, com, ao menos teoricamente, diversas compensações materiais.

Sem dúvida o ato de se prostituir apresenta uma série de adversidades, mas paralelamente aos aspectos negativos há também uma certa positividade. Dentre muitos outros aspectos, por exemplo, ela permite a vivência do lúdico. Para além do lúdico, há também a idéia da independência, da autonomia no trabalho, no sentido de que as mulheres fazem seus próprios

horários e aceitam ou não determinadas práticas e clientes<sup>50</sup>. A prostituição pode ainda representar um aprendizado, através dela adquire-se experiência; as mulheres tornam-se mais fortes, transformam-se em pessoas capazes de enfrentar a vida.

A prática da prostituição, por se localizar em um espaço marginal da vida, sujeitando as mulheres a diferentes riscos e situações, também as torna indivíduos mais aptos e preparados para lidar com situações as mais diversas e enfrentar uma grande gama de infortúnios.

- O que você considera positivo nessa vida?

- É o dinheiro. É bom ganhar dinheiro. **(Paula, 18 anos)**

- Positivo. O bom da história toda é só o dinheiro. Só o dinheiro, só. **(Valéria, 19 anos)**

- É,... Positivo... Eu nem posso nem responder, né? Porque faz pouco tempo, né? Mas eu vou tentar. Positivo é aquela mulher que tá certa que é uma prostituta, está aqui pra trabalhar, porque esse é o trabalho delas, né? De nós todas. Eu, ela aí, que tá começando agora...Esse é o trabalho dela, então ela se garante nela mesma, não tem medo de nada, tá confiante, - *Vou sair com ele e acabou! Tô confiante e pronto! O que der deu...* E essa é que é a prostituta; que não tem medo de encarar nada, que vai ali, vai...Vai sair comigo agora, entra no carro, vai e não quer saber de nada, entendeu? Essa é que eu acho que é a segurança,... Assim... Essas coisas assim... **(Pâmela, 19 anos)**

- Num tem muita coisa de positivo não, mas todo dia você tem seu dinheiro pro seu pão, do leite dos menino, essas coisa assim, dinheiro do almoço, só isso. **(Indiara, 19 anos)**

- De positivo o dinheiro que é muito bom. A gente tem, ganha bem, assim. Se a gente for arrumar um emprego pra ganhar um salário mínimo é pouco, né? A gente tem dia, que a gente tira um salário mínimo num dia só. **(Kátia, 23 anos)**

Segundo os discursos acima postos, é possível aprender com a prostituição, além disso, ela torna as mulheres mais corajosas. Por terem que em sua prática, noite e dia, se deparar com situações sob as quais exercem pouco ou nenhum controle, precisam aprender a se proteger, e isso as torna mais confiantes e audazes.

Além do ponto acima ressaltado, o dinheiro aparece como a maior compensação e o aspecto mais positivo da vida na prostituição, o que não é difícil de compreender se percebermos

---

<sup>50</sup> Na prática, apesar da suposta liberdade e autonomia presentes em suas falas, para se manter na prostituição nem sempre é possível escolher o cliente ou trabalhar apenas nos dias e horários desejados. Para aquelas que sobrevivem exclusivamente do ato de prostituir-se, como em qualquer outro trabalho, uma rotina, mesmo com uma maior flexibilidade, precisa ser estabelecida; se isso não ocorre, a prostituição não é capaz de lhes garantir a sobrevivência.

que, para a grande maioria das mulheres, senão todas elas, a prostituição é vivenciada como uma estratégia de sobrevivência, fornecendo-lhes os recursos necessários para garantir a vida cotidiana.

O dinheiro está ligado a uma série de conteúdos simbólicos que, dentro da prostituição, implicam na significação e re-significação de práticas e situações para além daquilo que elas aparentam ser. Na prostituição, o pessoal torna-se impessoal e vice-versa, e são inúmeras as possibilidades que não se circunscrevem apenas ao seu campo, pois a prostituição é uma relação que ajuda a desvendar a sociedade com suas contradições e complexidade. Nela, contrários se encontram e mesmo se anulam ou se reforçam; o que parece inquestionável torna-se relativo e um pequeno fragmento pode conter em si um universo de significações.

Posso tomar como exemplo a afirmação de que nas relações com o dinheiro o elemento pessoal desaparece, o que, tendo em vista ser uma relação que também incorpora uma troca monetária, poderia ou deveria ser aplicado à prostituição. Tal afirmação traz fortes conseqüências para a prostituição, pois leva à percepção corrente, no senso comum, das prostitutas como mulheres para quem instituições como a família ou os valores como a amizade e o amor não têm sentido, tampouco são respeitados. Isso parece estar em desacordo com os valores professados pelas mulheres com as quais mantive contato e, principalmente, parece não levar em conta que, mesmo mediada pelo dinheiro, a relação se dá entre seres humanos, o que faz com que a equação prostituta/dinheiro/cliente não seja tão exata quanto parece à primeira vista.

- Muitas vezes não, porque se eu conhecer a mulher dele eu num saio não, porque aí eu fico com, aquele receio. Num saio, mesmo sendo profissional, mas eu não saio. Por que às vezes eu conheço mulher de certos, tá entendendo? De certas pessoas que passa aqui, tem home que eu conheço ele e conheço a mulher dele. Então, geralmente quando eu conheço as mulher deles eu não saio. **(Elisângela, 20 anos)**

- Porque se for um parente, um amigo, é uma coisa mais íntima, né. E não vamos confundir, como é que se diz, amizade com liberdade. Eu acho que num sairia não. **(Paula, 18 anos)**

- Saio não. Sei lá! É esquisito... Porque não vai ter mais aquela... Aquela amizade como antes, entendeu? Amigo, se vier eu não saio com amigo. Não saio mesmo! Nem com vizinho. Eu nunca fiquei com um vizinho meu. É de mim mesmo.

- Algum já lhe convidou?

- Já. Sei lá o que ele vai falar pra todo mundo o preço que eu saí, o que fez comigo, aí eu não saio por isso! Pra evitar esse falatório, entendeu? Os outros pode falar; eu não conheço, num tô nem aí! Agora, eles... Deus me livre! Não saio mesmo. **(Keyla, 19 anos)**

- Depende, se for amigo, porque já aconteceu que eu tive um relacionamento de três anos aqui com um cara. No caso desses amigos que conhecia aquela situação eu num saio. O pessoal que mora na rua, os rapazes que são casados, muitos também que não são, eu não faço, é bem capaz de ir num pagode, até dar uns beijinhos, mas da minha parte não. Só assim, a galera que num vai tá mesmo por aqui e tudo. **(Paula, 30 anos)**

Não se trata apenas de respeitar amizades, família ou vizinhança, mas também, eu diria, principalmente, de um mecanismo de autoproteção. Através dele as prostitutas resguardam seus elementos mais pessoais e sua intimidade. É também uma forma de continuar a ser respeitada pelas pessoas mais próximas. Além disso, é mais difícil cobrar ou representar um determinado papel para pessoas com quem se tem algum tipo de vínculo.

Mesmo diante da atitude de autoproteção das mulheres, é possível perceber que o pessoal e o impessoal estão intrincados, entremeados, retro-alimentados. Pude observar que a impessoalidade, no momento da negociação do preço e dos serviços a serem prestados, é um elemento de fundamental importância. O componente pessoal dificulta o processo e, em alguns casos, até mesmo o impede. Parte-se da premissa de que o conhecimento leva à intimidade, o que se procura evitar, pois seguir tal caminho pode implicar em um comprometimento de outros aspectos da sua vida, em geral resguardados pelas prostitutas. No entanto, a impessoalidade é carregada de elementos pessoais.

- Você sai por dinheiro com alguém que você ama?

- Não.

- Por quê?

- Porque eu gosto e queria, num ia me vender. Por isso que eu num saio com meu ex-marido... **(Vanessa, 25 anos)**

- Se o seu namorado pagasse para você sair com ele, você sairia?

- Não.

- Por quê?
- Porque é namorado... Fica chato! Ele não tava gostando de mim. E quando ele souber que eu faço isso e querer ficar comigo eu não quero. Porque é de mim mesma. Porque eu sei que ele não tá gostando de mim, entendeu? Só tá me usando. Como ele não sabe, eu sei que ele não tá me usando, sabe, eu sei que ele gosta. **(Keyla, 19 anos)**
- Uma pessoa que você ama, se oferecesse dinheiro pra sair com você, você sairia?
- Não.
- Por quê?
- Porque não. Aí eu já vou pensar, já é um trabalho ali e, negócio de dinheiro, já sei que é trabalho. Até sim, quando eu namorava com ele assim, eu num ia prum motel. Ia pra casa. Quando ele dizia assim: - *Vamo prum motel*. Aí já vinha aquilo na minha cabeça: - *Motel é que eu ia fazer meus programa tudinho*. Aí num ia não, de jeito nenhum. Num gostava não, num me sentia à vontade num motel não, com ele não. Porque aqui a pessoa vai direto pra motel, tudinho. Aí já pensa que é um trabalho que tá fazendo com ele. **(Lúcia, 21 anos)**

As mulheres, em sua grande maioria, não saem com pessoas do seu círculo de amigos ou familiares, assim como se negam e consideram impensável cobrar daqueles com quem se envolvem afetivamente. Parentes, amigos, conhecidos mais próximos, namorados, companheiros, maridos, afetos e desafetos, de forma geral, não são aceitos no rol dos clientes, pois seria necessário transformar uma relação pessoal em impessoal, uma tarefa complexa mesmo no campo da prostituição, tendo em vista que neste âmbito o dinheiro aparece como antagônico ao sentimento; como afirma Keyla, fica explícito que o namorado ou companheiro não está gostando dela, mas usando-a.

Mas por quê? Para Simmel (1990), nas negociações com o dinheiro, a substância individual de cada um seria indiferente, significando dizer que não importa *quem* está negociando ou *o que* sente, mas *quanto* o produto vale no processo de comercialização e *quanto* se está disposto a pagar ou não para se ter acesso ao objeto do desejo.

Nesse sentido, no momento da troca sexual realizada na prostituição, não pode estar em jogo a história de vida das mulheres ou mesmo dos clientes, tampouco o humor, os problemas, as tristezas ou mesmo as alegrias. Para efetuar a transação, interessa o tipo de negociação realizada e a possibilidade de trocar uma dada mercadoria por um montante em

dinheiro: um exercício difícil, quando referido a pessoas com quem se mantém uma relação mais próxima, daí advindo a negação, por parte das mulheres, e, num grau menor, também dos clientes, de imiscuir relações de maior proximidade dentro da prostituição.

- Porque existe uma mistura de sentimento na hora, sentimento de gratidão, de amizade, de confiança, assim de traição, de falsidade, de formas que, eu, eu num, não concordo. Não aceitaria sair com, por exemplo, com a filha de um amigo meu, com a, uma pessoa intimamente ligada a mim. Não tenho a mínima pretensão. Mesmo que seja assediado.  
**(Jorge, 50 anos)**

- Não, não, não é bom. Você quando faz amizade, você não tem nem coragem de chegar, certo? Já aconteceu, já aconteceu chegar no cabaré, lá estar a filha de um amigo. Já aconteceu demais, bastante isso aí, aí a gente chega, só, só faz conversar porque um eu respeito e você não sabe entrar, você não sabe nem acariciar, porque acha que ela tem respeito a você. Eu já peguei afilhadas minhas: - *Meu padrinho*. Digo: - *Eita, diabo!* Você fica cheio de perna<sup>51</sup>, certo? É uma filha sua que tá lá. Principalmente quando você é uma pessoa normal, como eu sou, me considero uma pessoa normal, então você fica cheio de perna e procura somente conversar, amizade, cê não tem coragem de usar não.  
**(Sebastião, 60 anos)**

A partir dos depoimentos acima expostos, parece haver uma certa relação entre prostituição e desrespeito, o que deriva do fato da outra pessoa não ser percebida como totalidade, mas como um objeto de uso, e, a partir do momento que o elemento pessoal lhe dá uma identidade para além da prostituição, torna-se difícil *usá-lo*, como nos diz Sebastião. O dinheiro aparece negando não apenas o ser humano, mas também os sentimentos que dariam sentido a ele. Apesar disso, não se pode esquecer que, muitas vezes, o relacionamento é construído e, conseqüentemente, acompanhado do sentimento, portanto transformando os termos da relação, mesmo que ela continue pertencendo ao campo da prostituição.

Nas falas dos entrevistados, é possível vislumbrar ainda o fato de que, na prostituição, os dois lados evitam a intimidade. No entanto, nem sempre a situação real corresponde à ideal. Nos encontros proporcionados pela prostituição, mesmo a mais desconhecida entre as pessoas pode vir a se tornar alguém relevante, seja para a prostituta, seja para o cliente. Por outro lado,

---

<sup>51</sup> Envergonhado, encabulado; sem saber como se comportar.

algumas vezes, os conhecidos, afetos e desafetos são encontrados. Não é possível controlar emoções, mas é possível fugir delas, negando a vivência da relação com tais pessoas, no sentido de se preservar a impessoalidade.

Na prostituição, pessoalidade e impessoalidade andam juntas; opostos se encontram; o dinheiro é, ao mesmo tempo, um elemento positivo e negativo. A prostituição tem a marca da ambigüidade. Por um lado, a presença do dinheiro torna-a uma prática considerada negativa pela sociedade (o que é interessante, se consideramos que em nosso tempo e sociedade ele passou de meio a fim, e comportamentos, nem sempre considerados corretos do ponto de vista moral, são tolerados e, em alguns casos, até mesmo incentivados, desde que a recompensa monetária seja satisfatória). Por outro lado, o dinheiro também é tomado como justificativa para a prostituição, pois, no mundo moderno, ele é o único elemento capaz de garantir a sobrevivência das pessoas, daí, de forma geral, ser a prostituição muitas vezes percebida como fruto da necessidade, tornando-se uma alternativa para sobrevivência dos sujeitos nela envolvidos.

Tal forma de representá-la, apesar de não necessariamente corresponder à verdade, torna-a menos *maldita*. Ela aparece como inevitável, uma conseqüência da pauperização das mulheres, das precárias condições de sobrevivência nas quais vivem. Uma tal visão da prostituição corresponde à percepção das prostitutas como vítimas da sociedade, por sua vez, entendida como não sendo completamente capaz de suprir as carências materiais dos cidadãos que dela fazem parte.

A visão acima mencionada é compartilhada quase completamente pelas mulheres da Praia do Meio. A idéia da vitimização é intensamente expressa por elas nas entrevistas concedidas. Mesmo aquelas que se autodenominam profissionais assumem o discurso da necessidade como fonte e causa da prostituição. A vitimização aparece como uma defesa.

As referências feitas, entre as prostitutas, às mulheres que estão na prostituição por outros motivos que não a necessidade, classificam-nas como *sem vergonha*, *safadas* ou *drogadas*, que se prostituem para *manter o vício*. As classificações são degradadoras e demonstram que, mesmo dentro do grupo, o discurso da necessidade não apenas justifica como torna o estigma mais suportável.

- Não é porque a gente quer não. Tem umas que até que quer. Tem até filhinha de papai que quer. Nem precisa e tá aí. Mas tem umas que precisa mesmo!
- Quem não precisa, você acha que tá aqui por quê?
- Eu não sei por que é. Por que quer comprar maconha, às vezes se droga, a mãe e o pai não sabe e quer sustentar o vício, né. Acho que por isso. **(Keyla, 19 anos)**
- Eu ainda estou vindo aqui porque sou safada. Meu namorado, por ele eu não vinha. A nossa casa é massa<sup>52</sup>, mas eu venho só dar uma volta. Não chamo mais os carros, mas se aparecer algum eu saio. **(Betinha, diário de campo)**.
- Eu entrei por conta do dinheiro e da pobreza. Eu acho que quem tem dinheiro não entra nessa vida. Ela pode entrar por amor ou por prazer. Às vezes entra pra ter coisas boa, pra fantasia. É bonitinha, é novinha, é uma profissão mais arriscada do mundo. **(Marinalva, diário de campo)**.

Quando Keyla afirma haver algumas mulheres que querem a prostituição sem a aparente necessidade por dinheiro, mas que a maioria precisa dela, ou quando Marinalva diz que se entra por necessidade, mas também é possível entrar por amor, prazer e fantasia, elas trazem a tona outras possibilidades, além da miséria e da necessidade, que se constituem em motivações para entrada no universo da prostituição. É interessante notar que elas introjetaram de tal forma o discurso da necessidade que mesmo os outros elementos apontados estão relacionados ao dinheiro e às novas possibilidades que ele pode abrir.

Observando mais de perto o discurso da necessidade, nas falas das mulheres, apesar de verdadeiro, em um certo sentido (no caso específico das mulheres da Praia do Meio que são, em sua maioria, advindas de famílias pobres, com baixa ou nenhuma qualificação profissional e

---

<sup>52</sup> Boa, bonita, aconchegante. Agradável aos sentidos.

um pequeno nível de escolaridade), ele não é capaz de abarcar a multiplicidade de tipos e motivações existentes nas relações de prostituição.

A análise mais atenta dos depoimentos confunde. Seriam elas apenas vítimas da sociedade ou mesmo, a partir de um outro matiz, da voracidade do homem por sexo? A reflexão cuidadosa sobre as entrevistas põe-me ante um discurso contraditório, pois, ao mesmo tempo em que se afirmam como vítimas e, com isso, negam sua possibilidade de escolha, elas apontam as suas não-escolhas:

- Já. Trabalhei seis meses só de vendedora numa loja. É, pouco. Eu ganhava um salário comercial. Aqui eu ganho dois mil. Tudo bem que os gastos aumentam, também. A gente tem dinheiro, os gastos aumenta. Eu também ajudo minha mãe. Meu pai teve um AVC. Eu tava programando pra sair dessa vida. Aí meu pai deu um AVC também, vai fazer um ano. Agora tem que ajudar a família, né? Minha mãe. Meu pai também tinha um táxi num trabalha mais. Eu quem sustento a casa da minha mãe. Quer dizer eu virei quase uma escrava do sexo. Eu me considero uma escrava do sexo, porque eu tenho mesmo que batalhar pra me sustentar mesmo e minha família. **(Indiara, 19 anos)**

- Trabalhei em casa de família.

- Quanto tempo?

- Só fiquei quatro meses.

- E porque saiu?

- Porque aqui na praia a gente ganha mais do que em casa de família. **(Cláudia, 29 anos)**

- Eu pensei e disse que ia fazer e comecei. Meu marido tava preso. Num tinha mais nada. Minha família tava longe de mim e eu não tinha nem como visitar o meu pai que mora no interior. Aí eu disse: - *vai ter que ser isso aí ou nada*. Um salário não dá pra nada, como eu trabalhei na casa de uma mulher, ela só queria me pagar 130 reais, lavava roupa, passava roupa, arrumava casa, fazia almoço, cuidava de criança, ficava louca. Eu disse: - *Não, num dá pra mim não*. E um salário que num dá pra nada. **(Valéria, 19 anos)**

Apesar de ressaltarem a prostituição negativamente, apontando-a como única alternativa para suas sobrevivências, as experiências com outras atividades são também, em sua maioria, sentidas e assinaladas como negativas. Os empregos e atividades anteriormente assumidos, além de mal remunerados, também as submetiam a situações muitas vezes degradadoras, não apenas do ponto de vista material, mas também moral.

A prostituição também aparece como uma atividade indesejável, uma realidade da qual desejam fugir. Quando Indiara diz ser quase *uma escrava do sexo*, chama a atenção para a dureza daquela que é considerada *vida fácil*. Ao entrar na prostituição, nem todas estavam cientes dos problemas a serem enfrentados, a permanência, no entanto, reforça um discurso que reitera a necessidade de sair, de buscar um outro caminho. O fator econômico aparece em quase todos os depoimentos como justificativa para a entrada e a continuidade na prostituição, mas existe uma variação na maneira como ele se manifesta.

Para algumas mulheres, está em jogo a sobrevivência que ora se ancora na realidade familiar, ora na ausência de um parceiro que supra seus anseios e ainda na sua própria incapacidade de, em outro trabalho, conseguir uma melhor compensação monetária. Assim, a entrada na prostituição, na maioria das vezes, não aparece como responsabilidade exclusiva delas, mas é compartilhada com a família, com o abandono do marido ou com a sociedade que lhes nega oportunidades mais dignas.

- Ah, necessidade, passava muita fome e principalmente mais por minha mãe, que eu via a situação que ela tava passando, não sabe? Eu queria botar ela no canto dela, pra ser melhor assim pra ela. **(Keyla, 19 anos)**

- Mulher, foi à necessidade, né? Aí eu vim pra cá. Peguei a minha mãe, tudinho. Peguei minha irmã, deixei ela só, tudinho... Uma amiga minha fazia e através dela eu vim pra cá. **(Lúcia, 21 anos)**

- Por causa da minha filha. Eu tenho uma filha. O pai dela não deu assistência a ela, né? E a partir do momento que eu tive ela, ficou tudo difícil pra mim. Eu tive que sair da casa dos meus pais. Porque num dava pra ficar lá. Meu irmão ficava dizendo as coisas de mim; família, né? Todo mundo. Então quer dizer, pra mim arrumar um emprego, quem tem curso superior às vezes arruma um emprego de faxineira. Você sabe, né? Deve saber como é que tá o Brasil. Imagine eu que só tenho o segundo grau completo. Então, foi a única opção que eu encontrei. **(Kátia, 23 anos)**

- Bom, eu separei. Porque eu fui adotada, né. E aí eu sou a última filha, sou a única que é mulher. E aí ela morreu, eu com quatro anos de idade. Eu fiquei órfã de mãe e eles num sabia o que fazer com a garota, né, só homem dentro de casa, quatro irmãos e meu pai. Aí eles me devolveram a minha família biológica. E ela vendeu minha virgindade por droga e, quando eu tinha 15, 16 anos. **(Paula, 30 anos)**

*Mais por minha mãe; foi a necessidade; por causa da minha filha.* As frases demonstram que a prostituição aparece como uma nova possibilidade, uma saída para os problemas que se tem, podendo ser uma decisão pessoal ou, como no caso de Paula, uma imposição feita por outras pessoas, uma fatalidade que transformou sua vida e da qual não foi possível escapar.

Ainda é possível vislumbrar nos depoimentos acima uma justificativa moral para a prostituição. Elas assumem-se como vítimas dos mais variados vilões. A prostituição aparece como a alternativa possível para resolver a situação de abandono social na qual suas trajetórias pessoais se encontram inseridas. No entanto, não se trata apenas de comer todos os dias, da sobrevivência pura e simples. Ela traz a possibilidade de acesso a um padrão mais alto de consumo.

É preciso não esquecer que as mercadorias criam necessidades simbólicas. As mulheres se prostituem não somente para terem acesso a condições mínimas de existência, mas também por quererem mais, quererem ter determinados níveis de conforto, possibilitarem a si e a seus filhos a compra de produtos, a ida a certos locais, enfim, poderem vivenciar situações para as quais o dinheiro é um salvo-conduto e coloca seu portador na condição de cidadão e, como tal, de pessoa digna de respeito.

Não estou aqui reafirmando a positividade da atividade de prostituta, mas apenas inserindo-a em uma sociedade onde o consumo é amplamente incentivado e os objetos não são criados a partir das necessidades, mas, ao contrário, as necessidades é que são erigidas a partir dos objetos produzidos. Trata-se do processo a que Simmel chamou de tragédia da cultura.

A tragédia da cultura é essa transformação descontrolada e desintegradora dos meios em fins: o homem, o verdadeiro fim, torna-se meio; o objeto, o verdadeiro meio, um fim em si mesmo, ao qual os homens acabam por se submeter. O caso mais pungente dessa transformação – que, ao perpassar completamente a sociedade, caracteriza o moderno –

é o dinheiro (...). Simmel afirma que o homem converte-se em um mero “suporte” da coação dos objetos, e não propriamente um sujeito (WAIZBORT, 2000, p. 128).

As pessoas em geral e as prostitutas em particular, no contexto da tragédia da cultura, vêm-se cercadas de objetos que não são verdadeiramente importantes para elas (entre vestir uma calça jeans comum e uma de grife, por exemplo; a diferença é meramente simbólica), mas, por outro lado, tais objetos não deixam de ser importantes, pois demarcam seu lugar na estrutura social e criam a ilusão da inclusão na sociedade abrangente.

Não pretendo, a partir de tais observações, fazer um julgamento moral da prostituição, seja ele positivo ou negativo, mas apenas romper com a idéia das prostitutas como *pobres coitadas*, vítimas incondicionais da desigualdade social, impetrada pela sociedade capitalista, ou da dominação masculina. Pois, a meu ver, mesmo que algumas vezes tenham sido levadas a prostituição por um ato desumano de outras pessoas para com elas, como é o caso de Paula, elas são mulheres fortes que lutam cotidianamente para garantir um lugar ao sol constituindo-se como sujeitos da própria história.

A prostituição aparece para as mulheres da Praia do Meio como uma possibilidade imediata de resolução de problemas. Através do dinheiro conseguido, elas realizam sonhos, inserem-se na sociedade como cidadãs, pois, como possuidoras de dinheiro vêm reconhecida sua condição de potenciais consumidoras. *Se, por um lado, a prostituição as exclui da sociedade abrangente – pela discriminação e marginalização da atividade -, por outro, o dinheiro ganho por elas permite uma vantajada inserção social, pouco provável de ocorrer senão pela prostituição* (MARTIN, 2003, p. 158).

Se considero que nenhuma pessoa razoável entregaria um valor sem receber um outro igual ou superior em retorno e que o mundo seria pervertido se o objeto desejado conseguisse seu valor somente como resultado do preço que é pago por ele, deparo-me com algumas das

principais contradições existentes no terreno da prostituição e também com o problema fundamental da troca, que é aquele ligado ao valor e que, como podemos perceber a partir das discussões aqui apresentadas, inclui em si uma série de elementos cuja significação ultrapassa aquilo que, à primeira vista, poderia parecer dar-lhe significado, pois está ligado à dimensão simbólica da vida e, como tal, vai além da aparência do fenômeno.

Portanto, é bom não esquecer que, em nossa sociedade, a prostituição aparece como uma estratégia de sobrevivência e também como uma possibilidade de transgredir, de vivenciar diferentes experiências no campo da sexualidade e da vida em geral, além de permitir a inserção das mulheres na sociedade de consumo. Uma análise mais acurada demonstra o quanto os papéis de gênero e modelos de sexualidade, nos quais a sociedade busca aprisionar os seres humanos, são sempre possíveis de ser ultrapassados e o quanto são infundáveis as formas de ser menino ou menina, homem ou mulher.

### **3.3 PROSTITUIÇÃO: *EUS* QUE FORMAM *NÓS*?**

A prostituição é uma troca complexa, ultrapassa a negociação econômica e a efemeridade que se encontra no seu projeto. Em um grande número de casos, ela cria uma sociabilidade específica. A partir dela constroem-se outras relações, atam-se nós entre indivíduos que de outra forma nem mesmo teriam se encontrado. Ela é perpassada por elementos de afetividade, pela criação de vínculos emocionais que a ultrapassam, e tudo isso se dá a partir de uma relação pautada nas regras do mercado, onde uma troca específica ocorre: a do sexo por dinheiro.

Tal afirmação se pauta na percepção de que entre as mulheres pesquisadas há histórias de viagens, casamentos, recebimento de presentes significativos (celulares, passagens para o exterior, mesadas, etc.); mesmo sem levar em consideração se o desenrolar das histórias

está ou não imerso em um contexto de positividade, elas demonstram a possibilidade de a prostituição romper com o campo no qual se encontra circunscrita, ou seja, ela supera a prestação de serviços sexuais e o recebimento do dinheiro e, ultrapassando o mercado sexual, cria relações, liga fios, tece teias, ata os envolvidos em um tipo específico de sociabilidade que pode ou não ultrapassar o mero encontro de *eus*.

Nas relações de prostituição, o encontro entre as partes é limitado pela prestação do serviço e pelo recebimento do dinheiro, mas pode ir além. Em alguns momentos, clientes e prostitutas, ao se encontrarem fora do espaço da prostituição ou mesmo dentro dele, nem mesmo se cumprimentam, em outros, aproximam-se, conversam e chegam mesmo a criar vínculos. A prostituição garante um certo anonimato e, ao mesmo tempo, sacia os desejos que não estão relacionados somente ao sexo, mas à própria capacidade de conquista de cada um, homem ou mulher.

O outro é sempre alguém com quem se mantém algum tipo de contato, apesar de desconhecido em um certo nível, compartilha uma linguagem comum, entende e professa signos de um universo específico: a prostituição.

- Acho que um grande ponto, no meu caso, de procurar uma garota de programa é esse: é poder fazer exatamente o que eu gosto e manter a minha vida, minha vida fora disso pra que ela não atrapalhe. Até mesmo quando eu tô com namorada, acontece de procurar garota de programa exatamente por isso, pelo fato de a namorada foi com você pra cama e a partir desse momento ela tá se achando no direito de lhe cobrar: - *Você agora tem que fazer o que eu quero, você não vai pra canto X porque eu não quero*. Às vezes acho que, no meu caso, é uma fuga desse compromisso. **(Damião, 21 anos)**

- Existe muito, que no Brasil existe, dizem que a puta brasileira goza, né, eu acho que isso é verdade, surge, pode surgir algum afeto. Eu, como falei no começo, não vou atrás disso, mas se pintar alguma coisa, não tem o menor problema, entendeu? **(Moises, 33 anos)**

- Eu saí com ela uma vez somente pra gente transar na verdade, mas depois eu encontrava ela e a gente começou a ter um papo legal; eu num sei se ela começou a gostar de mim ou não, sei que ela tentou me agradar, mas tem muitas que fazem isso porque se apaixonam mesmo, quando elas se apaixonam não tem limite não. **(Raimundo, 22 anos)**

- Eu, se ele vim falar comigo tudo bem. Se ele num vim, eu num vou lá chegar junto dele

não. **(Betinha, 23 anos)**

- Se você encontrar um cliente por acaso, como é que você reage?

- Se ele estiver sozinho? Se ele estiver sozinho eu reajo,... Chego na mesa cumprimento e, se ele quiser que eu fique eu fico, se ele não quiser eu saio. **(Paula, 18 anos)**

- É o tipo da coisa. Se ele é uma pessoa que eu já conheço há muito tempo eu falo: - *Oi, tudo bom?* Cumprimento normalmente: - *Sua esposa?* Ele me apresenta a esposa dele. Como já aconteceu várias vezes comigo, dos clientes, meus clientes me apresentar a esposa, dizer que me conhecia do shopping, aquela coisa. Tem essas coisa também. E, normal, ele me apresenta. Agora se for um cliente de pouco tempo, eu nem falo. Eu nem olho. Nem olho pra num vir nenhum papo, né. Aí eu prefiro nem olhar. **(Valéria, 19 anos)**

Se observarmos mais atentamente os discursos acima, veremos que a prostituição, especialmente para os clientes, aparece como uma área separada da vida. É uma forma de não se comprometer, não se envolver. Uma maneira de vivenciar o sexo sem que isso venha a ser um empecilho em outros campos como o casamento, o namoro e mesmo as relações profissionais. A prostituta pode ser invisível. Não se tem obrigação para com elas, salvo aquelas contraídas no momento do programa, o que torna a relação descomplicada e sem grandes conflitos.

Pode-se ou não cumprimentá-la, tudo depende das circunstâncias, do local em que se está e da própria condição do momento, fatores que, dentre outros, determinam se haverá ou não uma aproximação entre as pessoas. Em geral, procura-se manter distância, mas há situações em que se procura o outro, se acena, se cumprimenta, ou seja, em que uma certa relação é construída, o que vai de encontro ao que se espera da prostituição.

O não se aproximar não está apenas relacionado às características acima expostas, pode também remeter à questão do preconceito e do reconhecimento público da pessoa como prostituta ou cliente. A idéia de que, saindo da Praia ou de qualquer outro espaço de prostituição, se assume um novo papel pode ser prejudicada pelo encontro com o cliente que, na maioria das vezes, percebe a mulher como prostituta ou da prostituta que vê no homem o cliente. Diante disso, manter distância significa que o local em que se está impõe outros papéis que, inclusive,

podem ir de encontro aos de cliente e prostituta e podem mesmo ser prejudicados por tais imagens.

A prostituição aproxima pessoas, o que pode fazer surgir várias formas de afetividade, de emoções (amor, ódio, repulsa, amizade, etc.), demonstrando o quanto o ser humano é sempre um criador de novas situações, como ele, na vida real, dá os mais variados significados a relações que parecem se esgotar nelas mesmas.

Há sempre uma possibilidade de ultrapassar a efemeridade e a relação mercantil que têm lugar na prostituição; não há um único caminho, mas uma infinidade deles. Pelo dinheiro, o encontro é possível e as relações possibilitadas, tornando possível a emergência de um determinado tipo de afetividade.

Na prostituição, *eus* se aproximam e muitas vezes formam *nós*. As relações engendradas em seu campo, embora estejam *a priori* ligadas à efemeridade e à vivência de um instante específico, aproxima pessoas, cria laços e faz possível experimentar situações em que a afetividade está pautada na sua presença. O desejo do e pelo outro é garantido pelo elemento monetário e, através dele, as relações se sustentam.

- Eu só falava italiano com meu gringo. Era bom, eu vivia cheia de dinheiro. Meu gringo mandava R\$ 800,00 por semana. Eu dava R\$ 300,00 pra minha mãe, o resto eu gastava tudo, ia no shopping, na ecológica, comprava roupa de marca. Alugava um táxi, botava três, quatro puta dentro e ia curtir. Era muita droga. Foi uns dois anos assim. Eu passei seis meses na Itália, meu gringo me levou. **(Eliane, 23 anos)**

- Eu tô com um cara, um italiano; ele quer que eu vá pra Itália com ele, mas eu não sei se vou não; lá tá muito frio. Eu descolei uma grana legal, ele me deu um celular e vai ficar mandando dinheiro todo mês. **(Anne, diário de campo)**

- (Referindo-se aos clientes) Agora em dezembro, eu fiz 3.800, mas foi mais porque um deu 500, outro me deu 1000, tá entendendo? **(Elisângela, 20 anos)**

Alguém poderia discordar e considerar as histórias acima relatadas como exceções. É possível, mas tais relatos não são raros e não se trata apenas de receber presentes, mesadas ou ter

viagens custeadas; somado a isso, criam-se vínculos. O outro, anteriormente distante e indiferente, passa a fazer parte do cotidiano. Ele não é mais o homem de programa, é o cliente fixo, o *meu gringo*, aquele de quem se recebe presentes, com quem se pode contar e que representa uma certa garantia de que não se vai passar por determinadas privações ou dificuldades, já que ele é alguém que sempre volta e está disposto a colaborar com o bem-estar da prostituta.

A existência do cliente fixo, a meu ver, aponta para o rompimento com a fugacidade da prostituição, em diversos aspectos. Ele é respeitado e conhecido. Constroem-se laços de lealdade entre ele e a mulher com a qual mantém uma ligação específica. Ao cliente fixo são repassadas informações adicionais e ele é protegido, porque sua manutenção é importante.

Na prostituição, assim como nas outras relações que têm lugar na sociedade, à medida que o tempo vai passando, os laços vão se aprofundando; o encontro constante, as experiências vivenciadas conjuntamente, tudo colabora para uma maior aproximação entre as pessoas. Passa-se a conhecer o outro, suas necessidades, preferências. A indiferença inicial pode ser substituída por carinho, proteção e até mesmo amor. No âmbito da prostituição de rua, a existência do cliente fixo é mais dificultada, pois não há garantias de que se vai encontrar a mesma mulher; os horários e locais são imprecisos. Mesmo assim, o cliente fixo existe e é valorizado pelo grupo de mulheres.

- Quando é cliente, sempre sai com a mesma pessoa. **(Cláudia, 29 anos)**
- Tem, tem uns por aí que tem só, só as mulheres certa. **(Indiara, 19 anos)**
- Tem outros: não, que só quer aquela. Porque tem muitas que roubam. Aí, quando saiu uma vez e viu que ela é direitinha e fica só saindo, entendeu? É assim. **(Keyla, 19 anos)**
- (Interrompendo a entrevista) Esse meu cliente tá me procurando (com um carro que passa). Ele tá me procurando, acredita? **(Adriana, 28 anos)**
- Vareia! Pronto, eu tenho vários clientes e alguns deles é advogado, médico. Mas eles não sabe que eu venho pra praia, tá entendendo? Porque eu tenho anúncio no jornal também. É, eu tenho uma clientela boa. **(Elisângela, 20 anos)**

Os clientes procuram-nas, pedem informações. Em muitas ocasiões as mulheres se ajudam. Em outras, a lei da concorrência se impõe e elas tentam roubar os clientes umas das outras. É sempre uma garantia para elas ter um cliente fixo. Aí ocorre mais uma vez a reafirmação do seu poder de sedução e da sua capacidade de conquista. O cliente fixo sempre volta; guardadas as devidas proporções, é como um amante que sai da casa da esposa para encontrar a concubina com a qual sustenta uma relação fora do universo do casamento.

Tendo por base os exemplos acima citados, a linha separatória entre o efêmero e o duradouro é muito tênue e na prostituição, em algumas ocasiões, o limite é rompido, ou seja, o transitório se transmuta em durável. As trocas econômicas são realizadas repetidamente e isso faz com que as pessoas se conheçam, criem vínculos, ligações, enfim, teçam teias de relações, se atem em *nós* que, na maioria das vezes, não anulam os *eus*. Em geral, as relações mudam, não mais são percebidas como prostituição; mesmo inseridas em seu universo, aparecem com novos contornos.

De certa maneira, conhece-se o outro, os gostos, as aversões, as preferências. É possível conversar, solicitar favores; há uma certa *intimidade*<sup>53</sup> que permite uma relação mais próxima entre clientes e prostitutas.

A efemeridade da prostituição, como regra, só existe no nível da retórica. Na prática, há quase sempre uma idéia de compromisso, se não com as pessoas, com os papéis exercidos por elas. No discurso das mulheres da Praia do Meio, é possível encontrar ainda referências *ao meu cliente, aquele que sempre me procura, o que muitas vezes só quer conversar*, enfim, ao cliente fixo, aquele que lhes presenteia, lhes dá prazer ou as trata diferentemente. *O presente contém algo mais pessoal – por causa da indeterminação do valor do presente e da liberdade individual*

---

<sup>53</sup> Para Giddens, *intimidade significa a revelação de emoções e ações improváveis de serem expostas pelo indivíduo para um olhar público mais amplo* (1993, p. 154). Assim, em um certo sentido, ela pode estar presente nas relações de prostituição.

*de escolha, mesmo se governada por convenções – do que uma soma definida de dinheiro com sua inflexível objetividade* (SIMMEL, 1990, p. 373)<sup>54</sup>.

Existe uma cumplicidade na relação com o cliente, na qual se afirma a própria eficiência e a capacidade de seguir as regras do jogo como valores simbólicos. O cliente quer prazer e é isso que a prostituta busca proporcionar, porque dessa forma ela também consegue um certo contentamento, por ser capaz de realizar sua atividade de forma a reafirmar sua competência. Ela garante o compromisso com os papéis exercidos. Joga o jogo e assume sua função nele. Exerce a função competentemente para ser avaliada positivamente e reafirmar sua feminilidade, enquanto mulher capaz de proporcionar prazer.

- A gente diz que dura umas 3 horas, mas homem só quer o prazer; depois ele não quer saber de nada não, é só fazer ele gozar logo e pronto à gente fica livre. **(Paulinha, diário de campo)**.

- Quando eu tô no meu trabalho, eu sou uma profissional completa; se aparecer uma mulher eu vou, não porque eu sou lésbica, mas porque eu sou uma profissional. **(Marinalva, diário de campo)**

Há um jogo de interesses. É preciso *saber fazer*. Disso depende o prazer do cliente e o seu próprio. A satisfação da prostituta passa menos pelo prazer sexual e mais por dar prazer ao cliente, fazer um trabalho reconhecido como de qualidade e também pelo recebimento do dinheiro. As regras são definidas no momento da negociação. Tudo depende da quantidade de dinheiro e dos serviços acertados no momento inicial. Depois é assumir o papel e atuar de forma a ter o seu trabalho reconhecido. A prostituição, nesse aspecto, assemelha-se ao teatro: assume-se um personagem e procura-se seguir um script pré-determinado, mas a possibilidade de a

---

<sup>54</sup> No original: The gift contains something more personal – because of indeterminateness of the gift's value and the individual freedom of choosing, even if governed by conventions – than a definite sum of money with its uncompromising objectivity.

interação com a platéia mudar o roteiro está sempre presente e funciona mesmo como algo que amedronta e ao mesmo tempo excita aqueles que participam do jogo.

Para além dos encontros, da suposta efemeridade, da relação com um grande número de parceiros durante a vida, da construção de relacionamentos duradouros, a prostituição configura-se socialmente como uma prática estigmatizada, sendo, ao mesmo tempo, tolerada e condenada socialmente e, de forma geral, não é aceita ou respeitada. As prostitutas não têm direitos trabalhistas, não são reconhecidas como profissionais, sofrem vários tipos de abusos, preconceito e discriminação e, quase sempre, não têm perspectiva de futuro, nem dentro nem fora da prostituição.

Há, em nível de senso comum, a denominação de prostitutas como mulheres de vida fácil; mesmo no seu discurso, a idéia está presente e é reafirmada, mas é bom pensar que, além dos problemas relativos a qualquer trabalhador do setor informal em nosso país, soma-se a condenação social pelo exercício da função de prostituta, algo que não as degrada somente no âmbito do trabalho, mas no da vida em geral, de tal forma que, em suas falas, mesmo que em um primeiro momento reproduzam a idéia, todas elas a refutam e negam a suposta facilidade que estaria ligada à vivência da prostituição.

- É muito difícil. Pronto, tem uma história que dizem: - *Dinheiro fácil*. Num é fácil, quem pensar que é fácil está redondamente enganado. É muito difícil a pessoa ir pro quarto com um nojento que a pessoa num sabe quem é. Cê sabe que tem até que fazer sexo explícito<sup>55</sup>, entendeu? E muitas vezes com muita exigência. Num é fácil; quando a pessoa se acostuma se torna fácil, mas eu ainda num acho fácil. Outro dia eu dei uma mordida num, foi, ele me lambendo e me lambendo e eu com nojo e ele querendo me beijar na boca e eu dizendo que não, acabei mordendo ele e levei um tapa. (**Adriana, 28 anos**)

- A gente diz, aquela vida fácil e tal, mas a gente num, num é vida fácil, porque a partir do momento que a gente passa dessa pista pra lá, a gente num sabe se vai voltar ou não, tá entendendo? É, a gente fica com medo, com receio de voltar e tal. Tem vezes que o homem paga, mas deixa a gente lá. Lá naquele motel, lá da via costeira. Tem uns que às

---

<sup>55</sup> Referindo-se ao ato sexual propriamente dito.

vezes levam e diz: - *Ah, num quero mais não*. E deixa a gente lá mesmo. A gente tem que voltar de carona. **(Indiara, 19 anos)**

- Vem. Num vem tão fácil, porque você tá, tá fazendo uma coisa que você num gosta, num gosta de tá com uma pessoa que num sente nada, mas é fácil. É fácil porque você num tá se prejudicando em nada. A não ser que seja uma mulher que saia com todos os homens sem camisinha, sem, num sei, que beije na boca, faça amor, tudo. A não ser que seja isso. Que aí não seria fácil, poderia pegar todo tipo de doença. Mas o que eu faço, deve ser muito fácil, o que eu ganho. **(Valéria, 19 anos)**

O tempo e o costume parecem, à primeira vista, tornar a prostituição mais fácil; na realidade eles possibilitam um maior controle das situações vivenciadas, mas não mudam, dentre outros fatores, o fato de alguns clientes serem considerados *nojentos* e existirem perigos que a envolvem. De forma geral, as mulheres consideram difícil fazer sexo com desconhecidos ou, ainda, o discurso da facilidade está ligado não apenas à função em si, mas à forma como ela é exercida. Se a negociação e os limites fixados são respeitados, a experiência torna-se mecânica e por isso mesmo mais fácil de ser vivenciada. No momento em que práticas como o beijo e as carícias entram em cena, há uma quebra daquilo que foi acordado e, conseqüentemente, torna-se difícil manter a relação no nível requerido.

As dificuldades estão ainda em outro patamar. A prostituição é uma prática perigosa. Não há segurança. Na pista, no motel ou em qualquer outro espaço, sempre se está vulnerável e sujeito a inúmeros perigos, alguns ligados à própria existência e outros ao estilo de vida da prostituição.

Um outro aspecto chama a atenção no que condiz ao discurso da *facilidade*, pois mesmo considerando o dinheiro conseguido com a prostituição como sujo, a prática da prostituição é percebida como relativamente fácil se comparada com outros trabalhos em nossa sociedade. O discurso das prostitutas impregnado pela idéia do *fácil*, a meu ver, além de estar relacionado à rapidez com que é possível conseguir novos clientes, pode também estar se referindo a uma visão negativa do trabalho que, em nossa sociedade e cultura, convive lado a

lado com uma percepção positiva. Para além da idéia do trabalho dignificando o homem, está a do sacrifício do corpo, da dureza, das dificuldades enfrentadas, da obrigatoriedade e do cansaço, que são, enfim eventos que o transformam em um fardo cotidiano.

Portanto, a partir desse matiz, o *trabalho honesto*, para as prostitutas, estaria ligado à má remuneração, a horários fixos, ao cansaço, à obrigação e ao desprazer. Ora, trabalhar na prostituição mesmo com as dificuldades, as más condições, o preconceito, a discriminação e o estigma relacionados à condição da prostituta, enfim, com todos os riscos circundantes à prática, que, aliás, não são prerrogativas apenas dela, mas aparecem ligados a muitos outros trabalhos e profissões, gera uma compensação financeira maior e aparece para as mulheres como uma forma *menos dura* de ganhar a vida.

Dessarte, a prostituição aparece para as mulheres pesquisadas como um vínculo forte e difícil de ser quebrado, seja porque não têm qualificação para outra atividade, seja porque nenhum outro campo profissional onde pudessem se inserir lhes possibilitaria uma compensação financeira tão boa ou, ainda, porque a prostituição lhes marca tão profundamente que mesmo fora dela o vínculo entre a mulher e a prostituição não é quebrado.

Em tal contexto, é comum que a maioria daquelas que saem por algum tempo retornem à praia e àquilo que ela lhes proporciona: um estilo de vida que as retira da condição de pobreza extrema e permite a sobrevivência pessoal e familiar e condições de trabalho que, comparadas a determinadas atividades, podem ser consideradas menos severas, tendo em vista trazer maiores compensações financeiras e dar-lhes uma certa autonomia com relação aos horários e ganhos obtidos.

Diante das vantagens e desvantagens ligadas à prática da prostituição, mas especialmente do estigma social que ronda essa prática, sair dela é sempre o maior anseio das mulheres, o que não é facilmente conseguido. De forma geral, quando isso ocorre, está ligado,

segundo as entrevistadas, principalmente a dois fatores: o envolvimento afetivo com alguém em condições de lhes sustentar e ou a consecução de um emprego capaz de lhes garantir a sobrevivência.

Antes de discutir os fatores relacionados à possibilidade de saída da prostituição, gostaria de chamar a atenção para o fato de que, aqui, mais uma vez, ela não se distancia do imaginário popular no que concerne às relações de trabalho. Qualquer indivíduo de classe média ou pobre, salvo algumas exceções, quando indagado sobre o que espera do futuro profissional, refere-se a aposentadoria ou a possibilidade de conseguir um trabalho com melhor remuneração, menor nível de exploração ou que lhe der mais prazer. Logicamente, a prostituição tem suas especificidades, mas os anseios quanto a sair dela parecem ser os mesmos daqueles presentes em outras categorias de trabalhadores.

Retomando os fatores anteriormente citados, com relação ao primeiro deles, o envolvimento afetivo-sexual com um homem-provedor, todas as mulheres com quem mantive contato no universo da prostituição contam histórias nas quais, em diferentes momentos da vida, assumem relacionamentos com parceiros fixos. Durante esse período, elas podem ou não sair da prostituição.

A saída só ocorre quando o parceiro lhes permite uma certa estabilidade financeira, mas, em geral, quando o envolvimento acaba, o retorno à prostituição é quase certo. E, ao contrário do que se pode pensar, é pequeno o número de casos em que as relações afetivo-sexuais estão descoladas da prostituição, pois, na maioria das vezes, são construídas em seu interior, seja com clientes, policiais, vendedores de drogas ou outros homens que, de alguma forma, compõem e estão presentes em seu universo.

No que concerne ao segundo fator, o emprego aparece como uma realidade distante, um sonho pelo qual não se luta, se almeja, mas, ao mesmo tempo, não se busca. Há um discurso,

pautado na necessidade de sair da prostituição como meta crucial para as mulheres, que não encontra respaldo na realidade, pois não se concretiza através de estratégias capazes de garantir a sobrevivência fora da prostituição.

As mulheres poderiam empregar o dinheiro ganho em cursos que lhes garantissem uma certa qualificação profissional ou mesmo buscar abrir pequenos negócios que, no futuro, poderiam lhes dar uma certa comodidade econômica. No entanto, não é isso que ocorre, seja porque não há uma priorização de tais aspectos, seja porque a prostituição se configura como uma estratégia de sobrevivência e, como tal, serve para garantir as necessidades cotidianas, o que também não parece distante do universo da maioria dos trabalhadores de classes média e baixa em nosso país.

Embora algumas delas construam e equipem casas, comprem carros ou mesmo guardem algum dinheiro na poupança, resta as necessidades do dia-a-dia, a sobrevivência cotidiana que não prescinde de uma renda mensal. No nível do discurso, deixar a prostituição é o anseio e o sonho de todas aquelas com quem conversei; algo que todas fariam desde que conseguissem um trabalho capaz de lhes sustentar.

- Mudar minha vida. Arranjar um emprego bom, talvez até um homem, talvez eu acho, eu preferia um emprego bom. Porque um homem é hoje, num é amanhã e um emprego eu ia construir e ia criar meus filhos. (**Vanessa, 25 anos**)

- Meu sonho é sair da prostituição e ajudar minha mãe e ajudar a mim mesma. (**Eliane, 23 anos**)

- Ah, meu sonho é sair. Ter meu cantinho. Meu sossego. Criar meu filhinho. E eu quero sair que eu não quero que ele cresça e dizer: - *A tua mãe ali, oia, faz programa, num sei o quê.* Eu tenho um sonho na minha vida de sair daqui. De arrumar um emprego, nem que seja na casa de família, uma coisa assim. (**Lúcia, 21 anos**)

Libertar-se do trabalho não é uma meta apenas das prostitutas, mas dos explorados de uma forma geral. Trata-se de deixar de ser mercadoria, de se colocar no mundo como sujeito capaz de experimentar outros aspectos da vida e, no caso específico das mulheres da Praia do

Meio e de alguns trabalhos também estigmatizados socialmente, de resgatar a integridade da pessoa humana. De romper com o estigma e se recriar como sujeito individual e social.

Dessa forma, a referência à saída da prostituição é também simbólica, pois estaria ligada ao desejo de retirar das mentes e corpos as marcas da prostituição, considerada socialmente e introjetada, pelas mulheres que delas sobrevivem, como moralmente condenável, um traço que as torna seres marcados como indesejáveis e que, por essa razão, precisaria ser apagado de suas vidas.

Mas as exigências para a saída da prostituição são assim tão pequenas? O que significa um trabalho capaz de lhes garantir a sobrevivência? Que papel o dinheiro joga nas relações de prostituição? Até que ponto ele é assim tão fácil de descartar? O que é feito de fato para garantir a saída da prostituição, procura-se emprego, busca-se alternativas? Como sobreviver sem o dinheiro que a prostituição proporciona?

Algumas delas tentam sair da prostituição e o fazem por um tempo, mas a grande maioria retorna. A prostituição, mesmo execrada socialmente, permite-lhes uma vida melhor do ponto de vista do acesso ao dinheiro e das possibilidades de consumo que ele representa. O dinheiro abre um mundo de infinitas possibilidades para as mulheres da Praia do Meio e, mesmo que não cumpra fielmente a promessa, ao menos faz com que elas rompam com muitos limites determinados por sua origem social, pois, salvo raras exceções, as mulheres que se prostituem na Praia do Meio advêm de famílias e bairros pobres e periféricos de Natal, interior do estado ou outras regiões do país.

A maioria delas não teve acesso à educação, apenas duas das mulheres entrevistadas chegaram ao segundo grau, sendo que uma delas o concluiu e a outra abandonou os estudos. Seu pequeno nível de educação formal se expressa também em sua maneira de falar, no uso incorreto de expressões ou palavras, o que é facilmente percebido nos contatos estabelecidos com elas.

Assim, a prostituição não está relacionada apenas a um tipo específico de vivência da sexualidade ou do acesso ao sexo ilimitado por parte delas. O sexo pode ser conseguido, independentemente de prostituição, em outras inúmeras relações. Uni-lo ao dinheiro é o que o torna diferenciado; ele passa a ser um meio para alcançá-lo. As mulheres da Praia do Meio buscam dinheiro, não sexo. Se assim não o fosse, ele poderia ser obtido através das relações predominantemente afetivas ou outras que não precisariam ser necessariamente mediadas pelo elemento monetário.

Se o sexo para as mulheres que se prostituem é prazeroso ou não, não está em discussão aqui. O que busco pensar é que ele é um caminho para se chegar àquilo que realmente importa, ao seu objetivo na vivência da prostituição. As mulheres são unânimes em declarar que é o dinheiro o principal motivador da sua vivência na prostituição. Tudo, ou quase tudo, é feito para consegui-lo e isso é afirmado de forma categórica.

Porém, o próprio dinheiro significa mais do que o recebimento de uma compensação monetária: permite-lhes uma certa ascensão social, a saída do seu universo restrito de consumo e possibilidades. Permite, de certa forma, um rompimento com sua origem social e por isso mesmo não há grandes limites nas ações realizadas para consegui-lo.

- O que eu não faria por dinheiro? Caramba! Não sei. Num sei, num sei mesmo. O que eu não faria por dinheiro? (Pensa) Usar droga. **(Valéria, 19 anos)**
- O que eu faria por dinheiro? Qualquer coisa, por dinheiro eu faria. **(Cláudia, 29 anos)**
- O que que eu não faria por dinheiro? Ah, nessa pergunta você me pegou (risos). **(Eliane, 23 anos)**
- Você quer saber o que dinheiro não compra? Tá ruim, porque dinheiro compra tudo! Dinheiro compra tudo! **(Keyla, 19 anos)**

O que você não faria por dinheiro? A pergunta, de forma geral, teria como resposta as práticas que estão mais distantes do nosso universo de valores, mas, de imediato, a resposta

parece difícil, é preciso pensar; nem sempre se chega a um termo, especialmente, quando já se realiza uma prática considerada no limite daquilo que é considerado aceitável ou não, em termos de sociedade, e principalmente se vivemos em um tempo em que tudo é comercializado, inclusive a própria vida.

Conforme os discursos das mulheres entrevistadas, o dinheiro é percebido como a meta crucial da prostituição; ele é o fim e o meio de tais relações. Mas, no meu entendimento, elas não se esgotam nele. Não se trata apenas de trocar sexo por dinheiro, há inúmeros outros elementos aí envolvidos. Estão presentes anseios individuais e grupais, construção de identidades, emoções e afetividades as mais díspares e uma infinidade de conteúdos simbólicos, fazendo da prostituição um tecer incessante de fios que se ligam e desligam num emaranhado de *nós*.



**A CIDADE, A PRAIA DO MEIO, O ESTIGMA E A  
SOLIDÃO**

#### 4 A CIDADE, A PRAIA DO MEIO, O ESTIGMA E A SOLIDÃO

*Acho que a primeira pedra  
Quem atirou não tem perdão  
A segunda pedra  
Quem a jogou não sei  
Sei que não sou eu quem ferirá  
Pela última vez  
As milhares moças  
Tantas madalenas  
Tenras tão pequenas  
Loucas de tanto amor  
Como é que vão como é que vêm  
Tanto querer, sem um bem.*  
(Zé Ramalho e Geraldo Azevedo – Pedras e Moças)

Para discutir a prostituição, desde o início do presente trabalho, venho tomando como referência empírica os discursos das mulheres com quem mantive contato, especialmente aquelas com as quais realizei entrevistas e que costumam se localizar na Ladeira do Sol e ao longo da avenida 25 de dezembro, situadas na Praia do Meio da cidade de Natal.

Nesse capítulo, mais precisamente realizarei um passeio pela Praia do Meio de forma a localizar o leitor no cenário da prostituição, em seus becos, trilhas e itinerários, buscando compor uma imagem do *pedaço* e dos territórios que as prostitutas ocupam nesse espaço específico e levando em consideração a paisagem mais ampla da cidade grande.

Além de situar o leitor no cenário da prostituição por mim pesquisada, aqui, mais especificamente, chamo a atenção para o estigma que marca as prostitutas e para a solidão que faz parte do cotidiano dos habitantes da cidade. O estigma baseia-se em estereótipos e faz com que as prostitutas construam uma identidade deteriorada (Goffman, 1988), internalizando as marcas externas que a sociedade lhes impõe.

A solidão, por sua vez, pode ter duas nuances: na metrópole ela não se refere apenas ao estar só, mas também ao se sentir só, mesmo acompanhado. A solidão está presente na prostituição, mas também pode ser superada por ela. À medida que rompe com a solidão física, a

prostituição é capaz de possibilitar um encontro que vai além do mero esbarrar de pessoas e criar uma certa intimidade, possibilitando que clientes e prostitutas conversem e cheguem mesmo a se sentirem próximos.

A ida aos motéis, locais impessoais e fechados, cria um universo restrito, onde as solidões podem se encontrar sem maiores medos ou dificuldades. É o espaço do interior, fechado e, ao menos aparentemente ímune ao exterior, que aproxima pessoas que, de outra forma, algumas vezes nem mesmo se cumprimentam. No motel, é possível construir a intimidade do instante, uma familiaridade que não pode vazar, pois está circunscrita ao espaço. As exposições do eu são feitas para ouvidos humanos, mas voltam para ele, sem que extrapolem o espaço onde se situam e são construídas.

#### **4.1 A CIDADE E A PRAIA DO MEIO: MOSAICO DE MUNDOS, CORES E PERSONAGENS**

Um olhar para o passado recente da cidade de Natal mostra de forma indubitável as transformações pelas quais tem passado a paisagem urbana. No curso de poucos anos, a cidade viu surgir ou crescer em seu interior novos *shoppings centers*, complexos viários, viadutos, centros comerciais, condomínios, núcleos de artesanato, hipermercados, turismo, barulho, violência, drogas, prostituição e a circulação de grandes montantes em dinheiro que são, ao mesmo tempo, consequência e causa das metamorfoses ocorridas.

De forma geral, é possível afirmar que Natal ganhou novos espaços sociais, culturais e humanos que redefinem a imagem de *cidade de interior* para a de *cidade grande* ou *metrópole*. O concreto das construções que não param de crescer devora a natureza que, por sua vez, é circunscrita a áreas de preservação, tendo em vista representar um importante elemento para a

construção da cidade, sendo a responsável, em larga escala, pelo turismo e, como tal, por grande parte dos recursos econômicos que aí circulam.

O desencantamento da natureza, com a destituição da potência divina com que ela era encarada, corresponde ao avanço de “secularização do mundo”, analisado exemplarmente por Max Weber. É neste momento quando a natureza é percebida como objeto (de intervenção, planejamento, organização e contemplação), que o homem se constrói como sujeito, que aparece a noção de *paisagem* (LOPES JÚNIOR, 2000, p. 50).

Na paisagem, segundo o autor em epígrafe, estão presentes tanto os elementos físicos, no sentido geográfico tradicional, quanto humanos, que se entrevêm nas representações sociais dos múltiplos atores atuantes em seu interior. Em Natal, na nova paisagem que se constrói, o homem, sujeito da edificação do espaço urbano, é o indivíduo, que se separa não apenas da natureza, mas também dos outros seres humanos. Ocorre uma diferenciação social.

A cidade grande cria e estimula um novo tipo de individualidade. Segundo Simmel ocorre uma intensificação da vida nervosa resultante da mudança rápida e ininterrupta de impressões internas e externas, o que torna o habitante da metrópole nervoso, insatisfeito, nostálgico, ansioso e, por isso mesmo, em movimento. *Ele reage com a cabeça, ao invés de com o coração* (SIMMEL, 1997, p. 13).

Ela aparece como o local do entendimento, da racionalidade, da intelectualidade. Tais traços não estão presentes por acaso, mas destinam-se a preservar a vida subjetiva das inúmeras impressões que recebe a todo instante no mosaico de mundos, cores e personagens que têm lugar na metrópole.

Tendo em vista que a metrópole se configura de forma diametralmente diferente da cidade do interior, os grandes espaços urbanos são também o local do distanciamento, da *vida nervosa*, dos *nervos enfraquecidos*. Além disso, parece haver uma relação entre o crescimento da vida nervosa e uma intensificação de práticas como a prostituição.

Trata-se da percepção de que a vida na cidade moderna acarreta alterações nos modos de percepção e de “estilos de vida” que repercutem profundamente na psique e nas pulsões eróticas. A própria cidade é vista como prostituta, como “grande puta Babilônia”, pois corrompe tudo e todos. A cidade, grande e moderna, é o cenário da prostituição (WAZBORT, 2000, p.302).

A cidade constitui-se como o lugar das possibilidades; do eu, em detrimento do nós. Nela, a objetivação das transações é muito mais fácil, pois tudo é feito por e para desconhecidos, sem as interferências que as relações pessoais, baseadas no conhecimento, no ânimo e no sentimento, trazem consigo.

A cidade prostituta a que Waizbort se refere é a sede das relações comerciais. Nela, tudo se torna objeto de compra e venda, daí o autor pensá-la a partir da metáfora da prostituição, pois até mesmo valores considerados sagrados tornam-se mercadorias e passam a seguir a lógica do mercado. O ser humano é um deles. Ele é transformado em força de trabalho e reificado no processo. São inúmeras as formas que tal comercialização toma, dentre elas, interessam-me mais de perto, nas discussões aqui realizadas, a venda e compra de sexo por dinheiro.

É interessante perceber que, a partir de tal lógica, na cidade estamos diante de um processo que chamarei de dupla prostituição. Sendo uma delas amplamente aceita, que é a da transformação do homem em mercadoria, através do trabalho, pensado, a partir de um certo ângulo, inclusive como lhe dando dignidade e remetido a valores positivos; e uma outra, que remeteria a um aspecto negativo, dentre muitos fatores, por estar ligada a um dos terrenos altamente controversos da vida humana, a sexualidade, e também por trazer a tona claramente a dimensão de mercadoria a que todo ou quase todo ser humano está submetido.

Se de um lado, em outras áreas, o sexo simboliza elementos que não são encontrados na prostituição, de outro, a prostituição demonstra que todas as áreas da vida humana obedecem ao modelo mercantil. A prostituição e a prostituta são os símbolos da sociedade mercantilizada.

Não há terrenos sagrados ou áreas que não se incluam no mercado. Tudo é transformando em mercadoria, e a pessoa humana, que é o único limite que deveria ser respeitado, não é apenas transformada em mercadoria, mas compartimentalizada e negociada a partir das leis mercadológicas. Assim, em nosso tempo e espaço, o sexo se apresenta como o último limite da comercialização, como um elemento que, ao ser transformado em mercadoria, desnuda o crescente processo de objetificação do ser humano.

A cidade seria, assim, um espaço povoado por relações de prostituição, consideradas como normais pelos diversos setores da sociedade, desde que não se encontrem no domínio da sexualidade, ou, melhor dizendo, se configurem como uma relação explícita de troca de sexo por dinheiro. Vivemos uma época e lugar onde todos são transformados em mercadorias, um processo amplamente aceito, mas não tão obviamente perceptível. No entanto, algumas formas de comercialização do ser humano são pensadas como sendo indignas ou mesmo degradantes, como é o caso da prostituição de rua.

Há, na sociedade moderna, uma normalidade na transformação do ser humano em mercadoria e sua conseqüente troca por dinheiro. A troca do sexo por dinheiro, por sua vez, não é encarada a partir da mesma ótica, no entanto, toma diferentes configurações e é amplamente praticada, mesmo tendo uma dimensão *maldita*<sup>56</sup> e sendo fortemente carregada de estigma.

Cabe aqui pensá-la a partir dos contornos que toma no cotidiano das mulheres da Praia do Meio. Para tanto, é preciso, a meu ver, resgatar a normalidade com que os seres humanos são transformados em mercadoria – princípio que está na base da própria configuração do mundo capitalista – também para a troca do sexo por dinheiro ou, de outra forma, condenar a

---

<sup>56</sup> A palavra é utilizada no mesmo sentido usado por Foucault (1997), para quem o termo está ligado tanto à questão do discurso mal articulado, quanto à marca negativa que tais experiências imprimem nas pessoas.

transformação do homem em mercadoria em todos os âmbitos e não apenas no campo da prostituição.

Não perco de vista também que em Natal há inúmeros espaços onde a troca de sexo por dinheiro se localiza, desde casas de prostituição dos mais variados tipos (bares, antigos bordéis, locais de *strip-tease*, boates), até aquela que tem lugar nas ruas<sup>57</sup> e compõe a paisagem das principais avenidas e pontos turísticos locais. Como disse anteriormente, centrarei minha discussão na Praia do Meio, paisagem onde a prostituição constrói e reconstrói seus pedaços e territórios.

#### **4.1.1 NO INTERIOR DA CIDADE GRANDE: A PAISAGEM DA PRAIA DO MEIO**

Aqui realizarei um passeio pela Praia do Meio, buscando vislumbrar as belezas, conhecer os espaços e encontrar personagens singulares que, através da presença, trabalho, corpos, gestos e signos, compõem a paisagem do lugar: as prostitutas de pista<sup>58</sup>.

O passeio pode se dar em uma tarde ensolarada de um dia qualquer e começa no alto da ladeira do sol, proporcionando um panorama deslumbrante ao visitante; descendo a ladeira um pouco mais, a paisagem continua a encher os olhos. Ao parar em um dos mirantes, o olhar ao redor mostra uma beleza que chega a ser indescritível; tudo parece ser parte de um belo cartão postal. O mar batendo nas pedras, o reflexo do sol na água, um calçadão que parece não ter mais fim, o Forte dos Reis Magos, cujo olhar longínquo o transforma em uma parte viva do lugar; com cinco pontas em forma de estrela, o Forte se divide entre as águas do oceano Atlântico e as do rio Potengi.

---

<sup>57</sup> Há várias modalidades e formas de prostituição: de mulheres, homens, travestis, crianças e adolescentes, prostituição de rua, em casas noturnas, através de anúncios em jornais, Internet, dentre outras; na Praia do Meio, encontram-se, primordialmente, mulheres se prostituindo nas ruas. A faixa etária varia, indo desde crianças e adolescentes até mulheres mais maduras; as primeiras, como me referi anteriormente, não serão consideradas no presente trabalho.

<sup>58</sup> Forma comum das mulheres se referirem à prostituição de rua.

Diante de tantas belezas, o que mais impressiona são as pessoas indo e vindo, em um movimento constante, como parte da paisagem que se desenha. Elas parecem pequeninas, pela enormidade do quadro que o olhar à distância proporciona. Nem os esgotos que deságuam no mar, escondidos atrás de pedras e falésias, ou mesmo os grandes edifícios que invadem o panorama e contrastam com a atmosfera, são capazes de diminuir o prazer de ver o grandioso cenário desbravado pelo olhar.

Descer a ladeira e passear na orla, para quem não se contenta em observar a paisagem desinteressadamente, leva a outras constatações. O projeto de urbanização retirou todas as barracas e construiu um grande calçadão que vai da Praia dos Artistas, passa pela Praia do Meio e chega até a Praia do Forte. De um lado, restaurantes, boate, calçadão, uma estátua de Iemanjá, barracas padronizadas, mar, pedras e gente. Gente que passa, pára, caminha apressada ou devagar; crianças brincando, casais namorando, vendedores ambulantes, pessoas conversando, enfim, pessoas que, como diria Certeau (1998), através dos *passos que falam* inventam o lugar, transformando o projeto de urbanização em uma parte viva da cidade.

Do outro lado da rua, a natureza, dona absoluta da paisagem em outros tempos, foi invadida pelas construções humanas. Grandes edifícios e hotéis compõem o panorama do alto da Ladeira do Sol; na orla, restaurantes, sorveterias, pousadas e hotéis, o centro de artesanato e o asfalto; no final da avenida, o lugar dos moradores, os nativos, cujas casas e habitantes brigam por um espaço ao sol, já que ficaram escondidas atrás de um projeto cuja intenção principal parece ter sido retirar de cena a pobreza, considerada feia, mostrando apenas o que existia de bonito, seja através da natureza ou mesmo de construções humanas projetadas para aqueles que vêm de fora – os turistas – ou para os moradores da cidade de maior poder aquisitivo.

À parte da orla marítima, que vai do início da Via Costeira em Areia Preta e segue pelo calçadão da Praia dos Artistas, terminando na Praia do Forte, é um dos principais

espaços públicos produzidos pela urbanização turística de Natal. Aqui se situam os bares e restaurantes presentes, desde o início, nos roteiros turísticos da cidade. A paisagem do Baixo, como é denominado esse território, num explícito desejo de produção local de um Baixo Leblon, tem se debatido entre a urbanização turística e a redefinição da apropriação do lugar pelos moradores e frequentadores tradicionais (LOPES JÚNIOR, 2000, p. 62).

A cidade grande ou metrópole, impregnada pela economia monetária, requer uma nova linguagem espacial, exigindo um desenvolvimento racional, pontuado pelos números, linhas retas, normas e formas geométricas; pelo domínio da impessoalidade também no espaço. *Este racionalismo espacial se manifestará na desapareição do individual, do casual, dos rincões e curvas das ruas, substituídas pela linha reta, pela construção segundo normas geométricas obedientes às leis gerais* (SIMMEL, 1986, p. 667)<sup>59</sup>.

No entanto, é preciso não esquecer que são as pessoas que constroem os lugares. A cidade de Natal, embora não possa ainda, tendo em vista suas configurações físicas e sociais, ser pensada como uma metrópole nacional, busca se afirmar como cidade grande e, para tanto, tenta construir uma nova linguagem espacial. E é esse o processo, de certa forma, que se vislumbra na Praia do Meio e em outros bairros e espaços da capital norte-riograndense.

Na Praia do Meio, o projeto de urbanização criou regras, transpôs lugares, modificou trajetos, buscou disciplinar e racionalizar o ambiente, mas as práticas do espaço recriaram as normas e os procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – escaparam à disciplina dentro do seu próprio campo (CERTEAU, 1998).

A nova linguagem espacial se impôs como uma necessidade, uma exigência da cidade grande, que não poderia se manter, dadas as proporções físicas e a multiplicidade das relações, sem criar novas formas espaciais, substituindo referências familiares ou pessoais por códigos

---

<sup>59</sup> No original: Este racionalismo espacial se manifestará em la desaparición de lo individual, de lo causal, de los rincones y curvas de las calles, sustituidos por la línea reta, por la construcción según normas geométricas, obedientes a leyes generales.

numéricos. Além disso, antes do projeto de urbanização, a prostituição era incômoda. Era preciso bani-la; o lugar deveria servir agora como um ambiente propício para as famílias e os turistas brasileiros e estrangeiros que, de forma cada vez mais freqüente, chegam à cidade para conhecer as belezas locais. Assim, foi necessário dificultar os passos e criar novos itinerários para as práticas de prostituição.

Os objetivos propostos pelo projeto de urbanização na Praia do Meio, com sua conseqüente racionalização do espaço, foram alcançados, se não totalmente, ao menos em parte. A prostituição saiu da orla. Hoje, dificilmente vê-se prostitutas na avenida principal da Praia ou mesmo no calçadão, a não ser nas proximidades de uma das entradas da avenida 25 de dezembro ou em alguns bares que servem de encontro para clientes e prostitutas. No entanto, as práticas de prostituição não desapareceram ou foram banidas. Ao contrário, reorganizaram-se, aproveitando o novo que se desenhava. Subiram a Ladeira do Sol e encontraram pouso em um dos mirantes ali instalados ou ainda se fixaram na avenida 25 de dezembro.

Saindo da orla, passando da avenida Café Filho para a 25 de dezembro, adentro em um ambiente onde a beleza parece ter sido deixada para trás. Há uma hierarquia facilmente sentida na aparência que as duas vias têm quando comparadas entre si. A avenida 25 de dezembro é um logradouro comum, com alguns hotéis, cheia de pequenos e grandes prédios de condomínios, e, na porção final, as casas dos moradores locais mais pobres, escondidas dos olhares curiosos dos turistas.

Um dos acessos permitidos a ela confronta-me de imediato com um motel, o *L'Amore*, que serve de pista para a paisagem ímpar que, de agora em diante, se apresentará aos visitantes. Penetrando um pouco mais no emaranhado de ruas do bairro, a qualidade de vida dos moradores salta aos olhos: as construções e a sujeira das vias, dentre outros elementos, denunciam as precárias condições sócio-econômicas em que vivem os habitantes do lugar.

Além disso, ou talvez fosse mais correto afirmar que também por isso, há, nas imediações da praia, diversas casas que servem à venda de drogas; as conhecidas *bocas de fumo*. É a riqueza da imagem da orla e a pobreza do interior do bairro que criam a paisagem propícia para as prostitutas. Elas encarnam, de certa forma, a imagem da ambigüidade que marca o local; situam-se entre o belo e o feio, o pobre e o rico, como se burlassem o seu lugar; estão em ambos, mas parecem não pertencer a nenhum deles.

Retomando o passeio, na avenida 25 de dezembro encontro um novo cenário. Ao invés de famílias, casais de namorados, grupos jogando bola, amigos conversando ou mesmo crianças brincando, outros personagens roubam a cena: as prostitutas, cada uma com um jeito próprio de ser. Algumas jovens, belas; outras não tão jovens e não tão belas... Mulheres que chamam a atenção dos que passam, acenam e negociam com motoristas dos carros, motoqueiros, ciclistas ou mesmo com pedestres... Prostitutas, garotas de programa, trabalhadoras do sexo ou simplesmente mulheres, cujas presenças é a marca do lugar, que se espalham ao longo da rua ou no alto da Ladeira do Sol à espera e à cata de clientes.

No passeio pela praia, o encontro com as prostitutas é inevitável. Elas são partes vivas da paisagem, mas, ao contrário do que se poderia pensar, não se deixam aprisionar em modelos ou imagens fixas. Estão em movimento e não é possível percebê-las sem que tal elemento seja levado em conta. Elas são as personagens por excelência da Praia do Meio, que com passos, gestos, gritos, silêncios, alegrias, tristezas, sonhos, decepções, ordens e desordens colaboram para a construção da paisagem.

As prostitutas estão em todas as esquinas, em grupos ou sozinhas; nos mais diferentes horários, oferecendo uma promessa de prazer através de corpos e da experiência profissional. A praia, lugar de diversão, espaço para a família, para o lazer, é transformada pela presença das figuras inusitadas que nela circulam.

A transformação é brusca. Em toda a cidade de Natal, a Praia do Meio é conhecida como cenário das práticas de prostituição. Nesse espaço, a prostituição de rua ou, no linguajar próprio ao grupo, de pista, dá a tônica e, através dela, o próprio lugar é praticado. Estar nas calçadas da avenida 25 de dezembro ou no alto da ladeira do sol denuncia o envolvimento com o universo da prostituição, o que, por sua vez, marca o lugar e desenha seus contornos específicos.

- Depende do canto, eu tando aqui, vamos dizer, todo mundo sabe quem eu sou, porque tá vendo o local que eu tou, isso é óbvio. **(Cláudia, 26 anos)**

A obviedade a que Cláudia se refere demonstra o quanto as pessoas fazem o lugar, mas também são pensadas a partir dele, em outras palavras, também são construídas por ele; em um certo sentido, estar no lugar é ser do lugar. Cada um leva consigo as marcas dos espaços nos quais se insere. Há um processo de mão dupla na relação entre as pessoas e as paisagens. Ambos são modificados pela presença um do outro, são dinâmicos e estão constantemente em transformação. Pensar um lugar significa pensar as pessoas que o criam e, por sua vez, pensá-las passa também por refletir sobre o lugar em que se inserem, com limites e possibilidades determinados por ambos os lados.

Tal dinâmica permite visualizar o processo a que Certeau (1998) se refere, pois, para ele, são as pessoas que fazem a cidade; caminhando, apropriam-se e transformam os espaços em lugares ou os lugares em espaços; tecem a cidade. Andando, as pessoas realizam espacialmente o lugar.

Se as pessoas, caminhando e praticando o lugar, o constroem e são, ao mesmo tempo, construídas por ele, a Praia do Meio é, sem dúvidas, marcada pelas práticas das prostitutas de pista que, ao lado de outras figuras, dão um determinado matiz para a paisagem local. É a prostituição que compõe o cenário do lugar, com atores e *scripts* pré-estabelecidos ou mesmo

improvisados. Na Praia do Meio, como em outros locais da cidade, as prostitutas delimitaram e construíram o seu *pedaço*.

Durante muito tempo, à orla marítima serviu-lhes de abrigo e local de trabalho. Quando não foi mais possível mantê-lo, mudaram-se, foram para a avenida paralela, mas levaram-no consigo, recriaram-no em um outro território. Se o cenário urbano desenhado com o projeto de urbanização da praia trazia dificuldades para a prática da prostituição, foi necessário re-significá-lo.

Diante da paisagem com que o passeio na Praia do Meio nos faz deparar, penso que a noção de *pedaço* construída por Magnani pode servir de guia para sua continuidade. Nós, sem dúvida, não estamos diante de um pedaço tradicional, aquele do bairro, mas os dois principais elementos presentes na noção estão aí postos: o elemento espacial no qual se estende uma rede de relações (MAGNANI, 1992).

Na Praia do Meio, no alto da Ladeira do Sol ou mais especificamente na avenida 25 de dezembro, pode-se perceber um território claramente demarcado: o motel, as calçadas dos condomínios, as esquinas que permitem o acesso à rua, o orelhão, o churrasquinho e outros pontos delimitam o entorno. Lá, há uma infinidade de personagens. As mulheres com as quais conversei demonstram-no claramente. Elas lutam para demarcar o território, criam um pedaço e nele se reafirmam como profissionais e mulheres.

É válido destacar que estabelecem, mesmo entre elas, territórios diferenciados, expressos em uma linha divisória entre aquelas que fazem ponto no alto da Ladeira e as instaladas na avenida 25 de dezembro. As últimas estariam ligadas às drogas, aos furtos, aos roubos e à violência de modo geral; representariam o lado mais negativo da prostituição, uma contra-imagem até mesmo para as demais companheiras.

No entanto, a divisão não pára por aí. Também entre as mulheres da avenida 25 de dezembro há uma diferenciação e os territórios ocupados marcam a diferença. Àquelas mulheres cujo ponto fica próximo ao motel *L'Amore* são comuns referências negativas por parte das demais, instaladas em lugares mais distantes ao longo da avenida.

- Porque as lá de baixo se drogam e as daqui não se drogam. Lá as meninas se drogam. Faz, sai por uma pedra, por uma maconha, qualquer coisa. Lá as meninas roubam os caras que sai e aqui não, porque todo dia a gente tá aqui, né? Batalhando. E elas, tanto faz como tanto fez, porque é drogada, não tá nem aí! **(Cláudia, 29 anos)**

- Deus me livre, eu tenho essa cor, mas num sou ladrona não. Isso é uma coisa que ninguém pode dizer de mim! Se tem uma coisa que eu não faço é roubar. **(Michele, diário de Campo).**

- Porque é muito aninhado<sup>60</sup> aquilo ali; depravado; mulher que usa pedra. Aí, fica vendo a pessoa sair no programa tudinho, aí já quer violentar a pessoa com gilete, com isso, num dá certo, não. E aqui não. Aqui é mais calmo. Aqui as menina num usa droga. Só fuma cigarro, assim normal, bebe. Mas droga num usa não. **(Lúcia, 21 anos)**

Os discursos criam um *outro*, ou melhor, dizendo, uma *outra*, dentro do mesmo grupo. Todas são prostitutas, mas entre elas existem as boas e as más, as confiáveis e as não confiáveis, as que se drogam e as que não o fazem, as que se prostituem pela necessidade, para manter a família, e aquelas que estão apenas mantendo o vício; tudo parece estar diretamente ligado ao espaço físico que ocupam. As mulheres da Praia do Meio ligam práticas aberrantes e projetam ações socialmente inaceitáveis sobre essa *outra* como forma de defesa e com isso fogem de conflitos que também lhes pertencem.

A diferenciação entre o eu e o outro demarca não apenas o território, mas contribui para a formação de aspectos positivos em uma identidade deteriorada, estigmatizada. Aparece a idéia de que *entre os piores se é o melhor*. Há uma reafirmação e uma valoração do eu, que nega aspectos que serviriam ainda mais para discriminar e marcar as prostitutas.

---

<sup>60</sup> Corrompido; pervertido; cheio de pequenos grupos e intrigas.

O território constitui-se como um lugar de passagem e de encontro, em cujo interior, a rede de relações, segundo elemento da definição de Magnani (1992), instaura um código capaz de separar, ordenar, classificar e dizer quem é ou não do *pedaço*, quem dá sustentação a ele ou mesmo quem, sem aviso, o invade.

... A diferença com relação à idéia tradicional de *pedaço* é que, aqui, os freqüentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro –, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes (MAGNANI, 2000, p. 39-40).

As prostitutas vivenciam o pedaço, constroem-no e são por ele construídas; ocorre uma apropriação do espaço que só tem sentido pelas práticas das pessoas que dele fazem parte. Há símbolos, códigos, modos de agir, formas de falar que lhe dão sentido. Como nos diz Magnani, *está-se entre iguais nesses lugares* e estar entre iguais significa que todos têm os mesmos direitos, são semelhantes, se comportam e têm em comum signos que os distinguem dos demais e, ao mesmo tempo, os marca como pertencentes a um determinado território. Ser do *pedaço* significa fazer parte de uma rede e poder invocá-la a qualquer momento. Essa rede oferece proteção, mas exige lealdade.

No mundo da prostituição e, particularmente, na Praia do Meio, há taxistas, motéis, policiais, enfim, atores que viabilizam uma certa proteção, mesmo que não o façam desinteressadamente, pois é preciso ser leal ao *pedaço*, estar nele e seguir suas regras. Sair dele pode significar perigo, pois não há com quem contar; estar fora do pedaço é estar só.

O *pedaço* possibilita o conhecimento do outro, muitas trocas são tecidas cotidianamente em seu interior. Se, por exemplo, o motel ajuda, ganha com isso, pois as prostitutas ao se sentirem seguras optam por levar seus clientes àquele lugar. Sair do *pedaço*

significa estar mais vulnerável e mesmo que também faça parte do jogo é algo que as prostitutas da Praia do Meio tentam evitar.

- Uma vez eu fugi, o homem véi lá ignorante, tratando a recepcionista mal, sabe, gritando. Se com a recepcionista é assim... Imagine comigo. Vai ver que ele não vai nem me pagar! Aí eu liguei pra ela... Nem liguei... Abri a porta... - *Vou ali!* Aí, corri, fui pra recepção. Pedi a ela um táxi e ela me escondeu... **(Keyla, 19 anos)**

- Por isso que normalmente a gente vem pra esse motel daqui (Motel Jóia), que é mais seguro, a gente conhece os donos, os gerentes. A gente conhece todo mundo, os auxiliares, a gente conhece todo mundo. Aí qualquer problema a gente... **(Indiara, 19 anos)**

- Já aconteceu umas coisas comigo. Uma vez eu fui pro Rarus (Motel nas imediações de Mãe Luiza). Eu me lembro, o quarto era o 209. O cara não conseguiu gozar e aí, eu fui vestir a minha roupa. Ele começou a bater em mim. Eu gritando, pedindo socorro, mas ninguém vinha; achava que era brincadeira. Deus me livre! Aquele quarto dá azar. Eu prefiro ficar sem sair do que ir naquele motel! **(Betinha, diário de campo)**

- Existe um cadastramento. Elas ganham comissão. (...). Existe todo um sistema montado... De taxistas... Tem taxista que força a barra pra levar... Moises já presenciou taxista e puta discutindo, pra levar cada um pra um motel diferente,... Porque cada um queria ganhar comissão de um motel diferente. Coisa insólita! Então, há todo um sistema de segurança; há todo um sistema! O mesmo Moises já saiu com meninas pro L'Amore... Ele transou com meninas... Acabado a menina disse assim: - *Você pode me deixar na recepção.* **(Caetano, 33 anos)**

A prostituição é um jogo perigoso; é preciso estar atento aos sinais. A fala de Keyla é interessante, pois demonstra o quanto se está vulnerável e como a prostituta, na maioria das vezes, é o elo mais fraco da cadeia: se com a recepcionista é assim, *imagine comigo!* (grifo meu). Ora, se com outros profissionais não há respeito, se trata mal e se já há, em nível de sociedade, uma idéia generalizada da prostituta como uma pessoa diminuída, não se pode esperar muito mais da relação que começa baseada em falta de educação, além de desrespeito e agressão. Por isso, estar entre lugares e pessoas conhecidas é essencial como forma de proteção, já que até mesmo fenômenos físicos como não se chegar a um orgasmo pode dar lugar a uma carga de frustração que encontra na prostituta um bom bode expiatório.

De um lado, as prostitutas percebem bem os limites do *pedaço*. Sabem o quão estão protegidas em seu interior e como se tornam vítimas fáceis ao sair dele. Por outro, os demais

personagens que dele fazem parte, como funcionários e gerentes de motéis, taxistas, policiais, etc., também usufruem a proteção que ele proporciona. Há um certo cuidado e mesmo respeito entre os que fazem parte de um *pedaço* específico; há regras que é preciso seguir. Mas as relações de prostituição não podem estar circunscritas apenas à Praia do Meio e ao seu entorno, e assim as mulheres correm riscos. O trabalho que realizam submete-as a isso.

O *pedaço* é localizado. Ao sair do seu território, em geral, perdem-se as garantias. É importante assinalar que não são apenas aqueles que a ele pertencem que sentem a sua força e influência ou são capazes de percebê-lo; o *pedaço* se mostra também para os que não estão inseridos nele, mas que, de alguma forma, têm contato com os seus membros ou passam pelo território no qual ele se circunscreve. Para tais pessoas, em alguns casos, o poder de ser do *pedaço* pode ser sentido mais intensamente do que para aqueles que a ele pertencem.

Diante das informações acima descritas, é preciso chamar a atenção também para a forma como as pessoas são aceitas ou não no interior do *pedaço*. Ser *novo no pedaço* é ter que introjetar as regras e os códigos do lugar. Na Praia do Meio não é apenas a prática da prostituição que faz com que as mulheres possam ser consideradas como pertencentes ao *pedaço* e, conseqüentemente, aceitas pelo grupo. Além disso, há outros atores que também o constituem, pois, mesmo de forma indireta, possibilitam e facilitam a vivência da prostituição. É preciso conhecer os códigos, as regras de convivência, os comportamentos permitidos ou não; disso depende a aceitação e a lealdade do grupo.

É preciso resistência e persistência para ser acolhido e fazer parte do *pedaço*. Não se trata apenas de ser prostituta, mas de aceitar e seguir as regras. Pode-se até entrar com relativa facilidade em um *pedaço*, mas não se é aceito abruptamente em seu interior. É preciso se apossar dos signos, conhecer a linguagem, aceitar algumas situações adversas e se mostrar digno de fazer parte dele.

- Geralmente elas são puta de onde vêm, mas aqui elas são novas no pedaço. Elas fazem amizade com alguém, quando fazem um programa dão R\$ 1,00, R\$ 2,00 pra gente. Depois elas fazem amizade, passam a conhecer todo mundo, aí não dão mais nada.

- Tinha uma novinha por aqui e começou a soltar piada. Eu disse: mulher você cala a boca, você não me conhece. Você acabou de chegar, é melhor ficar na sua. **(Eliane, 23 anos)**

- No começo, né? Que as menina queria... Porque eu era de menor, queria me botar pra correr aqui, tudinho, mas agora não, tudinho já é conhecida assim, legalzinha. **(Lúcia, 21 anos)**

- Geralmente quando chega as menina novata, elas, ali embaixo, roubam, dá nelas. **(Elisângela, 20 anos)**

Quem chega precisa saber que há regras de convivência, de aceitação e respeito para com o outro. Quando tais regras são rompidas, a violência torna-se uma forma de demarcação de espaço e imposição de limites. Na Praia do Meio, ela também é uma das marcas do *pedaço*. Para ser do *pedaço* é necessário saber se defender, se mostrar em condições de cuidar de si mesmo, ou seja, se mostrar digno para continuar a fazer parte dele.

A vivência das relações de prostituição exige coragem e força. As prostitutas sofrem cotidianamente as mais diversas agressões, portanto precisam aprender a se proteger. Se a prostituição é um jogo, os fracos não podem fazer parte dele. Para jogá-lo é preciso perspicácia, audácia, força e uma clara demarcação de território, pois a violência as espreita de diversas formas, está presente na relação com os clientes, com os demais participantes do *pedaço* e mesmo no relacionamento umas com as outras, no qual há um forte elemento de competição.

- A gente só briga se, por exemplo, eu tiver conversando com um cara, aí uma se mete, aí ele escolhe a outra. Eu fico irada; dá vontade de matar! Num era eu que tava falando com o cara? Num tem nada a ver se meter! **(Betinha, 23 anos)**

- Ah, comigo ninguém briga não. Comigo ninguém briga não porque eu sou, tenho sangue no olho, nunca brigaram comigo. As duas vezes que veio brigar, todas as duas vez, passou em baixo<sup>61</sup>. E agora eu tenho um certo respeito aqui que ninguém briga comigo. **(Adriana, 28 anos)**

- Às vezes a pessoa sai e a outra não sai, aí fica com raiva. Por isso, agora num tiram viço<sup>62</sup> comigo não que eu também, se vir para, eu não mexo com nenhuma, sabe? Pra

---

<sup>61</sup> Não conseguir, recuar, desistir.

<sup>62</sup> Mexer, incomodar, perturbar.

mim você pode ganhar o seu, tô nem aí. Agora se mexer comigo, encontra também. Se você for besta você apanha. Se você também gritar você num apanha. (**Vanessa, 25 anos**)

Os depoimentos acima reafirmam a idéia de que participar de uma rede exige esforços no sentido de se mostrar digno dela, assim como demonstra que há limites, regras de convivência a seguir, e quando elas são ultrapassadas paga-se um preço e pode-se até mesmo deixar de pertencer ao *pedaço*. Assim, é preciso se defender, *ter sangue no olho*, como diz Adriana. A prostituição, por sua vez, é uma prática que exige desembaraço, vigor, esperteza; está em jogo um *know how*, presente tanto no discurso como na vida das mulheres que nela vivem e dela sobrevivem. Se o *pedaço* oferece segurança e participar dele traz vantagens, não é fácil se manter e se estabilizar em seu interior. Em geral, é preciso ter a proteção de alguém para que o processo seja facilitado, mas isso nem sempre é uma garantia expressa de aceitação.

No discurso das mulheres, vislumbra-se os valores dominantes na sociedade. A lei do mais forte e a competição estão presentes; a idéia de uma luta que, para ser vencida, exige dos lutadores garra, astúcia, mas acima de tudo o fazer-se respeitar e ser aceito. A dramaticidade do trabalho de prostituta constrói, ao mesmo tempo, a normalidade e a anormalidade da vida.

Na Praia do Meio, as mulheres encontram-se e reencontram-se, vivem conflitos, brigam por um lugar ao sol, reafirmam-se como mulheres, mães, donas de casa e mesmo como prostitutas. Lá, elas falam dos acontecimentos corriqueiros. O espaço, o encontro, o estar-se entre iguais, permite construir o cotidiano, o dia-a-dia da vida.

Portanto, no passeio realizado, ao me imiscuir no *pedaço* da prostituição, escolhendo como itinerário a avenida 25 de dezembro e percorrendo-a ou mesmo parando no alto da Ladeira do Sol embaixo da árvore que dá abrigo às prostitutas, imediatamente passei a ser confundida

com uma delas: recebi convites; carros passavam devagar; olhares e acenos masculinos e femininos eram constantes.

No pedaço, eu lidava com mulheres que me observavam e homens que também o faziam. Era a outra, a estrangeira, e para ser aceita precisava me inteirar das regras e códigos ali presentes. O estar no lugar, por si só me colocava diante de um olhar classificatório, estigmatizante, pois (...) *Tais lugares passam a ser estigmatizados, tornando-se paisagens onde o olhar masculino possa ser exercido de forma desenfreada* (LOPES JÚNIOR, 2000, p. 98).

Se, na Praia do Meio, mais especificamente nos locais supra citados, os olhares masculinos identificam, mesmo as mulheres que passeiam despreocupadamente ou param nas esquinas, como prostitutas; os das mulheres são desconfiados; interrogam as invasoras, implicitamente perguntam-lhes os que fazem em um espaço que não lhes pertence. O olhar lançado ao estrangeiro é perscrutador, investigativo; ele exige uma justificativa para a presença, para a invasão do *pedaço*.

Diante do quadro acima exposto e para torná-lo ainda mais forte e vivo, penso ser importante ressaltar que, durante a coleta de dados, o sentimento de ser estrangeira foi uma constante. Segundo Simmel, o estrangeiro é o representante por excelência da proximidade e distância contida em todas as relações humanas; ele remete, por meio da sua presença, a uma proximidade com aquilo que está distante, e através dele o distante se torna próximo.

Enfim, a proporção de proximidade e de distância que dá ao estrangeiro o caráter de objetividade encontra na prática ainda uma outra expressão dentro da essência *mais abstrata* da relação de alguém com ele: com o estrangeiro só se tem em comum certas qualidades *gerais*, ao passo que a relação entre as pessoas que são ligadas organicamente repousa sobre a semelhança de particularidades comuns em relação ao puramente universal (SIMMEL, 1986, p. 719. Grifos do autor)<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> No original: Enfin, la proportion de proximité et d'éloignement qui donne à l'étranger le caractère de l'objectivité trouve dans la pratique encore une autre expression dans l'essence *plus abstraite* du rapport que l'on a avec lui: on n'a avec lui: on n'a en

Há uma certa objetividade no olhar do estrangeiro, pois, embora esteja no grupo, ele não é, em si mesmo, um membro orgânico dele. Assim, consciente da distância e da proximidade da minha relação com as prostitutas, foi o encontro com pessoas do lugar e a construção de uma certa empatia que me permitiram abrir caminhos no labirinto das práticas e ruas da Praia do Meio.

Eu, enquanto estrangeira, não compactuava de códigos, não sabia as regras, não conhecia o vocabulário oral ou gestual do *pedaço*, mas podia ser aceita e passar a compreendê-las e mesmo utilizá-las quando necessário. Para isso foi preciso ser identificada como uma pessoa amiga ou possibilitadora de algum tipo de vantagem, pois, apenas de tal forma, a abertura de um canal de diálogo era possível.

O oferecimento de algumas vantagens às mulheres foi o meu passaporte. Inicialmente levei-as para almoçar, tomar cerveja, dei-lhes pequenas gratificações, que eram sempre solicitadas por elas, enfim, construí uma relação pautada em pequenos favores, dentre eles, a troca de tempo por dinheiro, o que me permitiu não apenas conhecê-las um pouco mais, mas a própria realização das entrevistas.

Uma conversa chama a atenção para o quanto o *estar* no lugar pôde me tornar idêntica a quem *é* do lugar, aos olhos daqueles que o circundam ou o visitam regularmente, mas nunca para aqueles que realmente pertencem a ele.

E - Vá, grave aí<sup>64</sup> que você vai saber como é o programa ao vivo. (Chama o rapaz que parou o carro ao lado de onde estávamos conversando) E aí que é que tu quer aí?

N - Nada.

E - Quer fazer um programa? Nós somos garotas de programa. (O rapaz me olhava) E aí cê gostou da Gláucia?

N - Foi.

---

commun avec l'étranger que certaines qualités *générales*, alors que le rapport que l'on a avec les gens qui vous sont liés organiquement repose sur la similitude de particularités communes par rapport au simple universel.

<sup>64</sup> Durante as entrevistas utilizei gravador de fitas cassete.

E - Mas a Gláucia não é da prostituição. Ela é só uma amiga. Você pode conhecer ela, assim, né, como uma amizade, fazer uma amizade. **(Eliane, 23 anos, e Nicolau, 24 anos)**

Embora para Nicolau a diferença não seja visível, para Eliane o é. Ela faz parte do *pedaço*, vivencia-o, conhece os signos e códigos nele presentes, percebe em mim uma estrangeira. Enquanto Nicolau, ele também estrangeiro, não tem consciência dos códigos, do significado real de fazer parte de um *pedaço*; para ele, o estar em um espaço determinado, especificamente na avenida 25 de dezembro, da Praia do Meio, já significa fazer parte dele ou mais precisamente ser percebido como uma das suas personagens mais célebres: as prostitutas de pista.

Além disso, um outro elemento chama a atenção no diálogo acima: Nicolau não é capaz de perceber signos externos que delimitem diferenças marcantes entre eu e Eliane, as vestimentas, a aparência física não chegam a marcar fortemente os papéis representados, ao passo que a abordagem, a forma de aproximação e a maneira como a situação se desenrola o fazem.

Um outro elemento que o diálogo ajuda a perceber é que, embora estrangeira, eu não era mais completamente estranha, conhecia alguns signos, pessoas; não era uma igual, mas era-me permitido transitar; havia limites claros entre eu e as mulheres; era preciso fixá-los. A necessidade de ressaltar as diferenças, em alguns momentos, é sentida intensamente pelas prostitutas; Eliane, embora se divirta com a situação, sente-se compelida a distinguir entre nós, o que se configura também como uma valorização de si e do lugar, pois, assim, ela se reafirma como parte da paisagem, enquanto eu estou apenas de passagem.

A valorização passa por uma imagem positiva da capacidade de prestar serviços específicos. Ao chamar o cliente, ela quer demonstrar a sua *competência profissional*. É a dona da situação; *a priori*, apenas ela é capaz ou está disponível para oferecer aquilo que ele deseja: o

sexo pago. A situação e o momento são marcados por uma certa positivação do ser prostituta, em detrimento de tudo aquilo que possa reforçar sua negatividade.

Se, para as prostitutas, o estar no *pedaço* traz uma série de exigências, para os visitantes desavisados é ainda mais complicado. O *pedaço* tem a marca da igualdade, mas também da diferença, pois os símbolos, os códigos comuns, mesmo o gestual e a linguagem assinalam uma diferença com os de fora e, mais que isso, adquirem importância enquanto passaporte para um tipo de sociabilidade específica ali construída e também para a apropriação do espaço. É necessário cuidado com as regras do lugar. Burlá-las pode significar muito mais do que não ser aceito.

- (Após deixá-la em uma das ruas do interior do bairro) Você sabe sair daqui?

Respondo que não, ela me ensina como sair e diz:

- Você vai dar na praia, mas não pare pra ninguém, não. Não vá deixar ninguém lhe ferrar<sup>65</sup> não. **(Eliane, diário de campo)**

- Você é doída de botar Rosa no seu carro? (Se referindo a uma outra prostituta)

Pergunto porque.

- Ela rouba, se dê bofeira ela leva tudo, ela adora celular. **(Michele, diário de campo).**

Nos depoimentos, percebe-se um certo cuidado com essa pesquisadora, expressos em avisos sobre os perigos do lugar. À medida que eu me tornara uma pessoa conhecida, relacionar-se comigo parecia remeter a certas vantagens: era preciso me preservar e me ensinar alguns códigos. Paulatinamente, minha presença ia representando acesso a algum dinheiro, possibilidade de ter alguém com quem conversar, com quem contar e passear, uma certa suspensão momentânea da prostituição, ou seja, eu era alguém interessado que por isso mesmo representava uma certa valorização das mulheres ali presentes. Enfim, de ambos os lados, havia interesses que precisavam ser preservados, daí um certo cuidado por parte das mulheres e também da minha parte em não romper com os limites apresentados.

---

<sup>65</sup> Conseguir dinheiro, roubar, enganar, levar vantagem em cima de alguém.

Pela existência de códigos, em sua maioria não expressos, passear na avenida 25 de dezembro ou no alto da Ladeira do sol pode ser uma aventura, tanto para homens sozinhos, quanto, diferentemente, para mulheres, pois ou dominam-se as regras ali presentes ou correm-se riscos. Dentro da paisagem do lugar, constrói-se um pedaço. Nele há normas, símbolos que precisam ser respeitados e conhecidos.

Um homem a pé ou de carro, que passa na Praia do Meio, é, ao menos potencialmente, um cliente e é visto como tal. A forma de agir, a maneira de olhar e se comportar reforçam ou não a imagem projetada. A princípio, mesmo os não interessados diretamente na prostituição podem ser conquistados por ela. A rua funciona como uma vitrine, lá as mulheres, ao mesmo tempo, se mostram e se escondem.

A qualidade de vitrine das coisas é que elas não precisam mais – ou apenas – ser úteis, basta que sejam belas e encantem os compradores. O que conta é o “encanto para o olho” de quem compra. Aliás, o elemento visual ganha cada vez mais importância. Importam as imagens, o como aparecem (WAIZBORT, 2000, p. 346-347).

As ruas funcionam como vitrines e as mulheres jogam com as posturas, os gestos e os corpos para conquistar os clientes. Seus corpos são o cartão de visitas, sugerem as muitas maneiras de viver prazeres e desejos sexuais. Elas têm uma forma específica de vivenciar o corpo. A sua profissão dá sentido aos corpos e cria rituais, símbolos, posturas e códigos para se comunicar com o universo a sua volta.

Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 1999, p. 15).

Também, através dos corpos, as identidades são construídas. A forma de utilização separa os *de dentro*, dos *de fora*, podendo contribuir tanto para a aceitação quanto para a exclusão daqueles que cruzam os caminhos da Praia do Meio. Nem sempre é preciso ser *de dentro* para ser aceito, mas é preciso saber aonde ir, com quem ir e a hora certa de sair.

Para mim, de forma específica, o trânsito livre e sem maiores problemas pelos territórios da prostituição foi permitido pelo conhecimento de pessoas que eram *do pedaço* e, por essa razão, se constituíram em um salvo-conduto que, apesar de não me tirar da condição de estrangeira, me colocava na posição de alguém em quem se podia vir a confiar ou cujo contato poderia trazer vantagens (é bom lembrar que o dinheiro quase sempre mediou a minha relação com as mulheres) e, por isso mesmo, alguém a quem era preciso proteger.

#### **4.2 ESTIGMA E ESTEREÓTIPOS: MITOS E VERDADES SOBRE A PROSTITUIÇÃO**

Na Praia do Meio, se olharmos ao redor, deparamos-nos com diversas mulheres que se prostituem em seu interior. Mas quem são tais personagens ambíguas? Como vivem? Por que se prostituem? Que imagens projetam para os outros? Tais perguntas, embora à primeira vista possam parecer banais, não são fáceis de responder e exigem uma atenção redobrada, especialmente por parte do cientista social, para não cair na armadilha dos estereótipos e modelos pré-estabelecidos, embora não possamos também perder de vista que

(...) o saber perfeito sobre a individualidade do outro nos é interditado, e a medida maior ou menor dessa impossibilidade determina todas as relações dos homens entre si. Mas, qualquer que seja a causa, em todo caso a consequência é uma generalização da imagem psíquica do outro, uma imprecisão dos contornos que completam essa imagem única e a colocam em relação com outras imagens. Nós representamos cada homem, com as consequências particulares que isso implica para o nosso comportamento a seu respeito, como o tipo humano ao qual sua individualidade lhe faz pertencer, nós lhe pensamos, apesar de toda sua singularidade, dentro de uma categoria geral, que certamente não lhe cobre inteiramente e que ele também não cobre inteiramente – e é essa última

determinação que faz a diferença entre essa relação e a relação entre o conceito geral e a coisa singular a que lhe é subordinada (SIMMEL, 1999, p. 68)<sup>66</sup>.

O nosso conhecimento do e sobre o outro é limitado; não nos é possível conhecer plenamente a individualidade de ninguém. Conhecemos a partir de idéias, imagens e representações nas quais classificamos as pessoas e que formam categorias gerais ou modelos classificatórios. O saber sobre outros seres humanos é, sem dúvida, limitado e mesmo que nos remetamos aos aspectos genéricos de sua personalidade não podemos perder de vista as singularidades, tampouco valorar negativa ou positivamente um indivíduo apenas pelo fato de ele pertencer ou não a determinado grupo.

Já que estou pensando e discutindo a prostituição, considero interessante lembrar que ao se falar dela na sociedade abrangente, há todo um conjunto de idéias e imagens fixas que costuma se interpor como verdade com relação às mulheres que a vivenciam em seu cotidiano; modelos que estão no imaginário social e que costumam servir de base para classificação das mulheres que se prostituem.

Segundo Moraes (1996), referindo-se à pesquisa realizada por ela na Vila Mimosa, Rio de Janeiro, há um conjunto de estereótipos que cercam a condição de prostituta, produzidos através da combinação de duas condições: a de ser mulher e a de ser pobre. Tais estereótipos não são gratuitos, mas produzidos socialmente.

Quando omitem as diferenças, os estereótipos que cercam esta categoria são utilizados como tentativa de organização de um certo caos, já que a prostituta é o elemento que

---

<sup>66</sup> No original: (...) le savoir parfait sur l'individualité de l'autre nous est interdit, et que la mesure plus ou moins grande de ce défaut détermine toutes les relations des hommes entre eux. Mais quelle qu'en soit la cause, la conséquence en est en tout cas une généralisation de l'image psychique de l'autre, une imprécision des contours qui complète cette image unique en la mettant en relation avec d'autres images. Nous nous représentons chaque homme, avec les conséquences particulières que cela implique pour notre comportement à son égard, comme le type humain auquel son individualité le fait appartenir, nous le pensons, malgré toute sa singularité, dans une catégorie générale, qui certes ne le couvre pas entièrement et qu'il ne couvre pas entièrement non plus – et c'est cette dernière détermination qui fait la différence entre cette relation-là et la relation entre le concept général et la chose singulière qui lui est subordonnée.

representa a desorganização do padrão de conduta sexual admitido. É então produzida uma classificação da prostituta que destaca a idéia de perigo e de deformação do seu papel feminino (MORAES, 1996, p. 32).

O conjunto de estereótipos apresentados pela autora parece estar relacionado não apenas as mulheres da Vila Mimosa, mas é mister admitir que ele se espalha no imaginário da sociedade, compondo uma representação negativa das prostitutas e práticas de prostituição. Muitos de seus elementos são facilmente exportados da realidade carioca para a potiguar. As mulheres com as quais mantive contato também combinam sua condição de mulher com a de pobreza, o que as torna seres duplamente estigmatizados, cujo entendimento exige percebê-las para além da imagem pré-estabelecida.

Portanto, aqui discutirei alguns dos componentes do estereótipo, apontados pela autora supra citada, que considero estarem mais próximos da imagem que os habitantes da cidade de Natal fazem das mulheres da Praia do Meio. Antes de tudo, porém, considero relevante ressaltar que, embora o estereótipo crie não apenas uma imagem, mas um modelo em que as pessoas passam a ser encaixadas e identificadas, o *ser prostituta* não corresponde a uma apresentação externa identificável e as classificações desconsideram o que compõe a vida das mulheres de carne e osso.

Assim, buscarei não apenas apresentar os elementos que, segundo o modelo traçado por Moraes, comporiam a imagem e o comportamento da prostituta, mas discuti-los a partir da realidade observada por mim na Praia do Meio, no intuito de desmistificar a prostituição, transformando as prostitutas naquilo que de fato são: mulheres singulares com vivências as mais heterogêneas que, enquanto grupo, têm em comum a experiência da troca explícita e reconhecida do sexo pelo dinheiro.

Assim, de forma ampla e estereotipada, segundo a autora, as prostitutas de menor poder aquisitivo são definidas com base nas seguintes idéias:

1. Quanto à faixa etária e a aparência:

- ♀ São jovens (ou muito jovens) e envelhecem rapidamente em função da extrema degeneração moral e física a que se submetem;
- ♀ Carregam marcas que as identificam: roupas extravagantes e indecentes, acessórios berrantes; expressam-se através de posturas e gestos considerados ousados ou imorais.

Na Praia do Meio, não há um padrão ou modelo dominante de atributos físicos que pudesse resumir a imagem da prostituta. Ao contrário, há uma diversidade de tipos e figuras femininas. A faixa etária das mulheres entrevistadas varia dos 18 aos 30 anos, mas manteve contato também com meninas de 12 e mulheres com mais de 40. Com a idade e o tempo, a prostituição torna-se mais difícil; as mulheres têm mais dificuldade em conseguir fregueses e muitas delas passam a exercer outras atividades além da prostituição: vendem perfumes, roupas, drogas ou mesmo servem de intermediárias para as menores de idade.

Criam-se estratégias de sobrevivência, em sua maioria ligadas à condição de prostituta. Trata-se de ampliar a renda, o que, para grande parte das mulheres, sem nenhuma outra qualificação profissional, dificilmente poderia se desligar do universo da prostituição. Não há uma diferenciação nítida entre a prostituição e os pequenos *bicos* realizados por elas. Em seu discurso, tudo ocorre como se uma atividade fosse complementar a outra.

- (Referindo-se a uma menina de 12 anos que estava com ela) Às vezes os caras vêm, pedem uma menina novinha, a gente pega ela, mas aí tem que ser um bom dinheiro; R\$ 200,00, 250,00, 500,00, aí a gente diz é R\$ 200,00 o programa e você me dá R\$ 50,00 pra eu ir buscar ela. Às vezes é R\$ 100,00 pra mim, R\$ 100,00 pra ela. Hoje ela rejeitou três programas de R\$ 50,00... Aí eu! (**Betinha, diário de campo**)

- Pronto, vamos dizer assim, que eu ganhe 400, 500 reais por mês e fizesse mais alguma coisa extra: vender roupa, perfume, que nem eu já faço, então dá. **(Elisângela, 20 anos)**

A Praia e os outros espaços da cidade onde se prostituem representam também lugares capazes de lhes apresentar eles mesmos uma alternativa para a prostituição. Tendo em vista a grande maioria das mulheres não ter nenhum tipo de qualificação profissional<sup>67</sup> e possuir um universo de conhecidos circunscrito basicamente aos espaços onde trabalham como prostitutas e aqueles onde moram, as atividades tidas como complementares, ou mesmo como substitutas da prostituição, são pensadas a partir do espaço e universo onde circulam e, por isso, sendo a prostituição uma prática considerada marginal, há uma certa facilidade de contato com outras práticas também ligadas à marginalidade, como é o caso das drogas e da intermediação de menores em sua inserção no campo da prostituição.

As condições de trabalho das mulheres que se prostituem são duras. Mesmo quando não estão exercendo a prostituição, assumem diversas outras tarefas comuns às mulheres pobres do nosso país. Assim, a meu ver, reafirmar o estereótipo de que elas envelhecem precocemente devido à *extrema degeneração física e moral* é desconsiderar que, na Praia do Meio e também em outros espaços nos quais a prostituição se localiza, as condições de trabalho são insalubres e perigosas.

Nas calçadas da avenida 25 de dezembro ou no alto da Ladeira do Sol, por exemplo, as mulheres ficam à espera de fregueses, expostas ao frio e ao calor, tendo como proteção apenas as copas das árvores; trabalham dia e noite; na maioria das vezes, por passarem o dia na Praia, alimentam-se mal e sofrem diversos tipos de abusos e discriminações. No trabalho realizado por

---

<sup>67</sup> Dentre as mulheres por mim entrevistadas apenas uma concluiu segundo grau e uma outra cursou o segundo ano de administração de empresas em nível de 2º. Grau. Apenas uma se remeteu à realização de outros cursos de qualificação, embora não os tenha explicitado.

elas, não há garantias e nenhum tipo de segurança, exceto aquelas que o lugar e a rede de relações que ali se constroem são capazes de oferecer.

Por estarem expostas, as mulheres podem ser submetidas a maus tratos por parte dos clientes, policiais e até mesmo dos passantes. O grau de tais agressões varia, mas demonstra o quanto a sociedade moderna, mesmo tendo transformado o ser humano em mercadoria, é ainda incapaz de conviver e respeitar as prostitutas pelo tipo de trabalho que realizam. Há relatos de estupros e agressões físicas e verbais as mais variadas.

- Teve uma vez que eu fui estropada no Jacó. Fui fazer um programa com o home. Aí ele num quis me pagar. Aí, antes de eu tirar minha roupa, peguei e sai, sabe? Aí ele veio me seguindo, me seguindo, me seguindo. Eu botei um processo e tudo em cima dele. Fui no ITEP. Fiz exame. Aí, eu quase que morria. Ele pegou a minha cabeça e danou assim numa pedra, sabe? Faz um ano. Ele foi preso, mas, só foi preso seis meses. Arrumou um advogado do Estado. Aí, tiraram ele, senão ele ainda tava na cadeia, muito tempo. **(Indiara, 19 anos)**

- Os policiais são uns safados também aqui. Eles vêm aqui tira onda com a pessoa tudinho. De querer depravar a pessoa, tudinho. Eles num prestam não também. **(Lúcia, 21 anos)**

- Uma vez, aqui, pararam e queria que eu mostrasse a buceta a eles e eu disse: - *Eu não mostro!*. Eu não devo a polícia, né? Eu não tenho ficha, fico tranqüila. Era uns motoqueiro, uns policial numa moto. Ficou querendo que eu mostrasse. Eu não mostrei não, não tenho obrigação. Aí eles disseram: - *Você não vai mostrar não, né? Vou falar com o pessoal lá de baixo pra botar você pra correr daqui.* **(Keyla, 19 anos)**

- Você ser discriminada, você tá aqui sentada no chão, como o tempo de ontem chovendo, né. E você tá aqui pra levar chuva, levar sol, calor, frio, pra você conseguir um dinheiro. **(Patrícia, 25 anos)**

A grande maioria delas já vivenciou situações de discriminação e violência e, mesmo que algumas as aceitem como parte do cotidiano, ainda se indignam e procuram formas de contê-las. Em seus discursos, há uma resistência expressa em ações, tanto naquelas mais explícitas como a denúncia às autoridades competentes, a recusa de fazer ou se comportar de uma forma determinada, a reação física ou verbal diante das agressões, quanto nas mais implícitas como é o caso da permanência na prostituição, na maneira de proceder, de se vestir, de falar e até mesmo de ser.

Mas nem sempre ocorre apenas resistência. É preciso não esquecer, por exemplo, que a relação com a polícia é frágil. Alguns policiais aproveitam-se de estar em uma posição que lhes dá um certo poder e fazem-lhes exigências arbitrárias. Vêem-nas como mulheres que não devem ser respeitadas, pois sua condição de prostituta já as marca negativamente. Elas, por sua vez, compreendem que há abuso nas atitudes dos policiais, percebendo que eles se aproveitam da sua condição de poder e, algumas vezes, têm que ceder por se encontrarem em uma condição vulnerável, em outras, acordos são feitos de forma que elas também se beneficiem da sua condição. Seja como for, as prostitutas criam estratégias para lidar com isso, mas nem sempre a situação lhes beneficia.

Continuar na prostituição é também uma forma de resistência, mas não é preciso se diferenciar do outro ou explicitar a condição vivenciada. Historicamente, um forte elemento de diferenciação e exclusão é o modo de vestir-se. Mesmo que a prostituição esteja ligada no imaginário social à extravagância, ao brilho e a cor, na vida real as mulheres não utilizam roupas e acessórios como mais um elemento de distinção em relação às que estão fora da prostituição.

Enquanto grupo, diferenciam-se por um tipo de comportamento específico, ligado diretamente à condição e ao local onde exercem a atividade de prostituta. Elas buscam chamar a atenção, conquistar clientes; para conseguir o intento desejado armam táticas e jogos de sedução por meio de gestos, acenos, negociações e sorrisos, ou, para usar outras palavras, através do oferecimento do corpo significado como veículo de prazer.

## 2. Quanto à origem social e aos níveis de instrução

- ♀ São pobres e impelidas à prostituição por necessidade de sobrevivência ou pela influência das más companhias;
- ♀ São ignorantes, possuem níveis de instrução muito baixos ou são analfabetas.

Em sua grande maioria, as mulheres da Praia do Meio com as quais mantive contato são provenientes de famílias muito pobres e apenas um número pequeno teve acesso a outros meios de sobrevivência ou a um nível de educação formal mais alto, mas, mesmo diante de tal constatação, considero simplista apontar a miséria ou a pobreza como a causa exclusiva ou principal da prostituição. Há um conjunto de motivações que levam a ela; uma multicausalidade que não pode ser representada apenas pelo fator econômico.

Se, de um lado, a prostituição aparece como um caminho, uma possibilidade de suprir as carências materiais de mulheres pobres advindas de famílias ainda mais pobres, como é o caso das prostitutas da Praia do Meio, por outro, uma vivência tão complexa não pode ser pensada apenas como um fenômeno que se resume e se explica somente pela dimensão econômica; fazê-lo significa esvaziar de significado uma prática social complexa e desconsiderar a riqueza das motivações humanas.

Sem dúvida, o dinheiro ou a compensação econômica conseguida com a prostituição são fatores determinantes para a entrada e mesmo a continuidade das mulheres na prostituição, mas não são os únicos e eles mesmos são revestidos de significados que ultrapassam a mera significação monetária. Com a prostituição se consegue dinheiro, mas ele extrapola o econômico, é um símbolo e, como tal, abrange uma série de elementos que em sua maioria não estão explícitos.

- Eu concluí o segundo grau. Fiz cursinho. Prestei uma vez vestibular pra Farmácia. Não passei, aí desisti. Tive uma filha. Aí, tive que sustentar ela. Daí então eu entrei nessa vida. **(Kátia, 23 anos)**

- É, uma colega trouxe, aí, vim. No primeiro dia não gostei, né, é muito difícil. Aí depois, segundo dia, pior ainda. Aí eu fui me acostumando e curtindo. **(Cláudia, 26 anos)**

A prostituição aparece como uma solução imediata para problemas que exigem resolução urgente. Os filhos precisam de comida, remédios, educação e muito mais; não é possível aguardar a aprovação no vestibular ou o término da faculdade. O dinheiro aparece como uma necessidade premente. A vida e os imperativos cotidianos não podem esperar. Na maioria das vezes, a prostituição é tomada como uma situação passageira, mas as necessidades pressionam e, aos poucos, ela vai se tornando uma realidade na vida de inúmeras mulheres.

Embora os depoimentos coletados estejam cheios de exemplos que um olhar desatento poderia tomar como uma confirmação do estereótipo ou reafirmação do econômico como motivação básica para a prostituição, não se deve esquecer que uma infinidade de fatores é pesada e levada em consideração para que uma mulher venha a assumir a prostituição como estratégia de sobrevivência.

O dinheiro funciona também como uma justificativa para a prostituição. A assunção dele como elemento determinante para entrada e continuação na prostituição reafirma o discurso da necessidade, que, de certa forma, estaria ligado à idéia de *culpa*, no caso em pauta, retirada das mulheres e colocada em um nível macro, ou seja, na sociedade. Assim, o próprio estigma social estaria por traz do discurso feminino que, por meio dele, fortalece o estereótipo e reafirma a prostituição como uma prática condenável socialmente. Embora as mulheres, em seu ambiente de trabalho, vivam a prostituição livremente, elas sofrem com o olhar do outro. De todos os lados, recebem condenações e são representadas negativamente.

Elas são seres humanos marcados, estigmatizados. Carregam consigo as marcas das atividades que realizam. Elas participam do mercado do sexo. Vendem o corpo. São seres percebidos como *imorais*, degenerados e, por isso mesmo, execradas socialmente. Segundo Goffman, uma das características do estigma é que indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças que os tidos como normais. *A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge*

*quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não portador dele* (1988, p. 17). Um indivíduo estigmatizado enfrenta na sua vida a questão da *aceitação*. Ocorre uma predisposição à *vitimização* como um resultado da exposição da pessoa a outros que querem corrigir o seu problema.

É precisamente isso que percebo no discurso da prostituta, pois, sem dúvida, a necessidade pode ser e, na maioria das vezes, é um dos fatores determinantes para a entrada e permanência de grande parte das mulheres na prostituição e, embora não seja possível negar a existência de tal elemento, resumir as causas da prostituição às precárias condições sócio-econômicas é negar a complexidade do fenômeno e tomar uma das múltiplas causas como razão única ou determinante e, para além disso, é utilizar o discurso do estigma e fortalecê-lo.

É preciso também não esquecer que grande parte das mulheres inseridas em relações de prostituição, através dela, sai da condição de miséria ou pobreza extrema na qual poderia se encontrar no momento da sua inserção. As mulheres da Praia do Meio, em sua maioria, têm uma renda que varia de R\$ 800,00 a R\$ 2.000,00, faixa salarial dificilmente encontrada na cidade de Natal em outras áreas de trabalho, até mesmo quando tomamos mulheres que possuem uma certa qualificação profissional.

Assim, a prostituição permite-lhes um estilo de vida que dificilmente seria conseguido em outros campos onde pudessem atuar. Nesse caso, pelo menos na Praia do Meio, em relação à grande maioria delas – salvo as envolvidas com drogas –, não é possível falar em uma situação de absoluta pobreza, mas, ao contrário, na prostituição como desencadeadora de melhores condições sociais, tornando-as capazes de atender aos apelos de consumo da sociedade e, a partir de um certo ângulo, garantir sua cidadania.

Esse raciocínio torna possível afirmar que o dinheiro conseguido com a prostituição ultrapassa o significado econômico; ele representa a possibilidade de saída da condição de miséria, de acesso a produtos de outra forma não acessíveis.

- Se eu arrumasse um emprego pra ganhar 500 reais, eu cortaria todos os meus luxo, luxo assim, entre aspas, as coisas que eu uso, roupa tudo. Se eu arrumasse um emprego pra ganhar 500 reais eu sairia dessa vida, com certeza. Tenho muito medo dessa vida.  
**(Kátia, 23 anos)**

Luxo?! Talvez seja essa a primeira pergunta que nos ocorre diante da afirmação de Kátia. As prostitutas da Praia do Meio têm acesso ao luxo?! Para que possamos entender tal afirmação, gostaria de me remeter ao conceito de Sombart, para quem, *luxo é todo gasto que vai mais além do necessário*<sup>68</sup> (1979, p. 63). Para ele, não há uma única forma de determinar o que é ou não necessário, mas duas formas de fazê-lo: por meio de um critério objetivo, entendido como o conjunto das necessidades fisiológicas ou culturais, ou de um critério subjetivo, através de juízos de valores éticos, estéticos ou de outra classe.

Diferentes sociedades, em épocas determinadas, vivenciaram formas distintas de luxo. Ele serve para excitar a vida, para o deleite dos sentidos e tem sido um forte aliado do consumo, do desenvolvimento da sociedade capitalista e das cidades. Assim, no depoimento de Kátia, o dinheiro conseguido com a prostituição representaria o luxo, percebido, por sua vez, como algo supérfluo do qual ela poderia abrir mão. Mas nem sempre o que consideramos luxo é tão facilmente descartável, pois ele também dá um certo sentido à vida e colabora até mesmo para a construção da identidade das pessoas que o consomem.

Trata-se de entrar em determinados lugares, de ser aceito como igual por algumas pessoas e, principalmente, de se sentir capaz e no mesmo patamar de pessoas que admiramos.

---

<sup>68</sup> No original: *Lujo es todo dispendio que va más allá de lo necesario.*

Kátia parece ter uma consciência relativa disso. Na sua condição de prostituta pobre, ela sabe que há algumas coisas que colaboram para que ela construa uma imagem positiva de si mesma, são perfumes, roupas, lugares, objetos e situações que, à primeira vista, poderiam ser facilmente deixados de lado, mas que, na verdade, têm uma significação para além do mero uso, pois dão sentido também a sua existência.

Assim, para as prostitutas, o dinheiro permite não somente o acesso às necessidades básicas, mas ao luxo, àquilo que se deseja, mesmo que, do ponto de vista da sobrevivência, não vem a ser essencial em suas vidas; torna acessíveis coisas que trazem contentamento aos olhos, ouvidos, mãos, enfim, ao próprio ser, mas que aparecem como dispensáveis e, assim como a idéia de necessidade pode ter conotações diversas, também são diferentes os objetos ou coisas consideradas desnecessárias para grupos sociais distintos e mesmo para as pessoas dentro de um mesmo grupo.

O luxo está diretamente ligado ao consumo e, no caso da prostituição, à abertura de novas possibilidades relacionadas à posse do dinheiro conseguido através dela. Portanto, mesmo que, à primeira vista, consideremos o luxo e as necessidades criadas pela sociedade de consumo como supérfluas e vazias, temos que ter em conta que, na modernidade, o ser foi substituído pelo ter e as classificações e os estereótipos com que conhecemos e julgamos o outro, em geral, têm suporte na imagem externa e nos bens que as pessoas possuem.

Os estereótipos baseiam-se na capacidade de classificar o outro ou instituir uma imagem que sirva de guia para a construção de relações; funcionam como uma forma de nos colocarmos como diferentes ou semelhantes àqueles com quem travamos contato. Quando somos apresentados a alguém, criamos diversas idéias sobre quem seria a pessoa com quem nos deparamos. Muitos começam pela imagem visual projetada, pela maneira de agir, pelos amigos em comum ou de renome público, pela profissão exercida, dentre outras coisas; de forma geral,

são os aspectos ligados ao ter que primeiramente compõem a imagem do outro. Isso ocorre com todas as pessoas em diferentes situações.

A questão é que, quando estamos nesse processo normal de reconhecimento do estranho ou desconhecido, usamos vários valores, morais, culturais e interesses pessoais ou coletivos, porém muitos deles podem nos impedir de ver a outra pessoa como de fato é; no processo, toma-se a parte pelo todo.

Tomando a prostituição como exemplo, quando ela ainda não é do conhecimento do grupo ou das pessoas que convivem com uma mulher que exerce a função de prostituta, ela opera com o que Goffman (1988) chama de condição de desacreditável. Para o autor, o termo estigma oculta uma dupla perspectiva: o estigmatizado assume que a sua característica distintiva já é conhecida ou evidente para todos ou então que ela nem é conhecida e nem imediatamente perceptível. No primeiro caso, está-se lidando com a condição de *desacreditado*; no segundo; com a do *desacreditável*. O autor menciona três tipos de estigma: as abominações do corpo, as culpas de caráter individual e estigmas tribais de raça, nação e religião. No caso das prostitutas, estaríamos lidando com o segundo tipo.

Em todos esses exemplos de estigma, (...), encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1988, p. 14).

O estigma atua de tal forma que se alguém descobre, no círculo de amigos ou conhecidos, uma pessoa que exerce a prostituição como atividade de trabalho, uma série de adjetivos depreciativos passa, quase imediatamente, a compor a imagem dela captada. Mesmo as inicialmente respeitadas têm a imagem relacionada a valores negativos como: falta de moral ou

imoralidade, desonestidade, ausência de caráter, dentre outros. No processo, desconsidera-se todas as impressões e vivências anteriores e age-se como se a troca de sexo por dinheiro fosse a medida da honra de alguém e estivesse diretamente ligada a um comportamento reprovável por parte da pessoa em todas as áreas da vida.

Ocorre uma degradação que tem como base a vivência de uma determinada prática sexual. Julga-se o outro, a partir dos próprios valores, como não poderia deixar de ser, mas, muitas vezes, os valores culturais ou normas estão tão arraigados e incorporados que não se percebe ou aceita a possibilidade da existência de outras crenças ou valores, que também poderiam ser tomados como fonte de referência para conhecer ou aprender sobre algo ou alguém.

### 3. Quanto à vida familiar

- ♀ Pertencem a famílias desestruturadas socialmente e afetivamente; não constituem famílias;
- ♀ Costumam rejeitar a maternidade; tornam-se mães que abandonam os filhos.

Um olhar mais atento para as prostitutas da Praia do Meio, e também de outros locais, faz com que o discurso de incompatibilidade entre prostituta e família pareça pertencer a um outro universo. Na maioria das entrevistas coletadas ou dos contatos realizados de forma informal, elas aparecem como responsáveis financeiramente pelo grupo familiar e assumem atitudes zelosas e protetoras com relação aos filhos.

- Eu tenho um filho e por isso que eu pretendo tanto sair dessa vida. Pra ele não saber, jamais eu quero que ele saiba o que eu fiz ou deixei de fazer.
- Eu posso me vender e tudo, mas eu não sou prostituta. Que eu tenho a minha vida normal, apesar de tudo. Estudo, tô com meu filho sempre. Tem a minha família que na hora que eu quiser eu vou pra minha casa. Isso não é uma prostituta. **(Valéria, 19 anos)**

De um lado, constantemente a referência à saída da prostituição remete à necessidade de proteger os filhos e ou à família do estigma ligado a tal prática; de outro, a prostituição aparece como possibilidade de lhes dar maior conforto e acesso a uma vida melhor. O cuidado com os filhos e a família, mais precisamente com a mãe, aparece como um elemento constante no discurso das mulheres com as quais conversei.

A idéia de família e maternidade, mesmo que elas próprias advenham de famílias desestruturadas – o que, vale ressaltar, nem sempre ocorre – está fortemente arraigada a sua forma de conceber o mundo. Para elas, a família aparece como uma instituição altamente significativa, um contraponto da vida de prostituta. A existência de uma família, um lar, significa a possibilidade de ter um lugar para onde voltar, pessoas que lhes amam e com quem podem contar, dentre outros aspectos. Tudo isso parece lhes livrar da pecha de prostituta. Portanto, são instituições, espaços e pessoas que é preciso preservar.

O olhar que vê as prostitutas como mães irresponsáveis tende a homogeneizar arbitrariamente comportamentos dentro do grupo das mulheres que se prostituem, de forma a marcá-lo negativamente e, também, a idealizar a imagem da mãe, de maneira a remeter sempre à positividade de tal papel.

Em uma sociedade em que a mãe é sacralizada e a prostituta endemoniada, aceitar a idéia de tais mulheres como mães zelosas, mantenedoras dos filhos e da casa, pessoas responsáveis, etc., ou seja, atribuir-lhes características e valores positivos, vai de encontro à imagem social aceita, não apenas da prostituta, mas também da mulher-mãe-santa.

Prostituta e mãe aparecem como modelos antagônicos e, por isso mesmo, são tomadas como figuras inconciliáveis, mesmo que a realidade aponte para um outro caminho. No imaginário social, a imagem da mãe é dessexualizada; está ligada à dedicação sem limites ao lar e ao bem-estar da família; remete à mulher abnegada e simples que nunca está no centro das

próprias atenções e cujas necessidades são esquecidas em benefício dos filhos e marido; seu único, e legítimo prazer, está relacionado ao bem estar dos demais membros da família.

A imagem da prostituta estaria na contramão da imagem de mãe projetada socialmente e, por isso mesmo, o estereótipo aponta para sua impossibilidade de exercer positivamente a maternidade. No senso comum, prostituta e mãe são pensadas como pares antagônicos, ou seja, são imagens que se auto-excluem; dito de outra forma, pelo seu estilo de vida, comportamento e moralidade, a prostituta seria socialmente representada como alguém incapaz de cuidar bem de um filho, pois, para começar, sua profissão já é vista como um mau exemplo.

A idéia que está na base de tal percepção é a de que ela própria representa um contra-modelo e poderia ser uma influência negativa para os filhos. Mas, na prática, encontrei situações bem diferenciadas, o que demonstra que baseamos nosso comportamento cotidiano em estereótipos com os quais é preciso romper para se compreender a diversidade, a riqueza e a complexidade das mulheres reais que ora assumem o lugar da mãe, ora da prostituta.

É importante destacar que o estereótipo não colabora apenas para negar o papel da prostituta, mas fá-lo através de um modelo que cria um jeito próprio de ser mãe e mulher e, com isso, nega a diversidade dos papéis e identidades assumidos pelo universo feminino.

#### 4. Quanto à trajetória profissional

♀ Têm o hábito de esbanjar dinheiro; não traçam projetos de vida para o futuro.

Um indivíduo estigmatizado enfrenta a questão da *aceitação*. As prostitutas, por viverem uma condição fortemente estigmatizada, sofrem tais conflitos e, na grande maioria das vezes, incorporam um discurso negativo de si mesmas. Há uma autocondenação expressa na idéia

de que o dinheiro ganho com o trabalho sexual realizado é *amaldiçoado*, não pára, *vem fácil* e, portanto, *vai fácil*.

Quase automaticamente as mulheres introjetam o discurso dominante e passam a repeti-lo. A razão de isso ocorrer, segundo Goffman, é que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças dos tidos como normais. *A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um dos seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não portador dele* (1988, p. 17).

Dessarte, é possível encontrar, nos discursos das mulheres da Praia do Meio, a preocupação com o futuro, sonhos e projetos de vida, que são construídos também no presente e dentro das relações de prostituição, mas que têm como principal objetivo a saída delas. Trata-se de construir uma vida melhor, conseguir um certo conforto, expresso, quase exclusivamente, na idéia da casa própria, que aparece como um símbolo não somente da constituição do lar e da família, mas do emprego do dinheiro em algo que lhes garanta um futuro mais promissor e distante do mundo da prostituição.

- Porque não é uma vida que você vai viver sempre. Porque quando você ficar velha ninguém vai querer mais ficar com você, né verdade? Aí então eu prefiro não, não, assim, no caso, não tanto querer ficar só nessa vida, me dedicar só a ela, porque eu sei que mais tarde ninguém vai querer mais ficar comigo. Eu vou tá velha e nenhum homem gosta de mulher velha, né verdade? **(Valéria, 19 anos)**

- Você já conseguiu comprar alguma coisa com esse dinheiro que você ganha?

- Já, tudo que eu tenho é, um tudo que num é nada, ao mesmo tempo.

- E o que você tem?

- Ah, geladeira, tv, fogão, tudo. (...). Só não tenho casa. **(Elisângela, 20 anos)**

- Ah, meus sonhos, é sair daqui. Construir minha casa já fiz, quero só um dinheirinho agora pra conseguir, sem precisar mais disso, viver, né. **(Cláudia, 26 anos)**

- Eu tô construindo a minha casinha, minha mesmo; abri uma conta na caixa econômica, aí pretendo terminar minha casa... **(Keyla, 19 anos)**

Os discursos apontam para a provisoriedade da função de prostituta, o que está ligado tanto ao sonho de mudar de vida quanto à consciência de que com o passar do tempo vai ficando

cada vez mais difícil conseguir clientes. A prostituição é uma dessas profissões em que o corpo está ligado à beleza, juventude e saúde. Mulheres acima de 30 anos são consideradas velhas e têm menos chance na concorrência com as demais. Embora muitas mulheres cheguem a uma idade avançada, recebendo clientes em casa ou em alguns lugares específicos, as dificuldades aumentam e, quase nunca, é possível viver apenas de prostituição. É preciso investir em outros campos.

Gostaria de ressaltar que o sonho da casa própria e de um futuro mais promissor não é apenas da prostituta, mas faz parte do universo de significados das classes média e pobre em nosso país. Trata-se sempre de construir um futuro melhor e conseguir algumas garantias para se experimentar uma vida mais confortável e tranqüila no futuro. Ao contrário do que se poderia pensar, não é apenas a prostituta que almeja sair da profissão, embora seu desejo esteja pautado também na necessidade de fugir do estigma que lhe dificulta os passos, ele está fortemente ancorado no anseio de milhares de brasileiros que sonham com uma vida melhor, o que, de certo ângulo, significa também deixar de ser apenas uma mercadoria e ter acesso a outras dimensões da existência que, no Brasil, somente alguns poucos privilegiados usufruem.

Além disso, as mulheres demonstram também ter consciência dos limites da prostituição e, de certa forma, dos seus próprios limites e possibilidades. Acreditam que no presente é preciso fazer algo para construir o futuro e mesmo aquelas que não conseguem economizar ou adquirir algo de valor para os tempos vindouros projetam o porvir como um espaço/tempo de melhorias.

De todas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, o estigma, a discriminação e o preconceito podem ser consideradas as maiores, pois reforçam os problemas e os tornam mais difíceis de serem enfrentados e superados. Elas lidam cotidianamente com a incapacidade da sociedade de percebê-las como seres humanos que, como a maioria absoluta dos homens e

mulheres que nos cercam, foram transformados em mercadoria e reificados, mas que conservam a capacidade de se comportarem e agirem não como objetos, mas como pessoas que no dia-a-dia, através dos pequenos gestos, buscam ter reconhecida sua dignidade.

Na Praia do Meio, ao conjunto de estereótipos aqui discutidos e reiterados pela sociedade se soma a imagem da *prostituta drogada*, vítima ou vilã potencial que comercializa o sexo para sustentar o vício. Sem dúvida, há viciadas trabalhando lá ou em outros espaços de prostituição, mas é possível encontrar pessoas que se drogam em todos os âmbitos da sociedade e nas mais diferentes atividades e locais de trabalho. De fato, a ligação entre prostituição e droga não é assim tão predominante como se supõe, embora seja preciso também ressaltar que o fato de as mulheres pertencerem a um universo marginal abre caminho para uma maior proximidade com os outros personagens aí presentes.

A prostituição em si não é uma causa nem um efeito do vício das drogas – na verdade, o vício causa problemas para a indústria do sexo, assim como acontece na sociedade honesta, pois os viciados, para aumentar seu movimento, baixam os preços e oferecem os tipos de sexo que as outras prostitutas se recusam a realizar. A imagem da “prostituta drogada” é apenas mais uma maneira que a sociedade está utilizando para obscurecer as verdades básicas sobre a prostituição – (...) – responsabilizando as prostitutas por seus próprios males (ROBERTS, 1998, p. 392).

Diante de todo o quadro acima descrito, é possível perceber que o conjunto de estereótipos anteriormente expostos parece estar fortemente enraizado no imaginário da sociedade, contribuindo ainda mais para a existência de posições discriminatórias e preconceituosas com relação à prostituta, mas não se sustenta diante de uma análise mais criteriosa. No trabalho científico é preciso, antes de qualquer coisa, romper com o estereótipo e ver as pessoas de carne e osso; pessoas que, nas relações umas com as outras, como me permite pensar Simmel (1990), constroem a sociedade ao formar uma rede de sociação.

Portanto, aqui não se trata de traçar o mesmo caminho e em determinado momento seguir por uma direção oposta e construir um outro modelo positivado em relação às prostitutas, mas de assumi-las como um grupo de mulheres que, como qualquer outro, não cabe em classificações arbitrárias. Pensar as mulheres que se prostituem, pelo menos do ponto de vista científico, não pode, nem deve significar uma valoração negativa ou positiva dos comportamentos e práticas que vivenciam.

Sem dúvida, é possível pensá-las enquanto grupo, no sentido de que estão inseridas em relações de prostituição, mas não é possível afirmar que elas são pessoas boas ou ruins, dignas ou indignas, com base no fato de trocarem sexo por dinheiro, como não é possível assegurar também que todas são brancas ou pretas, baixas ou altas ou quaisquer outras características, depreciativas ou não, que uniformizem o grupo do ponto de vista dos valores ou dos aspectos físicos. Um comportamento cientificamente responsável precisa levar em conta a diversidade e pensar, não a partir de valores, mas de fatos.

Assim, tomando como base as mulheres com quem conversei na Praia do Meio, e mesmo em outros espaços de prostituição onde mantive contato, todo o conjunto de estereótipos acima discutido poderia ser derrubado ou, pelo menos, relativizado. As prostitutas da Praia do Meio não podem ser agrupadas em classificações abrangentes, mais do que quaisquer outras pessoas; suas personalidades e sexualidades são tão diversas quanto as de todas as mulheres ou, para ser mais exata, de todos os seres humanos.

Suas origens e personalidades não são especialmente diferentes daquelas das outras mulheres. Há inúmeras formas de ser mulher, homem, adulto, jovem ou criança e também infinitas maneiras de ser, ou melhor dizendo, de estar na condição de prostituta. Além disso, há diversos sentimentos e elementos que estão em jogo aí.

Então, por que estereotipar? O estereótipo faz parte do estigma e tem como objetivo reforçar e justificar a opressão das prostitutas, rotulando-as como anormais ou desviadas. Elas têm que lidar com um constante assalto sobre sua auto-estima sob a forma da imagem que a sociedade tem delas como mulheres párias, subumanas e anormais – os bodes expiatórios de uma sexualidade construída em torno do medo, da ignorância e da aversão (ROBERTS, 1998, p. 395).

No caso da prostituição, condena-se a troca do sexo pelo dinheiro, pois tal ato torna quem o recebe alguém sujo, marcado, estigmatizado. A prostituição marca o corpo, apreendido através de esquemas de percepção, cujo uso depende da posição ocupada no espaço social. Assim, o olhar sobre o corpo é, como nos diz Bourdieu (1999), um poder simbólico cuja eficácia depende da posição relativa de quem percebe e de quem é percebido. Não o sexo em si, mas o sexo que se troca por dinheiro macula o corpo da prostituta, seu eu e sua identidade.

- Porque é uma coisa assim, acho que é a pior das coisas pra mim. Quer dizer, pra mim, porque de qualquer forma é muito ruim pra uma mulher chegar e ter que ser tocada, simplesmente por uma grana que não vai comprar o teu, o teu dia. Aí tem que ser várias vezes, e uma, se você tem um relacionamento afetivo, natural, você não tem, não tem, não tem ansiedade nem quer fazer sexo sempre, imagine, com quem, com quem você não quer mesmo, com quem você não gosta, você nunca viu, nunca né, várias vezes e vários homens e vários dias, até quando? Vige, é horrível pra mim. Tô falando assim, mas não de uma forma irônica, é porque é a maneira que eu encontro pra não me magoar muito, é falar dessa forma. **(Paula, 30 anos)**

- Tenho um filho com 12 anos. Já tô com vergonha. Um dia meu filho vai querer saber no que eu trabalho, o que eu faço e eu num vou ter coragem de dizer pra ele (Enche os olhos de lágrima).

- Eu tô nessa vida, vivo nessa vida e digo que isso é a vergonha da sociedade e do planeta terra. Olhe, a prostituição, fresco, ladrão e traficante. Pode ver, em todo o planeta terra são a vergonha da sociedade, são essas quatro espécie de gente. Pode ver se num é, porque o ladrão, ele rouba, ele mata, ele faz tudo que num presta. A prostituta se vende, destrói casais, tudo que num presta também. **(Adriana, 28 anos)**

- É tudo isso. Assim, de vender meu corpo, né? De... Ele tá me usando e eu tô usando ele, entendeu? Ele só me quer ali naquela hora. Eu sou ali pra ele, eu acho que eu sou um, um depósito, assim que ele vai mata a vontade dele e cada um pro seu lado e pronto. Ele deixa a pessoa aqui e ele vai pra outro lado. **(Lúcia, 21 anos)**

A venda do corpo ou mais precisamente sua utilização como objeto de trabalho aparece como algo que degrada as mulheres. Na negociação com o corpo, ele é representado como um instrumento de trabalho, o que é aceito na maioria das profissões que têm lugar no mundo moderno, mas na prostituição tem um significado para além da mera transformação do corpo em força de trabalho. O trabalho em geral, assim como o sexo, exige uma disponibilidade de fazê-lo, mas como nem sempre isso ocorre, a repetição contínua extenua a pessoa.

É como Paula diz, não se tem vontade fazer sexo sempre, e imagine com um grande número de parceiros, várias vezes ao dia. No entanto, esta não parece ser uma realidade apenas da prostituição: perde-se a dimensão de que, em outros trabalhos, o prazer, à vontade e o desejo de realizar determinada função quase nunca estão presente em todos os instantes, o que transforma o trabalho em um fardo cotidiano. O trabalhador, de forma geral, precisa desenvolver uma atitude *blasé* em relação ao seu trabalho, na prostituição a situação complexifica-se, pois ao descontentamento com o trabalho soma-se a vergonha dos filhos, da sociedade e de si mesma.

Tudo concorre para que a transformação do corpo humano em mercadoria não seja percebido nas outras relações que têm lugar na sociedade e pareça visível no âmbito das relações de prostituição. Aí, claramente, está a percepção do corpo como mercadoria, como algo a ser comercializado e há todo um véu de condenação moral que cobre a relação, na qual o corpo e o sexo representam o limite da comercialização, que é a venda ao consumidor. E por isso mesmo adquire novos sentidos na prostituição.

Da parte delas, a desilusão com a prostituição está ligada muito mais àquilo que externamente as condena, pois, através do corpo, elas garantem a sobrevivência, sua e da família, e têm acesso a inúmeras situações e objetos que de outra forma não teriam, no entanto pesa sobre elas o estigma que acaba sendo internalizado e passa a compor os seus discursos e vivências.

No limite, a mulher é um objeto, um depósito, como afirma Lúcia, mas o que ela

esquece de dizer é que o cliente é também somente alguém que lhes paga por um serviço prestado. Se ela é transformada em objeto, ele, a partir de um outro ângulo, também o é, pois perde a sua dimensão humana e só tem sentido como alguém disposto a comprar um determinado serviço.

Assim, para a grande maioria das mulheres com quem mantive contato, a prostituição está associada a uma vida marginal que se expressa na atitude da sociedade em relação a elas e aos estigmas vinculados ao comércio sexual. A elas não é permitido lidar bem com a prostituição, é preciso ter culpa, vergonha. O estigma externo tem que ser internalizado; ele é repetidamente reafirmado nos meios de comunicação, nas igrejas, nas famílias, enfim, em todos os espaços da vida social.

Não há como fugir, e as marcas da condenação social passam a fazer parte do seu cotidiano e dos seus discursos. Mas é preciso perguntar: será que sem a condenação moral a que são submetidas, as prostitutas estariam mais insatisfeitas com o seu trabalho do que o pedreiro, a empregada doméstica ou qualquer outro profissional da sociedade? O que causa mais danos, a prostituição ou a discriminação a que as mulheres são submetidas?

#### **4.3 CIDADE, PROSTITUIÇÃO, (IN)VISIBILIDADE E SOLIDÃO**

A cidade grande, no caso em pauta, a cidade de Natal, protege e facilita a prostituição, seja por torná-la impessoal, seja por lhe oferecer um espaço onde, ao mesmo tempo, as mulheres se tornam visíveis enquanto grupo e invisíveis como indivíduos. Isso porque, na correria da cidade grande ou metrópole, é difícil distinguir pessoas; elas aparecem como objetos e confundem-se na infinidade de sensações experimentadas por um número incalculável de Seres.

Ela se organiza como um caleidoscópio de imagens, cores, formas, personagens e sons. Segundo Simmel (1987), há nela uma preponderância muito grande do ver sobre o ouvir e o

ver traz mais confusão, perplexidade e inquietude do que o ouvir. O autor chama a atenção para o fato de conseguirmos lembrar muito mais as informações ouvidas do que as vistas. Portanto, se na cidade grande vemos muito e ouvimos pouco, disso decorre que ela seria o lugar do esquecimento. E se ela é o lugar do moderno, é também um tempo e um espaço do efêmero e do movimento. Portanto, o moderno seria um aventureiro; pois viveria apenas e sobretudo, o presente.

Além disso, a preponderância do ver contribui para o sentimento de desorientação na vida como um todo, para a sensação de isolamento e também para que as pessoas se deparem, de todos os lados, com portas fechadas. Fecham-se as portas e o interior aparece como o abrigo da multiplicidade de sensações que o exterior projeta nas pessoas.

A porta, criando por assim dizer uma junção entre o espaço do homem e tudo o que se encontra fora dele, abole a separação entre o interior e o exterior. Como ela pode também se abrir, o fechá-la dá a impressão de um fechamento, de um isolamento ainda mais forte, face a todo espaço lá fora, do que a simples parede inarticulada (SIMMEL, 1996, p. 11).

A porta aparece como a ponte entre o interior e o exterior, pois, na cidade grande, o interior funciona como um refúgio; ele retira as pessoas da sociedade e protege-as da confusão de imagens, sons e personagens que se impõem ao olhar. Ele é o espaço do recolhimento individual, da tranquilidade e mesmo da soberania do sujeito que se retira do mundo.

O recolhimento proporcionado pelo interior acontece sob o manto da indiferença frente ao exterior e ancora no caráter *blasé* do indivíduo moderno. Como diria Simmel (1996), o retraimento, a interioridade só é possível porque toma a forma do individualismo que marca o habitante da cidade grande ou do mundo moderno. A cidade é o espaço do indivíduo, do eu, dos interesses individuais, em detrimento dos coletivos. O mundo exterior apresenta-se como uma atmosfera hostil onde o morador da cidade grande é exposto a um incontável número de

impressões nem sempre possíveis de ser assimiladas.

Assim, em resposta e em contraposição à vida frenética da cidade grande e moderna, o indivíduo recolhe-se no interior, seja da sua casa ou espírito. Na cidade grande, se é e está cada vez mais só. Os contatos com os outros são temidos e sentidos como dor. A vida moderna aplica choques que atizam, instigam e atordoam os habitantes da cidade, que não poderiam suportá-los sem o refúgio protetor do espaço interior.

Os modernos precisam transformar esse interior em algo que tenha significado para eles. O interior precisa ser a marca da individualidade. A casa é o que diferencia os homens, pois é na casa que ele pode exteriorizar a sua diferença e unicidade, pondo aqui uma poltrona, ali o retrato dos pais, acolá um enfeite (WAIZBORT, 2000, p. 408).

Sair à rua na cidade grande e moderna é sempre uma aventura: nada é completamente previsível, tudo pode acontecer. Nela, os indivíduos se sentem como estranhos, experimentam uma inquietude e um desconforto só superado pela existência de um interior que lhes é familiar, tendo em vista estar repleto de marcas daqueles que os habitam, seja na decoração, nas fotografias ou nos pequenos objetos que transformam a casa em lar e o interior em abrigo.

O moderno encontra-se perdido em um mundo de coisas, que parecem fazer mais sentido do que as pessoas, elas próprias também transformadas e percebidas como objetos, perdendo, pelo olhar apressado e *blasé* do habitante da cidade grande, a dimensão da humanidade. O interior apresenta-se como a possibilidade de fugir do confronto com os objetos, mas ele também é povoado por eles.

Ao se colocar os pés fora de casa, um número infinito de imagens são vistas; há um bombardeio de impressões que atingem o olhar, mas a capacidade de atribuir sentido não acompanha a velocidade com que as imagens chegam à consciência. No novo mundo de imagens que se descortina à frente do olhar, a proximidade gera distância.

O indivíduo se vê em uma situação de proximidade enorme e relativamente demorada frente a outros, mas são tantos, e a cada vez variáveis, que lhe é impossível manter contato com eles. Eles permanecem estranhos: algo distante que está próximo (...) Cada um deles se volta para o seu mundo interior, enquanto o exterior corre freneticamente (WAIZBORT, 2000, p. 323-324).

Assim, se tomo o encontro com a prostituição que o habitante da cidade experimenta em vários espaços da cidade de Natal, mais especificamente na Praia do Meio, me deparo com a atitude de estranheza e proximidade com que ele é atingido. Está-se, ao mesmo tempo, perto e longe: corporalmente próximo, mas subjetivamente ou espiritualmente distante.

Passa-se rápido para não ser tocado, ver ou tocar em algo ou alguém que não interessa, ou mesmo com quem não se pode ou se deve preocupar. O medo de encontrar as pessoas atrás das personagens que ali desfilam está presente nos pequenos atos dos passantes, estejam eles a pé ou desfilando em carros. Eles protegem-se no interior, se não das suas casas ou carros, da sua própria personalidade, e as prostitutas, diferentemente, fazem o mesmo.

Elas desfilam, oferecem seus corpos, gesticulam, convidam para momentos de prazer. Os transeuntes vêem a função, os corpos, mas não as pessoas por trás deles. O ser humano parece se diluir na função. De forma geral, as prostitutas são vistas como objetos e tratadas como tal. Ocorre aqui uma objetificação. Perde-se no processo a dimensão da humanidade da mulher por trás da prostituta e, também, do homem por trás do cliente. O olhar vê a função e só em alguns casos a ultrapassa.

As prostitutas parecem ter consciência do olhar que as coisifica e invisibiliza enquanto seres humanos. Querem ter a sua dimensão humana reconhecida e, para tanto, se posicionam, negociam e expressam sentimentos, aversões e simpatias.

- Às vezes é um trabalho assim que a pessoa não quer fazer e não vai fazer e o home quer por que quer que a pessoa faça, tá entendendo? Às vezes nem paga o preço que é pra pagar. Às vezes eles diz: - *Ah, eu vou descontar sua carteira de cigarro. Vou descontar isso que você...*, tá entendendo? A gente se sente muito humilhada por essa

parte, tá entendendo? Porque, além da gente ser prostituta, a gente é ser humano também. **(Indiara, 19 anos)**

- Era uma menina que trabalhava, trabalhava na Praia do Meio, ela, e que eu já tinha saído com ela, acho que umas cinco ou umas quatro vezes no máximo e eu sai com ela, uma vez, quando a gente tava conversando eu pretendia ir pra um motel com ela aquela noite, a gente tava conversando. Ela começou a conversar e a ficar meio triste. Eu passei a noite inteira conversando com ela e a gente terminou saindo prum motel, eu terminei indo deixar ela em casa e aí, eu saquei que ela ficou muito pra baixo e tal, que num tinha amigos, que todo mundo usava dela, o patrão dela usava, as próprias amigas usavam dela, num sei quê. Aí, acho que até por um certo remorso dela como ser humano, um dia assim, eu apareci no, no trabalho que ela tava, levei ela pra conversar mais um amigo meu, jantei com ela, paguei jantar pra ela, conversei com ela a noite inteira e, foi até uma situação curiosa porque quando eu sai de lá ela tava super triste, aí eu fiquei sem entender: - *Pô, ela tá triste*. Até que ela falou que nunca tinha ido pra restaurante, que ninguém nunca tinha visto ela como pessoa, todo mundo só via ela como objeto. Mas, nesse caso eu acho que foi mesmo por pena, pelo papo que eu tive com ela antes, pela pessoa, eu acho que, pela primeira vez caiu à ficha: - *Peraí, tem um ser humano aqui atrás dessa, dessa, num é só o..., ela também tem sentimento, pode ser que ela também, que ela não esteja gostando do que ela faz*. **(Damião, 21 anos)**

De maneira ampla, nas negociações que envolvem dinheiro as emoções são relegadas a um segundo plano, a racionalidade é fundamental para que o processo de compra e venda seja realizado. Quanto menor o conhecimento do outro, dos seus problemas e necessidades, mais fácil realizar a transação proposta. O dinheiro é neutro, frio, ele não carrega sentimentos ou histórias, mas, não se pode esquecer que ele só ganha sentido na relação e as relações não podem ser engendradas senão por seres humanos, eles sim, impregnados pelas mais diversas emoções.

As relações humanas só são possíveis porque os seres humanos não prescindem das paixões e da vivência das mais diversas emoções e sentimentos. Assim, na prostituição, não ocorre tão somente uma negociação monetária, mas, em muitos casos, o encontro entre pessoas, solidões, sentimentos, necessidades e paixões. E é a isso que Damião se refere, ao encontro com o ser humano por trás do objeto ou da função. Em algumas experiências vividas na prostituição, acontece um movimento contrário à reificação: uma *descoisificação*, uma transformação do objeto em pessoa. A humanidade parece vir na contramão da prostituição, afinal, trata-se de uma relação mercantil. A prostituta aparece como objeto comercializável, há uma certa perplexidade

ao percebê-la como pessoa, mas isso ocorre e modifica a percepção e o tratamento do outro.

Os sentimentos impregnam as relações humanas. Além disso, não se pode esquecer que a própria indiferença é também um tipo específico de sentimento, embora contribua para invisibilizar e desconsiderar os das outras pessoas com quem se mantém contato.

Mesmo que tenhamos falado até o momento da reificação e da invisibilidade da prostituta, vale ressaltar que o processo não é unilateral; as mulheres vêem nos homens com quem negociam, o cliente ou o homem de programa. Ele também não é pensado como ser humano; é objetificado no processo. Não se beija e não se faz amor. Faz-se sexo como resultado de uma negociação monetária. O prazer é remetido para outras relações, aquelas cujos sentimentos pessoais são envolvidos mais fortemente.

Outra vez o interior do eu serve de abrigo para a subjetividade. Mas nem sempre é possível fugir; em alguns momentos, os sentimentos preenchem as relações e o prazer aparece sempre como um dos componentes possíveis, no caso dos homens, e uma possibilidade concreta, no das mulheres.

No exercício da atividade de prostituta, de um lado, os corpos e o ato sexual estão em jogo, mas as pessoas não; por outro, o ser humano é uma totalidade e, como tal, não pode ser, de fato, compartimentalizado: há pessoas exercendo as funções, seres humanos que correm riscos, vivem emoções as mais diferenciadas e muitas vezes procuram proteção na noite, na cidade. As mulheres, cuja atividade não é conhecida pelos familiares, ou por outras pessoas consideradas importantes e pertencentes ao seu círculo de afinidades, procuram a Praia do Meio pela distância em relação ao ambiente de origem ou por lhes permitir se perder em meio à multidão.

- Eu prefiro a *night*. A *night* esconde tudo, tudo o que a gente tem de feio, principalmente a gente que é drogada. (**Eliane, diário de campo**)

- Eu sou casada há seis anos. Tenho três filhos, mas um é minha mãe que cria. Pergunto se o marido dela sabe que ela vem para a praia.

- Ele nem sonha! Eu fico só até as 5:00 h e eu não trabalho à noite. **(Sam, diário de campo)**

À noite, a cidade e a própria praia permitem uma certa indistinção das identidades. Todos são iguais, portanto o sujeito individual é subsumido. Algumas mulheres escondem-se das famílias, dos conhecidos e os clientes também o fazem. É como se vivessem um outro personagem que cessaria de existir no momento em que deixam a praia. Mas a prostituição, mesmo coberta por um certo manto de invisibilidade, deixa marcas nas mentes, nos corpos e nas vidas daquelas que dela sobrevivem.

Na troca do sexo pelo dinheiro, homens e mulheres socializam-se como estranhos, pois de um lado há distância, de outro, indiferença. Para clientes e prostitutas, é preciso estar incógnito. Ao imergir na massa, preservam parte da personalidade e reservam-na como propriedade privada; têm controle sobre o que externalizam e são capazes de escolher com quem querem repartir o uso do espaço interior.

A indiferença para com o cliente torna possível se mostrar inteiro nas outras relações. A prostituição é banida para um outro campo, é um trabalho e, como tal, deve ser esquecido. Nas relações com filhos, mães, namorados e namoradas é preciso traçar um limite, diferenciar a relação. Tais personagens, por não estarem diretamente ligadas à prostituição, cumprem o papel de reafirmar a normalidade da vida.

- (Falando sobre a filha) Ela perguntou o que eu fazia. Num tive coragem de dizer. Ela era muito criança pra entender. Mas ela tem a cabeça boa e aceita. Ela é muito estudiosa. Diz que, quando crescer, vai trabalhar, me trancar num quarto, ganhar dinheiro e me dar tudo que eu quiser. Ela diz que vai me tirar dessa vida. Mas precisa me trancar num quarto? **(Michele, diário de Campo)**

- Quando a pessoa não gosta, é só aquela hora do sexo e pronto. Transou... Porque essa vida é assim. Eu vou sair com um cara agora, eu não vou sair com ele por amor. Eu vou sair com ele por causa que ele tá me pagando, entendeu? Nem conheço aquela pessoa. - *Quero sair com você!*. Tudo bem! Vai pagar direito, tudo, mas vou naquele medo, naquela insegurança, porque eu não conheço. Agora com meu namorado, não! Com meu namorado já é outra coisa. Vou de braço livre, aberto, chego, abraço, cheiro, é aquela

felicidade que eu sinto! Mas, com esses outros aqui, não dá! **(Pâmela, 19 anos)**

- Porque não. Porque ali é diferente. Ali, eu num tô com ele porque tô tendo dinheiro. Eu tô com ele porque eu vou gostar dele, eu tô gostando de tá com ele. Aí fica chato, você tá com uma pessoa que você gosta, pagando. Ele sabendo, agora se ele não sabe e você quer ganhar um dinheiro, pelo menos tando com uma pessoa que você gosta, aí é legal. Se ele num sabe, tudo bem, mas se ele sabe que você gosta dele e vai sair com ele por dinheiro, aí fica muito chato. **(Valéria, 19 anos)**

As relações remetem a outros aspectos da vida e mesmo que sejam conseguidas e engendradas no campo da prostituição, transcendem-no, extrapolam seus limites. Tanto para as mulheres quanto para os homens, torna-se necessário reafirmar tal fato, de forma que as relações são pensadas como um âmbito separado dos sentimentos e emoções. É como nos diz Pâmela *Com meu namorado já é outra coisa. Vou de braço livre, aberto, chego, abraço, cheiro, é aquela felicidade que eu sinto!* Ou seja, posso me permitir sentir, gostar, saio do campo do mercado, do trabalho para me inserir no do feminino, das emoções, dos seres humanos propriamente ditos.

As relações de prostituição são marcadas por uma dependência mútua que, inclusive, ultrapassa o mercado propriamente dito. Clientes e trabalhadoras do sexo amarram-se um ao outro para que seja possível estabelecer qualquer tipo de negociação. Nenhum conteúdo ganha peso próprio. Importa a forma como a relação se constrói e a consecução dos objetivos que se quer atingir. Embora momentâneas, as relações marcam aqueles que fazem parte delas.

O encontro, o jogo da sedução, o prazer consentido, a necessidade do outro, tudo contribui para a construção de redes de sociabilidade que, ao contrário da negociação, não terminam no ato sexual, mas continuam impregnadas nos sujeitos que dela participam. A prostituição configura-se como uma teia de relações na qual outros atores e atrizes são envolvidos: ocorre não apenas uma troca monetária, mas daí derivam-se inúmeras interações sociais que laçam os envolvidos em uma trama.

Cliente e prostituta são os elos fundamentais da cadeia, mas há filhos, companheiros, maridos, mães, vendedores e, ainda, estabelecimentos dos mais variados tipos, desde restaurantes até bocas de fumo, que se entrecruzam com a prática da prostituição. E o dinheiro é o elo fundamental dessas diferentes relações.

Somado ao véu de (in)visibilidade que a cidade estende sobre todos, nela surge a atitude *blasé*, que está na base das relações de prostituição e também da própria existência da cidade. A atitude *blasé* não liga para as pequenas diferenças e distinções, ou mesmo para as qualidades individuais; ela consiste no embotamento do poder de discriminar. Para o *blasé*, o significado das coisas e elas mesmas são experimentados como destituídos de substância; tudo é nivelado.

A atitude *blasé* pode ser compreendida como um método, pois ela é uma resposta à incapacidade dos nervos de reagir aos inúmeros estímulos presentes na cidade grande; é racional, embora nem sempre consciente. Ela protege o habitante da cidade, que não é capaz de responder a todos os estímulos com os quais se vê confrontado. A atitude *blasé* aparece como indiferença e com isso possibilita a relação ou, para ser mais exata, a não-relação com inúmeras sensações, pessoas ou objetos. *A essência do caráter blasé é a ausência de reação diante das diferenças das coisas, não no sentido de que elas não são percebidas (como pelo estúpido), mas sim de tal modo que o significado e o valor da diferença das coisas, e com isso as próprias coisas, são sentidos como nulos* (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 328).

A cidade é o lugar propício para o *blasé*. Ela é um lugar de concentração tanto do dinheiro que compra os objetos, como dos objetos comprados e vendidos por ele, quanto das pessoas que o utilizam para comprar e vender coisas. Os processos que têm lugar na cidade, pela sua complexidade (envolvem cálculos, números, exatidão, quantificação, intelectualidade, etc.), exigem dos indivíduos o máximo dos nervos. A vida nervosa é intensificada. Desvaloriza-se tudo

e todos, e ocorre uma depreciação da própria individualidade. A cidade grande exige estratégias de sobrevivência que passam pela atitude *blasé*, pela indiferença em relação aos objetos e às pessoas, também pensadas como objetos. Os indivíduos são despersonalizados, o que remete a uma contradição entre despersonalização e individualização.

Há, de forma geral, uma atitude de indiferença em relação às mulheres que exercem a atividade de prostituição na Praia do Meio, mas não com a prostituta. A atitude *blasé* filtra; é uma espécie de proteção que a vida da cidade exige, do contrário ela não poderia se manter. Ela faz com que aqueles que passam não dêem conta das pessoas por trás da prostituição ou, se o fizerem, demonstrem uma atitude de indiferença em relação a elas. Elas são, ao mesmo tempo, visíveis e invisíveis. Vê-se a prostituta, mas não o ser humano existente por trás da função exercida.

Mas, ao chegar perto, ao ouvi-las, ao entrar em contato direto com suas histórias de vida, nem sempre a atitude *blasé* pode ser mantida e são as falhas ou aberturas em relação ao outro que possibilitam as relações, a criação de uma sociabilidade específica, mesmo dentro da prostituição. A atitude *blasé*, por significar uma proteção, permite o encontro físico – se é indiferente, por isso não é preciso temer o outro – que, embora na maioria das vezes se esgote nele mesmo, em outras ocasiões ultrapassa o momento e permite um encontro que vai além dos corpos; o encontro de pessoas e solidões.

O caráter *blasé* facilita a prostituição de diversas maneiras, seja lhe invisibilizando ou mesmo compondo a relação entre prostituta e cliente, à medida que, no momento da troca, como afirma Simmel (1990), homens e mulheres são igualados e o único elemento diferenciador é o dinheiro, a atitude *blasé* é também facilitadora e desencadeadora da relação. Permite as mulheres e, diferentemente, aos homens não se destruírem em contato uns com os outros. Pois, se em cada relação de prostituição, o ser humano total estivesse presente ocorreria uma fragmentação capaz

de causar sérios prejuízos para a pessoa enquanto totalidade. Cria-se uma distância funcional, entre a prostituta e os seus diversos clientes, que age como uma proteção interior diante da ameaça que a proximidade com um outro transformado em objeto representa para a subjetividade.

Além disso, a prostituição na cidade quebra o isolamento comum aos seus membros. Quando ela não é o único canal de escape ao cotidiano individualista e competitivo do ambiente urbano, é, ao menos, uma alternativa a ele, tanto para as mulheres quanto, principalmente, para os clientes.

Ao quebrar o isolamento e permitir a relação, a prostituição rompe com a solidão, ao menos no sentido de não se ter companhia, de se estar completamente só fisicamente e, às vezes, também quebra a solidão do eu, do espírito, do sentir-se abandonado e inútil. A prostituta escuta, fala, negocia e proporciona prazer através do sexo, do descompromisso e do pôr-se à disposição.

- Muitos programa que eu pego é querer sentar, conversar, desabafar e outros não. Outros fazem mesmo.

- E falam sobre o que?

- Sobre a família deles. Sobre o trabalho. Eles conversam muito normal mesmo. Conversa onde a gente mora, tudinho. Se a gente é solteira, casada. **(Lúcia, 21 anos)**

- ... às vezes acontece, uma vez ou outra de eu sair com ela, talvez não saiba explicar, talvez às vezes quero uma pessoa diferente, é, pra conversar, é, na maioria das vezes, depende da pessoa, não sei como que ela fala, mas às vezes tem clientes que saem não tão pelo sexo, mas pra conversar com outra pessoa, pra ter alguém ali pra pessoa conversar. **(Nicolau, 24 anos)**

- Cê tá com uma namorada, cê tem que ir pra um restaurante, tem que jantar, quer ir pra uma festa, vai pra uma festa, quer sair dali, às vezes não pode porque a namorada num avisou ao pai que vai pra outro canto e, de certa forma, cê tem aquele roteiro feito pra noite e com uma garota de programa não, você pegou ela, a partir dali você, como você tá pagando, você comanda, se você quiser ir prum bar beber cerveja com ela, conversar a noite inteira, como eu já fiz, de pagar garota de programa pra passar a noite inteira num bar, só conversando, cê faz. Quer dizer, você fica com uma, uma mobilidade de seguir seu roteiro, fazer seu roteiro que você não tem com uma namorada, até mesmo porque tem o choque de personalidade. **(Damião, 21 anos)**

A prostituta, embora transformada em mercadoria e percebida, primordialmente, como objeto de prazer, é também alguém com quem se pode conversar, uma pessoa de quem se tem piedade, a quem se deseja, enfim que, pela sua dimensão humana, é capaz de despertar inúmeras reações e sentimentos e com quem se pode viver uma dimensão da vida perdida no emaranhando de sensações, cores e formas que a cidade oferece: a diversão leve e despreocupada, sem amarras, medos e limites. Através das relações de prostituição, as prostitutas da Praia do Meio se encontram com o outro e, em alguns casos, conseguem quebrar com a solidão, seja a física ou a espiritual.

Aqui, há um elemento interessante percebido por Simmel (1987) como componente das relações existentes na metrópole: a solidão. O ser humano é de essência absolutamente dualista, seu pensamento e vida movem-se numa estrutura bipolar. Ele depende de um outro de quem é separado pelo maior abismo metafísico. É também a imagem mais pura da solidão que faz do ser humano um estranho, não apenas entre as coisas desse mundo, mas também entre os seres que estão mais próximos dele.

A cidade, com a crescente divisão do trabalho e uma economia monetária desenvolvida, vem de forma cada vez mais intensa dificultando as relações comunitárias. A realidade é o indivíduo, sozinho e único. Mas não é possível ser só o tempo todo. Cada homem ou mulher precisa do outro para se afirmar enquanto tal. Além disso, em sociedade, as necessidades são cada vez maiores; para sobreviver, o outro não é apenas necessário, mas essencial. Busca-se saídas, procura-se grupos, pessoas.

A prostituição aparece em muitos casos como alternativa, uma fuga da solidão; uma saída calculada, mediada pelo dinheiro e, por isso mesmo, confiável, no sentido de que, pelo menos num primeiro momento, as pessoas são anônimas e sabem o que podem ou não esperar da relação que se instaura.

É mais fácil falar com estranhos, com pessoas que não precisaremos encontrar no dia seguinte e com quem não temos nenhuma relação pessoal. Além disso, a mediação do dinheiro garante que o outro vai estar disponível para ouvir e mesmo colaborar com a resolução dos nossos problemas quando for solicitado. O possuidor do dinheiro comanda a relação. Não há choques de personalidade, mas negociações que podem ou não ser aceitas. Somado a isso, o sexo e todo o universo criado ao seu redor colabora para um clima prazeroso, divertido, no qual os problemas são deixados no esquecimento, junto das inúmeras impressões da metrópole.

Por outro lado, na prostituição, se está sozinho, apesar de se estar com alguém. O encontro rompe com a solidão do estar corporalmente só, mas reforça a solidão compartilhada, aquela na qual, mesmo acompanhado, não se tem o outro; não há um encontro completo, ele é limitado pela própria forma como a relação se desenrola. Algumas vezes, a solidão compartilhada é uma escolha; ignora-se o outro para que seja possível sobreviver às inúmeras emoções que a sua presença é capaz de despertar.

Se o dinheiro modifica o estilo de vida das pessoas em sociedade, fá-lo também em relação aos sentimentos. Em um espaço/tempo onde predomina o individualismo, a solidão aparece como um traço característico. A afetividade remete a uma fuga dela. Os relacionamentos, em sua grande maioria automatizados, são marcados pela solidão. Isso também ocorre nas relações de prostituição, onde homens e mulheres se buscam, se procuram, mas também se resguardam. O dinheiro os protege, torna a relação impessoal, mas há, ao mesmo tempo, uma quebra da solidão ou, pelo menos, de um tipo específico de solidão.

Ao contrário do que se espera em uma troca monetária, a relação baseia-se na confiança mútua e não apenas no dinheiro. Há um acordo entre as partes e isso possibilita a relação. Assim, a quebra da confiança prejudica a relação de prostituição. No entanto, constantemente rompem-se os acordos e regras firmados no momento da negociação: mulheres

são estupradas e agredidas; homens são drogados e roubados; enfim há inúmeras formas de desfazer o pacto anteriormente firmado, quando isso ocorre, na maioria das vezes, o lado mais fraco arca com as conseqüências, sejam elas materiais (o não pagamento, as marcas corporais, etc.) ou psicológicas (traumas, fobias, etc.).

Os clientes quase sempre saem ilesos das agressões cometidas contra as prostitutas, pois elas não têm o apoio da sociedade: seus gritos, necessidades e dificuldades não ecoam. Na experiência do dia-a-dia elas aprendem a se defender e a levar vantagem das situações que vivenciam. Não são simplesmente vítimas, embora muitas vezes o sejam.

A quebra das regras implica em um desacordo com os papéis desempenhados e, portanto, coloca todos os envolvidos em risco, já que na prostituição, especialmente aquela que tem lugar nas ruas, ocorre à busca de um tipo determinado de companheirismo que se assenta na confiança mútua e se localiza muito mais nos papéis desempenhados do que no indivíduo. Logo, se ela é completamente extirpada, não pode haver relacionamento e nenhuma sociabilidade é criada.

De forma geral, posso afirmar que o sexo é amplamente comercializado a partir dos mais diversos segmentos da sociedade, isso porque ele é visto como algo prazeroso, que remete à alegria, à diversão, ao lúdico, à relação entre pessoas que se encontram. Apesar disso, nem sempre o encontro apresenta dimensões tão positivas ou quebra de fato com a solidão da cidade. Na prostituição que tem lugar na Praia do Meio, por exemplo, conforme pude ver nos contatos com as prostitutas, algumas vezes a solidão é quebrada, mas pode também ser reforçada até mesmo pela presença do outro.

Em nosso tempo, a solidão é um efeito das relações predominantemente societárias e o tipo de solidão de que se fala, mais especificamente da sociedade do dinheiro, é, nas palavras de Simmel (1990), a determinação positiva do indivíduo através da socialização negativa. A

solidão implica não uma mera ausência de relacionamentos, mas, ao contrário, uma relação muito específica com eles. A cidade cria um novo tipo de solidão, a que se expressa no estar só na multidão. As pessoas, ou para melhor dizer, o indivíduo encontra-se envolvido em uma multidão anônima.

Como disse anteriormente, com o desenvolvimento da economia monetária, as pessoas tornam-se menos dependentes dos indivíduos específicos e mais das funções exercidas por eles. Isso muda drasticamente as relações; há um isolamento do outro; não se conhece o vizinho; as pessoas são descartáveis, porque, em muitos casos, não sendo o elemento subjetivo que determina a interação entre elas, aquele que exerce a função pode ser mudado facilmente a qualquer tempo, sendo substituído por outro, desde que saiba desempenhar o papel para o qual é requerido.

Embora, como afirma Simmel (1990), cada vez mais estejamos imersos em uma relação de dependência com a totalidade da sociedade através, de um lado, da complexidade das necessidades e, de outro, da especialização das habilidades dos indivíduos, somos independentes de qualquer membro específico, porque seu significado para nós pode ser facilmente produzido por um grande número de outras pessoas com diferentes personalidades, através de um interesse completamente expresso em termos de dinheiro.

Na prostituição não é diferente. Quando não está em jogo o ser humano, mas a função, a quantidade é o elemento determinante; como exemplo eu poderia citar a busca de alguns clientes por experimentar e vivenciar inúmeras sensações, para tanto, procurando, todos os dias, novas mulheres e o prazer que elas podem oferecer, sem que alguma delas seja insubstituível; a fugacidade da relação é que a torna atraente.

- Tem uns aí que é todo dia uma diferente. Todo dia uma diferente. **(Keyla, 19 anos)**

A constante mudança, a busca do novo, impetrada pelos clientes parece corroborar a idéia de Simmel (1990) de que os habitantes da metrópole moderna são independentes no sentido positivo da palavra, pois, embora precisem de inumeráveis servidores, trabalhadores e cooperadores e estejam perdidos sem eles, o relacionamento assenta-se em bases objetivas e parece estar incorporado somente no dinheiro e no exercício de determinadas funções. Assim, mesmo no universo das relações de prostituição, o cliente não seria dependente de nenhuma prostituta como indivíduo particular, mas somente dos serviços objetivos que se expressam no preço pago em dinheiro e podem, além disso, ser realizados por qualquer outra mulher ali presente.

Parece não haver dúvidas quanto a tal fato, mas será isso mesmo o que ocorre? Eu afirmei, em um momento anterior, que a prostituição possibilita o encontro e, dessa forma, quebra o isolamento da cidade. Assim, se ela não se restringe ao econômico, mas a uma troca sócio-afetiva, é preciso tornar a afirmação acima mais relativa. Nela, aquilo que poderia ser reduzido a uma transação meramente econômica e impessoal toma, em grande parte das vezes, outra feição. Até mesmo a dependência em relação à função e não ao indivíduo que a presta remete a uma sociação.

O momento da negociação aproxima as pessoas; ocorre uma satisfação por parte de todos os envolvidos na troca, seja pela obtenção do preço almejado, pela realização do desejo sexual ou pelo exercício da função. Os sentimentos impregnam a prostituição e com isso criam uma dependência, mesmo momentânea, da pessoa. À medida que mulheres e clientes se aproximam uns dos outros, a relação vai se modificando e o outro sendo percebido para além da mera função que exerce. O ato sexual, mesmo no universo da prostituição, pode quebrar o isolamento e possibilitar o encontro; ao trazer à tona o lúdico e o prazer, é capaz também de possibilitar a satisfação do estar com o outro, de se relacionar com mais alguém.

A socialização traz à tona sentimentos e emoções diversas. Mesmo rápido, o encontro pode ser marcante. Nele, prostitutas e clientes vêem, ouvem e são escutados e, ao se ouvir e se falar, deixa-se algo de si; constrói-se uma teia, quebra-se o isolamento e o encontro é promovido. A sociedade se tece a partir de milhares de fios, de relações que ligam as pessoas umas às outras. Na prostituição, mesmo as relações rápidas podem ter um significado para além do instante; podem quebrar a solidão. Atar *eus* em *nós*, cujos laços nem sempre são fáceis de quebrar.



**AFETIVIDADE E AMOR NAS RELAÇÕES DE  
PROSTITUIÇÃO**

## 5 AFETIVIDADE E AMOR NAS RELAÇÕES DE PROSTITUIÇÃO

*Tudo na vida tem seu preço, reza o ditado popular  
Por que tu, tão bela, não valerias teu peso em ouro?  
Por que darias sem cobrar o que tem tanto valor?*

*Dizes o preço: - Quinhentos! – sem pestanejar  
Para te ter, espoliarei com prazer o meu tesouro  
Comprarei para mim, centavo por centavo, o teu amor.  
Cefas Carvalho (Trecho do soneto: Ao amor que tem seu preço)*

Sob o signo da economia do dinheiro tudo é transformado, até mesmo os sentimentos, o amor e a forma de vivenciar as relações afetivas. Nesse capítulo tentarei compreender em que aspectos a economia monetária modifica ou influencia a afetividade e o amor nas relações de prostituição que têm lugar na Praia do Meio, sem perder de vista que tais relações se inserem em um contexto onde domina o individualismo, a solidão, a atitude *blasé*, as relações mercantis, mas também relações humanas com toda a sua complexidade, contradições e surpresas.

Nesse capítulo, darei especial ênfase à idéia de amor, levando em consideração que, na economia do dinheiro e, conseqüentemente, no amor que se localiza dentro dela, predominam fortes traços do individualismo moderno, sem o qual, por mais paradoxal que possa parecer, o amor tal qual nós o percebemos e vivenciamos não seria possível em nosso tempo e espaço.

O amor modifica-se sob o signo da economia monetária. As práticas de prostituição, por sua vez, o re-significam, mas não o negligenciam ou anulam, ao contrário, ele é uma idéia fortemente presente em seu interior, tanto no sentido da busca do amor apaixonado ou romântico, quanto no sentido do amor pela família, pelos filhos, etc.

Mas, como dinheiro e amor que, a primeira vista, são representados como elementos antagônicos ou pelo menos de forma absolutamente separada, são conciliados dentro da prostituição? Essa é apenas uma primeira indagação, da qual surgem inúmeros questionamentos, dentre eles, a mim interessam mais especificamente: o dinheiro modifica o sentido do amor no

interior das relações de prostituição? como as mulheres significam o amor? o que sexo, amor e dinheiro tem a ver uns com os outros a partir da percepção dos sujeitos envolvidos? quais sentimentos estão presentes nas relações de prostituição? e como dinheiro e sentimentos convivem em tal relação, tendo em vista que o discurso do amor nega a necessidade do dinheiro e chega mesmo a se antagonizar com ele?

Tais perguntas são o fio condutor do capítulo e mesmo que a discussão, dada a sua complexidade, não possa ser esgotada nos limites desse trabalho, apresento a partir das falas das mulheres com as quais mantive contato e do diálogo com determinados autores, a problematização de alguns dentre os variados aspectos presentes no debate da prostituição e do dinheiro.

### **5.1 MENTIRAS SINCERAS: DINHEIRO, PROSTITUIÇÃO E AFETIVIDADE**

Nos capítulos anteriores, tentei compreender a prostituição como uma relação marcada por um tipo específico de comercialização que, tendo o dinheiro como mediador e estando inserido em relações societárias, constrói em nossos dias uma sociabilidade com características bem particulares. Afirmo também que no projeto do dinheiro e da prostituição, especialmente aquela que tem lugar na rua, o espaço para a afetividade é bem reduzido, mas, ao contrário do que poderia se supor ele existe e pode ser facilmente observado nas relações da prostituta com o cliente fixo, ou mesmo em suas relações afetivas, se levamos em conta que, na maioria, os relacionamentos por elas vivenciados são construídos no interior da prostituição.

O que me leva a concluir que, na prática, as relações humanas são muito mais complexas do que poderia supor e mesmo em uma relação mediada pelo dinheiro, com toda a sua frieza, indiferença e racionalidade, o elemento humano tem um papel fundamental e como tal

também estão presentes emoções e sentimentos que ora dão o tom, ora são negligenciados como parte do processo.

A prostituição constituir-se-ia como uma mentira sincera, já que é uma relação fabricada, uma comercialização do prazer e como tal é transparente. Todos os envolvidos na relação sabem o que podem esperar dela e, assim, assumem seus papéis, vivenciando-os de acordo com *scripts* pré-estabelecidos. Por que uma mentira sincera? A expressão é da música *Maior abandonado*, de Cazuza e Roberto Frejat, que sempre me intrigou: como uma mentira pode ser sincera? é possível existir sinceridade em uma mentira?

Estudando a prostituição, penso que começo a compreender a expressão ou, pelo menos, passo a dar o meu próprio sentido a ela. A prostituição é, ao mesmo tempo, uma mentira e uma verdade. Uma relação da qual não se espera muito, a não ser sexo e dinheiro e, nesse sentido, ela pode ser considerada sincera. No entanto, aí também reside a grande mentira. Pensar a prostituição apenas como uma relação comercial é negar seu pertencimento às relações humanas. Nenhuma relação entre seres humanos é tão simples e previsível. A prostituição, sendo uma delas, não poderia ser diferente e é, nesse sentido, que, a meu ver, ela pode ser considerada uma mentira sincera.

N – Uma pergunta minha em particular, uma curiosidade, você sente prazer na cama?  
(Referindo-se aos clientes)

E – Uns sim, outros não.

N – Acontece ainda de sentir?

E – Lógico que eu num tô morta. Tô viva. **(Eliane, 23 anos e Nicolau, 24 anos)**

- É, porque com o meu namorado eu faço por amor, né? Tô sentindo ali tesão por ele, e pelos caras, não.

- Ah, é porque a gente sente quando o cara gosta da gente mesmo. E aqui já é um trabalho. A gente sente assim como um trabalho. Com o cara da gente, não. Com ele não é trabalho. **(Cláudia, 29 anos)**

- Não porque, porque é um trabalho normal. Você vai só pra ser usada mesmo, ninguém sente atração. É diferente demais. Sempre existe uns bonitos, bonito, cheiroso (risos). **(Cláudia, 26 anos)**

Pensamos as prostitutas como objetos, como indivíduos desprovidos de sensações. Seres humanos têm sentimentos. Às prostitutas é preciso perguntar. Ninguém pergunta se o professor ainda sente prazer em ministrar a mesma aula repetidas vezes; parece não ser importante. Tampouco, queremos saber se uma empregada doméstica é capaz de amar, pois parece óbvio que sim. Mas das prostitutas retiramos a dimensão do prazer, do amor, enfim, das emoções e sentimentos. Elas não são pensadas como seres humanos, mas como prostitutas, e ser prostituta, a partir do imaginário popular, significa ser objetificada, perder a dimensão humana.

No entanto, mais uma vez a realidade pode surpreender. As prostitutas sentem prazer, têm emoções e como seres humanos que são experimentam os mais diversos sentimentos. No discurso das mulheres, há uma clara delimitação entre o cliente e o companheiro ou companheira<sup>69</sup>, ou seja, o cliente é aquele com quem se negocia, mesmo que haja alguns sentimentos rodeando e preenchendo a relação, não se trata de amor ou compromisso sentimental. Com aquele ou aquela com quem se mantém um laço afetivo-sexual ocorre o processo inverso, mesmo o dinheiro sendo um dos componentes da relação, não é ele que dá o tom. O amor, o prazer, a atração e a entrega são seus principais componentes e eles sim valorizados como elementos primordiais para que o encontro aconteça.

Além disso, em alguns momentos sente-se prazer com o cliente e a atração, mesmo que seja sublimada pelas mulheres, também pode fazer parte da relação, o que se percebe, por exemplo, na afirmação de Cláudia que, após negar a existência da atração, chama a atenção para a possibilidade dela, já que, em suas palavras, *sempre existe uns bonitos, bonito, cheirosos*. Ao contrário do que se poderia pensar, nem sempre o programa é um sacrifício, há momentos em que

---

<sup>69</sup> Utilizarei o termo companheiro por facilitar a fluência do discurso, mas, vale ressaltar, que as mulheres falam de maridos, companheiros e companheiras, namorados e namoradas e amantes, quando se referem a sua vida afetiva. Tais nomeações remetem ao mesmo sentido que comumente se utiliza na sociedade abrangente, ou seja, remetem a variados tipos de relações.

o desejo aflora de ambos lados. Assim como nem sempre a relação sexual com o companheiro ou companheira é sinônimo de prazer, desejo e satisfação.

Há uma infinidade de sensações, sentimentos e emoções que compõem a sexualidade humana. Pensar a prostituição apenas como uma troca monetária e as relações afetivo-sexuais como estando sempre permeadas por sentimentos positivos é negar a contradição e a diversidade das relações que o ser humano é capaz de construir. Por outro lado, também, não é possível negar que, na prostituição, à medida que se organiza como uma relação mercantil, predomina a dimensão monetária em detrimento da afetiva.

Dir-nos-ia Bernstein (2001) que a prostituição pode ser pensada como uma relação transparente, verdadeira, inserida em um contexto onde não há mentiras. O cliente deseja sexo, prazer, o que está claro quando ele procura uma prostituta. Ela, por sua vez, deseja o dinheiro e as possibilidades que ele pode lhe oferecer, o que também está evidente. De forma geral, nenhum homem ao procurar uma prostituta pensa em encontrar amor, assim como ela também não espera isso dele.

- Olha, eu tenho pra mim claro que é um negócio, entendeu? Então eu não busco amor, num tô buscando carinho, num tô buscando nada, tô buscando a brincadeira, não só o sexo, mas também a brincadeira que rola; essa coisa mais farrista que o brasileiro tem e, normal, não tem o lado sexual, mas cê tá buscando o carinho, sempre gosta que a pessoa passe a mão em você e na prostituição eu pelo menos não espero isso, sei que outras pessoas buscam isso, pra mim eu não busco isso, busco a brincadeira e o sexo em si.  
**(Moises, 33 anos)**

Não se busca carinho, mas ele algumas vezes é um bônus na relação. Não se quer amor, mas a paixão pode ocorrer e vir a se transformar em uma forte afeição. Não se procura atenção, mas muitos homens apenas conversam com as mulheres, querem ter alguém que lhes ouça e elas, por sua vez, valorizam isso. Enfim, são muitos os exemplos daquilo que não se busca. É preciso não esquecer que sempre que o ser humano traça um determinado caminho ou

opta por viver uma dada experiência faz algumas projeções quanto ao que espera dela, mas no contato com o outro há sempre surpresas, aquilo que não se projetou é muitas vezes o que tem lugar e o que se reafirma na situação vivenciada, não havendo como fugir disso. O novo é uma possibilidade da qual não se pode fugir.

Poder-se-ia afirmar que, nas relações de prostituição, os homens não estão interessados em relacionamentos sérios e escapam a isso sem grandes problemas. As regras são claras. Para muitos dos clientes com quem mantive contato, uma das maiores virtudes do comércio sexual é a natureza clara e limitada do encontro. A transparência da relação só pode ser afirmada a partir de um sentido determinado, mas é preciso levar em conta que há conteúdos simbólicos que perpassam a relação e estão presentes em ambos os lados.

Quero aqui chamar a atenção para o fato de ser o encontro limitado também em relação ao amor, mas não aos sentimentos de forma geral. A afetividade está presente mesmo nas relações de prostituição. Prostitutas e clientes escolhem-se mutuamente; há sentimentos de aversão e simpatia, piedade e indiferença, atração e repulsa, paixão e ódio.

As mulheres da Praia do Meio estão conscientes disso. Sabem que precisam se mostrar atraentes e desejáveis, e assim o fazem. Escolhem e são escolhidas pelos homens que as procuram. Uma relação que pode, à primeira vista, parecer mecânica é, na realidade, perpassada por inúmeros sentimentos, emoções, sensações e necessidades.

Há um jogo de sedução que tem mão dupla. Homens e mulheres se seduzem mutuamente. Os homens não querem apenas sair com uma prostituta, mas com uma entre aquelas que se encontram no local. As mulheres, por sua vez, também utilizam ou não certas estratégias para sair com determinados clientes, desde que eles as agradem. Os critérios, logicamente, não são apenas estes. Há outros mais objetivos, como a quantidade de dinheiro que se tem ou que se

busca, a aparência que pode ou não expressar o uso de drogas ou mesmo uma certa higiene pessoal, por exemplo.

- E quem é que seduz? Ela é que seduz ou você...?

- Os dois. Principalmente elas. O homem seduz... No momento que... Por exemplo: na hora de baixar o preço, o que eu pareço notar é que a mulher tem a tendência mais fácil de baixar o preço e ceder em algumas coisas,... Uma diz – Não, mas eu só fico uma hora! – Minha querida, fique duas horas! Que é isso?! Outras, quando sai eu e outra pessoa, geralmente eu e Moises, eu e outra pessoa,... - aí depois tem que trocar! – ah não! Só com um! – mas minha querida...! Quer um cara mais lindo que esse? Um homem simpático desses... Aí começa a rir assim,... Ou seja, entendeu? É um jogo de sedução porque elas vão ter que dizer assim: - *não, mas é assim ou então é nada. É pegar ou largar!* Ela pode até pegar... Mas já entra... Entendeu? **(Caetano, 33 anos)**

- Acho que vai mais do desenrolar dela. Eu, eu particularmente escolho muito pelo carisma da pessoa. Adoro gente metida que saiba conversar muito, que num se enrole. Eu geralmente escolho por isso. Geralmente eu escolho a mais falante ou aquela mais gaiata que fica fazendo brincadeirinha ou uma que mexeu comigo, soltou uma piadinha de algum jeito que eu gostei. Eu penso: - *Ah, aquela é mais bonita, mas essa aqui é gente boa e tal, num sei quê.* Geralmente o meu critério de escolha é esse. **(Damião, 22 anos)**

- Porque eu só faço aquilo que me agrada. Se der pra mim eu vou, se num dê eu num vou. Tem muita amigas minha que não, o que rolar, tá rolando, tá pagando. **(Vanessa, 25 anos)**

- Tem a diferença, porque às vezes a gente, sai, tem re..., aquele tipo de relação, que a pessoa faz com amor e tem aquela que a pessoa faz só pra satisfazer o cliente da pessoa, mas a relação mais horrível que tem é quando a pessoa não gosta do parceiro que vai transar e quando não gosta nem um, até o cheiro da pessoa irrita a pessoa, sabe? Aí aquele programa fica: - *Vamo, vamo logo, vamo logo.* Aí às vezes os cliente não gosta, mas aí eles tão pagando, a gente tem que ficar até o final, tá entendendo? Porque se não é arriscado eles tomar o dinheiro. É arriscado eles num querer pagar. É arriscado eles deixar a gente no motel com o dinheiro do programa que a gente tem, tá entendendo? Pra gente pagar o motel. É assim, a pessoa tem que pensar muito. Tem que pensar duas vezes pra entrar nessa vida. **(Indiara, 19 anos)**

- É, a gente tá, sempre em grupos, às vezes só. Eles param, chamam, marcam o preço do programa e a gente sai. Geralmente se tiver um grupinho de 4, 5, ele diz: - *Eu quero aquela que tá de roupa tal.* Aí a gente, aí a, se num for uma muito mafiosa<sup>70</sup>, como tem umas que diz: - *Aquela ali é um travesti, né?* Aí a gente já perde o programa. Ela fica com raiva porque vai pro carro e o rapaz num quer. Pede pra chamar ela diz: - *Aquela ali tem uma doença, alguma coisa.* Sempre queima<sup>71</sup>, mas se for uma pessoa legal, não, uma gata<sup>72</sup>, como a gente chama as boy<sup>73</sup>, né? As gata. Se for uma gata legal<sup>74</sup>, ela vai chama a gente e a gente vai também. **(Kátia, 23 anos)**

<sup>70</sup> Pessoa em quem não se pode confiar; cheia de armadilhas.

<sup>71</sup> Falar mal, atacar; denegrir a imagem do outro.

<sup>72</sup> No contexto utilizado, refere-se à prostituta.

<sup>73</sup> Pode ser empregado para se referir a uma prostituta ou a qualquer outra mulher. Em geral, designa uma mulher jovem.

Homens e mulheres tentam seduzir, atrair, encantar. Para tanto, conversa-se, argumenta-se, insinua-se. Mostra-se aquilo que se tem de positivo ou atraente. Há sentimentos, simpatiza-se, sente-se tesão, agrada-se ou desagrada-se o outro. O olhar é o primeiro elemento considerado, mas a partir do momento que ocorre a aproximação outros aspectos passam a entrar no jogo. Para o homem, o jogo de sedução, na maioria das vezes, está ligado às baixas conseguidas no preço, nas quais o carisma pessoal de ambas as partes estão em jogo.

Na prostituição, enquanto homens e mulheres se seduzem, se escolhem, a sedução passa não só pelos atributos físicos e intelectuais, mas também pelo dinheiro e pelo poder que ele proporciona. E é, nesse sentido também, que posso afirmar que o dinheiro modifica e constrói sentimentos. Sua presença torna as pessoas mais sedutoras, interessantes. Ele modifica a própria aparência física e com isso torna homens e mulheres mais agradáveis ao olhar. Mas, mesmo sob seu signo pode haver repulsa, sensações e sentimentos negativos em relação ao outro que esbarram nos limites de cada um.

Assim, mesmo que a prostituição pareça se encerrar no pagamento em dinheiro, é possível perceber um outro modelo de afetividade, aquele possível de ser construído nas relações onde o elemento monetário é o mediador. Na prostituição, homens e mulheres são cúmplices uns dos outros. O silêncio marca a relação e preserva a individualidade daqueles nela envolvidos. A confiança é o elemento fundamental. É preciso acreditar, jogar o jogo, construir uma cumplicidade recíproca, mesmo que momentânea.

Prostituta e cliente, mesmo com objetivos bem definidos, lidam com suas preferências e aversões. Se na troca o dinheiro socializa os seres humanos como estranhos, pois,

---

<sup>74</sup> Prostituta confiável, amiga.

de um lado, promove distância, de outro, indiferença, por paradoxal que possa parecer, ele aproxima pessoas ou grupos que de outra forma nunca se encontrariam.

O dinheiro promove o encontro, a construção de uma relação que pode ultrapassar em muito a mera negociação econômica. Na prostituição, a relação é transparente: só há mentiras sinceras, pois ambos homens e mulheres, sabem o que querem e não há motivo para esconder suas necessidades e desejos. O dinheiro atua como um elemento de sedução, modificando comportamentos e até mesmo sentimentos.

De acordo com as idéias de Simmel, nas relações de prostituição, clientes e prestadores de serviços sexuais unificam-se; há uma interdependência entre eles que, ao mesmo tempo, os separa e os une. A impessoalidade e a ausência de cor e substância do dinheiro torna-o diferente de todos os outros valores e coisas. Ele transforma o que é diferente em igual.

Nos dias atuais, o dinheiro está altamente implicado na construção da identidade do ser humano. Na compra do sexo por dinheiro, a diferença, a linha que separa o eu e o outro é eliminada. O sexo, ao contrário do dinheiro, iguala as pessoas envolvidas no ato sexual. O poder é recíproco, não pertence a ninguém especificamente, salvo no momento em que é preciso reafirmá-lo, seja através da violência, do exercício da força, da negação dos direitos ou, até mesmo, na rejeição da vivência de práticas específicas.

Talvez por isso mesmo a referência à violência seja constante nos depoimentos das mulheres da Praia do Meio. Quase todas contam histórias envolvendo diversos tipos de agressões e aquelas que não as sofreram diretamente referem-se a situações vivenciadas por amigas ou colegas de profissão. A violência rompe duplamente com o projeto da prostituição, seja porque aniquila o acordo fundado na confiança entre as partes, seja também porque expressa emoções e sentimentos como revolta, raiva e superioridade.

- Eu sofri no começo com a violência. Saia com os homens, os home num queria me pagar e lá era a confusão. Eu levei xexo três vezes. Mas eu me considero uma pessoa bem abençoada nessa vida, porque foram poucas as vezes que eu fiquei com homens que num queriam me pagar, que, nunca bateram em mim. Nunca chegou nenhum homem a bater em mim. Graças a Deus! Eu me considero uma pessoa de sorte nesse sentido, né? **(Kátia, 23 anos)**

- Tem muitos home chique, que é homem veado, quer dar o boga, mas num parece. Tem muito cafuzuzinho, mas que são legal, que ajunta todo dinheirinho só pra lhe dar. E tem uns que quer bater, quer lhe dar xexo, quer comer de graça. **(Vanessa, 25 anos)**

- Já. Uma vez eu tava aqui na praia aí o cara já me levou lá pro lado de Macaíba, nas quebradas<sup>75</sup>, tinha feito tudo comigo e aí na hora de pagar ele não queria pagar. Aí começou a dar porrada em mim. Aí eu passei uns quinze dias sem vir na praia. Fiquei com aquele trauma na cabeça. Aí depois voltei e pronto! Foi a única vez. **(Cláudia, 29 anos)**

- Porque tem pessoas que acha que tá pagando, dá uma mixaria a você, um exemplo, 10 reais. Aí quer explorar, chega tem que fazer isso. Eu não aceito, então naquela hora eu me revolto. Boto uma faca em cima, ou então dou-lhe uma reada<sup>76</sup> segura, ou então tiro a chave do carro, saio correndo (risos). **(Eliane, 23 anos)**

Segundo Kátia, na prostituição, não apanhar é uma questão de sorte. As agressões são corriqueiras. Na rua, as mulheres estão por sua conta e risco. Os policiais vêm-nas, quase sempre, como possíveis agressoras e não como vítimas, o que colabora e facilita a violência e o rompimento da negociação acertada por parte do cliente.

É preciso chamar a atenção para um traço característico da violência. Na maioria das situações, ela está ligada a sentimentos específicos como revolta, raiva, enfim, emoções extremas, algumas delas advindas do próprio preconceito para com a prostituta, ou encarada como uma forma de defesa em uma determinada situação.

Ela rompe em muitos aspectos com o projeto da prostituição, seja porque desfaz a confiança em que a relação inicialmente se baseia, seja porque foge às regras do mercado. Além desses fatores, gostaria de destacar um elemento característico: ela quebra principalmente com a idéia de que, na prostituição, não cabem sentimentos. Traz à tona a dimensão negativa deles, mas torna-os vivos e vibrantes, colocando as emoções à flor da pele.

---

<sup>75</sup> Lugar distante, esmo; em geral deserto, escuro e de difícil acesso.

<sup>76</sup> Rasteira, empurrão; qualquer ação que tire o outro do caminho.

Se as relações de prostituição são marcadas por uma dependência mútua em que clientes e trabalhadoras do sexo estão amarrados um ao outro para manter qualquer tipo de negociação, a violência rompe o contrato e expressa-se de diferentes formas, desde o não pagamento, a agressão física, a imposição do medo, até a humilhação.

Ela sempre se caracteriza como uma forma de subjugar o outro e se explicita através do poder, que se exerce sobre os corpos e mentes de homens e mulheres. A violência é uma expressão negativa de emoções e, portanto, faz aflorar os mais diversos sentimentos que, de um determinado ângulo, mais uma vez reafirmam a humanidade dos envolvidos na relação.

Mesmo de maneira negativa, ela traz à tona a possibilidade de ir além da mera negociação. É uma forma de discriminação, que, segundo Pinsky (1999), pode ser entendida como o preconceito em ação e demonstra uma percepção estereotipada e estigmatizante das mulheres que se prostituem representadas como inferiores e consideradas como objetos, mas objetos possíveis de serem amados, odiados, desejados, rejeitados, conquistados e não meramente indiferentes aos demais seres humanos.

O contato com o outro, por mais reservas que se tenha, não ocorre sem que algumas emoções entrem em cena. E é precisamente por isso que é preciso se proteger, se tornar *blasé* ou cultivar uma *atitude blasé*. No entanto, há situações em que os próprios sentidos contribuem para que não seja possível ignorar as pessoas com quem se mantém contato. Ela está ali presente; é preciso olhar, sentir o cheiro, tocar e, nesse processo, em muitos momentos, sensações e emoções vêm à tona, tornando o outro um ser presente e pelo qual não é possível ser indiferente.

- A gente se envolve com muita gente que não presta. A gente conhece cada qualidade de gente, que *Aí meu Deus do céu*. É cada um que a gente sai. Com aqueles cafuçu mermo, nego fedorento. Tem horas que eu digo: *Home, tome um banho ali, pelo amor de Deus!* Eu passo até meu perfume, às vezes nos homens. Eu gosto de andar com minha bolsa, com perfume. Pra botar perfume nos home, os home fedorento, é horrível. **(Kátia, 23 anos)**

Como ignorar um ser humano que perturba os sentidos ou mesmo os agrada? As mulheres, na maioria das vezes, computam os clientes como números, vivenciam as relações de prostituição de forma a mecanizá-las, protegem-se. Mas nem sempre é possível fazer isso, os sentimentos teimam em aparecer, mesmo que eles não estejam diretamente ligados ao outro, estão relacionados à própria forma como elas se percebem. No depoimento de Kátia, é possível observar isso: a aversão ao outro corporifica-se na própria rejeição da prostituição, do nojo de si mesma que, ao passar perfume no cliente, parece tentar minimizar as feridas do próprio eu.

Ocorre um processo similar ao da fetichização, mas, nele, objetificam-se os seres. No entanto, no âmbito das relações de prostituição, não é possível perder de vista que ocorre um encontro, indivíduos se descobrem, se acham, se esbarram para romper com um tipo específico de solidão, aquela em que se está fisicamente só. A solidão existente na prostituição se assemelha àquela da metrópole em que se está sozinho na multidão.

O elemento monetário ao mediar a relação a transforma, mas também é transformado por ela, pois aparece como uma perversão de um valor considerado sagrado. Dito de outro modo, o sexo ou o corpo trocado pelo dinheiro nega o amor que é tido como um valor fundamental em nossa sociedade e pensado, de um certo ponto de vista, como o elemento que caracteriza o que é humano na relação sexual. Amor e dinheiro aparecem como antagônicos. São como água e óleo, não se misturam. O dinheiro nega os afetos e é sentido como algo prejudicial a eles, especialmente no âmbito da prostituição, já que ele aparece como a negação dos sentimentos que, pela sua presença, são remetidos a outros planos.

- Não, relação não tem. Tem, tem uma enrolação com isso aí, geralmente, tem muitas meninas aí que amam um cara, só amam quem tem muito dinheiro, só se, só tem relacionamentos afetivos com quem tem muito dinheiro, com quem tem carrão e, mais eu acho que isso num é uma forma de amor não, é uma forma de, essas menininhas aí tentarem se estabilizar no futuro. Então, aquele tipo de mulher que também não confia em si própria, no próprio talento e que vá crescer um dia e se tornar uma pessoa que

ganhe o próprio sustento, mas com amor realmente não. Acho que não tem não. **(Joaquim, 50 anos)**

- Existe alguma ligação entre dinheiro e amor?

- Eu acho que, um exemplo, meu namorado não tem aquela condição que outras pessoas aqui chega e tem. Mas ele não tem e eu quero ele. E esses daqui têm condições de ter alguma coisa, - *Ah, você é muito bonita, ligue pra mim, não sei o quê.* E eu: - *Não, não, não, me afasto ...* E é aquilo tudo, entendeu? **(Pâmela, 19 anos)**

Relacionar amor e dinheiro vai de encontro a tudo que se aprendeu e introjetou sobre amor. As prostitutas, ao negarem a ligação entre amor e dinheiro, reafirmam o discurso social do amor como algo sagrado e o dinheiro como uma coisa, ao mesmo tempo necessária e suja, impregnada por uma dimensão negativa que, não deveria estar ligado a um sentimento tão puro como o amor.

O dinheiro, no imaginário social, aparece como o contraponto do amor. Dinheiro e amor são vistos como contrários, como estando em pólos opostos e, é preciso dizer, ao mesmo tempo, complementares. O amor é um sentimento que estaria acima de qualquer interesse monetário, sustentar-se-ia por si mesmo, não necessitaria de justificativas ou coisas concretas para ampará-lo, existiria como uma dádiva para o ser humano.

No entanto, negar a relação entre amor e dinheiro não é somente uma idealização do amor, mas, no caso da prostituição, remete a uma percepção e, principalmente, a sua separação de outros âmbitos da vida das mulheres e homens que estão de algum modo ligados a ela. Mulheres e homens falam de um tipo de amor, de uma noção histórica de amor, revestida de valores e atitudes legítimos apenas em nossos dias.

Não se pode perder de vista que o conceito de amor é historicamente construído, sendo revestido de valores e atitudes de acordo com a época e com a sociedade em que se situa. Sem negar ou mesmo negligenciar o idealismo que se apresenta por trás dessa noção, para fins de análise, faz-se necessário pensar o amor em um sentido mais amplo, como um mediador de

relações sociais que se transformam cotidianamente e cujas modificações repercutem diretamente nas representações e vivências que o cercam.

A noção de amor não é estática, como não são estáticas também as experiências e percepções dos homens e mulheres em relação a ele. E se, como me faz crer Simmel, a sociedade é uma rede de sociações, tecidas incessantemente de tal forma que de qualquer ângulo é possível alcançar qualquer ponto, sentimentos, amor e dinheiro não estão completamente separados, mas tocam-se em alguns momentos e, ao se tocarem, modificam-se mutuamente. Assim, não posso deixar de ter em conta que, na sociedade onde predominam relações monetárias, o amor assume características peculiares.

Em primeiro lugar, em nosso tempo, o amor está ligado à capacidade do indivíduo; ele aparece relacionado ao fortalecimento da individualidade que é característica do moderno e fortemente amparada no desenvolvimento da economia monetária. Em outras palavras, o dinheiro criou as possibilidades para que os interesses individuais se sobrepusessem aos coletivos e com isso contribuiu para o surgimento de um tipo específico de amor, enquanto esfera pertencente exclusivamente ao indivíduo.

O eu ama, sente, sofre, chora, ri. Os sentimentos, na era moderna, estão na esfera do indivíduo. Cada pessoa vivencia individualmente suas dores, alegrias e emoções, e só por uma decisão pessoal as divide com outras pessoas. Tudo isso parece óbvio, mas não o é. A individualização dos sentimentos e emoções representou uma forte cisão com a idéia de comunidade. Nela, os sentimentos pessoais só eram importantes se remetidas ao grupo, às dores, às alegrias e às necessidades da coletividade, o que dificilmente ocorre nos dias atuais.

Por outro lado, não podemos pensar, mesmo na modernidade, sentimentos e emoções como estando tão somente na esfera do indivíduo. Eles também se relacionam com o social, é

claro que de forma diferenciada daquela que ocorria em comunidade, mas, ainda assim, há uma percepção coletiva do que é significado como tristeza, alegria, dor, satisfação, amor, ódio.

Mesmo em uma sociedade marcada pelo individualismo, não é possível falar em nenhum domínio da vida humana desligado do social, do coletivo; até os sentimentos que parecem apenas estar na esfera de pertencimento do eu são referendados pela instância da coletividade. Como nos faz crer Ferdinand Tönnies (apud MIRANDA, 1995), não é possível haver, em nenhuma época ou espaço, modelos societários ou comunitários puros. Assim, eles estão em movimento e convivem em uma relação dialética também na modernidade. *Diferentes segmentos do real, ou se quiser, esferas da realidade, possuem o seu ritmo próprio, e isto implica em reconhecer que as diacronias, as simultaneidades, são mais das vezes perpassadas por tensões. Há temporalidades diversas que são contemporâneas* (WAIZBORT, 2000, p. 176).

Mesmo que não possa falar em uma sociedade ou comunidade puras, é possível afirmar que vivemos a época da economia do dinheiro e ela, por sua vez, transforma os sentimentos e, dentre eles, o amor. O individualismo está na base das emoções, as quais se baseiam quase que exclusivamente nos interesses pessoais de cada indivíduo em particular, o que implica na necessidade de que os laços comunitários, nos quais os valores coletivos se sobrepõem aos individuais, tenham sido, em muitos aspectos, superados. Na sociedade do dinheiro, é o indivíduo que ama ou odeia, deseja ou rejeita um outro indivíduo, independentemente do grupo a que pertence. O amor é vivido como uma experiência pessoal e única, como um sentimento que está na esfera de pertencimento do eu.

Os afetos e os desafetos estão no campo da sociabilidade, das relações humanas, e eles existem nas relações de prostituição, mesmo naquelas consideradas hierarquicamente inferiores como é o caso da prostituição de pista. As relações são engendradas no dia-a-dia entre

as mulheres e também a partir de um instante específico com os clientes. Elas podem ser rápidas ou demoradas, terminar após alguns minutos ou demorar anos.

Não há como saber o que vai ocorrer quando seres humanos se encontram, quando corpos se tocam e solidões se aproximam, mesmo que tudo isso ocorra pela mediação do dinheiro, a dimensão do humano na relação é capaz mesmo de transformar o próprio dinheiro no processo e ser ao mesmo tempo modificada por ela.

## **5.2 PROSTITUIÇÃO, AMOR E AFETIVIDADE SOB O SIGNO DO DINHEIRO**

Paradoxalmente, na sociedade do dinheiro, fala-se muito de sentimentos. A solidariedade, a amizade, a compaixão, dentre muitos outros, estão na ordem do dia, mas nenhum deles é capaz de nem mesmo se aproximar da importância que é atribuída ao amor como elemento primordial, mesmo para a existência da nossa sociedade.

Os sentimentos e emoções são elos importantes para que os seres humanos se relacionem uns com os outros. Através deles, relações são erigidas e as pessoas passam, à medida que travam contato e constroem laços afetivos entre si, a ter uma certa responsabilidade uns com os outros. Nenhuma relação entre seres humanos prescinde de sentimentos e ou emoções. Eles sempre estão presentes, seja em sua dimensão positiva, seja na negativa.

Atualmente, em uma sociedade marcada por relações monetárias, movimento, racionalidade e calculabilidade, a retomada de sentimentos como o amor, a solidariedade, o respeito, dentre outros, que alimentam valores considerados positivos, aparece como uma saída para a frieza que caracterizaria o contato entre as pessoas. O amor, por sua vez, aparece como a grande solução de que dispomos para enfrentar o isolamento, o racionalismo, o egoísmo, a competitividade e o individualismo exacerbado experimentado na era moderna. Ele se configura

como uma espécie de saída, a única coisa digna pela qual se pode e deve lutar; o herói, meio e meta do nosso tempo.

O amor é cantado e contado em verso e prosa. Todos os apelos para a existência de um mundo melhor têm-no como sustentáculo. Ele é a justificativa para todas as coisas; é como se sua reafirmação colocasse em xeque os elementos negativos da vida social, trazendo consigo uma gama de valores considerados positivos. De forma geral, os sentimentos positivos e o amor mais especificamente parecem conceder significado a um mundo percebido como desumano, frio e insensível.

Na prostituição, o mesmo processo parece ocorrer; se de um lado o dinheiro é tomado como justificativa, de outro, o amor também o é. Através dele as mulheres explicam a entrada e a continuidade na prostituição. Na Praia do Meio, o amor aos filhos e à mãe é repetidamente afirmado como motivo para se estar inserido em relações de prostituição.

É preciso prestar atenção a quem se ama e isso implica em dar uma vida mais confortável, com menos privações e maiores possibilidades de se ter ou ser aquilo que se quer. O amor implica no cuidado com o outro, o que, por sua vez, exige dinheiro. Ora, se quem ama cuida, quem cuida, por sua vez, abre um campo de possibilidades, garante a sobrevivência e o acesso a serviços e produtos. Dessa forma, o amor estaria diretamente atrelado ao dinheiro, pois ele é o elo intermediário entre as pessoas e a vivência de uma vida melhor. Assim sendo, no discurso das mulheres com quem conversei, a prostituição é o caminho para a consecução do dinheiro, é o veículo que garante sua sobrevivência e, conseqüentemente, é também uma prova de amor.

- (Falando sobre a mãe) Não, ela é doente. Ela tá esperando se encostar<sup>77</sup>. Quando ela se encostar, com umas coisas que ela tem, aí eu fico mais tranqüila. Eu vou trabalhar pra mim, só pra mim. **(Keyla, 19 anos)**

- Eu acho que é um dinheiro que a pessoa arrisca, né, até a própria vida, mas, né, a gente precisa. Eu mesmo tenho uma filha pra criar, então eu tenho que trabalhar, que cuidar da minha filha. **(Paula, 18 anos)**

- Pelo dinheiro que eu tivesse precisando, não só pra mim como pra minha filha. Faria tudo, só não morrer, nem matar ninguém. **(Valéria, 19 anos)**

Amor e dinheiro, no discurso das mulheres, aparecem lado a lado. Nada melhor do que tal sentimento para justificar a necessidade da prostituição. As mulheres prostituem-se porque amam seus filhos, suas famílias e, nos dias de hoje, amar não implica apenas em sentir, é também uma atitude para com o outro. O amor implica sacrifício por quem se ama e, nesse sentido, a prostituição cumpre esse papel. Aqui, não se trata de duvidar do sentimento presente em seu discurso, mas de chamar a atenção para a forma como ele se delinea.

Ao mesmo tempo em que quebra com o eu remetendo ao outro, que é parte de mim, o amor moderno<sup>78</sup> só se torna possível precisamente pelo rompimento com o nós. A afirmação é paradoxal, mas o amor moderno não pode ser entendido sem que se tenha a percepção exata do que isso quer dizer, o que, para mim, torna-se primordial, já que considero ser esse amor presente no discurso das mulheres da Praia do Meio: um amor contaminado pela lógica do dinheiro.

A noção de amor está em constante movimento, como estão também as experiências e percepções dos homens e mulheres em relação a ela. O que significa que, de um lado, a prostituta, por sua experiência de vida e mesmo pela sua inserção na prostituição, tem um modo característico de experimentar o amor, por outro, tal forma de vivenciá-lo não está desligada da

---

<sup>77</sup> Deixar de trabalhar, adoecer ou aposentar-se.

<sup>78</sup> Comumente, há uma necessidade de ao estudar o amor, tipificá-lo. Uma grande quantidade de autores o faz. Isso ocorre porque o amor não é uno, ele recobre uma gama de sentimentos. Aqui não considero necessário criar uma nova tipificação, já que poderei recorrer a outros autores, no entanto penso ser importante anotar que utilizarei especificamente o termo amor moderno para me referir ao amor que considero ser típico dos nossos dias e que não apenas remete para as relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres, mães e filhos, e possui uma certa racionalidade, dado o seu contato íntimo com a sociedade do dinheiro. No meu entendimento, é esse amor que as prostitutas indicam, um amor contaminado pela lógica do dinheiro.

sua condição social, do tempo e espaço em que se situa e da forma como a sociedade em geral o concebe.

A afirmação acima aponta para o fato de que tal sentimento não existiu desde sempre. Para que tomasse a forma que hoje tem, foi necessário que a sociedade criasse as condições para isso. Assim, o desenvolvimento da sociedade, em detrimento da comunidade com sua economia monetária e suas grandes metrópoles, estimulou a individualidade e a submissão da lógica social à econômica, criando as condições para o desenvolvimento e vivência de um tipo específico de amor baseado na experiência absoluta do sujeito.

A modernidade, que tem na economia monetária, ou seja, no surgimento do dinheiro, a sua principal característica, é também marcada por um processo de individuação e libertação. Essa liberdade e individuação significam uma maior mobilidade, separação em relação à comunidade. Esses aspectos formam seu traço típico: a mobilidade, ou seja, a possibilidade de movimento, que é interior (paixões, sentimentos, pensamentos) e exterior (laços com os quais se liga e se afasta).

Essa individuação e libertação possibilitam o aparecimento e o fortalecimento de um tipo de amor baseado nos interesses pessoais de cada um, o que implica na necessidade de que os laços comunitários, nos quais os valores coletivos se sobrepõem aos individuais, tenham sido, em muitos aspectos, superados. No amor moderno, destaca-se o indivíduo.

O amor é vivido como uma experiência pessoal e única. E é ele que está presente nas falas das prostitutas e também dos clientes; um amor individual, pautado na idéia do eu e do outro, de seres singulares que tomam para si o direito de amar livremente, sem preocupações com as convenções sociais. O amor, assim como o dinheiro, é um possibilitador de relações, embora que, sob o signo do dinheiro, tais relações assumam características bem específicas. Ele liga

peessoas, torna-as dependentes umas das outras, cria pequenos coletivos e, assim, colabora para tornar possível a própria existência sociedade.

A idéia de amor, sob o signo do dinheiro, é modificada; o ideal romântico para o qual um homem e uma mulher nascidos um para o outro se uniriam e seriam felizes para sempre, em detrimento de qualquer coisa que pudesse separá-los, não é mais suficiente. Em uma sociedade em que a economia monetária está fortemente desenvolvida, não basta apenas amar, é preciso ter condições de sustentar, de arcar com as necessidades do ser amado ou, pelo menos, de colaborar com o próprio sustento.

Para amar é preciso sobreviver e quase ninguém, em nosso tempo e espaço, o faz sem dinheiro. O dinheiro está ligado ao suprimento das necessidades básicas do ser humano e também das supérfluas. O amor, por outro lado, também está relacionado a um tipo específico de necessidades humanas, aquelas ligadas ao espírito. O dinheiro aparece como o alimento do corpo o amor, do espírito, podendo também, em algumas situações, trocarem de lugar um com o outro. Eles aparecem como elos complementares da cadeia.

Em nossos dias, o amor está mais e mais ligado ao dinheiro. Segundo Simmel, as razões do amor situam-se num nível bem diferente do próprio amor e, tão logo o amor aparece realmente, elas são introduzidas afetivamente com a totalidade do ser numa categoria totalmente nova em relação à que ocupariam se o amor estivesse ausente. O amor é uma categoria primordial, não tem nenhum outro fundamento além de si mesmo. Está completamente intrincado no seu objeto e não simplesmente associado a ele: o objeto do amor não existe antes dele, mas apenas por intermédio dele.

Na sociedade moderna, não é possível viver de amor, salvo se o tomamos como uma mercadoria a ser comercializada. Para sobreviver é preciso ter dinheiro, um certo conforto; ninguém ou quase ninguém quer ou pode abrir mão disso. Ama-se porque se pertence ao mesmo

grupo social, se tem os mesmos anseios ou se representa o outro de acordo com uma imagem pré-estabelecida.

O ser amado real é muito diferente da representação do ser amado. Uma simples parte do ser, embora reconhecida como um e o mesmo, pode tornar-se um objeto para nós de diferentes maneiras: como um objeto de representação e como um objeto de desejo. No primeiro caso, criamos uma imagem, a partir de alguns elementos reais e outros que fazem parte do conjunto dos nossos anseios, e encaixamo-lo nela. O ser amado é idealizado no processo de amar, mas a imagem precisa corresponder ao real, pelo menos em alguns aspectos. No segundo caso, aspiramos pela pessoa, a queremos e desejamos não apenas no sentido sexual, mas por inteiro.

No caso específico da prostituição, por exemplo, as mulheres sabem que precisam de dinheiro para sobreviver, portanto procuram homens ou mulheres que de alguma forma possam ajudá-las no âmbito financeiro e, mesmo quando isso não ocorre, elas reafirmam essa imagem, falam dos companheiros ou companheiras sempre ressaltando suas características positivas, como pessoas boas, que as ajudam e as amam, o que, na maioria das vezes, está em desacordo com as pessoas reais com as quais convivem.

As mulheres e homens entrevistados contam histórias que apontam mudanças significativas nas relações. Clientes transformam-se em maridos, companheiros ou namorados ou, ao notar algum tipo de envolvimento por parte das mulheres, afastam-se, pois o envolvimento está em desacordo com a vivência projetada para a prostituição e faz com que a relação ganhe novos contornos até então nem mesmo cogitados. Por isso, muitas vezes, ao perceber diferenças, sinais de intimidade ou de sentimentos que não deveriam estar presentes, mulheres ou homens tentam se afastar uns dos outros, mas, nem sempre, isso é possível. O mais interessante é que a grande maioria dos relacionamentos vivenciados pelas mulheres da Praia do Meio começa no âmbito da prostituição ou são perpassados por tais relações.

- Você já se envolveu com algum cliente?
- Não, mas, tem um aí que ele tá, né? Mas da minha parte, não. Ele sabe, mas ele quer me levar. Já teve outro que ele sentiu que eu tava começando a gostar dele e parou de sair comigo. Ele sentiu, ele parou!
- Como foi que ele sentiu?
- Eu não sei, eu acho que eu era mais carinhosa, sabe, do que nos primeiros dias que eu saía com ele,... Acho que foi isso! **(Keyla, 19 anos)**

(Referindo-se ao marido preso) - Ele me conheceu aqui. Foi ele me tirou daqui e tudo aí foi eu voltei de novo. **(Lúcia, 21 anos)**

- Grande parte das que eu já sai rola até um certo tipo de amizade. Grande parte das que eu já sai. Eu já sai com menina pra cobrar, já sai dez vezes com ela, ela cobrando, mas aí nessa, um dia ela não cobrou, depois num cobrou. Eu fiz um churrasco chamei ela, ela foi com uma amiga e a gente continua saindo e eu continuo usando os serviços dela como se ela fosse garota de programa e ela não cobra mais. **(Damião, 21 anos)**

Se há relações humanas, o envolvimento é possível e, porque não dizer, algumas vezes inevitável. O tempo, o conhecimento do outro, a repetição do programa, todos esses aspectos fazem com que as pessoas deixem de ser desconhecidas, com que façam favores umas para as outras, com que se respeitem, construam amizades ou algo mais. Quando não há reciprocidade, os relacionamentos tendem a ser negados ou mesmo encerrados como uma forma de proteção para os envolvidos, seja uma parte ou outra.

Os mais diversos sentimentos perpassam as relações entre os seres humanos e a prostituição, como não poderia deixar de ser, sendo uma relação entre pessoas, também é afetada por eles, o que entra em contradição com a própria forma como ela se engendra e com o objeto que serve de ponte entre as pessoas: o dinheiro, um objeto frio e neutro, ao mesmo tempo, resistente e irresistível aos sentimentos humanos, especialmente por portar uma promessa de liberdade que se pauta na possibilidade de possuir tudo aquilo que se quer.

O ambiente em que vivem, em geral bairros pobres e situados em periferias da cidade, é um fator que concorre para que elas encontrem pessoas, quase sempre, com o mesmo nível financeiro que elas. No entanto, o contato com os clientes, muitos pertencentes a um outro

universo sócio-econômico, abre-lhes novas possibilidades no campo da afetividade, já que há vários exemplos em que eles se tornam companheiros, maridos ou amantes.

- Por exemplo, eu acho que a probabilidade de você se dar bem, de você amar uma pessoa que tenha uma situação financeira muito, gritantemente diferente da sua é menor, não pelo fato dela ser pobre e você ser rico, pelo fato do ambiente, se você tem dinheiro vai freqüentar ambiente X e essa pessoa não vai pra ambiente X porque ela não tem dinheiro pra freqüentar ambiente X, vai pro Y, então eu acho que, a partir do momento que você encontrar essa pessoa vai funcionar, mas vai ser 10 vezes mais difícil de você encontrar do que uma pessoa que tem a mesma quantidade de dinheiro que você. Então, tem essa relação de dinheiro e amor. Dinheiro e sexo também, afinal a gente paga pelo, pelo sexo em si. **(Damião, 21 anos)**

- E amor e dinheiro?

- Ah, tudo a ver.

- Quer dizer que o amor não tem relação com o sexo, mas tem relação com o dinheiro?

- Muito mais.

- Qual é essa relação?

- É aquilo que eu tava falando, do poder, né, eu acho que, eu falo enquanto homem, né, porque o, pra mulher, pra mim conquistar a mulher, a mulher tem que te admirar, na verdade é mais pelo poder que você exerce, poder, nem que seja só o dinheiro, porque o poder as vezes a pessoa é pobre num tem amor, tem porque ela vê alguma relação de poder nisso aí. E uma das formas de poder, a mais conhecida é o dinheiro. Então é uma teoria que eu tenho.

- Que amor tá relacionado ao dinheiro...

- Bom, pra você ser amado, você tem que ser primeiro admirado, essa admiração vira poder, agora o amor faz, não é por essa forma. **(Moises, 33 anos)**

- Já, ontem mermo levei um pau<sup>79</sup>. Tô aqui toda arrebetada. É uma pessoa que eu rompi, que eu já vivi com ele há quatro anos. Ele num quer eu na prostituição, mas ele também num tem nada pra me dar. E quer ficar comigo e eu não quero. Então, ele quer tirar eu da prostituição através de porrada e porrada eu num aceito. Sabe o que foi que ele fez ontem? Tô aqui, tô com uma intimação pra ir amanhã (mostra a intimação). Fui dá parte, porque ele quer viver dando em mim, quer que eu saia da prostituição do dia pra noite. Eu vou morar dentro da casa dos pais dele, sei lá se os pais dele me aceita. **(Eliane, 23 anos)**

- Porque a atitude dele é uma atitude amorosa. Que ele gosta, que ele quer,... Quer ficar comigo, quer inoivar, quer tudo. Eu não sei porque eu tô fazendo isso com ele. Vim há duas semanas pra praia. Pronto, ele tá chegando lá em casa nove e meia; ele chegava de oito. Eu tive que mentir pra ele. Eu tô mentindo pra ele. Eu tô dizendo que tô aonde? Tô com meu filho, tô fazendo plano, tô não sei o que, tudo isso. Ele: - *Olhe, faça essa conversa direito!* - ...*Não, não, num sei o que...*, - *Tudo bem*. Desdobrando<sup>80</sup> ele, mas pra ele saber assim, ele não sabe, nem imagina. Se ele imaginar eu tô perdendo quase uma parte minha vida, porque eu amo ele, eu não sei por que eu tô fazendo isso. Eu tô fazendo porque é a necessidade. Não é nem tanto porque eu quero. É porque eu tô precisando. **(Pâmela, 19 anos)**

---

<sup>79</sup> Ser surrada, apanhar.

<sup>80</sup> A grafia correta seria desdobrar, significando enrolar; usar argumentos, mesmo que eles não sejam verídicos, para convencer uma pessoa.

O discurso, tanto dos homens, quanto das mulheres, está ora reafirmando a necessidade da ligação entre amor e dinheiro, ora negando. Busca-se ou, mesmo que não se faça isso, acaba-se encontrando pessoas do mesmo nível social. Os ambientes freqüentados determinam as pessoas que conhecemos e, conseqüentemente, nos relacionamos. Para se estar e continuar junto é preciso mais que amor. Se não existe dinheiro, a necessidade, a falta de comida, roupas, lazer, vai paulatinamente destruindo o sentimento. Nos dias de hoje, o amor precisa ter bases racionais que dão suporte ao idealismo que está em sua raiz.

Amor e dinheiro, segundo as mulheres e clientes entrevistados, não estão tão distantes um do outro, mas, ao contrário, têm diversos pontos convergentes. Ambos inspiram uma certa atmosfera de poder, uma certa dominação em relação ao outro, que tanto pode estar ligado ao sentimento quanto ao elemento material. Por outro lado, amor e dinheiro aparecem como complementares.

De um lado, amor sem dinheiro é quase impossível de ser vivenciado porque esbarra em impossibilidades materiais que tornam a sobrevivência e a manutenção da relação complicada. De outro, apenas a posse do dinheiro, sem o amor, deixa o que se poderia chamar de um vazio existencial que culmina em uma busca incessante por amor. A relação entre dinheiro e sentimento é não apenas complexa, mas também contraditória, pois, de um lado, o dinheiro esvazia-o, retira dele o seu idealismo, torna-o interessado e interesseiro, por outro, o sentimento, de certa forma, humaniza o dinheiro, dá-lhe um sentido que vai além do mero ter e passa pela construção de uma dimensão humana.

À medida que a sociedade moderna avança, dinheiro e sentimento vão se impregnando um ao outro e se tornando os dois grandes objetivos da vida humana. O amor é o que se pode considerar o maior dos sentimentos, mas ele não se sustenta, quando descolado da

dimensão material. O dinheiro, por sua vez, também precisa do complemento do amor. O dinheiro, em si somente, satisfaz a poucos, completa-se quando relacionado ao amor<sup>81</sup>.

O amor ainda é, em nossos dias, compreendido pela sociedade abrangente como o mais sublime dos sentimentos, por isso ele é buscado incessantemente por homens e mulheres. O dinheiro, por sua vez, é tido como o mais fundamental objeto para existência humana e é também incessante o desejo de consegui-lo. No entanto, os dois aparecem como pólos opostos, o amor no campo espiritual e o dinheiro no material.

Ambos são tidos como indispensáveis à vida humana e, embora ao menos em nível de discurso, nada tenham a ver um com o outro, apresentam-se como os dois pilares da sociedade moderna. O dinheiro coloca em cena a racionalidade, a indiferença, a automação dos seres humanos; o amor, por sua vez, realiza o processo contrário, reafirma a humanidade de indivíduos despojados de sua dimensão humana. Então, como dois elementos tão diferentes e mesmo contraditórios podem aparecer como complementares e mesmo necessários a um mesmo estilo de vida?

Em primeiro lugar, é preciso afirmar que tanto o amor pelo indivíduo, com as características peculiares do nosso tempo, que aqui estou chamando de amor moderno, quanto o dinheiro, são filhos de uma mesma época e encontraram condições propícias para se desenvolverem mais rapidamente na cidade grande ou metrópole, o que demonstra que a distância entre os dois não é tão intransponível como pareceria à primeira vista.

Em outras palavras, ambos necessitaram do mesmo conjunto de mudanças sociais para que viessem a se tornar tão importantes quanto o são hoje. Os dois são frutos do crescimento da sociedade e da individualidade que tem lugar nela. Ambos exigem que a idéia e a vivência do

---

<sup>81</sup> Um exemplo interessante dessa complementaridade existente na relação que a grande maioria das pessoas têm com dinheiro e amor são as telenovelas. Se observarmos, todos os enredos apresentam como fio condutor, embora existam algumas tramas específicas, a busca incessante por amor e dinheiro, o que parece representar os principais anseios da sociedade em geral.

indivíduo já tenham se afirmado socialmente<sup>82</sup>. O amor modificou-se na sociedade do dinheiro e, por isso mesmo, fala-se de amor e dinheiro como realidades complementares.

O amor moderno é um amor interessado, fabricado, e está ligado não apenas às necessidades espirituais dos indivíduos, mas também aos imperativos materiais. Na modernidade, amor e dinheiro caminham juntos e as prostitutas da Praia do Meio e seus clientes, apesar de ainda professarem um discurso idealizado sobre o amor, que é mesmo uma característica dele, já o aliam ao dinheiro. Para elas especialmente, o amor só é possível de se realizar plenamente à medida que lhes possibilita uma vida melhor também do ponto de vista material.

Assim, idealmente, o amor aparece ligado ao envolvimento com um homem, em alguns casos também, com uma mulher, em condições de arcar com suas necessidades, tirar-lhes da prostituição e dar a elas e a suas famílias (filhos, quando for o caso, e mãe) uma vida mais confortável. Na prática, nem sempre isso ocorre e a maioria fala de relacionamentos e de amores que não são capazes de lhes possibilitar tudo aquilo que desejam.

Assim como o dinheiro, o amor moderno também se relaciona com um universo de possibilidades que, na maioria das vezes, não é capaz de cumprir. Aponta para uma liberdade que envolve inúmeras idealizações, mas que, por si só, não se sustenta materialmente. O amor também é uma promessa. Promessa de uma vida melhor, em que as dificuldades são facilmente superadas; no extremo, é a promessa de um mundo mais justo e igual. Tais idealizações ainda

---

<sup>82</sup> Conforme Russo (2002), a obra de William Shakespeare, *Romeu e Julieta*, oferece elementos interessantes para a discussão do amor moderno. A peça foi escrita entre os anos de 1595 e 1596, sendo publicada em 1597; em 1599, foi reeditada e revisada pelo autor, ganhando novas cenas. A trama dá-se na cidade de Verona, Itália, em uma época em que o dinheiro já era um elemento forte e havia um grande predomínio da individualidade. A obra de Shakespeare aparece carregada pela contradição sociedade e comunidade, indivíduo e coletividade. Há nela uma forte presença da individuação e da racionalidade e, ao mesmo tempo, de núcleos familiares ligados por laços tradicionais. A individuação ameaça a unidade familiar. Há um duelo constante entre o homem individualizado e a comunidade. A obra reage contra a mercantilização da vida. Aqui reside um forte elemento da dialética, pois sua reação já está ela mesma impregnada pelas conseqüências dessa mercantilização, já que privilegia a emoção a partir da individuação dos sentimentos. Em *Romeu e Julieta* o amor do indivíduo é a referência, embora o amor pela família esteja também fortemente presente. O amor aparece como uma oposição à racionalidade monetária, mas já está prisioneiro dela.

estão presentes no imaginário social, mas, ao menos nas relações cotidianas entre casais, não têm mais a força que outrora professava; embora as pessoas o busquem constantemente, já não ficam atrelados a relações se não há compensações concretas em suas vivências.

Diante de tal realidade, é preciso perceber que ocorreu uma mudança fundamental no ideal de amor da sociedade, que, em diferentes momentos históricos, já esteve ligado a valores distintos como a honra, a coragem, a força física e, atualmente, ao menos para as prostitutas da Praia do Meio, dentre outros elementos, parece também estar ligado à competência financeira dos amantes.

Mesmo as mulheres inseridas em relações de prostituição ainda buscam o amor e o homem idealizado, como o príncipe encantado dos contos de fada, mas as exigências mudam; ele não precisa ser corajoso e enfrentar a morte ou perigos inenarráveis para salvá-las. Atualmente, ele deve ser capaz de suprir suas necessidades materiais e respeitar seu sentido de independência. Se não o é, o amor é, na maioria das vezes, colocado em segundo plano e a prostituição continua sendo uma alternativa plausível na luta pela sobrevivência e mesmo na afirmação das mulheres como sujeitos autônomos, seja diante dos companheiros ou companheiras, maridos, namorados ou mesmo membros da família.

O sentido utilitário do amor está presente no discurso das mulheres da Praia do Meio, pois, apesar de afirmarem repetidamente que amor e dinheiro não têm relação e são processos diferentes, a despeito de terem um tipo específico de relação e de se referirem ao amor de forma idealizada, como um valor que, quando encontrado, é capaz de mudar suas vidas, tirá-las da prostituição e torná-las pessoas diferentes, uma análise mais atenta do discurso mostra que a idéia de amor já está impregnada pelo sentido do dinheiro.

Trata-se do amor moderno, um amor racional, societário, pautado no individualismo e também na calculabilidade, mas onde há diversos fatores idealizados, que, inclusive, algumas

vezes negam ou entram em contradição com os elementos acima elencados. Um amor que quer ser desinteressado, mas não se sustenta e não cumpre suas promessas.

Assim como a representação do ser amado é diferente do ser amado concreto, a representação do amor, o discurso que é professado e reforçado sobre suas características também é diferente daquele sentimento experimentado no dia-a-dia, cercado de limites, carências e, principalmente, vivenciado por homens e mulheres com histórias, necessidades e personalidades diferenciadas e que, como tal, o constroem de acordo com suas próprias experiências.

É isso que ocorre, por exemplo, com as prostitutas. O amor ideal para elas refere-se a um conjunto de elementos que estão respaldados pelo universo do coletivo e o amor real, embora também esteja balizado em tais elementos, não pode ser separado da vida cotidiana de cada uma delas, das suas histórias e, principalmente, não está descolado da sua vivência na prostituição.

Assim, de acordo com as idéias que estou defendendo aqui, amor e dinheiro estão mais próximos do que é possível imaginar. E quanto ao sexo? Amor e sexo se relacionam? O que pensam as mulheres entrevistadas?

- Ah, ali a gente tá indo, além de ser, assim, que às vezes a gente sai com uns que a gente não conhece, pelo dinheiro mesmo. Então não tem muito à parte, quando é parte do programa, num tem muito a ver o amor com o...

- E quando é que sexo tem a ver com amor?

- Quando às vezes, o homem é liso, num tem dinheiro e a gente gosta e acaba se apaixonando, fica namorando, mesmo num fazendo programa, aí tem a ver, entendeu? **(Elisângela, 20 anos)**

- É o que quase ninguém tem, confunde amor com sexo. A maioria das pessoas confunde amor com sexo e amor num é sexo, sexo num é amor. Sexo é uma coisa que a pessoa precisa, nem tanto, mas é muito diferente de amor.

- Você acha que tem alguma ligação amor e sexo?

- Tem, né, porque, quando um casal é casado que num tem mais sexo, num tem nunca, é porque acabou o amor. Cê sabe que tem tudo a ver, tudo a ver. **(Adriana, 28 anos)**

- Sexo e amor têm alguma ligação?

- Assim, quando se trata de um casal sim, mas entre pessoas não. Porque o amor ele faz parte de todas as coisas, todos os sentimentos, todas as sensações, então ele, num tem como dizer é amor, é isso, num tem um só significado, né. É muito grande pra dizer, você resumia muito pra dizer. **(Paula, 30 anos)**

Amor e sexo podem ou não caminhar juntos, nem sempre têm relação. São diferentes e podem ser vividos separadamente. No caso específico das mulheres inseridas em relações de prostituição, eles são mesmo elementos distintos. Ao separar as duas dimensões, elas chamam a atenção para o fato que comercializam sexo, mas não amor. O amor, quando referido aos companheiros e companheiras, tem o sexo como um dos seus componentes, mas não se assenta nele, encontra-se em uma outra dimensão.

As prostitutas pensam e agem como homens. A frase parece grosseira e mesmo machista, mas com ela apenas quero expressar que o universo de valores das prostitutas com relação ao sexo está mais próximo daquele compartilhado pelo sexo masculino. Historicamente, a diferenciação entre amor e sexo tem caracterizado o homem. Durante quase toda a sua vida, ele aprende que amor e sexo tanto podem ser vivenciados conjunta, quanto separadamente. Para o gênero masculino, parece normal amar algumas mulheres e fazer sexo com outras; amor e sexo não necessariamente coincidem. Aliás, a dicotomização entre os dois permite-lhes viver as mais diversas experiências sexuais, inclusive com prostitutas, sem culpas ou ressentimentos.

Ao fazer tal afirmação, não gostaria de desconsiderar o conjunto de modificações por que as mulheres vêm lutando e conquistando nos últimos séculos, mas apenas chamar a atenção para o fato de que ainda existem modelos diferentes para homens e mulheres, em nossa sociedade, no que concerne ao sexo e que, apesar de todas as inegáveis conquistas femininas nesse campo, ele ainda é marcado por uma lógica diferente<sup>83</sup> para homens e mulheres.

Mas porque digo que o universo masculino está próximo daquele das prostitutas? Porque parece ser isso que ocorre com elas. Elas diferenciam amor e sexo e re-significam o sexo feito com amor, diferenciando-o daquele que faz parte do seu cotidiano de trabalho que chega

---

<sup>83</sup> Ver, por exemplo, a esse respeito Giddens (1993, 2000).

mesmo a ser banalizado, algo feito automaticamente, um serviço prestado que não tem sentido senão como tal. Há várias formas de vivenciar o sexo, inclusive aquele que se faz com quem se ama, o que dá um novo sentido ao ato sexual. O sexo praticado no universo da prostituição nada tem a ver com amor, é um negócio e, mesmo que seja recoberto por outros sentimentos, precisa ser assim pensado para garantir as mulheres que se prostituem uma certa normalidade.

Como forma de reafirmar seu discurso, elas deixam claro que o sexo feito com quem se ama é diferente, está impregnado de elementos como o desejo e o prazer. Com o ser amado ou mesmo com o companheiro ou companheira não há interditos, pode-se beijar, abraçar, fazer carinho. Aí, sim, tudo é permitido, o que parece estar em desacordo com a idéia corrente no meio delas de que na prostituição não há limites, salvo aqueles acertados no momento da negociação e é, inclusive a ausência de fronteiras, que torna tal prática atraente para os homens. Os limites da prostituição estão no campo da intimidade, o que só pode ser quebrado quando os sentimentos passam a fazer parte da relação.

A opinião corrente alia, erroneamente, instinto sexual a amor, embora essa ligação não seja tão aparente quanto se imagina, também não é possível afastá-la pura e simplesmente. Amor e sensualidade não se excluem, o que se exclui é amor e sensualidade isolada, pois ao se colocar o prazer sensual como fim em si mesmo, o amor passa a ser banido do processo.

Nossa emoção sexual desenrola-se em dois níveis de significação. Por trás do arrebatamento e do desejo, da realização e do prazer sentidos, diretamente subjetivos, delinea-se, como consequência, a reprodução da espécie. Dessa atração sexual entre os sexos pode ou não surgir o amor. Mas, ao contrário do que diz o ditado, o amor, ao menos o moderno, não é cego, muito menos desinteressado.

É bom lembrar que o amor inserido no contexto societário perde muito das suas características comunitárias. Ele está a serviço do indivíduo e é baseado na posse do outro. A

afetividade, sob o signo do dinheiro, ganha uma outra feição. Esses elementos, mesmo presentes nas relações de prostituição, não são exclusivos dela. Cada vez mais em nossa sociedade, nos mais diversos campos, o amor adquire características utilitárias.

O amor moderno está relacionado com as necessidades do indivíduo, é a ele que o amor interessa, o seu sentimento não é mais uma continuidade dos anseios e emoções coletivas, do sentimento do grupo ao qual pertence, como ocorria em nível de comunidade. Ele se descola do grupo e passa a vivenciar os sentimentos a partir da esfera individual. No entanto, o movimento contrário também pode estar presente, pois à medida que o amor se desenvolve pode instituir laços entre os envolvidos e possibilitar a criação e consolidação de um sujeito coletivo, pois tanto a família composta pelo casal, quanto aquela mais ampla que abarca filhos e até mesmo outros parentes, pode se comportar como um sujeito coletivo, como um núcleo comunitário.

Se assim acontece, o amor tanto está na esfera dos valores comunitários como na dos valores individuais, podendo remeter mais fortemente a um ou outro modelo, dependendo da forma como as relações se engendram. Está aqui posta como possibilidade a idéia dialética de um eterno movimento que vai da sociedade para a comunidade, para depois voltar a esta através das relações constituídas a partir e pelo amor.

Um outro aspecto a se destacar em relação ao amor diz respeito ao seu caráter sagrado, a possibilidade de unir pessoas eternamente, cujo interesse seria apenas estar e continuar juntas; atualmente, tal aspecto mostra-se mais fortemente relacionado à transitoriedade; amam-se mais vezes e a mais pessoas. Talvez, o ditado popular que mais sirva a nossa época seja aquele que diz: *quando a necessidade entra pela porta, o amor salta pela janela*. A própria idéia de felicidade está mais ligada à posse do dinheiro do que ao encontro do amor, seja no discurso da prostituta ou no das pessoas em geral.

Sob o signo do dinheiro, até mesmo o conceito de felicidade se modificou. A felicidade está ligada ao ter e este, por sua vez, ao dinheiro, que pode ser conseguido de diversas maneiras; uma delas é a prostituição, que se apresenta para as mulheres como uma atividade que lhes permite acesso ao dinheiro e, de certa forma, a um tipo específico de felicidade e liberdade.

- Dinheiro? As pessoas dizem que dinheiro não traz felicidade. Traz sim, né. Dinheiro traz felicidade. Se eu tivesse muito dinheiro eu era uma pessoa feliz, porque eu não ia me prostituir. Pra mim seria minha maior felicidade, né? Pra mim seria a maior felicidade. Mas é. Dinheiro é felicidade. **(Kátia, 23 anos)**

- (Falando sobre o marido) No início ele ganhava muito dinheiro, só que gastava tudo com pedra. Você sabe; dinheiro pra droga pode ser muito como for, mas no instante acaba. Ele perdeu o emprego, fez terapia, deixou o crack, de vez em quando ele fuma um cigarrinho<sup>84</sup>, mas isso não mexe tanto com o sistema nervoso dele. Mas agora, o que ele ganha só dá pro aluguel. Se não fosse o meu, não dava pra gente viver.

Pergunto se ele nem desconfia que ela se prostitui; ela diz:

- Um dia um amigo dele me viu na praia e disse a ele, mas ele confia muito em mim, porque eu sou bem família, com a casa, com os filhos, eu tenho muito cuidado. Mas a gente não tem condições de se manter sem o meu dinheiro. **(Sam, diário de campo)**

- (Referindo-se ao pai que tem boas condições financeiras) Tem, mais é dele, num é meu, cara. Aí eu ter que ir pra casa com o rabo entre as pernas<sup>85</sup> é o ó<sup>86</sup>. Por isso que eu tô aqui. **(Betinha, 23 anos)**

Através da prostituição, as mulheres não apenas conseguem dinheiro, mas autonomia, dignidade. Elas tornam-se sujeitos independentes, pois são capazes de fazer suas próprias escolhas e com isso ter suas decisões respeitadas. O dinheiro muda o sentido das coisas. Por meio dele, houve re-significação da felicidade e da liberdade, ambas estão nos dias de hoje ligadas ao ter, ao possuir. Atualmente, o ser depende do ter, o que parece ser um processo completamente aceitável e normal, só pode ser entendido historicamente, pois nem sempre foi assim. Na sociedade do dinheiro, o ser foi substituído pelo ter e é amplamente professado como objetivo geral da vida humana.

---

<sup>84</sup> Referindo-se a maconha.

<sup>85</sup> Humilhada, abatida. Expressão que se refere a voltar a algum lugar sem conseguir aquilo a que a pessoa se propôs ao sair.

<sup>86</sup> Situação desagradável; ruim.

O dinheiro expressa as relações de valor entre os objetos e, ao fazê-lo, os reduz a um ponto de vista quantitativo; ele não faz diferença entre as coisas e valores. Assim, a felicidade e o próprio amor são incorporados a esse processo. O dinheiro muda as relações entre os indivíduos, à medida que os une.

Por outro lado, algumas vezes, há o embotamento do transparente, nem tudo fica claro. Homens e mulheres jogam com sua capacidade de conquista. Certamente, esse jogo toma uma feição diferenciada em relação àquela em que o elemento mediador não é o dinheiro, mas ele existe. A forma de abordar, o acordo entre as partes, o pagamento, a confiança nos atores envolvidos, tudo acontece de forma a obscurecer a presença do dinheiro.

Mesmo partindo da idéia de que essas afirmações são verdadeiras, é interessante lembrar que nenhum fenômeno humano pode ou é tão unilateral. O utilitarismo é a marca do amor sob a égide da economia do dinheiro, mas o idealismo e o romantismo presentes nas noções de amor e afeto ainda estão presentes, ora se interpondo, se superando ou sendo superados. Por exemplo, mesmo que o discurso das prostitutas da Praia do Meio permita uma análise utilitarista, é bom não perder de vista que, se a idéia de um príncipe corajoso que as tire da prostituição não é mais suficiente, a idéia de amor aparece agora ligada à imagem do herói. É o amor que as salva, é ele que é capaz de tirá-las da prostituição; ele não se incorpora apenas no homem, mas na família, nos filhos.

- E o que é amor pra você?
- Só de mãe. **(Kátia, 23 anos)**
- O que é amor pra você?
- Amor só tenho o da minha mãe.
- Por que só o da sua mãe?
- Porque ela sempre tá de braços abertos pra mim. **(Betinha, 23 anos)**
- O que é amor pra você?
- É de pai, de mãe e de filho, que a gente tem pelo filho. **(Valéria, 19 anos)**
- O que é amor pra você?

- Ah, amor pra mim, eu num sei mais nem o que é amor, minha filha, vivo de prostituição. Só é de pai e mãe. (**Eliane, 23 anos**)

Para as mulheres da Praia do Meio, o amor parece ligado a uma imagem idealizada: é de mãe, de filho e de pai. O amor ao qual as prostitutas se referem aponta para uma certa decepção com sua dimensão afetivo-sexual. Viver de prostituição é experimentar o estigma, a discriminação, enfim, o desrespeito das pessoas em geral. A vivência do amor, no âmbito de relacionamentos construídos com companheiros ou companheiras, enfrenta, além das dificuldades peculiares a uma relação entre dois indivíduos distintos com gostos, vontades e projetos diferenciados, o peso da marca externa a que a prostituição e todos aqueles que se relacionam de perto com ela são submetidos.

O amor pela família, ao contrário, por si só se sustenta. Em nossa sociedade, ele aparece como uma obrigação. Mães e pais têm que amar os filhos ou, ao menos, aparentemente parecem amá-los, independente de eles corresponderem ou não aos seus anseios. O amor pela família tornou-se também algo idealizado.

Na forma como se configura a sociedade moderna, com seu crescente individualismo, instituições fundamentais da sociedade mudaram, inclusive a família<sup>87</sup> que aqui me interessa mais de perto. Dentre os muitos aspectos modificados, gostaria de ressaltar que os pais não mais escolhem a profissão, os amores, o rumo da vida dos filhos. Eles são seres separados e, como tal, são responsáveis por seus próprios atos. A partir dessa lógica, o lar ou a família são sempre os espaços, onde, mesmo que as discordâncias quanto ao estilo de vida existam, eles são aceitos e amados. Onde são recebidos de *braços abertos*, como diz Betinha.

---

<sup>87</sup> Segundo Giddens (2000), em todos os países há uma grande diversidade de formas de família. A maior parte da vida familiar foi transformada pelo surgimento do casal e da união informal. O casamento e a família são o que se pode chamar de *instituição-casca*; são chamados pelo mesmo nome, mas dentro seu caráter básico mudou. Hoje o casal, casado ou não, está no cerne do que é a família e o amor, somado à atração sexual, tornou-se a base da formação dos laços de casamento.

De uma forma ou de outra, o amor é o grande herói da vida das mulheres. Como imagem idealizada, ele aparece como o único capaz de fazê-las mudar de vida. É uma dádiva. A promessa de uma vida diferente, cheia de alegrias. Mas, ao mesmo tempo, ele é também o responsável por elas estarem ou continuarem inseridas em relações de prostituição. O único amor que se conhece é aquele de pai, mãe e filho, e esse amor, ao menos no nível do imaginário, aceita-as como elas são. Viver de prostituição é, de certa forma, abrir mão do amor idealizado e assumi-lo como uma possibilidade de melhora, ao mesmo tempo, é viver o amor plenamente, ser capaz de se sacrificar pelo outro, pelos filhos, pela família.

Assim, o amor assume uma importância vital na vida das mulheres da Praia do Meio; de certa forma, ele justifica a prostituição; muitas vezes é por amor aos filhos ou para ajudar as mães, ou ainda para colaborar com o namorado ou companheiro, que elas entram e continuam a vivenciar a prostituição; ele é também um mediador das relações e modifica-as, mas, ao contrário do que se poderia pensar, ou mesmo do que é afirmado, seja pelas mulheres, clientes ou pessoas em geral, ele não se antagoniza com o dinheiro. Eles convivem em uma relação de complementaridade e aparecem como os dois grandes objetivos das mulheres e, por que não dizer, mais amplamente da sociedade.

Amor e dinheiro são representados como um ideal de felicidade. Ela só é completa quando os dois são experimentados juntos. É quase improvável falar de felicidade quando se tem apenas um dos dois pólos. Pelo menos no que diz respeito à busca de um companheiro ou companheira com quem se quer partilhar a vida e mesmo o amor que está ligado às outras esferas da existência, precisa-se do dinheiro para sobreviver ou mesmo para se mostrar digno. As mulheres da Praia do Meio dão provas de amor ao sustentar seus filhos e famílias através da prostituição, mas sonham com mais amor, conforto, uma vida melhor para si e para aqueles que amam.

- O meu sonho... Morar no que é meu mesmo, entendeu? For mais um pouquinho grande que é muito pequenininho, for maior. Tá do lado da pessoa que eu gosto; tá com a minha família por perto, minha mãe, meu filho... **(Pâmela, 19 anos)**

- Qual é o seu maior sonho hoje?

- Ser feliz.

- E o que é felicidade?

- É, dá, dá um bom exemplo a minha filha. Porque eu não estou dando um bom exemplo a ela, né. E você estar do lado de alguém que você ama, né. **(Paula, 18 anos)**

- Meu sonho? É o sonho, é quase de todo mundo, gostaria eu de ter minha casa, cuidar do meu filho, ter o meu maridinho lindo que num me quer mais e na verdade deixar de fazer isso, eu queria muito deixar de fazer isso. Eu gostaria muito de sair dessa vida, porque eu num dava, num dou pra essas coisas. **(Adriana, 28 anos)**

*Meu sonho? É o sonho de quase todo mundo.* A frase de Adriana é extremamente interessante porque demonstra que as prostitutas precisam ser pensadas como parte da sociedade vivenciando suas contradições e inseridas em suas relações. Elas sonham com bens materiais, com a saída da prostituição e com a possibilidade de um relacionamento amoroso que as complete, sonhos que se personificam na casa própria, na família e na existência de um companheiro ou companheira com quem se possa compartilhar a vida. Ideais que remetem a tranquilidade e estabilidade familiar, financeira e afetiva.

Quem em nosso tempo e espaço não compartilha de tais sonhos? A grande maioria de nós parece querer a mesma coisa: ter mais dinheiro, poder se livrar do fardo do trabalho e ter ao nosso lado o príncipe ou princesa encantada com que tanto sonhamos, o ser amado idealizado que está em nosso imaginário.

O amor, o afeto, o respeito são aspectos importantes na vida das mulheres da Praia do Meio, mas não estão desligados do dinheiro. Isso porque o dinheiro é o único elemento capaz de lhes possibilitar, de fato, uma mudança de vida. Ele amarra-lhes a realidade, enquanto o amor lhes traz esperança, dá um sentido diferenciado as suas vidas. É um valor que se quer alcançar ou manter, embora não se saiba ao certo o seu significado e como reconhecê-lo.

No senso comum, o amor é visto como algo indefinível. Falar de amor nunca implica em falar de um conceito, mas de elementos que compõem um tipo específico de afetividade, dos sentimentos e situações vivenciados por cada pessoa particularmente. Na prostituição, não é diferente; nela também aparecem alguns dos seus componentes, mas o amor sempre é relatado ou de uma forma idealizada, como algo utópico, que de fato não existe na realidade, ou como sentimentos e sensações experimentados em um determinado momento da vida.

A pergunta *o que é amor?* precisa ser repetida, refletida pelas mulheres da Praia do Meio. Talvez, não seja possível falar aquilo que o amor é, mas somente senti-lo. Idealmente, é impossível dizer o que o amor é, mas através dele fala-se de sonhos, necessidades, anseios e esperanças. O amor aparece e é sentido como um *dever ser*. Um sentimento que, apesar da impossibilidade de conceituá-lo precisamente, se quer, se busca e se deseja sentir, o que aparece como um traço comum no discurso das mulheres entrevistadas.

- Amor? Num sei explicar não. É um sentimento tão forte. **(Paula, 18 anos)**

- O que é amor? Pra mim amor é você gostar de uma pessoa e a pessoa gostar de você e ele lhe respeitar e você respeitar ele. Num importa quem você seja. **(Elisângela, 20 anos)**

- Ah, amor, o que é amor, ah eu sei o que é amor, que eu já tive um amor, com certeza. A pessoa gostar, a pessoa amar, ficar perto de quem gosta. Ficar com quem gosta. Namorar com quem gosta, beijar, né. **(Cláudia, 26 anos)**

- O que é amor pra você?

- É quando duas pessoas se gosta e se quer. Trabalha junto e constrói junto. **(Vanessa, 25 anos)**

- Amor é quando você nunca enjoa a pessoa que tá do seu lado, sempre quer ter ela por perto. Pra mim é isso. **(Keyla, 19 anos)**

- Pra mim, o amor que ele sente por mim é muito lindo, muito bonito. Chega, faz questão de mostrar eu pra família dele, - *Mãe, essa aqui vai ser a minha esposa... eu amo ela...* É aquilo tudo, tão bonito, tão lindo e eu pego e faço uma coisa dessa, porque eu sei que se ele souber disso ele não vai me perdoar nunca. **(Pâmela, 19 anos)**

- Amor é tudo aquilo que é feito sem pressa. Que a pessoa gosta de agradar a outra pessoa. Não só no sexo, tá entendendo? Mas na vida, no dia-a-dia. **(Indiara, 19 anos)**

Segundo os depoimentos, é difícil explicar o que é amor. Ele passa por gostar do outro, respeitar, independentemente daquilo que se faz ou é; o amor está direcionado à pessoa humana com seus defeitos e qualidades. As mulheres ao falar de amor, falam dos seus relacionamentos com companheiros e companheiras. Reafirmam-se como mulheres e seres capazes de amar e serem amados. Para cada uma, o amor tem um sentido diferente, mas elas falam do mesmo amor, dividem entre si um repertório comum, compartilham experiências e, nas suas vivências, aprendem aquilo que querem ou não no campo do afeto. Amor para elas está ligado a uma determinada forma de fazer sexo, ao beijo, a encontros demorados, ao estar com outro, sem pressa.

Trata-se do contraponto das relações engendradas na prostituição e mesmo que a tenham como ponto de partida, representa também o rompimento com ela. É o bonito que se contrapõe ao feio, o lento ao rápido, o momentâneo ao permanente. Ao falar de amor, as mulheres falam de um tipo de relacionamento que é o oposto da prostituição e por isso mesmo o dinheiro, ao menos em nível de discurso, embora importante para que possam sobreviver, macula-o, pois em seu universo está conectado a prática de se prostituir.

O relacionamento amoroso, para as mulheres que se prostituem, mesmo que esteja ligado ao dinheiro não pode ser pensado como uma relação mercantil. O dinheiro é um dos seus componentes, mas, ao menos idealmente, ele não pode ser usado como intermediário para a compra de pessoas ou de sexo. Nele, os seres humanos não podem ser transformados em força de trabalho, se o são, o amor, mesmo em seu sentido moderno, não seria mais o componente decisivo da relação e ela estaria ligada, a partir de um certo ângulo, ao universo da prostituição.

As mulheres quando falam de amor, expressam os seus anseios, as suas necessidades e, mesmo que não tenham consciência, fabricam em seu discurso um tipo de amor a partir daquilo que experimentam no seu dia-a-dia, constroem o amor possível de ser vivenciado por

elas. Mesmo idealizado, o amor precisa ter bases reais, do contrário não se sustenta. Para as mulheres inseridas em relações de prostituição, o amor tem que ser algo concreto, não pode estar descolado da sua vida cotidiana, tem que ser parte dela. Pois, através dele elas se reafirmam como seres humanos.

Vivemos a época de um amor fabricado, como se fabricam roupas, armas e pão, para um consumo rápido, repetido e diário. O amor já passou por inúmeras metamorfoses ao longo da história, sob o nome de Eros foi cultuado como um deus na era antiga; foi considerado um mandamento divino, tendo sido professado pela filosofia cristã como o mais importante dos ensinamentos, dentre muitos outros sentidos que lhe foram sendo incorporados; atualmente, é uma mercadoria, amplamente comercializada e consumida em nossa sociedade.

A cultura de massa parece querer nos garantir que é no encontro apaixonado que se pode apreender o sentido e o significado de nossa existência incerta. Desde o momento em que se organiza, ainda em sua fase artesanal do século XIX, a incipiente indústria da cultura especializou-se em falar do amor. Não há problema que seja tratado sem que a questão do amor apareça e acabe por ocupar um papel decisivo no desenrolar na trama narrativa. (...). Tudo muda e se transforma: só o amor parece permanecer como selo e garantia de nossa humanidade. Pelo amor nos definimos como seres humanos, pelo amor nos humanizamos, e a perda da capacidade de amar equivale à nossa desaparecimento no indiferenciado mundo dos duplos desalmados (LÁZARO, 1996, p. 12-13).

O amor, segundo o autor em epígrafe, é um método<sup>88</sup> incumbido de oferecer a todos a passagem para um mundo ideal, onde a engrenagem social com toda a sua negatividade não funciona. O amor ensina a sentir. É preciso ouvi-lo, aprender com ele. Ele aparece como uma solução para o mundo em que vivemos, mas, por outro lado, é uma solução desgastada, pois, além de não realizar efetivamente suas promessas, é também utilizado como justificativa para os atos mais dignos e honrados e também para os mais indignos. Ao ser incorporado no dia-a-dia do

---

<sup>88</sup> Para o autor em pauta, a *noção de método quer sugerir a idéia de um caminho através do qual se vai a algum lugar, produz-se algum resultado, realiza-se um trabalho. Na tradição que nós elegemos, o amor tem sido pensado como uma passagem, uma maneira de ultrapassar certos limites experimentados e percebidos como determinantes para a condição humana naquele momento. O amor é um método, o que quer também dizer, o amor é uma passagem* (LÁZARO, 1996, p. 187).

ser humano, é re-significado, adquire novos sentidos e serve para alcançar objetivos diversos, ele não é apenas um fim, mas um meio e como tal nem sempre imprime marcas positivas naqueles que toca.

Atualmente, ele saiu da esfera dos deuses, é um sentimento humano e está diretamente ligado à necessidade de re-humanizar os indivíduos. É um método, através dele mantém-se a esperança no homem, no mundo, em uma vida melhor, mas a forma de vivenciá-lo e senti-lo está diretamente ligada às necessidades particulares de cada um. Ele é um fenômeno cuja pluralidade desafia nossa imaginação.

O amor é múltiplo e infundável, camufla-se e metamorfoseia-se para atender os mais íntimos segredos do ser humano e isso pode ser percebido nas relações de prostituição, à medida que as mulheres fabricam um amor possível de ser vivenciado por elas, buscando experimentar e sentir um tipo específico de amor. Ele precisa caber não apenas nos anseios da sociedade, mas também naqueles dos indivíduos particulares.

Enquanto dever ser, o amor ancora-se no coletivo, nos sentimentos, necessidades e repertórios sociais<sup>89</sup>, mas enquanto vivência individual, entra em jogo os elementos singulares da vida de cada um que, ao mesmo tempo, re-significam e são re-significados pelo social. As situações que envolvem o amor são diversas, pois nelas encontram-se parceiros diferentes e rituais particulares. Cada amor é compreendido como único e singular e é experimentado individualmente, mas também socialmente, pois somos influenciados pelas idéias presentes no imaginário social.

---

<sup>89</sup> Segundo Douglas (1986), para existir sociedade é preciso que haja algum pensamento e sentimento parecido entre seus membros. Assim, como os seres humanos não são passivos diante do social, este, por sua vez, não é imune à ação dos indivíduos. Pautando-se no pensamento de Durkheim, ela afirma que *Para ele, o erro inicial é negar as origens sociais do pensamento individual. As classificações, as operações lógicas e as metáforas guiadas são fornecidas ao indivíduo pela sociedade. Acima de tudo, o sentimento a priori de uma rectidão sobre algumas ideias e de absurdo sobre outras é visto como parte do ambiente social* (p. 24).

Quando disse anteriormente que as prostitutas da Praia do Meio criam o amor possível de ser experimentado por elas, não poderia esquecer também que esse amor tem um componente social, é o amor possível não só nas relações de prostituição, mas também na sociedade moderna. É o amor do indivíduo, significado por cada um diferentemente, mas através de elementos que remetem ao grupo e à sociedade a que pertencem, desconsiderar isso é perder de vista o amor como construto humano.

Os modernos nem inventaram o amor nem a paixão. Os crimes passionais e os intensos desejos que faziam com que nobres senhores perdessem a cabeça por alguma mulher não eram, nem continuam sendo privilégio das sociedades ocidentais modernas. Sempre houve relações apaixonadas, quaisquer que fossem as noções de dignidade e o *status* que recebessem nas diferentes épocas históricas vivenciadas pelo ser humano. Pode-se imaginar a princípio que quanto maior a importância que se atribui ao indivíduo, maior peso terá o amor como expressão de sua autonomia.

O amor no mundo moderno torna-se um grande espaço que envolve o corpo, os sentidos, a imaginação, o próprio reconhecimento que o sujeito faz de si. A promessa de experimentar o eu em toda sua intensidade na descoberta do jogo amoroso só é possível quando a identidade deste eu supõe uma auto-referência que descarta as relações sociais que dão ao indivíduo sua posição no mundo (LÁZARO, 1996, p. 78).

O ser humano é percebido como passivo diante do amor: *não se escolhe quem se ama*. Em um universo desumanizado, o amor aparece como uma promessa e esperança de re-encantamento; solidariedade eleita contra um mundo adverso. O amor une as pessoas e, como tal, remete à comunidade, ao rompimento com o indivíduo enquanto ser isolado.

Ao mesmo tempo o amor moderno oferece consistência à noção de indivíduo que se torna o solo onde ele se ancora. Amor e indivíduo, em nosso tempo, ligam-se de forma essencial. À medida que as relações entre indivíduo e sociedade se transformam, à medida que o princípio

de utilidade impõe à vida econômica uma lógica que contradiz a lógica social tradicional, à medida que a ruptura com as tradições lança o indivíduo numa situação de desamparo, a noção de amor adquire maior importância, complexidade e vigor.

O amor erige e destrói relações, constrói o outro enquanto ser amado e idealiza-o a partir de uma imagem pré-existente. Através do amor, dá-se forma ao existente. A imagem do ser amado já existe e é modificada em sua determinação qualitativa. O ser humano que eu contemplo e conheço é mais e mais um produto particular. O amor cria o seu objeto como produto totalmente original, mas é preciso que o ser humano exista e seja conhecido, antes de ser amado.

O outro é “meu amor”, com tanta razão quanto é “minha representação”; não é um elemento invariável que entraria em todas as configurações possíveis e, portanto, na situação de ser amado, ou ao qual viria acrescentar-se de certa forma o amor, mas um produto original e unitário que não existia antes (SIMMEL, 1993, p. 124).

O amor deixa para trás todas as particularidades do amado que estiveram na sua origem. Ele aparece como uma busca, uma tentativa. Buscamos o outro em nós, em nosso próprio sentimento e construímos uma imagem que, na maioria das vezes, não corresponde ao ser de carne e osso que deveríamos amar. Construímos uma representação do outro e, nela, jogamos as nossas próprias necessidades, desejos e também os elementos corroborados socialmente.

Isso ocorre em diversos níveis e poderia ser representado pela idéia do príncipe encantado que encarna em si a perfeição. As mulheres que estão na prostituição também têm e erigem sua representação do ser amado, no sentido de que constroem uma imagem e, ao se depararem com as pessoas reais, encaixam-nas nela de forma que sua figura se torne o mais próximo possível da representação que criaram.

Como exemplo poderia citar uma conversa com um grupo de prostitutas da Praia do Meio na qual surgiu o assunto sobre relacionamento: uma delas chamava a atenção para o fato de

ter um relacionamento amoroso pautado em companheirismo mútuo e diálogo. Segundo seu discurso, ela parecia ter, com a sua companheira, uma ligação amigável, estável e respeitosa. Mesmo o uso de drogas a que ela se referiu aparecia muito mais como um defeito comum, algo que parecia mesmo aproximá-las. No entanto, à medida que a conversa foi evoluindo e elas foram se sentindo mais à vontade, uma outra prostituta presente se referiu a detalhes de sua vida que até então ela tentara esconder. Diante da interferência da companheira, todo o discurso foi modificado.

(Falando a respeito da companheira) - A gente é bem amiga. Eu procuro conversar com ela, porque ela se droga; ela fuma muito crack.

(Pergunto há quanto tempo ela está com ela) - Faz uns 3 anos. Eu era muito apaixonada por ela, mas agora eu gosto mais dela como amiga. Ela diz que nunca teve uma pessoa tão compreensiva quanto eu.

(Betinha chama a atenção para a namorada de Anne e diz que ela batia em Anne, até mesmo na Praia. Depois de ouvir o que Betinha havia falado Anne, mesmo continuando a defendê-la, muda o discurso).

- Ela batia muito em mim, me machucava muito. Bateu em mim duas vezes na frente da minha filha. Mas, só quando ela estava drogada. **(Anne, diário de campo)**

A representação do outro parece tomar o lugar da realidade e mesmo quando alguém chama a atenção para o que ocorre de fato, busca-se uma justificativa para o comportamento desviante. No discurso de Anne, as drogas aparecem como causa do comportamento da sua companheira, como um fator externo que acaba prejudicando a relação. A figura idealizada parece muito distante daquela de carne e osso. O amor cria um outro, ou melhor, as pessoas que amam procuram criar uma imagem do ser amado que esteja de acordo com aquilo que é requerido tanto social quanto individualmente e tal imagem passa tanto pelos atributos relacionados à personalidade, como também pelos traços físicos.

O amor vivenciado hoje em dia demonstra o predomínio de um novo estilo de vida, o estilo moderno, no qual os valores societários são fortalecidos em detrimento dos comunitários. O amor hoje é interessado e está mais relacionado com a individualidade e autonomia de cada um.

Por tudo isso, o casamento ou o relacionamento estável passa a ser percebido como um negócio que pode ser desfeito a qualquer momento, se não trouxer os resultados esperados. No extremo, mora-se em casas separadas e tem-se tempo e espaço determinado para os encontros conjugais. Calculam-se perdas e ganhos e, no balanço final, o indivíduo e seus interesses pessoais são os mais importantes. Quando o relacionamento não mais satisfaz a uma das partes, ele é desfeito e está sempre posta a possibilidade do surgimento de um novo amor. Não está em jogo aqui o *para sempre* presente no amor romântico<sup>90</sup>.

(Referindo-me ao marido que foi preso como traficante) - Mais se ele sair você vai ficar com ele?

- Não, num quero mais não.

- Por quê?

- O medo, né, mulher? Assim, que, Ave Maria! Quase também que me levava também, que eu era a mulher dele, me chamaram de cúmplice, né? Dele tudinho. Eu digo: - *Eu mermo não, eu faço programa, menino. Meu dinheiro que eu tenho é daqui, que eu faço os programa.* Aí eu não quero não. E a família dele também é revoltada comigo, que num aceita, né? Que me chamava de prostituta, esses negócio, né? Que é muito certinha assim, né? Num devia nem me tratar tão mal que o filho dela vendia droga, né? Aí também eu num quero mais não. Ficar sozinha mermo e pronto. **(Lúcia, 21 anos)**

No depoimento de Lúcia, percebe-se que não é apenas o amor ligado à relação afetivo-sexual que é idealizado. O amor familiar também idealiza o ser amado. Ele é sempre visto como alguém melhor do que realmente parece ser e, no caso específico citado por ela, há também um componente de preconceito que transforma a prostituta em uma pessoa má, da qual se quer distância. Mesmo a ligação com o tráfico parece mais aceitável do que a prostituição.

As imagens constroem um outro ser amado que, certamente, não corresponde à realidade. Seja porque é sempre preciso criar uma imagem melhor dele, seja porque nenhuma representação é capaz de abarcar a complexidade do ser humano. Além disso, tampouco é possível encontrar perfeição quando se trata de relações humanas, de identidades, especialmente

---

<sup>90</sup> Entendido aqui a partir das características apontadas por Giddens, 1993.

quando se está no âmbito da prostituição, onde seus atores e atrizes compartilham do que Goffman (1988) nomeia como identidade deteriorada.

A maioria de nós está propensa a afirmar que as mulheres inseridas em relações de prostituição sempre vivenciam amores infelizes, pois, segundo nosso julgamento, em grande parte das vezes, não são correspondidas ou criam imagens extremamente diferentes das pessoas que encontram na realidade. Tal afirmação nada mais é do que a expressão de um preconceito. Assim como o ser amado perfeito não existe, segundo Lázaro (1996), o dito amor infeliz é uma expressão completamente errada. O amor sem resposta torna o amante infeliz, mas não há nele mesmo nenhuma infelicidade. O amor só é infeliz quando se volta a um objeto indigno dele, em relação ao qual se manifestam reservas, indiferença ou mesmo aversão.

Existem amores sem resposta que fazem nossa felicidade e amores correspondidos que nos torna miseráveis. Dizer que o amor infeliz é o amor sem resposta, baseia-se no fato que vemos a essência do amor na busca de certas coisas exteriores, cuja obtenção nos *torna felizes*. Há uma identificação errônea do *amor feliz* com o amor correspondido.

A ligação entre homens e mulheres proporciona o protótipo de inúmeras relações no seio da vida pessoal e interpessoal na sociedade moderna. Segundo Simmel (1990), o ser humano é de essência absolutamente dualista: seu pensamento e vida movem-se numa estrutura bipolar, seus componentes buscam-se eternamente, completam-se mutuamente, sem nunca superar sua oposição. O ser humano depende de um outro de quem é separado pelo maior abismo metafísico. É também a imagem mais pura da solidão que faz do ser humano um estranho, não apenas entre as coisas desse mundo, mas também entre os seres que são mais próximos de cada um.

A tensão entre o eu e o tu não aparece em absoluto com a mesma acuidade, quando a motivação é o amor, porque o eu se aproxima afetivamente do tu. *O milagre do amor é justamente não abolir o ser-para-si nem do eu nem do tu, fazer dele inclusive a condição que*

*permite essa supressão da distância, esse fechar-se egoísta em si mesmo do querer-viver* (SIMMEL, 1993, p. 117).

A vida não se origina do amor, mas o amor da vida. No percurso que fiz durante a explanação das idéias, procurei mostrar como o amor moderno e o dinheiro são representantes de uma mesma época, embora apareçam, especialmente na prostituição, como pólos opostos em um certo sentido e em outros como complementares, não podendo mesmo se sustentar separadamente. Tanto o amor moderno quanto o dinheiro, diferentemente, são produtos da sociedade com seu crescente individualismo e fruto das necessidades humanas. Ambos são mediadores das relações entre os seres humanos, apesar de criarem relações distintas e serem significados e valorados diferentemente no seu âmbito.

A palavra amor e seus derivados são o testemunho mais eloqüente das promessas que os homens se fizeram. Torná-lo uma experiência individual, exclusiva, incomunicável, quase impossível, é talvez a única resposta possível para uma sociedade que fez de sua ordem uma violência terrível, social, ecológica e espiritual.

Amor é entrega do indivíduo. Só uma sociedade que atribui ao indivíduo o valor de fundamento e princípio pode compreender por que, então, o amor é a experiência mais intensa. E a intensidade da experiência aumenta à proporção que a entrega é parte da troca. Ora, a sociedade burguesa faz da troca um cálculo, constrói a noção da equivalência universal através do dinheiro, acredita que tudo pode ser medido e pesado, quantificado, e que o indivíduo deve buscar a realização de seus interesses através do lucro pessoal, da vantagem na troca (LÁZARO, 1996, p. 200).

O amor aparece, em nosso tempo e espaço, como o refúgio dos ideais de transcendência, felicidade e solidariedade que a sociedade do dinheiro, paradoxalmente, promete e nega. O discurso amoroso indica ao indivíduo o caminho do Éden, localizando o paraíso e a felicidade em seu interior e abstraindo as condições sociais em que isso se dá.

O amor é comumente referido como um assunto da esfera individual, do destino de cada um, mas há um liame tênue e quase imperceptível entre as subjetividades emancipadas e os indivíduos socialmente inscritos. O etos da intensidade impõe o prazer como obrigação, o cidadão moderno tem o dever de experimentar tudo, buscar prazer e sua satisfação em todas as modalidades e práticas da vida.

O consumo do amor é uma nova forma de integração do indivíduo no sistema produtivo e a prostituição, mesmo que em seu projeto negue a vivência do amor, não escapa a isso, já que é uma relação que se constrói a partir de encontros entre seres humanos, envolvendo toda uma complexa rede de relações, afetos e desafetos, sentimentos e emoções.

## 6 CONCLUSÕES, DÚVIDAS E INQUIETAÇÕES

Durante todo o percurso que trilhei no desenvolvimento do trabalho ora em pauta, algumas questões me inquietaram. À medida que me deparava com as mulheres da Praia do Meio, com as reflexões teóricas de Simmel e de diversos outros autores com os quais trabalhei, algumas dúvidas levantadas iam sendo revistas e melhor compreendidas, enquanto outras vinham à tona. No decorrer do trabalho, fui deixando alguns questionamentos de lado e me dedicando a outros. Não tenho a ilusão de tê-los respondido de forma inequívoca, mas, paulatinamente, fui compreendendo melhor alguns pontos.

Era preciso produzir uma tese, uma idéia nova, um ponto de vista meu sobre um aspecto específico da realidade, e tudo parecia difícil. Em alguns momentos, peguei-me pensando: *eu tenho ou não uma tese? Será que estou apenas repetindo discussões já realizadas e reiterando pontos de vista consolidados?* Algumas vezes, parecia que estava andando em círculos, escrevendo textos que não se conectavam, repetindo idéias, sem saber exatamente o que dizer.

Por fim, era preciso seguir um rumo, ir a algum lugar. O caminho escolhido e seguido culminou no texto ora apresentado. Nele, alguns dilemas iniciais foram superados, outros surgiram. Lanço questões sem respostas e a outras procuro e penso responder. Por ele passei a compreender melhor meu objeto de estudo e o universo pesquisado. Sub-temas e discussões foram incorporados, ora por necessidade do próprio texto, ora por minhas próprias necessidades.

Desde o início, estive consciente, até mesmo pela corrente teórica pela qual optei, que ao término do trabalho seria capaz, através de uma análise de um pequeno recorte da realidade, ou seja, das relações entre a prostituição praticada na Praia do Meio e o dinheiro, compreender melhor o macro, o funcionamento da sociedade em nossos dias e o papel do dinheiro em seu

interior. O próprio fato de realizar uma pesquisa ancorada na presença do dinheiro intrigava-me. Que significado teria o fato no decorrer do trabalho?

Tendo chegado ao final, sou capaz de perceber um aspecto que me escapava no começo: o pagamento pelas entrevistas reitera a transformação do homem em mercadoria e chama a atenção para o quanto as relações em nossa sociedade estão mercantilizadas. O tempo transformou-se em dinheiro de tal forma que, ao nosso olhar, historicamente marcado, parece não haver retorno ou saída.

O dinheiro está por toda parte e toma diversas formas nas relações entre os seres humanos. Não apenas a pesquisa científica foi contaminada por ele, mas, senão todos, quase todos os terrenos da vida moderna, até mesmo o amor que, a partir de um determinado ponto de vista, aparece como o seu contraponto, não tem sentido em nossa sociedade senão pela presença do dinheiro.

Dito de outra forma, acabei por perceber que o elemento monetário modifica as relações e, na sociedade do dinheiro, tem forte influência sobre o comportamento das pessoas, mas é preciso também considerar que esse processo é de mão dupla, o dinheiro é também fortemente influenciado pelos seres humanos. Está sujeito aos valores, humores e reações de homens e mulheres em um determinado tempo, não é completamente indiferente, embora o seja em grande medida.

O ser humano, enquanto ser cultural, contamina o dinheiro com seus sentimentos, transforma-o em um objeto animado, ama-o, odeia-o, deseja-o, mas acima de tudo, dá-lhe significados que estão além da sua mera presença material. Homens e mulheres transformam-no em um símbolo da nossa época com significados e conteúdos diferenciados, tornando inócua qualquer investigação sociológica que não leve em consideração seus aspectos simbólicos, o que

significa que nenhuma relação é meramente econômica, pois, se há contato entre seres humanos, uma gama de outros elementos está em jogo.

O sistema capitalista, com o fortalecimento da economia monetária, transformou o homem em força de trabalho e, conseqüentemente, em mercadoria. Ele passou a ser um objeto comercializável, está à venda; sua sobrevivência depende disso. Ao transformar a força de trabalho humana em objeto sujeito a leis mercadológicas, reforçou a importância do dinheiro em detrimento do ser humano. Em todos os cantos e recantos da sociedade, as pessoas trocam suas idéias, ideais, força física e mesmo sexo por dinheiro.

E aí encontro um estranho processo de cinismo e exclusão social, no qual a sociedade, de um lado, incentiva de forma explícita a troca da força de trabalho por dinheiro como algo digno e necessário para a sobrevivência individual e coletiva e, de outro, condena algumas atividades específicas, dentre elas a prostituição, especialmente aquela situada em um universo pobre, cujos atores pertencem a camadas menos favorecidas. O que se torna ainda mais contraditório, quando levo em consideração que todo trabalho assalariado inclui um certo tipo de prostituição, que o apelo ao sexo é amplamente estimulado em nossos dias e que a sociedade moderna se transformou em uma sociedade ao mesmo tempo fortemente sexuada e libidinosa, mas que nega a própria imagem que constrói.

Se me remeto à idéia, em geral aceita, de que a prostituição se configura como a troca do sexo, ou mais especificamente, do corpo pelo dinheiro deparo-me com a existência em sociedade do processo que nomeei como dupla prostituição. Uma ligada à transformação do corpo em mercadoria trocada por dinheiro, mas que não necessariamente inclui o sexo, e a outra explicitamente relacionada ao ato sexual. A primeira fortalecida e reiterada socialmente, enquanto a outra condenada, negada e coibida por essa mesma sociedade.

Diante disso, a prostituta aparece em sociedade como pária, criam-se estereótipos e o estigma acompanha-a aonde quer que vá. Para ela, é construída uma imagem, um sistema classificatório que ignora aquilo que ela de fato é. Tudo ocorre como se as prostitutas tivessem banalizado o sexo, quando quem realmente o fez foi a própria sociedade. As prostitutas sobrevivem dele, exercem uma função ligada diretamente a ele e, embora dificilmente tenham escolhido a prostituição em um elenco razoável de propostas, tomam-na como estratégia de sobrevivência, com ela garantindo o seu sustento e o de sua família.

É comum ouvirmos perguntas como: por que não vão ser empregadas domésticas? por que não escolhem um trabalho mais digno, menos degradante? Mesmo diante de todas as discussões aqui realizadas, estes são questionamentos, ousado dizer, sem respostas definitivas, ou melhor dizendo, perguntas que comportariam um grande universo delas. Mas penso que é importante reiterar que as pessoas em geral, especialmente os pobres, não têm muita escolha. As oportunidades são reduzidas e, além disso, os trabalhos requerem certas habilidades.

Não são necessários os mesmos talentos e aptidões para ser, por exemplo, cabeleireira, empregada doméstica ou prostituta. O que, por outro lado, implica em dizer que nem toda prostituta poderia facilmente exercer qualquer outra atividade de trabalho. São necessárias à prostituta, no exercício da sua atividade, determinadas capacidades. Ela precisa ser capaz de manejar com situações estranhas, exercer a função de relações públicas competentemente. Mesmo o prazer, que parece algo mecânico e facilmente alcançável para os homens, depende da forma como engendram a relação com o outro, do jogo de sedução que parece ter lugar tanto na escolha, quanto na negociação do preço do programa.

Em outras palavras, a forma como a prostituição se configura em nossos dias, inserida em um universo de especialização social, exige um *know how* específico das mulheres que delas

sobrevivem, uma série de qualificações ligadas contundentemente ao âmbito das relações humanas.

As prostitutas são trabalhadoras especializadas, cuja atividade não poderia, à luz de uma análise mais acurada, ser exercida por qualquer pessoa. São mulheres que trocam sexo por dinheiro e transformam isso em uma forma de sobreviver. No entanto, ao fazê-lo passam a ter seu valor social ligado a tal prática. Constroem uma sociabilidade específica, criam uma identidade ligada diretamente à função que exercem e, conseqüentemente, são valoradas e autovaloram-se a partir de elementos individuais e coletivos relacionados a sua atividade de trabalho.

É bom não esquecer que um valor só pode ser construído através de interações, das relações que se dão entre os indivíduos; nele, estão presentes elementos pessoais e coletivos interagindo diferentemente de acordo com os fatores culturais, históricos e sociais em jogo.

Assim, no caso da prostituição, por exemplo, o preço conseguido com a troca não é uma mera representação matemática de um valor quantitativo. Ele incorpora também elementos qualitativos. O preço configura-se como uma representação econômica de um valor que abarca elementos qualitativos e quantitativos, de forma a remeter a uma série de informações só possíveis de serem compreendidas nas relações sociais em que se inserem.

No caso da prostituição, a valoração da mulher dá lugar, paradoxalmente, a um processo de valorização e desvalorização. Pois, ao contrário do que está posto na sociedade abrangente, à medida que há alguém disposto a pagar pelo sexo que a prostituta oferece ela é apreciada como alguém capaz de proporcionar ao cliente aquilo que ele precisa, um tipo específico de sexo: aquele intermediado pelo dinheiro. Mas, ao mesmo tempo, sua desvalorização social enquanto ser humano e mulher dá-se especificamente pela atividade que exerce. Aqui, o dinheiro exerce um duplo papel. Sua presença no universo da prostituição atribui importância à

mulher e demonstra que os clientes procuram um tipo particular de serviço pelo qual estão dispostos a dar dinheiro em troca.

O contraponto seria a violência incorporada na agressão física, no estupro e no não pagamento, o que desvalorizaria completamente a prostituta, pois negaria valores simbólicos presentes na negociação e no recebimento do dinheiro.

Se, de um lado, o dinheiro valoriza a prostituta, de outro ele a desvaloriza. É precisamente a sua presença que torna a atividade de prostituta condenada socialmente. O dinheiro é um elemento sem cor, indiferente, equivalente dos mais diversos produtos e, assim, ao se ligar ao sexo, transforma um bem considerado socialmente precioso em um objeto socialmente desvalorizado, pois não é capaz de medi-lo completamente.

Tal discussão torna-se ainda mais interessante, se tomo o papel do dinheiro na sociedade moderna. Ele é um centro ao redor do qual a vida se constitui. Tudo gira ao seu redor. Ele é hoje entendido como mais importante do que o próprio ser humano; é o ponto de partida e o objetivo da vida em sociedade. Como diria Simmel (1990), pode ser considerado o deus do nosso tempo. No entanto, ele macula a prostituição, torna-a maldita porque toca no campo que poderia ser considerado como o limite de comercialização do ser humano.

Tudo se troca por dinheiro, mas algumas coisas não podem ser explicitamente comercializadas; é preciso que fiquem no terreno da marginalidade, para que a essência humana dos homens e mulheres do nosso tempo seja preservada. A própria troca do homem pelo dinheiro, realizada por meio do trabalho, é camuflada; não se tem ou se quer ter consciência dela e com isso preserva-se uma parte do ser.

A prostituição, que para mim inicialmente aparecia como uma realidade *sui generis* e com características específicas em sua relação com o dinheiro, no momento parece estar muito mais próxima daquelas engendradas em outros campos da sociedade do que eu poderia supor

inicialmente. Sua forma e conteúdo não podem ser entendidos, se não nos remetemos ao tempo e espaço em que ela se insere.

Diante da prostituição, pareço estar em presença de relações engendradas em um nível muito mais amplo. Através dela considero ser possível entender o macro, uma sociedade dominada nos seus mais diversos aspectos pelo dinheiro que transforma seres humanos em mercadoria e relações, outrora marcadas pela irracionalidade e relacionamentos pessoais, em encontros racionais, mas que aposta nos sentimentos, dentre eles especialmente o amor, como forma de resgatar sua humanidade.

O dinheiro não é apenas deus, mas também demônio do nosso tempo. Por ele valores morais são deixados de lado e o próprio amor, que aparece como uma forma de romper com a frieza e a indiferença que caracterizaria as relações pessoais modernas, especialmente aquelas engendradas na metrópole, é transformado. Vivemos a época de um amor fabricado, interesseiro e interessado que não se sustenta sem a base do dinheiro.

As relações de prostituição ajudam a compreender o processo. As mulheres separam sexo, ligado ao dinheiro e ao trabalho, do amor que lhes daria um sentido humano e as caracterizaria como mulheres comuns. Mas, concomitante a isso, vivem o amor como uma experiência egoísta, individual, que não se sustenta se as pessoas a ele conectadas não tiverem condições cotidianas de sobrevivência, o que, na modernidade, só é possível através do dinheiro.

Sob o signo do dinheiro, o amor aparece como a grande solução de que dispomos para enfrentar o isolamento, o racionalismo, o egoísmo, a competitividade e o individualismo exacerbado experimentado na era moderna, no entanto ele mesmo já foi contaminado por sua lógica e realidade própria, demonstrando que, em sociedade, nenhum terreno escapa ao domínio do dinheiro, mas que este também não está imune às vivências, necessidades, tensões e relações erigidas pelos seres humanos.

Por fim, *rodando a bolsinha*, as mulheres da Praia do Meio constroem uma sociabilidade própria, vivenciam a solidão da metrópole, sofrem com o estigma e a discriminação, conseguem dinheiro para sua sobrevivência, amam, choram, gritam, são visíveis e invisíveis ao mesmo tempo. Tais mulheres, acima de tudo, a nós, cientistas sociais, ajudam a desmistificar uma sociedade ancorada no dinheiro que, ao condená-las, demonstra um alto nível de segregação social e um cinismo peculiar, através do qual transforma o homem em mercadoria, cujo valor, é expresso em dinheiro, reforça a sexualidade utilizando imagens libidinosas e sexuadas que conformam a sua própria, mas considera a prostituição algo indigno e aviltante, marcando para sempre os corpos e mentes das mulheres que dela sobrevivem.

É preciso romper com os pólos. Não se trata de uma sociedade má e uma prostituição boa, tampouco o contrário. Mas de um tempo e um espaço em que determinadas relações precisam ser pensadas sem desconsiderar suas especificidades e de forma a deixar de lado nossos preconceitos, muitas vezes arraigados fortemente ao nosso ser.

## REFERÊNCIAS

BACELAR, Jéferson Afonso. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção Ensaios, 87).

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 2. A experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BERNSTEIN, Elizabeth. **The meaning of the purchase**. Desire, demand and the commerce of sex. Ethnography. London, Sage Publications, 2001. Disponível em: <[www.barnard.columbia.edu/sociology/bernstein/bernart.1.pdf](http://www.barnard.columbia.edu/sociology/bernstein/bernart.1.pdf)> Acesso em: 10 mar, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Meninas da noite**. A prostituição de meninas escravas no Brasil. São Paulo: Ática, 1999.

DODD, Nigel. **A sociologia do dinheiro**. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

DOUGLAS, Mary. **Como pensam as instituições**. Lisboa: Instituto Piaget, 1986 (Coleção Sociedade e Organizações).

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: à vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2000.

GABEIRA, Fernando. Comissão de Constituição e Justiça e de Redação. **Projeto de Lei nº 98, de 2003**. Disponível em: <[www.gabeira.com.br](http://www.gabeira.com.br)> Acesso em: 10 dez, 2004.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**. Prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. **Mundo em descontrole**: O que a globalização está fazendo de nós. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LÁZARO, André. **Amor do mito ao mercado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LEITE, Gabriela Silva. **Eu, mulher da vida**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

LOPES JÚNIOR, Edmilson. **A construção social da cidade do prazer**. Natal: UFRN, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Organizadora. **O corpo educado**. Pedagogias da sexualidade. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole In: **Na metrópole**. MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lílian de Lucca (Orgs.). São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2000. p.12-53.

\_\_\_\_\_. **Da periferia ao centro**: pedaços e trajetos. 1992. 19 f. Texto didático; (Departamento de antropologia) Universidade de São Paulo, 1992.

\_\_\_\_\_. **A rua XV, de praça a praça**: um exercício antropológico. 1991. 13 f. Texto didático; (Departamento de Antropologia) Universidade de São Paulo/Curitiba, 1991.

MARTIN, Denise. **Riscos na prostituição**. Um olhar antropológico. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: FAPESP, 2003.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2001 (Coleção obra prima de cada autor).

MIRANDA, Orlando (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da vila. Prostituição, identidade social e movimento associativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

NAHRA, Cínara. **Malditas defesas morais**. Natal-RN: Cooperativa cultural UFRN, 2000.

PINSKY, Jaime. Organizador. **As 12 faces do preconceito**. São Paulo: Contexto, 1999 (Coleção vivendo a história).

POLANYI, Karl. **A grande transformação**. As origens da nossa época. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite**. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ROUSSIAD, Jacques. **A prostituição na Idade Média**. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RUSSO, Gláucia Helena Araújo. **O amor e a modernidade: um passeio pela sociedade**. Sociabilidades. Organização de Orlando Pinto de Miranda. Terceira Margem: São Paulo, 2002. p. 71-83.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental In: **O fenômeno urbano**. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. VELHO, Otávio Guilherme de (Org.). Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **A ponte e a porta**. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <[www.geocities.com/collegetpark/library](http://www.geocities.com/collegetpark/library)> Acesso em: dez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Filosofia do amor**. Tradução de Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (Coleção Tópicos).

SIMMEL, Georg. **Philosophy of money**. Translate David Frisby and Tom Bottomore. New York: Routledge, 1990.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Filosofía de la Historia**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1950.

\_\_\_\_\_. **Simmel**. Organização de Evaristo de Morais Filho; tradução de Carlos Alberto Pavaneli et al. São Paulo: Ática, 1983 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

\_\_\_\_\_. **Sociología 2. Estudios sobre las formas de socialización**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

\_\_\_\_\_. **Sociologie. Etudes sur les formes de la socialisation**. Traduit Lilyane Deroche-Gurcel et Sibylle Muller. Paris: Universitaires de France, 1999 (Collection Sociologies).

SOMBART, Werner. **Lujo y capitalismo**. Traductor Luis Isabel. Madrid: Alianza Editorial, 1979.

SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: USP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Georg Simmel: sociabilidade e moderno estilo de vida**. Sociabilidades. São Paulo: LASC, 1996.

WEATHEFORD, Jack. Tradução de June Camargo. **A história do dinheiro**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2005.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo/Campinas: Cortez/ UNICAMP, 1992.

ZELIZER, Viviana A. **Pricing the priceless child**. The changing social value of children. Princeton- New Jersey: Princeton University, 1994.